

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

**ENTRE A SUÁSTICA E A CRUZ:
A fé menonita e a tentação totalitária no Paraguai
1933-1945**

CURITIBA

2004

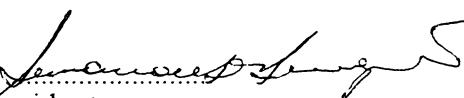


UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
COORDENAÇÃO DOS CURSOS DE PÓS GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
Rua General Carneiro, 460 6º andar fone 360-5086 FAX 264-2791

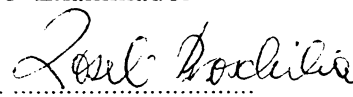
PARECER

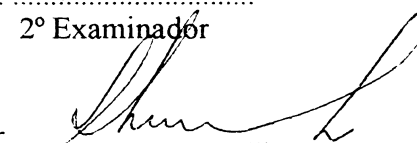
Os Membros da Comissão Examinadora designados pelo Colegiado dos Cursos de Pós-Graduação em História para realizar a arguição da Tese do(a) candidato(a) **Wilson Maske**, sob o título “Entre a Suástica e a Cruz; a fé menonita e a tentação totalitária no Paraguai – 1933 - 1945” para obtenção do grau de **Doutor em História**, após haver realizado a atribuição de notas são de Parecer pela ~~aprovação~~ sendo-lhe conferidos os créditos previstos na regulamentação dos Cursos de Pós-Graduação em História, completando assim todos os requisitos necessários para receber o grau de Doutor.

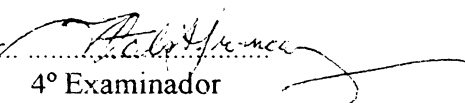
Curitiba, 02 de abril de 2004

Prof. Dr. 
Presidente

Prof. Dr. 
1º Examinador

Prof. Dr. 
2º Examinador

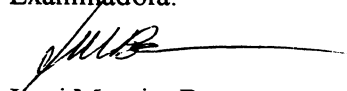
Prof. Dr. 
3º Examinador

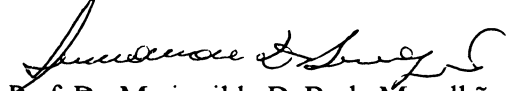
Prof. Dr. 
4º Examinador

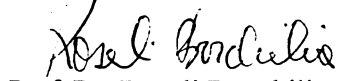


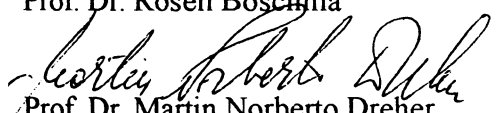
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
COORDENAÇÃO DOS CURSOS DE PÓS GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
Rua General Carneiro, 460 6º andar fone 360-5086 FAX 264-2791

Ata da sessão pública de arguição de Tese para obtenção do grau de Doutor em História. Aos dois dias do mês de abril de 2004, na sala 612, Edifício D. Pedro I, do Setor de Ciências Humanas Letras e Artes da Universidade Federal do Paraná, foram instalados os trabalhos de arguição do(a) candidato(a) **WILSON MASKE** em relação a sua Tese intitulada "Entre a Suástica e a Cruz; a fé menonita e a tentação totalitária no Paraguai – 1933 - 1945". A Banca Examinadora, designada pelo Colegiado dos Cursos de Pós-Graduação em História, foi constituída pelos seguintes professores: Marionilde D. Brepohl de Magalhães, orientadora, Roseli Boschilia (TUIUTI), Martin Norberto Dreher (UNISINOS), Ítalo Tronca (UNICAMP), Euclides Marchi (Positivo), sob a presidência do primeiro. A sessão teve início com a exposição oral do(a) candidato(a) sobre o estudo desenvolvido. Logo após o senhor presidente concedeu a palavra a cada um dos Examinadores para suas respectivas arguições. Em seguida, o(a) candidato(a) apresentou sua defesa. Na sequência, o senhor presidente retomou a palavra para as considerações finais. A seguir a banca examinadora reuniu-se sigilosamente, decidindo-se pela *aprovação* do(a) candidato(a). Finalmente, o senhor presidente declarou *aprovado* o(a) candidato(a) que recebeu o título de *Doutor* em História. Nada mais havendo a tratar o senhor presidente deu por encerrada a sessão, da qual eu, Luci Moreira Baena, lavrei a presente Ata que vai assinada por mim e pelos membros da Comissão Examinadora.

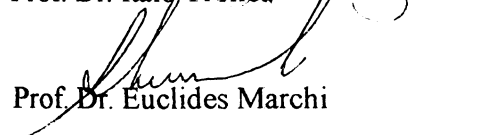

Luci Moreira Baena


Prof. Dr. Marionilde D. B. de Magalhães


Prof. Dr. Roseli Boschilia


Prof. Dr. Martin Norberto Dreher


Prof. Dr. Ítalo Tronca


Prof. Dr. Euclides Marchi

WILSON MASKE

ENTRE A SUÁSTICA E A CRUZ:

A fé menonita e a tentação totalitária no Paraguai

1933-1945

Tese de Doutorado apresentada ao Departamento de História do Setor de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade Federal do Paraná.

Orientadora: Profa. Dra. Marionilde Dias Brepohl de Magalhães.

CURITIBA

2004

Agradecimentos

A idéia de fazer uma tese sobre o nazismo entre os menonitas surgiu durante a elaboração de minha dissertação de mestrado, que trata da construção da identidade étnica dos menonitas no Brasil. É também uma tese de viagem; várias viagens: para Witmarsum, para o Paraguai, para os Estados Unidos e para a Alemanha. Nelas, recolhi as tão necessárias fontes que são a base do trabalho do historiador. Agradeço aqui aos membros das comunidades menonitas e aos funcionários dos arquivos e bibliotecas dos diversos países por mim visitados que me auxiliaram na pesquisa.

Gostaria de lembrar a dívida que tenho para com minha família, que se mostrou sempre solícita em me auxiliar nos meus momentos de inquietação.

Outras pessoas se fizeram importante, pois, nos momentos de maior preocupação, mostraram-se compreensivas e dispostas a me ajudar com discussões, sugestões e aconselhamentos. É o caso de Etiane Caloy, Maria Cecília Pilla e Paulo Camargo.

Além disso, vários colegas, funcionários e professores do Departamento de História da UFPR, acompanharam o meu desenvolvimento no curso de doutorado, enriquecendo esta pesquisa com informações, referências e esclarecimentos. Agradeço em especial a atenção recebida dos professores Euclides Marchi, Renan Frighetto e Selma Batista. E, acima de tudo, ressalto a dívida intelectual e de amizade que tenho para com aquela que reconheceu em minha proposta inicial de trabalho a definição desta tese e a quem devo a firmeza de propósito e a concatenação das idéias, a professora e orientadora Marionilde Brepohl de Magalhães.

Fico também grato ao CNPq pelo apoio financeiro e pela confiança demonstrada nestes 36 meses de dedicação e de empenho acadêmico.

Resumo

Nesta tese, analisarei a conexão entre religião e política entre os alemães menonitas do Paraguai. Originários da Reforma Protestante do século XVI na Suíça, os menonitas se destacaram das outras linhagens protestantes por seu radicalismo, por seu auto-isolamento, por sua rejeição ao envolvimento de cristãos na cena política, por sua adesão irrestrita ao pacifismo não-resistente e por não prestarem juramentos. Essa opção resultou em uma série de perseguições e fugas que os levou da Suíça, seu lar ancestral, à Holanda, à Prússia, à Rússia, aos Estados Unidos, ao Canadá, ao Brasil e ao Paraguai. Nesse último país, as contradições internas dos menonitas, principalmente relacionadas a questões étnicas e a política de extrema-direita, e em especial, quando se inicia a influência do movimento nacional-socialista que arrebatou parte dos menonitas residentes na colônia de Fernheim, entre 1933 e 1945, resultam no surgimento de dois grupos antagônicos: os *völkisch* (étnicos populares, adeptos do nazismo) e os *wehrlos* (pacifistas cristãos conservadores, contrários ao nazismo), que se lançam num embate pelo poder como jamais se viu na história da irmandade menonita. As razões do confronto, porém, são mais profundas do que a adesão ou não a uma ideologia política e o abandono de princípios do cristianismo. A luta pelo poder entre populares e pacifistas prenuncia também a expansão da influência norte-americana que, atuando inclusive por meio de missões protestantes, tenta vigiar e controlar na área hemisférica ocidental, elementos discordantes de seus interesses geopolíticos. A análise desse processo político é o objetivo da presente tese.

Palavras-chave: imigração alemã, protestantismo, totalitarismo, nazismo, menonitas, pacifismo.

Abstract

In the present thesis, I will be analysing the connections and interrelations between religion and politics among German Mennonites in Paraguay. Originating from the Protestant Reformation in the 16th. Century, the Mennonites stood out in comparison to other Protestant lineages for reasons such as their radicalism, their self-isolation, their rejection to any kind of political involvement of Christians, their non-resistant pacifism and their refusal to any sort of pledge. This choice resulted in a series of persecutions and pledges that took them to Switzerland, their ancestral home, to Holland/Netherlands, to Prussia, to Russia, to the United States, to Canada, to Brazil and to Paraguay. In the latter, the internal Mennonite contradictions, mainly linked to ethnical issues and extreme right wing politics, and specially, at the moment when National-Socialism begins to influence and attract followers among the residents of the Fernheim colony between 1933 and 1945. The tensions within the community resulted in the formation of two separate and antagonistic groups: the *völkisch* (Nazi followers) and the *wehrlos* (conservative Christian pacifists, against the Nazi). These two groups took part of a confrontation never seen before in the history of the Mennonite brotherhood community. The reasons behind this conflict, however, lay their roots deeper than it seemed and it was not simply a matter of giving (or not) ideological aspects to Christian principles. The fight for power between populists and pacifists also announces the expansion of the American influence. Protestant missions from the United States try to watch for manifestations that may be contrary to their geopolitical interests in the Western Hemisphere. The analysis of this political process is the purpose of the present thesis.

Key words: German immigration, Protestantism, Totalitarianism, Mennonites, Pacifism.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	1
CAPÍTULO 1 - OS PRINCIPAIS ASPECTOS DO MOVIMENTO E DA CULTURA ANABATISTA-MENONITA	11
1.1. Os Movimentos Pré-Reformadores	11
1.2. As Origens Anabatistas na Suíça.....	12
1.3. O Anabatismo nos Países Baixos	19
1.4. Os Menonitas na Prússia Ocidental.....	25
1.5. Da Rússia às Américas	29
 CAPÍTULO 2 - O PARAGUAI COMO PAÍS DE DESTINO	 39
2.1. Contexto Político e Econômico do Paraguai.....	40
2.1.1. Os López chegam ao poder	44
2.2. A Guerra da Tríplice Aliança	47
2.3. Liberais no Poder.....	52
2.4. Paraguai: Um Jardim na América?	54
 CAPÍTULO 3 - A DESCOBERTA DO PARAGUAI PELOS MENONITAS	 56
3.1. Antecedentes da Imigração Européia para o Paraguai	56
3.2. Os Teuto-Brasileiros Descobrem o Paraguai.....	60
3.3. A Chegada dos Menonitas do Canadá no Paraguai.....	62
3.4. A Chegada dos Menonitas da Rússia no Paraguai	71
 CAPÍTULO 4 - NACIONAL-SOCIALISMO E MENONITISMO	 76
4.1. Hitler no Poder: O Entusiasmo Menonita em Fernheim.....	77
4.1.1. O caso da colônia Menno	79
4.1.2. A organização da administração e das denominações menonitas em Fernheim.....	80
4.1.3. A intervenção boliviana	82
4.1.4. Debates sobre política européia em Fernheim	83
4.1.5. Transtornos na pacata colônia	84
4.1.6. O surgimento da liderança <i>völkisch</i>	86
4.2. Pangermanismo, Antimodernismo e Retorno da Era de Ouro	88
4.2.1. O <i>Jugendbund</i>	94
4.2.2. Os líderes nazificados.....	98
4.2.3. O confronto entre a KfK e o <i>Jugendbund</i>	102
 CAPÍTULO 5 - VIRTUOSOS OU OPORTUNISTAS ?.....	 111
5.1. Visitantes no Chaco.....	111
5.2. O Relatório Wilhelmy.....	112

5.3.	A Autodefesa dos Menonitas e a Fundação do BDMP	114
5.4.	A Cisão de Friesland	117
5.5.	A Questão <i>Völkisch</i>	121
5.6.	A Interferência do MCC	127
CAPÍTULO 6 - OS <i>VÖLKISCH</i> TOMAM O PODER.....		130
6.1.	Os <i>Völkisch</i> Tomam o Poder em Fernheim	130
6.1.1.	O retorno de Fritz Kliewer	132
6.1.2.	Recrudescimento da oposição <i>wehrlos</i>	135
6.2.	As Atividades de Missionários Norte-Americanos	139
6.2.1.	A paranóia do retorno coletivo para a Alemanha.....	142
6.2.2.	Nova intervenção do MCC.....	144
6.2.3.	O embate pela Escola Secundária	145
6.3.	A Última Tentativa de Apaziguamento	146
6.3.1.	O testemunho dos huteritas contra o nacional-socialismo	149
6.3.2.	A ampliação das atividades dos missionários do MCC em Fernheim ...	151
6.4.	Reinício dos Confrontos Diretos entre os <i>Wehrlos</i> e os <i>Völkisch</i>	155
CAPÍTULO 7 - O COLAPSO DO NAZISMO EM FERNHEIM.....		158
7.1.	Confrontos com Jovens em Busca de Entretenimento	159
7.1.1.	O assalto ao escritório da diretoria colonial	160
7.1.2.	A ilusão do repatriamento coletivo	163
7.1.3.	Reforço na atuação do MCC	167
7.1.4.	O caso da legalização da cooperativa de Fernheim.....	175
7.2.	Violência e Radicalização	180
7.3.	A Vitória dos <i>Wehrlos</i>	185
7.3.1.	A expulsão de Fritz Kliewer e de Julius Legiehn.....	190
7.4.	A Pressão Norte-Americana sobre o Paraguai.....	192
8.	CONCLUSÃO.....	195
9.	FONTES.....	200
9.1.	Livros.....	200
9.2.	Periódicos.....	201
10.	BIBLIOGRAFIA.....	202
11.	CRONOLOGIA	206
12.	LISTA DE TERMOS E ABREVIACÕES USUAIS	208

INTRODUÇÃO

O objetivo da presente tese é estudar as relações entre cristianismo e nazismo num evento altamente conflituoso, ocorrido entre alemães menonitas da colônia de Fernheim, no Paraguai, durante o período de 1933 a 1945.

O presente estudo se justifica pelo fato de que nessa colônia houve um embate de grandes proporções, afetando inclusive as relações entre Paraguai e Estados Unidos, envolvendo menonitas adeptos do nazismo (os *völkisch*) e os contrários a ele, os *wehrlos*, que eram também os mais rigorosos em termos religiosos.

À primeira vista, o caso se mostra como uma simples querela religiosa. Posteriormente, percebe-se que o fato tem raízes bem mais profundas do que a princípio se imaginara e que remontam a características indelévels da sociedade germânica, à qual a comunidade menonita está ligada. Pode-se até dizer que o evento de Fernheim repete em escala micro, o drama que se desenrolou na Alemanha nesse mesmo período, no qual os nazistas assumiram o governo do país e estabeleceram uma ditadura totalitária. Mas, diferentemente do que ocorrera na Alemanha, a pequena comunidade de Fernheim percebeu a forte contradição entre nazismo e cristianismo, enfrentou o movimento *völkisch* e derrotou-o.

Em Fernheim, um grupo de pessoas (os *völkisch*), a maior parte jovens, insatisfeito e frustrado com sua condição social e guiado por um líder carismático, tenta transformar sua vida e a de sua comunidade pela adoção dos princípios radicais do nacional-socialismo. Mas essa ideologia tem características inconciliáveis com a doutrina menonita, fortemente assentada nos valores cristãos do pacifismo e da não-resistência bíblica, fundamentais na construção da identidade menonita. Por essas razões, um outro grupo (os *wehrlos*), ainda que devotado à cultura e ao idioma alemão, insurgir-se-á contra a adesão de menonitas ao nacional-socialismo.

O cenário deste conflito, bem como suas motivações e desdobramentos, configura a questão central da presente tese, qual seja, como foi possível o ideal nacional-socialista germinar em uma comunidade étnico-religiosa auto-enclausurada e voluntariamente alheia aos jogos políticos de seu tempo? Estamos nos referindo a um grupo religioso que, desde o século XIX, passou a sofrer um processo de germanização cujo clímax se encontra num momento de crise, no qual o grupo se alia, pela primeira vez com um movimento de extrema direita, gerando fraturas em sua confissão religiosa, de forma que uma mesma pessoa não poderia ser simultaneamente menonita e nazista. Interessante notar que o mesmo não se processou com católicos e luteranos na Alemanha. Ainda que entre os luteranos tenha surgido a chamada *Igreja Confessante*, ela somente é organizada num momento em que os primeiros experimentos com eutanásia são feitos pelos nazistas para eliminar doentes crônicos e excepcionais da população alemã. Também entre os católicos alemães, ensaiou-se uma reação aos nazistas – o movimento *A Rosa Branca* – a qual foi logo abortada.

Os menonitas mais devotos já consideravam o nazismo como uma ideologia anticristã mesmo antes da ascensão dele ao poder, em 1933, ainda que alguns líderes isolados aprovassem a ideologia. No entanto, permaneceram calados na Alemanha, mesmo que muitos tenham acolhido secretamente judeus, em especial nas comunidades menonitas do Palatinado. A outra voz discordante entre os grupos religiosos é a das Testemunhas de Jeová (*Bibelstudenten*), que já em 1934, opôs-se oficialmente ao nazismo por se recusar a prestar juramentos. Além deles, houve ainda um grupo de huteritas perseguidos pelos nazistas em função de seu internacionalismo e pacifismo bíblico, com o qual os menonitas do Paraguai mantiveram contato.

O comportamento de parte dos menonitas do Paraguai em aderir ao nazismo é, pois, entendido como único em todo o universo de

organizações religiosas que sofreram uma experiência semelhante, no período em questão. Veja-se que não foram forçados a participar das práticas nazistas, uma vez que estavam em outro país, no qual o NSDAP pouca ou nenhuma influência tinha. Assim, a adesão dos menonitas de Fernheim foi, em geral, voluntária.

Também não seriam violentamente perseguidos, caso se recusassem à adesão, como acontecera com as testemunhas de Jeová, assim como não estavam sob o domínio da censura e do terror. Não chegou a se estruturar nenhuma forma de coação física para forçar a aceitação da ideologia. A base principal de doutrinação era a apresentação verbal da doutrina e a execução de atividades agradáveis em grupo, com o intuito de favorecer uma impressão positiva nos convertidos ou nos a converter.

Destaque-se que se lhes ofereciam, inclusive, vantagens materiais e pequenos favores, no caso de facilitar a filiação ao regime e o possível retorno coletivo do grupo à Alemanha. Nessa perspectiva, a maioria dos *völkisch*, e mesmo elementos do grupo *wehrlos*, julgava que os líderes do movimento detinham poderes e influência junto às instituições políticas alemãs e, em função disso, passou a assediá-los e adulá-los para que concedessem favores.

O conflito ocorreu no âmago de um grupo que apresentava diferenças de poder muito pequenas, além de possuir a mesma mentalidade germânica e a mesma identidade religiosa menonita, o que permite o vislumbamento de uma disputa por convicções ideológicas, religiosas e de governo.

Posto isso, constatamos que os mesmos motivos que levaram à ascensão dos nazistas na Alemanha criaram situação semelhante em Fernheim, exceto pelo fato de que os aparelhos repressivos de estado não estiveram presentes.

Para orientar o encaminhamento da tese, alguns intelectuais, como Norbert Elias, Hannah Arendt e Thomas Nipperdey, foram importantes para a concatenação de minhas hipóteses.

Norbert Elias, conhecido pelas suas obras *O processo civilizador*¹ e *A sociedade de corte*,² formulou uma originalíssima teoria sobre a história dos costumes e das regras sociais e sua influência sobre o indivíduo modificando seu comportamento e atitude. Depois ampliando, passou a examinar as condições sociais, econômicas e políticas que provocaram essas mudanças na sociedade européia com a formação dos Estados Nacionais.

Uma outra obra de Elias – *Os Alemães* –, no entanto, servirá mais efetivamente como referência interpretativa do conflito entre cristianismo e nazismo em Fernheim. Publicação mais recente e menos conhecida, esse livro consiste numa análise da origem do *habitus* e do desenvolvimento social alemão, do Iluminismo até o final do século XX. Elias estuda eventos da história germânica, como a força centrífuga que fez com que a Alemanha fosse perdendo seus territórios periféricos, como a Suíça, a Holanda e a Áustria, a devastação causada no século XVII pela Guerra dos Trinta Anos e a tardia unificação, que somente seria concretizada pela força militar da aristocracia prussiana. Durante o processo de unificação, segundo Elias, grandes estratos das classes médias alemãs abandonaram os princípios da tradição humanística, dominantes até aquele momento entre a burguesia alemã e adotaram o *habitus* social dos *junkers* militaristas da Prússia, tidos como heróis da unificação alemã.

Elias analisa, ainda, o enfraquecimento do controle do Estado na Alemanha depois da derrota na Primeira Guerra Mundial, que dera origem às milícias *Freikorps* que arregimentavam voluntários frustrados com a derrota alemã, pois tiveram sua ascensão social dramaticamente

¹ ELIAS, Norbert. *O processo civilizador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993. 2v.

² ELIAS, Norbert. *A sociedade de corte*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

interrompida. Para o autor, um considerável número de jovens oriundos da classe média que tinham sido promovidos a oficiais durante a guerra, caso ocorresse a vitória alemã, teriam satisfeitas suas ambições pessoais. Como isso não aconteceu, mesmo contra todas as perspectivas e certezas do contrário, passaram a integrar as *Freikorps* como oficiais. Eram especialistas em atos de violência e perseguiram um duplo objetivo: a destruição do sistema multipartidário da República de Weimar, que odiavam tanto quanto aos comunistas, e a restauração de relações claras, hierárquicas e formalizadas de domínio e subordinação, tal como existiam durante o reinado de Guilherme II e na qual eles estavam vantajosamente inseridos. Foram a base humana arregimentada pelos partidos de extrema direita, entre os quais o NSDAP.³

Pretende-se realizar uma correlação entre a jovem classe média alemã e os menonitas de Fernheim, pois estes, como veremos, também eram parte de um segmento frustrado com as conseqüências da Primeira Guerra Mundial e da Revolução Russa. Os menonitas, antes de 1914, eram ricos *kulaks* na Rússia e donos de cerca de 10% das melhores terras russas, reponsáveis por 25% da produção de grãos do país. Eram prósperos, respeitados e levavam uma vida confortável. Tinham ótimas perspectivas quanto ao futuro. Mas esse paraíso menonita foi destruído pela Primeira Guerra Mundial e pela Revolução de Outubro. Os menonitas perderam suas terras e foram expulsos da Rússia. Buscaram refúgio no Paraguai, onde tentaram reconstruir seu lar. Na Rússia, os jovens rapazes que tiveram suas perspectivas e sonhos violentamente destruídos, deixaram de ser os garotos obedientes de então e começaram a questionar a liderança da geração anterior, considerada incapaz de garantir sua posição na Rússia e suas perspectivas quanto ao futuro. Suas esperanças de uma posição social melhor foram renovadas com a chegada das idéias de extrema direita

³ ELIAS, 1997, 195.

do nazismo, que lhes erguia a auto-estima e prometia-lhes um retorno em breve para a Rússia. Assim, como os jovens oficiais das *Freikorps* tiveram suas esperanças incentivadas pelos nazistas, também os jovens menonitas viram no nazismo uma melhor perspectiva quanto ao futuro.

Um outro aspecto teórico de Norbert Elias que inspirou essa análise do processo histórico em questão diz respeito à dinâmica surgida na relação estabelecidos e *outsiders*, apresentada em *Os estabelecidos e os outsiders*.⁴ Isso se deve ao fato de que o avanço das idéias nazistas terá como pano de fundo a luta pelo poder entre dois grupos distintos em Fernheim: o grupo dos pastores e o grupo dos professores. Os professores viam os pastores como um grupo inferior ao seu, pois seu grau de instrução era tido como superior ao dos clérigos. Consideravam-se mais instruídos, vendo-se no direito de dirigir os destinos de Fernheim, excluindo os pastores e implantando uma administração de modelo nazista. A reação dos pastores não tardou, resultando na expulsão dos professores nazistas e no retorno ao domínio da religião na escola, nas organizações comunitárias e na própria administração da colônia, que passou a ser governada sob inspiração bíblica, com o apoio dos menonitas dos Estados Unidos e do governo paraguaio.

Para compreender o evento de Fernheim, utilizei-me, também, das reflexões teóricas de uma intelectual que não demanda apresentação: Hannah Arendt. Em sua obra fundamental, *Origens do Totalitarismo*,⁵ a autora judio-alemã explica como a experiência totalitária foi possível e como o racismo, o imperialismo e o surgimento da ralé cooperaram na configuração deste fenômeno. A justificativa de se estabelecer uma relação entre a teoria de Arendt e o caso de Fernheim, é o fato de que se pode considerar os menonitas nazificados

⁴ ELIAS, Norbert. *Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.

⁵ ARENDT, Hannah. *Origens do totalitarismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

(os *völkisch*) como um grupo arrivista (*parvenu*), pois seu comportamento se enquadra na descrição que Arendt faz da ralé.

A definição de ralé,⁶ feita por Arendt, e da qual compartilho, não caracteriza de forma preconceituosamente aristocrática o pobre ou o inculto. Para ela, o termo ralé tem um significado bastante preciso, qual seja:

A ralé é fundamentalmente um grupo no qual estão representados resíduos de todas as classes. É isto que torna tão fácil confundir ralé com povo, o qual compreende todas as camadas sociais. Enquanto o povo (...) luta por um sistema realmente representativo, a ralé brada sempre pelo homem forte, pelo grande chefe. Porque a ralé odeia a sociedade da qual é excluída e odeia o parlamento onde não está representada.

Considero que os menonitas de Fernheim se enquadram nessa definição de Arendt. Auto-excluíram-se por razões religiosas, mas também foram excluídos como uma consequência da revolução socialista na Rússia, quando tiveram confiscadas suas propriedades e um modo de vida que se considerava seguro; e perspectivas positivas e alvissareiras quanto ao futuro foram perdidas. Além disso, foram exilados involuntariamente para o interior da América do Sul, região que pouco conheciam. A conclusão da maioria era de que o destino voltara-lhes as costas e uma estrela má, com sua luz desafortunada, agora os iluminava. Assim, sedentos de um futuro mais auspicioso e de uma vida melhor, encontraram um líder que lhes ofereceu um mundo mais generoso, mas que exigia, em contrapartida, o abandono de princípios centrais da fé menonita, tão caros em outros tempos.

Numa outra vertente, pretende-se analisar a reação do grupo *wehrlos* (pacifista), à tentativa de nazificação promovida pelo *völkisch*, por meio da perspectiva de um historiador alemão pouco conhecido no Brasil: Thomas Nipperdey. Sua obra *Religion im Umbruch*,⁷ inserida na moderna temática da História das Religiões, analisa o fenômeno da religião a partir de uma perspectiva integrada à história em todas as

⁶ Apud. MAGALHÃES, Marion Brepohl de. *A banalização da violência; a atualidade do pensamento de Hannah Arendt*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2004, 61.

⁷ NIPPERDEY, Thomas. *Religion im Umbruch*. München: Verlag C. H. Beck, 1988.

suas áreas. Para o autor, a religião é vista como uma cultura interpretativa que constitui a realidade do mundo, regula o comportamento das pessoas e seus horizontes de vida, cria interpretações e influencia as estruturas e processos sociais, inclusive a política, tornando-se capaz de reações como a do grupo *wehrlos* em Fernheim. Valendo-me dessas perspectivas e das minhas reflexões sobre tal experiência histórica, constato que a questão aqui abordada é de como a cosmovisão religiosa ora se entrelaçou, ora se opôs a uma questão política secular e, depois, sobrepôs-se a ela.

As fontes utilizadas para a elaboração dessa tese compõem-se de livros de autores menonitas elaborados para um público leitor menonita. A história para esse grupo tem um papel fundamental, pois é ela que dá a base para a constituição de uma identidade menonita. Neste prisma, há uma grande produção de livros sobre sua história e também muitos historiadores menonitas, muitos deles com formação universitária. Várias obras foram utilizadas como fonte para essa tese e estão elencadas na seção de fontes que se encontra no final do presente estudo.

Mas duas dessas obras são essenciais para que se compreenda a importância da história do grupo. A primeira, de autoria de Peter P. Klassen, intitulada *Die Deutsch-Völkische Zeit in der Kolonie Fernheim*⁸, tenta, como o próprio autor diz, *dar cabo do passado e dar por encerrada essa triste página da história menonita*. Desde o fim do período nazista em Fernheim, o tema se tornou um assunto sobre o qual poucos queriam falar em Fernheim. Klassen, morador de Fernheim que ocupou importantes funções como professor de história e editor do jornal comunal, decidiu, em 1990, que era tempo de liquidar o assunto e responder a pergunta que não queria calar. Como era um adolescente na época e fez parte do grupo *völkisch*, mantivera contato direto com todos os envolvidos e participou dos principais eventos. Além disso,

⁸ O período popular-alemão na colônia Fernheim.

como editor do *Menno-Blatt*⁹, tivera acesso direto aos arquivos do jornal e também a arquivos particulares. Seu livro, apesar de afirmar constantemente o contrário, é a versão oficial do evento por parte do grupo *völkisch*. Sua admiração por Fritz Kliewer,¹⁰ o líder do grupo, aparece várias vezes no texto. Mas, faz inúmeras críticas aos *völkisch*, defendendo os pastores e deixando clara sua opinião de que os *wehrlos* foram manipulados pelos missionários americanos a serviço da embaixada americana e da CIA. Por fim, lamenta todos os desencontros, mas defende as boas intenções dos *völkisch*.

A segunda obra é um livro de um *scholar* menonita americano, John D. Thiesen, intitulada *Mennonite and Nazi: attitudes among Mennonite Colonists in Latin America*. Essa obra, publicada em 1998 por um editor menonita para um público menonita, é mais recente que a de Klassen e parece ser uma resposta ao seu livro. O autor não foi contemporâneo dos acontecimentos, mas teve a oportunidade de consultar os arquivos oficiais menonitas nos Estados Unidos, consultar correspondência privada dos elementos envolvidos e entrevistar os sobreviventes. Também anunciando imparcialidade histórica, ataca ferozmente os *völkisch* e defende os *wehrlos* e, principalmente, os missionários americanos, afirmando que não atuaram a serviço do governo americano em Fernheim, apesar de várias evidências em contrário em seu próprio livro.

Tanto numa quanto noutra obra, bem como em outros documentos (periódicos, atas, protocolos, etc), encontramos depoimentos e narrativas de menonitas que, ao escreverem, fazem um acerto de contas com o grupo opositor e caracterizam uma identidade profundamente marcada pela etnicidade, pela religião e pela própria história.

⁹ Periódico fundado em 1930 e que é uma das fontes mais importantes sobre o evento.

¹⁰ Friedrich (Fritz) Kliewer, professor da escola secundária de Fernheim e líder principal do movimento *völkisch* entre os menonitas do Paraguai.

Para desenvolver esse tema, definimos no primeiro capítulo a trajetória do menonitismo, com o objetivo de evidenciar como se autocompreendem como um grupo religioso isolacionista e de que forma as instituições básicas dessa comunidade são criadas. Analisaremos também a questão do sentimento de pertencimento ou não à germanidade. No segundo capítulo, analisar-se-á a questão política, econômica e social do Paraguai, o país que recebeu os menonitas, e as razões que levaram a essa opção. No terceiro capítulo, o tema central é a imigração européia em geral para o Paraguai e, especificamente, a organização do processo imigratório dos menonitas para o país. No quarto capítulo, estudaremos a questão do encontro do nacional-socialismo com os menonitas, que se deu inicialmente por meio de uma tentativa de reeducação de jovens desajustados. O quinto capítulo trata da influência externa que sofre a colônia Fernheim, ora sob influência de idéias nazistas, ora sob a ação dos liberais americanos. No sexto capítulo, veremos como os *völkisch* chegam ao poder em Fernheim e como surge e se organiza a oposição *wehrlos*. Além disso, serão estudados os confrontos e escaramuças que ocorreram entre os dois grupos. E, no sétimo capítulo, analisaremos o colapso do movimento *völkisch*, que ocorre em função da própria fraqueza interna do grupo, da oposição *wehrlos* e da atuação dos missionários norte-americanos.

CAPÍTULO 1

1. OS PRINCIPAIS ASPECTOS DO MOVIMENTO E DA CULTURA ANABATISTA-MENONITA

1.1. Os Movimentos Pré-Reformadores

A Reforma Protestante do século XVI foi um movimento catalisador de inquietações religiosas contra a Igreja Católica, e sociais, políticas e econômicas contra a dominação do senhorio feudal. Martinho Lutero, João Calvino e Ulrich Zwingli não foram os primeiros, nem os únicos a proporem reformas entendidas como purificadoras dentro da Igreja Cristã que buscassem os ideais evangélicos da Igreja apostólica primitiva.

O movimento iniciado por Lutero não chegou de surpresa. A influência das Cruzadas, do Renascimento artístico e intelectual, o surgimento dos embriões do nacionalismo e seu choque com a igreja papal internacionalizada, a corrupção do clero, a crescente intranquilidade do povo comum eram sinais de que uma grande tempestade estava por cair.

Antes deles, John Wycliffe, professor de teologia na Universidade de Oxford, propôs uma renovação do ensino do Evangelho em língua vernácula, de forma a possibilitar a única base segura para uma profunda reforma da Igreja, crendo que ela deveria ser pobre como foram os apóstolos, e que Cristo havia lhe conferido autoridade somente sobre os assuntos espirituais.

Da mesma forma, Jan Huss, professor de teologia na Universidade de Praga, propôs mudanças substanciais dentro da Igreja Cristã: incentivava o povo a estudar a Bíblia metodicamente e se baseava nela para rejeitar as tradições impostas pela Igreja Romana; atacava o papado, a corrupção do clero e outros problemas da Igreja, o que ocasionou a perda do apoio que desfrutava por parte dos bispos e do rei da Boêmia. Posteriormente, acabou sendo acusado de heresia e levado à fogueira durante o Concílio de Constança. Jan Huss preparou o caminho

para a Reforma, tanto que um século após sua morte, Martinho Lutero via nele um importante predecessor.

1.2. As Origens Anabatistas na Suíça

A Reforma no sul da Alemanha e na Suíça não teve a uniformidade apresentada pelo movimento no norte da Alemanha e na Escandinávia. Talvez isso tenha se devido ao fato de que a maioria das cidades imperiais livres e os cantões suíços independentes tivessem leis próprias, comércio e interesses religiosos particulares. Em função disso, possivelmente o perfil dos reformadores no sul da Alemanha e na Suíça tenha variado de região para região. Entre esses vários reformadores, o que mais se destacou foi Ulrich Zwingli, de Zurique, que se tornou conhecido por sua crítica ao sistema de recrutamento de jovens para os exércitos mercenários suíços, que eram contratados pelos mais diversos soberanos da Europa. Com o tempo, sua pregação se tornou bastante popular em função de seu posicionamento em favor das classes baixas urbanas e dos camponeses. Por essa razão, deixou sua pequena paróquia em Einsiedeln para ocupar o cargo de pároco da catedral de Zurique, cargo eclesiástico bastante prestigiado em território suíço, no qual, mais uma vez, surpreendeu seus ouvintes ao pregar diretamente a mensagem da Bíblia, reiniciando sua prédica do ponto em que havia parado no dia anterior. Isso lhe deu liberdade e independência para criticar as práticas tradicionais do catolicismo, de forma muito semelhante ao que estava ocorrendo com Lutero na Alemanha central.

A partir de meados de 1522, seu posicionamento se tornou mais radical e, juntamente com outros que compartilhavam suas idéias, começou a demandar mudanças profundas, o que nenhuma autoridade eclesiástica constituída se disporia a apoiar. Em novembro de 1522, Zwingli renunciou ao seu cargo de pároco da catedral e se desligou da Igreja Católica Romana, rejeitando qualquer autoridade tida sobre ele. Imediatamente, o corpo legislativo que governava o Cantão de Zurique – o Conselho dos Duzentos –, reintegrou-o no cargo que deixara na catedral.

Tal atitude foi alvo de pesadas críticas. Para acalmar os ânimos e justificar sua decisão, o Conselho convocou um debate para janeiro de 1523 com o objetivo de esclarecer a situação. Em conformidade com os hábitos daquele tempo, um debate era uma discussão formal, seguida de um acordo. As teses das partes eram preliminarmente explicadas ao público e os interessados eram convidados a tomar parte no evento, inclusive as universidades católicas da região e o bispo da diocese que pertencesse à cidade-sede do debate, no caso, o de Constança, pois Zurique estava sob sua jurisdição.

O objetivo de Zwingli era mostrar que suas teses estavam de acordo com as Sagradas Escrituras. Debate, propriamente dito, não houve, pois o representante do bispo, Johann Faber, argumentou que o Conselho dos Duzentos era um corpo legislativo composto por leigos e, como tal, não estava capacitado para mediar debates teológicos. Assim, como suas teses acabaram por não serem refutadas pela autoridade episcopal, Zwingli foi confirmado como pároco da catedral pelo Conselho e continuou a pregar livremente.

Essas duas ações – a nomeação e a confirmação de Zwingli como pregador pelo Conselho dos Duzentos – são de importância vital, pois representam uma declaração de independência do controle da hierarquia eclesiástica romana e uma tomada de posse do direito de nomear ministros religiosos pelas autoridades políticas locais.¹¹

A tomada de posição do Conselho incentivou Zwingli a pregar livremente e o processo de reforma da instituição eclesiástica foi se aprofundando. Mas as implicações surgidas com a redescoberta do Evangelho foram se tornando cada vez mais inaceitáveis para as autoridades de Zurique. Questões relacionadas principalmente com o pagamento de juros, de impostos e do dízimo foram levantadas e, à luz da Bíblia, julgadas e consideradas incorretas, segundo os reformados.¹² O Conselho, entretanto, preferiu ignorar tais julgamentos, ordenando que, nesses assuntos, não haveria reforma e que cada qual continuasse a pagar suas dívidas e tributos como de costume.

¹¹ DYCK, 1992, 35.

¹² DYCK, 1992, 36.

A questão da substituição da missa católica pelo culto evangélico também passou a suscitar resistências por parte do Conselho dos Duzentos. Zwingli, para evidenciar a correção de seu ensinamento de que a missa não era um sacrifício, mas uma comemoração da ressurreição de Cristo, convocou um debate público com a intenção de suprimir da ordem litúrgica reformada. O Conselho temia as consequências dessa supressão. Isso não parecia somente um sacrilégio para os outros cantões da Confederação Helvética que permaneceram católicos, mas também arriscaria a relação política e econômica com Zurique. Tornou-se claro que o Conselho tinha todas as razões para não ter pressa em permitir mudanças extremas em práticas religiosas, ainda que a teologia da Santa Ceia houvesse sido antecipadamente explicada em detalhes por Zwingli e assim aceita como correta, tanto pelo povo, como pelo próprio órgão legislativo.

Diante do impasse, Zwingli decidiu continuar a celebração da Santa Ceia na nova forma, com o vinho não mais reservado apenas ao sacerdote, mas com participação de toda a congregação. Em um memorando ao Conselho dos Duzentos, Zwingli anunciou sua intenção de utilizar a nova forma na comemoração do Natal de 1523. Se isso não lhe fosse permitido, recusar-se-ia a continuar com o culto evangélico. O Conselho, para surpresa de Zwingli, não se impressionou com sua ameaça e não permitiu a nova celebração. Diante da recusa, a ameaça de não continuar com o culto evangélico foi retirada. Mesmo assim, o Conselho decretou que não haveria mais mudança alguma na missa. Percebendo a eminência de perder tudo o que fora até então conquistado, Zwingli assumiu estratégias mais diplomáticas e contemporizadoras, adiando o debate de questões controvertidas e preservando seu bom relacionamento com o Conselho dos Duzentos.

Os confrontos, no entanto, continuaram a existir. Inúmeras práticas católicas que ainda permaneciam, conforme a visão dos protestantes, necessitavam de reforma ou mesmo supressão, tais como a troca das túnicas litúrgicas sacerdotais do clero por togas acadêmicas; uso de hinos e orações prescritas; e, principalmente, a adoção exclusiva do batismo de adultos. Zwingli levava as propostas de seu grupo ao Conselho, mas sempre acabava por aceitar que o Estado determinasse o ritmo e o conteúdo das reformas. Essa sua condescendência em relação ao corpo de legisladores fez com que um grupo de seus partidários, liderado por Konrad Grebel,

Félix Mantz e Georg Blaurock, se tornasse profundamente insatisfeito com seu reformador.

Após um período de apaziguamento, o grupo de discípulos de Zwingli, que se dizia frustrado, voltou a se manifestar a favor de mudanças básicas na organização política de Zurique e contra o batismo infantil. Quanto à questão política, Konrad Grebel e Félix Mantz propuseram a Zwingli que, já que o Conselho dos Duzentos não aprovava as medidas favoráveis à Reforma, então se organizasse um partido político – o Partido Reformado – que aprovaria as mudanças, uma vez eleito no pleito futuro. Zwingli tinha duas objeções a essa proposta: primeiro ele acreditava que, mesmo de forma lenta e gradual, o Conselho dos Duzentos acabaria por aprovar todas as medidas reformadoras; e mais, temia pela unidade da cidade de Zurique, pois uma parcela da população dava mostras de preferir permanecer vinculada à Igreja Romana, e a conseqüente criação de um Partido Católico poderia levar a uma guerra civil e ao desmembramento de partes do Cantão de Zurique e da própria Confederação Suíça. Já o batismo infantil havia se tornado um problema que poderia desencadear dificuldades sociais se não se encontrasse uma solução. Para superar o confronto, o Conselho instruiu Zwingli a se reunir com os dissidentes que não reconheciam o batismo infantil, até que se dirimisse o impasse. Após duas reuniões de estudos, não mais suportou as pressões e se recusou terminantemente a continuar as conversações, alegando que seria impossível levá-las adiante, pois os dissidentes – futuros anabatistas – não mais reconheciam sua autoridade espiritual.

Ao tomar conhecimento dos fatos, o Conselho dos Duzentos decidiu que as crianças deveriam continuar a ser batizadas e que os pais que se recusassem a fazê-lo seriam expulsos das terras de Zurique. Essa decisão, de 18 de janeiro de 1525, marcou o início do uso da violência no tratamento das minorias religiosas e o fim da disposição do poder estatal em discutir assuntos de religião. Os dissidentes anabatistas tiveram uma semana para se decidir entre a submissão ou o exílio.

Pressionados, reuniram-se na casa de Félix Mantz para tomar uma decisão acerca do que seria mais sábio fazer. Um relato da época ilustra como os dissidentes reagiram:

E sucedeu que estavam juntos. Depois que um temor se apoderou fortemente deles, clamaram a Deus no céu, para que Ele mostrasse misericórdia para com eles. Então, Georg Blaurock levantou e pediu a

Konrad Grebel que o batizasse. Feito isso, os outros pediram a Georg que lhes fizesse o mesmo.¹³

O significado desse ato não está baseado na prática apropriada do batismo propriamente dito, mas na criação de um corpo novo e visível de igreja que se distinguiu do estabelecido pelo Estado ou do estabelecido pela Igreja Romana. Dessa forma, os eventos de 21 de janeiro de 1525 marcaram o início do anabatismo¹⁴ como movimento religioso distinto do catolicismo e do protestantismo reformado ou luterano.

Para escapar da perseguição das autoridades constituídas de Zurique, muitos anabatistas, que se viam preparados para o trabalho de missão entre o povo, tomaram rumo de outros cantões suíços, como St. Gallen, Appenzell, Berna, Schaffhausen, Basileia e Grisões. Os que permaneceram em Zurique passaram a sofrer multas, prisões e, às vezes, torturas. Eram liberados somente após prometerem abandonar as reuniões dos anabatistas. As penas de morte, entretanto, foram impostas primeiro nos cantões católicos, que os condenaram não como anabatistas, mas como protestantes. O primeiro mártir anabatista e também protestante foi Bolt Eberle, executado no cantão católico de Schwyz, em maio de 1525.

A primeira morte nas mãos de um governo protestante foi a de Félix Mantz, condenado por perjúrio, ou seja, retornou ao anabatismo depois de prometer abandoná-lo. Sua sentença de morte por afogamento foi executada no Rio Limmat, em Zurique, a 5 de janeiro de 1527.

Durante esse período, o anabatismo em Zurique esteve fortemente ameaçado de desintegração, pois o círculo original de líderes havia se dispersado. Konrad Grebel falecera de morte natural, Félix Mantz fora executado e Georg Blaurock escapara porque não era cidadão de Zurique, mas, como não poderia permanecer na cidade, deixou a Suíça e se dirigiu a Innsbruck, no Tirol, onde foi capturado, julgado como herege e, depois de torturas, queimado na fogueira em 1529.

¹³ PENNER, 1995, 19.

¹⁴ O termo anabatismo está relacionado com o fato de que os adeptos dessa vertente viam como necessário um novo batismo. Eles eram re-batizados.

Os convertidos sentiam ser urgente a unificação e a consolidação dos principais pontos da doutrina anabatista, pois havia a dispersão das lideranças e a dificuldade de formação de novos líderes. Com esse objetivo, os principais líderes anabatistas sobreviventes se reuniram em um concílio, em fevereiro de 1527, em Schleithem, perto da fronteira entre a Suíça e a Alemanha. O documento elaborado nessa reunião passou a ser denominado Confissão de Fé de Schleithem, ou simplesmente *Acordo de Irmãos*. Era composto por 7 artigos e tinha o intuito de promover uniformidade ao anabatismo.

Os três primeiros artigos tratavam da forma de congregar os membros da Igreja, de sua compreensão do que é o batismo e suas finalidades, do tratamento dado aos infiéis e das idéias concernentes à Eucaristia.

A partir de Schleithem, ficou definido que o batismo deveria se destinar exclusivamente aos que foram:

(...) ensinados sobre o arrependimento e a correção e que acreditavam verdadeiramente que seus pecados são perdoados através de Cristo e a todos aqueles que desejam andar na ressurreição de Jesus Cristo e serem sepultados com ele na morte, para que ressuscitem em ele; a todos que com esse entendimento desejem e peçam espontaneamente o batismo.¹⁵

Segundo essa definição anabatista, as finalidades do batismo não poderiam ser compreendidas por crianças, mas apenas depois de uma certa idade, ao adquirirem um grau maior de maturidade e compreensão, quando poderiam ser convidadas a estudar e refletir acerca do assunto e, então, espontaneamente, solicitarem o batismo ao pastor da comunidade na qual congregarem.

Para os anabatistas, o batismo não é apenas um compromisso com Deus, mas também com a congregação, com cujos membros se comprometem a se ajudarem mutuamente na vida de obediência, na qual se admoestam e os reincidentes nos erros são expulsos.

A Santa Ceia deveria ser uma celebração da qual tomariam parte, única e exclusivamente, os que partilhassem da união integral com os outros irmãos da comunidade.

¹⁵ DYCK, 1992, 53.

O quarto artigo de Schleithem, importantíssimo em termos de caracterização da comunidade anabatista, exprimia o princípio de separação do mundo terrestre, cheio de trevas, incredulidade e abominação:

(...) tudo o que não tem sido unido a nosso Deus em Cristo não é nada mais do que abominação, portanto, queremos evitar. Com isso, nos referimos a todas as obras e idolatria papais e repapais, reuniões, assistência à Igreja, casa de vinho, garantias e compromissos de incredulidade e outras coisas desse tipo, as quais o mundo altamente estima e que, entretanto, são carnavais e contrárias aos mandamentos de Deus.¹⁶

O quinto artigo tratava da liderança na Igreja:

(...) pastor na Igreja de Deus deve ser alguém, de acordo com a regra do apóstolo Paulo, que tenha um testemunho inteiramente aprovado entre aqueles pertencentes à fé cristã.¹⁷

O sexto e o sétimo artigos da Confissão de Fé de Schleithem, mais longos do que os anteriores, tratam do relacionamento entre os cristãos e o Estado e sobre a prática de prestar juramentos. A grande preocupação dos líderes denota que essas questões eram causa das críticas e ameaças que os anabatistas sofriam por parte das igrejas estatais e do Estado. Parece também que esses assuntos não estavam claros para a maior parte dos congregados, já que não sabiam como se posicionar frente a eles. A argumentação dada aos dois artigos impressiona pela sofisticação e, ao mesmo tempo, pela simplicidade. A opção oferecida é a de seguir Jesus, orientando-se pelas suas palavras e ensinamentos contidos na Bíblia. Para os anabatistas, tornou-se claro que aqueles que se consideravam convertidos não poderiam recorrer à violência para alcançar seus objetivos, o que inclui a recusa a participar em exércitos e a portar armas, ou seja, criaram uma doutrina de pacifismo. Isso forçou o desenvolvimento de novas estratégias com o objetivo de enfrentar governos ou sistemas que tentassem obrigá-los a violar e corromper seus princípios, fundamentados pelo estudo da Bíblia.

O Concílio de Schleithem teve uma dupla importância: a reunião foi realizada com grande sucesso e logrou congregar em suas fileiras as correntes mais diversas dentro do anabatismo – tanto conformistas quanto radicais tomaram parte das discussões e na elaboração do texto final aprovado da Confissão de Fé. Isso

¹⁶ DYCK, 1992, 53.

¹⁷ DYCK, 1992, 54.

conferiu um caráter bastante uniforme à doutrina anabatista, fazendo-se aceitar como completa pelas mais diversas facções. Possibilitou, também, aos partidários do anabatismo serem capazes de enfrentar os problemas que surgissem, garantindo sua sobrevivência. Outra relevância do concílio foi a apresentação de uma doutrina com certa consistência, mas suficientemente simples, clara e objetiva para que um artesão ou camponês alfabetizado pudesse compreendê-la. Sendo assim, a escola fora valorizada, pois só poderia passar pela experiência pessoal da conversão e do batismo e se tornar membro de uma comunidade anabatista aquele que passasse pela experiência de ser alfabetizado.

O redator da doutrina foi Michael Sattler, antigo prior do mosteiro beneditino de St. Peter/Schwarzwald, perto de Freiburg, que abandonou a vida monástica para abraçar o anabatismo. Após a reunião do concílio, no retorno para casa, foi preso com outros anabatistas e em seguida julgado, torturado e queimado na fogueira.

Depois de 1527, o anabatismo continuou a ser perseguido na Suíça. Com o passar do tempo, os que não se integraram à Igreja Reformada buscaram refúgio em áreas com maior tolerância religiosa, o que diminuiu muito o número de comunidades anabatistas na Suíça. Alguns soberanos europeus acabaram aceitando de bom grado a vinda desses imigrantes religiosos para povoar seus países pouco habitados. Os territórios de maior atração foram o Platinado, a Alsácia e a Morávia. Foi essa migração que possibilitou a sobrevivência do anabatismo e sua difusão para outras regiões da Europa, como os Países Baixos, como a seguir poderá ser apreciado.

1.3. O Anabatismo nos Países Baixos

O Rio Reno nasce na Suíça, atravessa a Alemanha e deságua no Mar do Norte. O anabatismo seguiu curso semelhante: surgiu na Suíça, espalhou-se pela Alemanha e chegou aos Países Baixos, onde se desenvolveu bastante.

Foi por meio de Melchior Hoffmann, curtidor de peles, nascido em 1493, em Schwäbisch Hall, na Suábia, que as idéias anabatistas chegaram aos Países Baixos. A Reforma Luterana o converteu, de forma a torná-lo um pregador itinerante,

dirigindo-se à Curlândia e à Livônia, na costa oriental do Mar Báltico; perseguido, fixou-se na Suécia e, de lá, dirigiu-se à Dinamarca, onde conseguiu um cargo de pregador junto à corte, em Copenhagen; depois disso, dirigiu-se para o Holstein, onde foi perseguido novamente e obrigado a se refugiar em Emden, na Frísia Oriental e, de lá, foi a Estrasburgo.

Hoffmann mudava de idéia mais rapidamente do que de lugar. Essa característica pessoal criava uma série de atritos com seus colegas de púlpito, altamente eruditos, que não aceitavam facilmente um pregador leigo discutindo com eles os conceitos teológicos. Com o passar do tempo, foi se afastando do moderado luteranismo, principalmente depois de entrar em contado com as idéias de Andreas Karlstadt concernentes à natureza dos sacramentos. Nesse momento, viu-se em franca oposição ao luteranismo, chegando a ser nominalmente denunciado pelo próprio Lutero.¹⁸

Em Estrasburgo, Hoffmann manteve contado com os refugiados anabatistas da Suíça. Esse encontro o tocou profundamente, levando-o a se converter à nova Igreja. Entretanto, em função de sua personalidade inquieta e de seu estudo independente da Bíblia, somou idéias próprias ao corpo doutrinário anabatista.¹⁹

Mais uma vez, entrou em conflito com as autoridades instituídas ao propor ao Conselho da Cidade de Estrasburgo o reconhecimento da Igreja Anabatista. Nessa petição, não requisitava apenas um acordo de tolerância, mas também a paridade com a Igreja Evangélica Luterana ligada ao Estado. A fuga tornou-se necessária, pois mesmo para a liberal Estrasburgo, seu pedido se figurou inconcebível.

Emden voltou a ser o destino de Melchior Hoffmann, onde organizou um trabalho de missão anabatista nos Países Baixos, em 1530, fato que marca o início da propagação do anabatismo num país ansioso por uma mudança radical nos caminhos que a Igreja Católica vinha seguindo. Desde muito tempo havia tendências para a Reforma. Os sacramentários, que rejeitavam a doutrina católica da transubstanciação dos elementos sacramentais, aderiram em massa ao anabatismo.

¹⁸ LIECHTY, 1994, 7.

¹⁹ PENNER, 1995, 42.

Durante o século XIV, os Países Baixos, em especial as Províncias da Holanda e da Frísia, foram palco de um movimento de re-avivamento espiritual católico conhecido como *Devotio Moderna*. Esse movimento reformador destacava a importância da Bíblia como fonte de fé e lutava contra a imoralidade do clero. O espírito de reforma estava também presente entre os Irmãos de Vida Comum, que rapidamente estabeleceram conexões com os anabatistas após 1530.

Alguns historiadores sociais apontam os desastres naturais como causa da boa receptividade que tiveram os anabatistas, tais como o rompimento de diques, que causaram sucessivas perdas nas colheitas em anos anteriores à chegada dos missionários de Hoffmann, além de problemas políticos, como embargos comerciais contra as cidades hanseáticas, que causaram inflação, fome e desemprego, resultando num sentimento apocalíptico entre as massas.²⁰

Em função dessa situação, Hoffmann tornou-se bastante atraente com seu discurso profético e apocalíptico. A noção anabatista pacífica de liberdade e graça universal iluminou grande número de pessoas que o viam como um profeta. No entanto, sua ênfase apocalíptica, observada num contexto de degradação social, foi rapidamente absorvida por anabatistas revolucionários – uma das duas facções nas quais se dividira o anabatismo melchiorita – os quais, liderados por Thomas Müntzer, pregavam a idéia milenarista de que o Reino de Deus deveria ser estabelecido o mais breve possível, mesmo que fosse pela espada e pelo sangue de inocentes, motivo pelo qual vagavam pelas diversas províncias dos Países Baixos e pelo noroeste da Alemanha, atacando igrejas e mosteiros, destruindo imagens e roubando qualquer coisa de valor. Pregavam o retorno da lei mosaica do Antigo Testamento e da poligamia. Em função de suas atividades radicais violentas, a simples citação do nome *Wiedertäufer*²¹ causava pavor nas populações. Suas ações culminaram no evento de Münster, ocorrido nos anos de 1534-1535, quando os anabatistas tomaram a cidade e tentaram estabelecer o *Reino de Deus*. Após o amargo cerco

²⁰ LIECHTY, 1994, 7.

²¹ Significa *rebatizados*, em alemão: denominação criada pelos opositores desse movimento. Os anabatistas, no entanto, chamavam-se de *Täufergesinnte*, o que significa *os que são batizados conscientemente*. O termo anabatista, no século XVI estava carregado de conotação pejorativa, em função dos eventos decorrentes da tomada de Münster pelos anabatistas radicais.

das tropas do príncipe-arcebispo da cidade e do exército imperial alemão, o Reino Anabatista degenerou em canibalismo²², antes de finalmente sucumbir em definitivo.

Já os anabatistas pacíficos pregavam um isolamento do mundo, especialmente por meio do estabelecimento de colônias, nas quais o reino de Deus seria formado pela desistência dos valores mundanos e pela obediência aos ensinamentos de Cristo contidos na Bíblia. Tentaram coexistir com seus vizinhos; reuniam-se em segredo para cultos e aulas; tentaram conquistar seus amigos e parentes pela persuasão silenciosa, contudo a perseguição esporádica obrigava as comunidades a se mudarem de tempos em tempos, fazendo-os deixar de ser tão persistentes em suas pregações. Voltaram-se para si mesmos; colocaram a sobrevivência acima do martírio e, no lugar de questionarem a consciência da sociedade, buscaram levar uma vida à sua margem ou além de suas fronteiras.²³

O evento de Münster arrasou os anabatistas revolucionários, mas as seqüelas foram pesadamente sentidas pelos pacifistas. Muitos de seus membros, inclusive habilidosos líderes, como o pastor Obbe Philips, desligaram-se definitivamente do movimento. Coube a Menno Simons reunir, numa Igreja Anabatista pacifista, os membros remanescentes que se encontravam confusos e dispersos. Mesmo englobando cerca de um terço da população ao norte dos Países Baixos, o movimento tomou um caráter quietista e sectário. Os membros passaram a ser aconselhados a somente se casarem *dentro da fé*, o que caracterizaria profundamente os anabatistas no futuro.

O advento da poderosa Igreja Reformada Holandesa, em 1550, eclipsou definitivamente a Igreja Anabatista. Somente a liderança de Menno Simons foi capaz de evitar a desagregação total do anabatismo. Vejamos a seguir como isso ocorreu.

Menno Simons nasceu em 1496, em Witmarsum, Província da Frísia. Muito pouco é conhecido sobre sua educação anterior à sua conversão ao anabatismo. É certo, no entanto, que seus pais eram camponeses dedicados à pecuária leiteira, ocupação muito comum em sua terra natal. Em 1524, com 28 anos, foi ordenado padre pelo arcebispo de Utrecht. Sua formação acadêmica, ao que

²² Durante o cerco da cidade de Münster, a provisão de víveres rapidamente acabou, o que obrigou os anabatistas a se servirem dos corpos de companheiros recém-mortos, para sobreviverem à fome.

²³ FERNÁNDEZ-ARMESTO, 1997, 89.

parece, foi deficiente, pois nada conhecia de grego e muito pouco de latim, numa época em que essas eram as línguas acadêmicas.

Simons, durante seu primeiro ano após a ordenação, foi acometido por uma série de dúvidas relativas à doutrina da transubstanciação do pão e do vinho durante a Santa Ceia. A Holanda foi, durante gerações, o lar dos sacramentários que negavam os ensinamentos católicos concernentes à natureza dos elementos da eucaristia, ou seja, negavam a presença física de Jesus Cristo nesses elementos, o que explica o surgimento de dúvidas em Simons. A existência dessa heresia sacramentária talvez explique também porque a versão luterana da Reforma Protestante teve poucos adeptos nos Países Baixos, enquanto a Igreja Calvinista floresceu magnificamente. De qualquer forma, parece certo que os primitivos anabatistas holandeses emergiram de círculos de sacramentários.

Apesar de suas dúvidas, Menno Simons permaneceu fiel à Igreja Católica Romana até 1536, quando a abandonou para se engajar no movimento anabatista, em virtude da derrota imposta aos anabatistas em Münster, quando o *Reino Anabatista* fora aniquilado pelas forças imperiais e, possivelmente, seu irmão, Peter Simons, estivesse entre os mortos.

Por meio de seu estudo metódico da Bíblia, Menno estava profundamente convencido, não apenas da exatidão da visão anabatista relativa aos sacramentos, mas inclusive de sua opinião sobre o batismo infantil. Entretanto, suas convicções foram mantidas em silêncio, pelo menos até quando viu que líderes inescrupulosos haviam levado o movimento ao desmantelamento em Münster, o que o levou a se pronunciar publicamente a favor e assumir a liderança entre os anabatistas holandeses num momento crucial de sua história. Isso acabou por fazer com que adotassem a denominação de menistas, e depois de menonitas, em homenagem a Menno, e também para fugirem da conexão existente entre o termo anabatista e o episódio de Münster.²⁴

Menno assumiu a liderança da dispersa rede de comunidades menonitas, não somente nos Países Baixos, mas também em Flandres e no norte da Alemanha. Ele via seu destino como separar a verdade da meia verdade; opor-se ao erro com ensinamentos claros; encorajar os mal-orientados e construir a jovem igreja,

enquanto era caçado como herege.²⁵ Mas a parte mais difícil da liderança de Simons não foi a perseguição imposta pela Igreja Católica, nem a contenção dos fanáticos radicais dentro do grupo, mas as divergências surgidas com os que mais tinham em comum com os menonitas, ou seja, os luteranos e os calvinistas. Concordavam com esses grupos nos principais pontos da Reforma, em especial na justificação pela fé, e na autoridade infalível da Bíblia, mas as implicações dessas doutrinas eram diferentes para os menonitas que criam que apenas os indivíduos com idade suficiente para possuir uma fé convicta e tomar uma decisão por si mesmos poderiam ser batizados e unicamente aqueles cuja vida mostrava os frutos da fé poderiam fazer parte da comunidade cristã.

Durante a década de 1520, ocorreu uma série de debates entre luteranos, reformados e menonitas, nos quais Menno Simons tomou parte. A resposta a um desses debates, intitulada *Uma Resposta a Gellius Faber*, foi publicada em 1552, na qual narrou sua conversão e seu trabalho de evangelização, e discorreu acerca da diferença quanto ao batismo, à Santa Ceia, à disciplina na Igreja e à Encarnação de Cristo entre menonitas, reformados e luteranos.²⁶

Esses debates públicos deixaram claro que os menonitas se diferenciavam das igrejas estatais, apoiadas pelo Estado, em dois pontos básicos: a natureza da vida cristã e a natureza da Igreja.

No primeiro ponto, os menonitas enfatizavam a importância do novo nascimento e do discipulado. Unicamente as pessoas que estavam arrependidas e conheciam a experiência da conversão deveriam ser batizadas e recebidas na Igreja. A conversão deveria ser atestada pela intenção de viver como um discípulo dedicado a Cristo. As formas de expressão desse discipulado opcional eram o amor e o pacifismo que não admitiam a participação em atos de violência, guerras ou disciplina militar, pois tais atividades eram consideradas contrárias aos exemplos e ensinamentos de Cristo e dos apóstolos.

No segundo ponto, a natureza da Igreja era definida como uma reunião voluntária dos convertidos, completamente desvinculada do estado. Os membros da Igreja deveriam ser unidos com base exclusiva na sua lealdade para com Cristo e de

²⁴ LIECHTY, 1994, 247.

²⁵ DYCK, 1992, 99.

seu amor uns para com os outros. Essa vida de discípulos, que os separaria do mundo, era aconselhada pelo estabelecimento de colônias isoladas, auto-suficientes, com pouco contato com o mundo exterior; isolamento que passou a ser mais necessário em função da perseguição sistemática que os membros sofriam.

Regiões inóspitas e pouco habitadas foram sendo procuradas e colônias menonitas foram sendo estabelecidas, muitas vezes, com a aprovação dos soberanos dessas regiões, desejosos de povoar seus territórios com camponeses tidos como morigerados para aumentar a riqueza de seus domínios. Durante os séculos XVI e XVII, várias localidades da Europa acolheram refugiados menonitas, concedendo-lhes liberdade de religião, permissão para assentamento em colônias fechadas e isenção da prestação do serviço militar. A Morávia e o Palatinado, no Sacro Império Romano-Germânico, e Galícia, Volínia, Prússia Ocidental, Prússia Oriental e Dantzig, domínios da Polônia, foram as regiões mais procuradas pelos menonitas.

1.4. Os Menonitas na Prússia Ocidental

No século XVI, o delta do Rio Vístula era uma região pantanosa e pouco habitada, o que obstava o surgimento de cidades, das quais Dantzig, Königsberg, Elbing, Thorn e Bromberg eram as mais importantes. Apesar de a maior parte da população ser composta por alemães originários da colonização dos séculos XIII e XIV, feita pela Ordem Teutônica e pela Liga Hanseática, o soberano local era o rei polonês. Na região, viviam minorias de caxúbios, lituanos e poloneses que constituíam o campesinato submetido a poderosos barões territoriais alemães, proprietários de vastos latifúndios.

As poucas, mas ricas cidades hanseáticas, viviam do comércio de cereais, âmbar, peles, madeira e mel. Seus principais parceiros comerciais eram as companhias holandesas que praticamente detinham o monopólio desse comércio. Chegavam com seus barcos carregados de tecidos, queijos e outros artigos manufaturados e voltavam com as matérias-primas.

²⁶ DYCK, 1992, 101.

Possivelmente em 1539, um desses barcos, na viagem de retorno à Holanda, propagou a notícia de que o duque Albrecht da Prússia, adepto do luteranismo, e seu suserano, e rei Sigismundo da Polônia, estavam colocando grande quantidade de terras à disposição de camponeses e artesãos protestantes que quisessem fixar residência e trabalhar numa região na qual vigorava a tolerância religiosa. Essa propaganda promoveu a chegada de holandeses trazendo os primeiros menonitas de Flandres que fugiam da Inquisição espanhola. Foram seguidos por camponeses da Frísia e trabalhadores urbanos das cidades da Westfália, quase todos menonitas fugitivos de Münster. Uma terceira onda, menor, vinda do sul, trazia menonitas da Morávia, Áustria, Baviera e Suíça.²⁷

As congregações menonitas foram rapidamente estabelecidas e a Igreja floresceu. Estreitos laços eram mantidos com as comunidades-mães nos Países Baixos. O próprio Menno Simons visitou a comunidade estabelecida em Dantzig, em 1549. Dirk Philips, discípulo de Menno, fixou residência em Schottland, um subúrbio de Dantzig, em 1561. Novas congregações foram estabelecidas em Elbing, Ellerwald, Fürstenwerder, Ladekopp, Heubuden e em outras localidades mais distantes, como Königsberg.

Com o tempo, os menonitas foram se dirigindo mais e mais para as comunidades rurais nos arredores das cidades maiores, pois lá estavam menos sujeitos às opressões impostas pelos líderes da Igreja Evangélica Luterana local, que dominavam a vida religiosa, especialmente nos centros urbanos.²⁸

Essa reclusão voluntária dos menonitas gerou características muito próprias do grupo. Mesmo vivendo não muito longe dos centros mais habitados, o contato diário se dava quase que exclusivamente com elementos do próprio grupo. Tanto que até mesmo a língua – o holandês – só começaria a ser substituída pelo alemão em 1757, ou seja, 218 anos após a vinda dos primeiros menonitas holandeses para a Prússia Ocidental.²⁹

Também a prática do casamento endogâmico era reforçada não só pelos *Älteste* (presbíteros), como pela própria doutrina menonita que ordenava a união matrimonial somente entre membros da comunidade, o que resultou em uma

²⁷ PENNER, 1995, 71.

²⁸ DYCK, 1992, 115.

homogeneização étnica do grupo. Aliado a isso, após as partilhas da Polônia, quando a Prússia Ocidental passou a figurar de fato como domínio da coroa prussiana, houve a aprovação de leis que regulamentavam os casamentos interconfessionais, ficando determinado que, em uniões de menonitas com luteranos ou de menonitas com católicos, as crianças delas nascidas não estariam isentas do serviço militar e deveriam ser educadas na religião dos não-menonitas, numa medida claramente coerciva.³⁰

Tais leis incentivaram os menonitas a procurarem ainda mais a própria comunidade no momento da escolha de esposos, tendo em vista que os filhos de uniões mistas não estavam incluídos no privilégio de isenção do serviço militar. Somente os filhos de pai e mãe menonitas detinham esse direito. Da mesma forma, não havia reconhecimento de conversões por parte do Estado, ou seja, se o indivíduo não fosse menonita de sangue, com pai e mãe menonitas, não era reconhecido como tal pelo Estado prussiano. Por outro lado, podemos supor que, se o governo obrigou-se a promulgar leis que praticamente proibiam os casamentos interconfessionais, essas uniões deveriam acontecer em larga escala e o direito de não prestar o serviço militar era usufruído por um grande número de indivíduos, que teoricamente não eram menonitas.

A taxa de crescimento demográfico entre os menonitas durante a permanência nas Prússia Ocidental foi bastante elevada. Segundo o censo de 1783³¹, havia 2240 famílias, totalizando 10490 menonitas na Prússia Ocidental, sem contar Dantzig e a Prússia Oriental. Quatro anos mais tarde, o censo na mesma província indicava a existência de 2894 famílias, totalizando 13573 pessoas, o que demonstra um crescimento anual muito grande.³² Esse grande incremento demográfico anual certamente gerou ansiedade em relação à conquista de novas terras para acomodar a crescente população. Além disso, a perseguição continuava,

²⁹ PENNER, 1987, 47.

³⁰ PENNER, 1987, 26.

³¹ Os presbíteros menonitas eram obrigados a entregar anualmente um relatório sobre o número de nascimentos, casamentos e batismos ocorridos em sua comunidade. Isso se fazia necessário para a contabilização dos rapazes menonitas que não prestariam o serviço militar às Forças Armadas prussianas. Esses recenseamentos anuais, devido a sua precisão, tornaram-se uma fonte preciosa para os historiadores da demografia e da História da Família.

³² PENNER, 1987, 31.

principalmente nos centros urbanos, em Dantzig em particular, nos quais os pastores luteranos e autoridades municipais continuaram a criticá-los pesadamente.

Apesar de alguma tolerância durante o século XVIII, parecia eminente uma saída da Prússia, principalmente após a morte do rei-filósofo Frederico II, em 1786, que aceitava a exclusão do serviço militar e via os menonitas com grande deferência, além de considerá-los como peças importantes no trabalho de modernização dos domínios dos Hohenzollern. Tanto que, na cidade de Krefeld, nos domínios prussianos junto ao Reno, os menonitas se destacaram em atividades urbanas, como a fabricação de tecidos finos. Mais tarde, o príncipe de Wied arregimentou especialistas menonitas para a construção da nova capital de seu principado, em função da excelente reputação desses trabalhadores.

Para os sucessores de Frederico II, foi se tornando cada vez mais difícil compreender porque os menonitas deveriam possuir o privilégio de isenção, em detrimento dos outros, nas mesmas condições. Com isso, a situação dos menonitas foi se complicando cada vez mais, especialmente após 1786, quando a Prússia iniciou os preparativos militares necessários em virtude das inquietações sociais que começavam a sacudir a Europa e que posteriormente eclodiriam de forma dramática na Revolução Francesa e nas Guerras Napoleônicas, duramente sentidas pela Prússia.

O governo prussiano necessitava urgentemente ampliar o quadro dos regimentos de soldados para fazer frente aos eventos militares que se previam. Conseqüentemente, o governo de Berlim não estava disposto a aceitar qualquer isenção ao serviço militar, por qualquer razão que fosse. Dessa forma, os menonitas, que argumentaram que não queriam ver seus filhos pecando ao portar armas e matando seus semelhantes, foram diretamente afetados pelas medidas de convocação para o alistamento militar.

Os governantes contra argumentavam dizendo que não seria justo que outros súditos prussianos fossem obrigados a portar armas, matar ou morrer para a segurança do Estado e do povo prussiano, do qual os menonitas, afinal, faziam parte. Essa postura denotava hipocrisia na concepção governamental, pois ao mesmo tempo em que se recusavam a defender a pátria, não se recusavam a

usufruir a paz que o Exército proporcionava. Não portavam armas, não matavam, mas deixavam que outros morressem por eles para prosperarem em paz.

Mesmo com tantas pressões, os menonitas não foram compulsoriamente obrigados a prestar o serviço militar. A solução encontrada foi que eles deveriam sustentar determinadas escolas de cadetes, através do pagamento de impostos, para que a isenção lhes fosse confirmada. Esses tributos eram baseados na propriedade da terra e eram normalmente exorbitantes, fazendo com que quase não existisse excedente de capital para a aquisição de novas terras para as jovens gerações.

Mesmo depois da aceitação de um serviço militar alternativo – trabalho como sanitaristas e em funções burocráticas –, a situação pouco se alterou, pois logo o governo prussiano proibiu a venda de terras para súditos menonitas.

Levando-se em conta o exposto, percebemos que, lentamente, os menonitas foram sendo preparados a encarar a hipótese de, após quase 250 anos fixados na Prússia Ocidental, migrar para outra região, na qual lhes fosse oferecida a possibilidade de se desenvolverem; a disponibilidade de amplos territórios; o privilégio de exclusão ao serviço militar; a independência administrativa; a instituição de um sistema educacional autônomo; e a completa liberdade religiosa.

Fica claro, no entanto, que em sua permanência na Prússia Ocidental, os menonitas solidificaram a formação de sua identidade como grupo religioso e étnico, adotando o *Hochdeutsch* como língua pública do grupo, sem excluir os *Plattdeutsch* da esfera privada, e construindo um sistema educacional capaz de perpetuar o ideal da comunidade menonita entre as gerações vindouras. Com isso, conseguiram rapidamente formar colônias autônomas na Rússia, como veremos a seguir.

1.5. Da Rússia às Américas

A história dos menonitas na Rússia se inicia em 1763, quando a Imperatriz Catarina II publicou seu édito convidando alemães de todas as confissões a se estabelecer em territórios recém conquistados aos turcos, em regiões próximas ao Mar Negro.

Catarina II, na verdade, Sophie von Anhalt-Zerbst, princesa alemã casada com Pedro III, sucedeu-o no trono russo em 1762. Sendo simpatizante do Iluminismo, desejava incentivar a modernização e o desenvolvimento da Rússia. Para tal, procurou atrair imigrantes de países mais avançados, para desenvolver a agricultura, o comércio, a indústria e a educação, diminuindo a influência que os latifundiários conservadores e a Igreja Ortodoxa tinham sobre a Rússia, além de aumentar seu próprio poder pessoal. Nos dez anos posteriores ao seu édito de convocação, mais de 100 colônias foram estabelecidas por alemães luteranos e católicos nas estepes da Ucrânia, na Criméia, às margens do Mar de Azov, na Transcaucásia e no vale do Rio Volga.

Entre esses primeiros imigrantes que chegaram em 1788, não havia menonitas, que, até então, suportavam pressões na Prússia. Mas, após o início das medidas governamentais contra a isenção do serviço militar e a proibição da aquisição de terras pelos menonitas, a situação se tornou insustentável.

Quando, em 1786, chegou o representante russo, barão Georg von Trappe, os menonitas o receberam cordialmente e ficaram entusiasmados com as possibilidades de colonização em território russo. Trappe lhes sugeriu que, antes de tomar qualquer decisão, escolhessem dois representantes da mais extrema confiança e os mandassem para a Rússia a fim de inspecionar as terras em questão. Foram escolhidos Jakob Hoepfner e Johann Bartsch, que partiram no final de 1786 para fazer a vistoria, retornando um ano depois. O relatório que apresentaram se mostrava bastante favorável quanto às terras oferecidas e ao acordo previamente acertado com as autoridades em São Petesburgo.

A proclamação de privilégios, acordada com os russos em 1788, não diferia das regalias dadas a outros imigrantes anteriormente. A política de colonização russa naquele tempo tinha como objetivo uma total separação dos imigrantes estrangeiros da população nativa, o que significava um alto grau de autonomia para as colônias, que eram quase que independentes do Estado russo em um grande número de assuntos, principalmente nos mais importantes para os menonitas.

Esse padrão lhes agradou muito, pois almejavam o direito de controlar seus próprios assuntos religiosos, educacionais e cívicos, conforme estavam

acostumados a fazê-lo na Prússia Ocidental. Entre os privilégios, estava a garantia de completa liberdade religiosa e isenção do serviço militar em definitivo.³³

Em fevereiro de 1788, as primeiras quatro famílias de Dantzig puseram-se, de barco, a caminho de Riga, o portão de entrada para a Rússia. Os primeiros menonitas da Prússia Ocidental partiram em julho de 1788, dirigindo-se em carruagens para Riga, via Königsberg e Mitau. De lá, seguiram para Dubrowna, na Bielorrússia, onde se encontraram com o primeiro grupo. Em função do reinício das hostilidades da guerra entre Rússia e Turquia, tiveram que passar o inverno num acampamento perto de Dubrowna, o qual não parava mais de receber imigrantes.

Em abril de 1789, um grupo de famílias resolveu levantar acampamento e, aproveitando o final do inverno, colocou-se a caminho da gleba a eles destinada. Logo após, o restante dos imigrantes os seguiu. Ao chegarem no lugar demarcado, foi-lhes aconselhado que se estabelecessem do lado leste do Rio Dnieper. Um administrador russo foi nomeado para auxiliá-los nos primeiros e difíceis momentos.

A nova colônia, que era composta por cerca de 400 famílias, foi estabelecida nas margens do Rio Chortitza, um afluente do Dnieper. Em função da localização, essa primeira colônia menonita na Rússia levou o nome de Chortitza.

Os primeiros tempos foram difíceis e muitos colonos chegaram a pensar em voltar para a Prússia Ocidental; doenças e epidemias causaram grandes perdas humanas, principalmente entre as crianças. Grandes períodos de chuva impediam o plantio e longos invernos não deixavam o trigo amadurecer. O governo russo começava a falhar em suas promessas de auxílio financeiro já nos primeiros anos de colonização, agravando a situação da maior parte do povo, que era muito pobre.

Entretanto, muitos dos problemas eram decorrentes da falta de união entre os colonos; as instalações para a administração das colônias e para o funcionamento das escolas eram inadequadas; as escolas, consideradas exemplares na Prússia, eram agora enunciadas como ridículas e primitivas³⁴; na

³³ DYCK, 1992, 154.

³⁴ O sistema educacional dos menonitas na Prússia era considerado pelo próprio governo como exemplar. Entretanto, a Rússia, talvez por falta de recursos financeiros ou por influência das alas mais conservadoras da Igreja Menonita, voltou a adotar o método de alfabetização baseado exclusivamente na leitura da Bíblia e do Catecismo, o que reduzia o universo de informações a que as crianças tinham acesso, imprimindo, conseqüentemente, um nível baixo ao padrão de ensino dessas escolas. Da mesma forma, consta que os professores eram muito mal preparados e mal pagos, tendo que se ocupar com outras atividades para complementar sua renda. DYCK, 1992, 150.

maioria das aldeias, a escola era também utilizada como lugar de culto aos domingos; além disso, como em quase todos os assuntos, o governo russo não interferia, nesse momento, no sistema escolar, deixando que o currículo fosse todo aplicado em língua alemã.

Para facilitar a administração, as colônias foram divididas em aldeias que elegiam um *Schulze* (representante local) para os assuntos locais e um *Oberschulze* (administrador geral), que era a autoridade máxima em cada colônia, que eram independentes entre si, tal qual pequenos Estados.

Por meio do *Oberschulze*, as colônias se reportavam a uma autoridade especial, sediada em território russo e com o governo imperial sediado em São Petesburgo. Isso significa que os governantes das províncias russas, nas quais se localizavam as colônias estrangeiras, não tinham poder sobre elas.

Apesar dos problemas decorrentes do assentamento de Chortitza, um fluxo quase constante de menonitas se estabeleceu entre a Prússia Ocidental e a Ucrânia. As restrições econômicas e religiosas em ascendência na Prússia e as notícias advindas de Chortitza não eram suficientemente desencorajadoras para impedir que outros menonitas emigrassem para a Rússia.

O presbítero Cornelius Warkentin, de Rosenort, na Prússia Ocidental, havia visitado Chortitza em 1798 e verificado que havia terras férteis disponíveis a cerca de 160 km a sudeste da primeira colônia, na estepe ucraniana junto ao Mar de Azov. Conhecendo essa possibilidade, organizou-se uma nova expedição colonizadora que deixou a Prússia em 1803 e estabeleceu uma nova colônia que levou o nome de Molotschna, em referência ao rio em cujo vale ela se situava.

Esse novo projeto não teve as dificuldades que a colonização de Chortitza apresentou, talvez em função da assistência que os menonitas pioneiros, mais experientes e conhecedores da região, deram aos recém-chegados. Em 1806, já estavam estabelecidas 365 famílias em Molotschna, impulsionando o desenvolvimento econômico que acabaria por torná-la a mais próspera e a maior das colônias menonitas da Rússia, que já em 1836, exatos 33 anos após sua fundação, dispunha de 46 aldeias habitadas por cerca de 10000 menonitas. Os nomes das aldeias se reportavam aos lares deixados na Prússia Ocidental: Rosenort, Neukirch, Pordenau, Ladekopp, Rudnerweise. As duas maiores aldeias –

Halbstadt e Gnadenfeld – concentravam a administração, as melhores escolas, os hospitais, os pastores e os professores.³⁵

Em função da evasão constante de seus súditos – de 1788 até 1806, haviam emigrado cerca de 800 famílias menonitas, num total de quase 10.000 pessoas –, o governo prussiano começou a se alarmar, pois estava perdendo fazendeiros altamente especializados no cultivo de cereais, na pecuária leiteira e na produção de laticínios. Para tentar estancar a saída dos colonos, os impostos sobre a terra foram diminuídos e foram retiradas restrições quanto à compra de terras por súditos menonitas.

Além disso, o fazendeiro menonita que vendesse sua fazenda para emigrar, deveria pagar uma taxa de 10% sobre o valor da propriedade vendida. Essas medidas, assim como as iniciativas de Napoleão Bonaparte,³⁶ ajudaram a diminuir a saída de menonitas para a Ucrânia, sem no entanto, esgotá-la.³⁷

Outros menonitas, vindos diretamente da Prússia Ocidental, fundaram duas colônias na Rússia: Am Trakt, em 1853, situada às margens do Rio Volga, perto da cidade de Samara, tendo recebido esse nome por se localizar junto a uma estrada chamada Salztrakt, usada para transportar sal; e Alexandertal, em 1859.

Os privilégios que os imigrantes chegados a Am Trakt receberam foram bem menos vantajosos que os concedidos aos menonitas de Chortitza e Molotschna. Essa redução, possivelmente, foi ocasionada pelo nascente pan-eslavismo russo que via com desconfiança as colônias estrangeiras na Rússia. Antes de sair da Prússia, tiveram que fazer um depósito na embaixada russa em Berlim que correspondia às despesas que o governo imperial russo teria com seu transporte e instalação em Am Trakt, além do que, a exclusão ao serviço militar obrigatório se restringiria a apenas 20 anos. Mas, mesmo levando em conta tais desvantagens, em 1872, Am Trakt já tinha 197 famílias instaladas e a economia continuava prosperando.

Alexandertal foi a última colônia estabelecida por menonitas originários da Prússia e também a menor delas. Estava localizada no vale do Volga, não muito

³⁵ PENNER, 1987, 35 e 36.

³⁶ A expansão do Império Napoleônico obrigou os prussianos a procurar novas formas de organizar a defesa do país. Para tal, começaram a se organizar milícias de atiradores, e a população era secretamente exercitada nas lides militares, pois o exército havia sido incorporado ao francês.

afastada de Am Trakt. Seu nome era uma homenagem ao imperador Alexandre II, que se mostrou bastante favorável à imigração menonita. No entanto, os privilégios concedidos foram bem menores do que os esperados. Os colonizadores tinham que comprar suas terras e a isenção do serviço militar nem chegou a ser confirmada para os colonos de Alexandertal.

Essas colônias tiveram ainda uma série de problemas relacionados com o comércio de sua produção agrícola e com o surgimento de um cisma dentro da Igreja Menonita, o qual daria origem à Igreja dos Irmãos Menonitas, de inspiração pietista. Esses problemas quase levaram à dissolução das colônias, que somente não desapareceram graças a uma firme direção estabelecida por volta de 1880. Com a fundação de Am Trakt e de Alexandertal, praticamente cessou a imigração de menonitas para a Rússia. Talvez a principal razão tenha sido a perda do direito de isenção do serviço militar obrigatório e que causou o primeiro fluxo de saída de menonitas da Rússia para os Estados Unidos, Canadá e Brasil³⁸, iniciado em 1873. Mas, note-se que os direitos retirados das colônias estrangeiras não estavam restritos ao serviço militar. A isenção de impostos e a quase independência das colônias estavam sendo eliminadas por um governo russo cada vez mais nacionalista e cioso de seu poder. É possível que a retirada dos privilégios econômicos também tenha influenciado a decisão para a emigração, tomada por um terço dos menonitas da Rússia.

Mas mesmo com essa perda de regalias, a situação dos menonitas na Rússia parece ter sido invejável. De fato, ao mesmo tempo em que 18.000 menonitas saíam da Rússia para a América, outros 3.000, remanescentes da Prússia Ocidental, pediam a autorização ao governo russo para imigrar, abrindo mão de qualquer privilégio, inclusive da isenção do serviço militar.

Para os menonitas da Rússia, como para os outros grupos de colonizadores alemães, os duros anos iniciais deram lugar a uma grande

³⁷ DYCK, 1992, 158 e 159.

³⁸ Em 1874, foram estabelecidas várias colônias de teuto-russos na região dos Campos Gerais, perto de Ponta Grossa, na então Província do Paraná. Nesse grupo, segundo Friedrich Wilhelm Brepohl (1927, 12), havia menonitas que não formaram nenhuma colônia isolada. O principal grupo saído da Rússia em função das leis nacionalizadoras se dirigiu para a Província de Manitoba, no Canadá, e era composto por elementos pertencentes à Igreja dos Irmãos Menonitas – cismática e de influência pietista. Crê-se que o cisma tenha contribuído para a saída especialmente dos últimos, uma vez que os membros da Igreja Menonita Liberal permaneceram na Rússia.

prosperidade. O desenvolvimento dos portos do Mar Negro, aliado ao fertilíssimo solo russo, fez com que as colônias estrangeiras, em especial a dos menonitas, se tornassem grandes produtores de cereais, que eram exportados em grande quantidade para a Europa Ocidental.

Com a prosperidade econômica, a educação, a religião e a cultura passaram a receber maior atenção e surgiram líderes bem preparados que podiam desenvolver essas mesmas áreas. Já em 1818, havia sido fundada uma Associação para Educação Cristã, liderada por Johann Cornies, que iria, com o tempo, controlar todas as atividades educacionais nas colônias menonitas na Rússia. Por meio dela, fez-se uma grande reforma curricular que objetivava uma melhor formação dos professores e o estabelecimento de um sistema educacional exemplar e homogêneo para todas as colônias de menonitas na Rússia.³⁹

O rápido crescimento demográfico dos menonitas levou a uma procura crescente de terras. Os 10.000 colonos existentes em 1800 se tornaram 34.500 em 1859. As terras, no entanto, não acompanharam esse crescimento. Além disso, para evitar excessiva fragmentação das terras produtivas ocasionada por herança, o governo russo determinava que a unidade camponesa básica fosse de 176 hectares, não podendo ser dividida por qualquer razão.

O resultado dessa situação foi muitas famílias logo ficarem sem terras, e seus membros se tornarem cidadãos de classe inferior nas comunidades menonitas. Essas famílias acabaram por receber um pequeno terreno para o cultivo de subsistência dos arredores das aldeias e passaram a ser chamados pejorativamente de *Anwohner*⁴⁰. Os ricos latifundiários, conhecidos como *Landwirte*⁴¹, donos de grandes extensões de terras, eram os únicos que tinham o direito de voto nas eleições, pois esse direito estava ligado à propriedade da terra. Assim, os *Anwohner* tinham que pagar impostos, mas não podiam votar porque não eram proprietários. Em 1835, a situação chegou a tal ponto que, em Molotschna, havia 1384 proprietários e 2356 trabalhadores sem terras.

Para solucionar o problema e evitar a desintegração das colônias menonitas da Rússia, os líderes de Chortitza e de Molotschna, as duas maiores e

³⁹ DYCK, 1992, 160 e 161.

⁴⁰ *O que vive às margens*.

mais ricas colônias, iniciaram um vigoroso programa para juntar fundos para a compra de grandes propriedades em áreas da Rússia, nas quais deveriam ser estabelecidas as chamadas colônias filhas, destinadas aos sem terras. Um prazo de 10 anos para o pagamento das terras seria dado a eles, que deveriam depositá-lo num fundo especial, destinado à compra de mais terras no futuro.

A primeira colônia filha foi estabelecida em 1835, sendo denominada Bergthal. Nos anos subseqüentes, mais de 45 colônias foram fundadas no Planalto de Altai, perto do Lago Baikal e que dispunham de 135 mil hectares de terra cultivável.

O ápice do progresso comunitário dos menonitas na Rússia ocorreu entre 1850 e 1917. Graças ao sistema de colônias filhas, o ritmo do crescimento econômico acompanhou o crescimento populacional. Em 1920, havia 120 mil menonitas na Rússia, sendo que 70 mil viviam na Ucrânia, 40 mil na Sibéria e o restante estava disperso pelas mais diversas províncias do país.

Enquanto os menonitas enriqueciam, o governo russo iniciava um ambicioso programa de nacionalização, o que iria atingi-los profundamente. Como resultado, os limites territoriais das colônias foram alterados. O conceito de colônia fechada desapareceu e os menonitas passaram a se sentir de fato uma minoria étnica, já que agora tinham contato direto com a população russa. Toda a documentação oficial das colônias, que antes era em alemão, passou a ser feita obrigatoriamente em língua russa.

Porém, a maior ameaça ao modo de vida menonita era a obrigatoriedade do ensino da língua russa em todas as escolas e que professores russos seriam enviados a lugares nos quais os menonitas fossem considerados incompetentes para o ensino. Em 1891, por determinação imperial, toda a educação, nos limites do Império Russo, deveria ser ministrada exclusivamente em língua russa. O alemão poderia continuar a ser ensinado, mas somente como língua estrangeira.

A partir desses acontecimentos, possivelmente, os menonitas passaram a ver a língua e a cultura alemãs como parte essencial de sua fé. A maioria deles havia aprendido a identificar-se completamente com suas comunidades fechadas e independentes. Essa era sua nação, e a língua dessa nação era a alemã e não a

⁴¹ Literalmente, “agricultor”.

russo. As mudanças que estavam acontecendo ameaçavam lançar os menonitas no oceano russo e assim assimilá-los. Para eles, seria o fim de sua fé, pois o alemão era a língua sagrada dos menonitas, assim como o hebraico era a dos judeus, ainda que houvesse menonitas, mesmo que poucos, que não viam a questão da língua como essencial.

Com a Primeira Guerra Mundial, aumentou o envolvimento dos menonitas com a sociedade russa. Seus hospitais e lazaretos atendiam a muitos que não eram menonitas. As relações comerciais foram aprofundando o relacionamento entre eles e os russos. Grande número de russos era empregado em fazendas, fábricas e residências menonitas.

Esse relacionamento não foi suficiente para transpor as diferenças sociais, culturais e econômicas existentes. Os menonitas muitas vezes se portavam de forma arrogante e superior, comportamento próprio de uma minoria em ascensão⁴², o que causava péssima impressão aos russos. Essas atitudes, unidas à sua prosperidade, num país no qual a miséria reinava levaram as colônias a terem sérias dificuldades com o advento da Revolução Russa de 1917. Eram suspeitos de colaboração com a Alemanha durante a guerra, em função de serem considerados etnicamente alemães e falarem alemão. Por serem ricos fazendeiros e comerciantes, eram considerados inimigos da Revolução. Com a guerra civil entre os Exércitos Vermelho e Branco, suas propriedades foram devastadas. Logo depois, vieram grupos de salteadores armados roubando tudo que podiam e matando e queimando o que restava.

Em 1923, muitos menonitas iniciaram um fluxo migratório para o Canadá, auxiliado pelo grupo lá estabelecido a partir de 1874. Os que optaram em permanecer, iniciaram a difícil tarefa de reconstruir suas comunidades. Uma organização representativa foi estabelecida em Moscou para servir de mediadora entre eles e o governo russo e defender os interesses dos que ficaram.⁴³

⁴² Cf. ARENDT, 1994. A autora não trata do caso dos menonitas, mas sim dos africânderes na África do Sul, no entanto, podemos fazer uma comparação entre os dois casos, pois para os africânderes, a língua holandesa, ou mais propriamente o *afrikaans*, e a religião calvinista fazem parte do seu ideário étnico, assim como o alemão e a religião anabatista para os menonitas. Além disso, convém ressaltar mais uma vez a condição minoritária de ambos os grupos em seu meio ambiente.

⁴³ DYCK, 1992, 172.

O ano de 1928 marcou o início do desaparecimento das comunidades menonitas da Rússia soviética e a saída em massa de seus membros para o Canadá, Paraguai e Brasil. A gota d'água, após todos os sobressaltos, foi o Primeiro Plano Quinquenal de Stalin que confiscou e coletivizou compulsoriamente a sua maior riqueza: a terra. Numa tentativa de fuga, 13 mil menonitas, junto com outros alemães, rumaram para Moscou, onde se estabeleceram em casas de campo ao redor da cidade e aguardaram permissão para deixar a União Soviética. Após difíceis negociações, o governo alemão que defendia seus residentes na Rússia, conseguiu um salvo-conduto para 5677 dos 13 mil refugiados em Moscou. Os que sobraram, foram deportados para o interior do país.

Os que conseguiram passar para a Alemanha aguardariam algum tempo ainda num campo de refugiados em Mölln, perto de Hamburgo. As negociações com os países receptores ainda tinham sido concluídas. O Brasil se prontificou a recebê-los, mas não lhes concedeu a isenção do serviço militar. O Paraguai, outro país de destino, concedeu-lhes tal isenção. O Canadá, repentinamente, decidiu não receber ninguém. Em função disso, a maioria dos menonitas optou pelo Paraguai, como veremos no capítulo 3.

Deve-se perceber que apesar das constantes mudanças, da Alemanha para a Rússia, da Rússia para o Canadá, do Canadá e da Rússia para o Paraguai os menonitas logram manter a sua identidade étnica. Isto em função de sua tendência ao auto-enclausuramento e tendência sectária, sempre buscando terras isoladas e sem habitantes com os quais possam estabelecer contatos cotidianos.

Mas antes de passarmos para o desenvolvimento da presença menonita no Paraguai, faz-se necessário que se conheça mais profundamente as condições políticas e sociais do país que os recebeu, o que veremos a seguir.

CAPÍTULO 2

2. O PARAGUAI COMO PAÍS DE DESTINO

O objetivo do presente capítulo é promover uma visão geral da história do Paraguai para que possamos entender os motivos que levaram esse país a receber os menonitas. Para tanto, recuaremos até a independência paraguaia e chegaremos até a década de 1940, estudando as vicissitudes e contradições da política paraguaia.

De forma semelhante, devemos ressaltar a importância do presente capítulo, pois as características da sociedade paraguaia, em termos políticos e econômicos, tiveram grande influência na evolução das colônias menonitas nas

décadas de 1930 e 1940. Além disso, parte da elite paraguaia depositava grandes perspectivas na vinda dos colonizadores menonitas. Esta elite via-os como portadores de uma força modernizadora e transformadora que o Paraguai demandava.

Deve-se destacar também a grande lacuna existente no que se refere à historiografia sobre o Paraguai. Existem poucos manuais específicos sobre a história desse país e, em geral, as informações foram encontradas em obras gerais sobre a América Latina. O Paraguai tem sido tratado pela historiografia de forma muito apaixonada. Foi durante muito tempo o lugar da tirania, da barbárie e do atraso. Posteriormente, recuperado por uma particular corrente com tendências esquerdistas, foi tomado como o grande exemplo de nacionalismo frustrado na América Latina.

Segundo Maria Lígia Prado,⁴⁴ a Guerra da Tríplice Aliança, impunha uma justificativa histórica muito forte, da parte do Brasil e da Argentina. Dessa forma, construiu-se, tomando como base algumas características reais do Paraguai, uma imagem absolutamente negativa dos tiranos, de Francia e dos López. Era uma terra que *devia* ser destruída, porque além de todos os *males* de sua formação, era aguerrida e agressiva.

Em direção oposta, a corrente esquerdista mencionada elegeu o Paraguai como a vítima, por excelência, do imperialismo inglês. Nessa análise, o país aparecia como aquele que possuía todas as condições necessárias para um desenvolvimento autônomo, com um futuro brilhante. Entretanto, essa possibilidade foi cortada brutalmente pela intervenção britânica que usou como testas-de-ferro o Brasil e a Argentina.

2.1. Contexto Político e Econômico do Paraguai

Após sua independência, em 1811, o Paraguai, isolado no centro-norte da bacia platina e constrangido por duas potências regionais concorrentes, Brasil e

⁴⁴ PRADO, 1987, 46.

Argentina, foi forçado a regredir a uma economia agrícola quase primitiva. Essa sociedade simples, polarizada entre uma classe aristocrática latifundiária e um dócil e tolerante campesinato, esteve sujeita ao domínio de uma série de ditadores que impuseram ou herdaram um isolamento político e econômico.⁴⁵

O primeiro deles, José Gaspar Rodríguez de Francia, um advogado e filósofo de origem portuguesa, pertencente à aristocracia *criolla*, foi nomeado ditador por um período de cinco anos pelo Congresso em 1814, e depois supremo ditador vitalício em 1816. Depois disso, governou até sua morte, em 1840, sem Congresso, sem oposição e nem imprensa, mantendo, contudo, um exército para protegê-lo e um sistema de espionagem para informá-lo de possíveis opositores. Sua postura foi aceita pela elite paraguaia, pois naquele tempo parecia ser a única maneira de manter o Paraguai independente da Argentina, ou melhor, de Buenos Aires. Para atingir seus objetivos foram-lhe oferecidos poderes absolutos.⁴⁶

Seu sucessor, Carlos Antônio López, governou o país primeiramente como cônsul adjunto e depois, a partir de 1844, como ditador, até sua morte em 1862. López gastou grande parte de seu tempo em estabelecer, promover e beneficiar sua própria família, o que incluía a reserva da sucessão para seu filho, Francisco Solano López. Os mandatos longos e a tendência dinástica dos ditadores paraguaios fizeram os seus contemporâneos pensarem que o Paraguai em futuro próximo seguiria o modelo brasileiro e se transformaria em uma outra monarquia na América do Sul.⁴⁷

O Dr. Francia ampliou o afastamento imposto pela natureza e manteve o Paraguai num isolamento controlado, embora não absoluto, fechado ao mundo exterior, numa postura de permanente defesa contra os perigos que o cercavam. Sua política era uma reação à política de Buenos Aires, que não aceitava a independência paraguaia e se recusava a deixar de tratar o país como se fosse uma província rebelde. Os argentinos bloquearam o tráfico fluvial, tentando estrangular a economia paraguaia, negando-lhes a livre navegação por sua saída natural, o Rio Paraná. Além disso, os caudilhos argentinos das províncias de Corrientes e de Entre

⁴⁵ CHAVES, 1988, 107.

⁴⁶ BETHELL, 2001, 681.

Rios cobravam taxas aduaneiras exorbitantes aos navios que circulavam entre Assunção e Buenos Aires, fustigando e encarecendo o comércio paraguaio. Para garantir a autonomia do Paraguai, Francia ampliou seus poderes ditatoriais e fechou virtualmente o país a qualquer influência estrangeira.

Para diminuir a rigidez da situação, soube atrair apenas os estrangeiros que pudessem servir ao país, como professores, médicos e engenheiros. Permitiu ainda um comércio controlado de produtos específicos em dois portos fluviais de caráter oficial. A exportação de erva-mate, de tabaco e de madeiras duras se fazia com a Argentina pelo porto de Pilar e para o Brasil pelo porto de Itapúa, em troca da importação de armas e de outros produtos manufaturados, sendo todo o comércio rigidamente vigiado e tributado pelo Estado.

Quanto ao mais, o Paraguai, em face da ameaça das grandes potências regionais, precisava obter auto-suficiência econômica e a elite foi forçada a submeter-se ao monopólio do governo. Os principais produtos eram a erva-mate e a madeira-de-lei, embora Francia tenha incentivado também uma produção mais diversificada: tabaco, açúcar e couros. Foram estabelecidas cotas de produção de cereais e de algodão para os fazendeiros, para substituir os importados. O Estado não só controlava a atividade das estâncias privadas, como participava diretamente da produção com seus próprios empreendimentos, estâncias do governo instaladas em antigas terras da coroa, que haviam sido confiscadas da Igreja Católica e de adversários políticos. Existiam cerca de cinquenta dessas estâncias, responsáveis pelo abastecimento de provisões e víveres do exército e dos pobres, em épocas de seca ou crise econômica. A partir de 1880, com a decisão do governo de contratar imigrantes estrangeiros, muitas delas foram divididas e entregues a colonos europeus.

Apesar de possuir uma boa base estrutural econômica, os resultados que o Paraguai alcançava, em termos de produtividade e qualidade do produto, não eram animadores. Como não existia um grande mercado interno, nem uma demanda externa de proporções maiores, a economia operava um pouco acima do nível da estagnação e os padrões tecnológicos permaneciam num estágio primitivo.

⁴⁷ CARDOZO, 1996, 69.

A sociedade paraguaia foi transformada e assumiu uma caracterização peculiar e única na América Latina. A velha elite hispânica e branca do período colonial foi destruída por Francia por meio de uma lei que impedia o casamento entre brancos. Dessa forma, a população paraguaia rapidamente se tornou etnicamente miscigenada e homogênea.⁴⁸ Os proprietários de terras foram arruinados pela perseguição, pela tributação e pelo isolamento. O confisco de fazendas e a proibição do livre comércio de exportação frustraram o desenvolvimento da agricultura comercial e privaram o Paraguai de uma classe de estancieiros comparável à existente nas províncias argentinas, no Uruguai e no Rio Grande do Sul. Mesmo quando essa classe tentou reagir na conspiração de 1820, Francia a esmagou num reinado de terror, aprisionando, executando ou banindo os insurgentes. Segundo Maria Lígia Prado,⁴⁹ a perseguição aos espanhóis latifundiários deveu-se ao fato de advogarem uma maior aproximação com Buenos Aires e seu sistema político, o caudilhismo. Na verdade, as elites brancas paraguaias tinham um grande interesse econômico particular no comércio com as províncias argentinas, chegando a ver com bons olhos a possibilidade do Paraguai tornar-se uma delas. Assim, o caudilhismo no Paraguai não aconteceu porque o poder centralizador de Francia e dos López foi forte o suficiente para impedi-lo. As últimas tentativas de insurreições caudilhescas, como a de Chacho Peñaloza e Felipe Varela, aconteceram às vésperas da Guerra da Tríplice Aliança.

A liquidação da classe aristocrática não significou a ascensão das camadas inferiores. Na verdade, o governo e seus poucos funcionários tomaram o lugar da elite tradicional de fazendeiros latifundiários ou de comerciantes ricos das poucas cidades. Francia, assim, criou uma nova elite, não promovendo mudanças sociais efetivas, nem tomando partido dos camponeses contra a elite latifundiária. A grande massa populacional paraguaia, o desmobilizado povo hispano-guarani, em geral desorganizado e desinteressado por política, assistiu serenamente a ditadura do Dr. Francia. Embora a escravidão quase não existisse mais, reinava como a principal forma de regime de trabalho uma certa servidão da gleba, não remunerada, que seguia ainda o modelo dos aldeamentos jesuítas do período colonial.

⁴⁸ Isso fez com que 95 % da população fosse composta de mestiços de espanhóis com índios.

⁴⁹ PRADO, 1987, 48.

O Paraguai colonial, área secundária na ótica da Coroa espanhola, teve sua economia e sua organização social intimamente ligadas aos jesuítas. Organizados em reduções, os indígenas trabalhavam na coleta de erva-mate que abastecia os mercados regionais próximos. A produção era bem estruturada, promovendo uma agricultura de subsistência; ao lado da coleta de erva-mate, plantava-se milho, legumes e algodão. Cada aldeia possuía um rebanho de ovelhas para a confecção do vestuário. Chegou-se a produzir armas de fogo e instrumentos agrícolas.⁵⁰

2.1.1. Os López chegam ao poder

O sucessor de Francia, Antonio Carlos López, modificou sua política em alguns aspectos importantes. López, um típico mestiço paraguaio, filho de espanhol com uma guarani, causava má impressão aos estrangeiros, mas não aos paraguaios, entre os quais era popular. Foi também um ditador, porém mais benevolente e afável do que Francia. Deteve o poder total, mas soube libertar prisioneiros políticos e instituir um sistema de educação pública fundamental de boa qualidade, que eliminou o analfabetismo entre a população adulta antes de qualquer país da Europa. Organizou um sistema judiciário simples e ágil e fundou os primeiros jornais paraguaios. Manteve o controle da propriedade da terra e da economia nas mãos do Estado. Com relação ao sistema de Francia, as alterações introduzidas por López acabaram com o isolamento do Paraguai e introduziram rudimentos de modernização.

Ainda na década de 1840, López permitiu a entrada de muitos comerciantes e artesãos estrangeiros, bem como de muitos médicos. Com a queda de Rosas, na Argentina, e a conseqüente abertura da navegação fluvial, López começou a importar tecnologia em larga escala. Essa importação tinha como objetivo prover ao Paraguai o acesso às técnicas, aos equipamentos e a uma infraestrutura moderna de indústria, de transporte e de defesa. O principal fornecedor desses recursos foi o Reino Unido. Seu filho, Francisco Solano López, foi enviado à

⁵⁰ PRADO, 1987, 47.

frente de uma missão técnica para comprar armas e equipamentos navais e recrutar engenheiros e consultores especializados.

O grupo visitou a Grã-Bretanha, a França e a Espanha, em 1853-1854. Em Londres, Francisco López contratou com uma empresa de construção naval, o envio de suprimentos e pessoal técnico especializado. O Paraguai logo se tornou um de seus melhores clientes. Encomendou um navio de guerra a vapor, comprou equipamentos e armas, contratou engenheiros e fez arranjos para o treinamento de aprendizes paraguaios.

Seguiu para o Paraguai uma equipe de técnicos ingleses, médicos e consultores militares. Com maquinaria e equipamentos ingleses foram construídos um estaleiro, um novo cais e uma doca seca, tornando possível fabricar e reparar navios a vapor, já em 1860. Em 1856, fundou-se um arsenal com capacidade para produzir canhões e equipamentos navais. No período de apenas alguns anos, foram instalados fábricas, uma fundição de ferro e um sistema moderno de telégrafos para comunicação interna e externa. Ainda em 1856, iniciou-se a construção de uma estrada de ferro para ligar Assunção com Villarrica e foi inaugurada uma marinha mercante estatal com navios de construção paraguaia.⁵¹

Os avanços pelos quais passava o Paraguai continham algumas características próprias. Em primeiro lugar, o processo não representou um fluxo contínuo de capital de investimento para o Paraguai. O governo trouxe tudo diretamente do exterior, pagando muito dinheiro pelos equipamentos e altos salários para o pessoal contratado. Dessa forma, não gerou dependência do exterior, mas careceu de continuidade. Em segundo lugar, foram essencialmente contratos de defesa mais do que instrumentos de modernização em qualquer sentido econômico a longo prazo. É verdade que criou-se uma nova infra-estrutura, que, no entanto, visava apenas propósitos militares e não o desenvolvimento econômico e social da nação. Muito se tem falado nos meios historiográficos que o Paraguai, em meados do século XIX, era uma florescente nação industrial no coração da América do Sul e que fora aniquilada pela Guerra da Tríplice Aliança. Essa visão é no mínimo otimista e supervaloriza o desenvolvimento paraguaio voltado, como vimos, aos interesses

⁵¹ CARDOZO, 1996, 68.

bélicos. Em terceiro lugar, a estrutura da sociedade não foi basicamente alterada. Em certo sentido, o governo paraguaio *importou* uma classe média: engenheiros, arquitetos, médicos, professores, comerciantes e artesãos. Na década de 1860, metade de todos os alvarás comerciais estavam nas mãos dos estrangeiros. Mas esses quase não deixaram marcas na sociedade paraguaia, pois se integraram a ela, deixando-se assimilar.

A modernização esteve na dependência da segurança regional do Paraguai e o governo dos López buscou realizá-la. Tentaram estabelecer canais de comércio mais amplos do que aqueles permitidos por Francia e abrir o Paraguai ao mundo moderno; permitiram o comércio pelo Rio Paraná, com todas as nações, mas dependiam da persuasão dos caudilhos de Corrientes, de Entre Rios e Buenos Aires em viabilizar a passagem dos navios. Por isso, o Paraguai era um adepto incondicional da doutrina de internacionalização dos rios navegáveis, no que encontrava um forte apoio do Brasil.

Os resultados foram variados. As fronteiras com a Argentina e com o Brasil não haviam sido asseguradas e continuavam sendo uma fonte de constante atrito. Além disso, Antônio Carlos López encontrou dificuldades em manter o avanço do Paraguai contra Rosas, o ditador de Buenos Aires, que considerava o país vizinho uma província rebelde, restringindo-lhe o uso do sistema fluvial. Por sua vez, a aliança com a província argentina de Corrientes e com o Brasil teve pouco sucesso. Rosas reagiu com um bloqueio e López respondeu com a guerra em 1845. Mas essa foi uma atitude prematura, pois o Paraguai ainda não possuía um poder militar independente e somente poderia enfrentar uma guerra com o apoio do Brasil, mas, nesse caso, entraria na órbita imperialista do gigante vizinho, que tencionava diminuir o poder da Argentina no sistema platino.

Foram essas experiências humilhantes que levaram López a modernizar o país. A queda de Rosas, na qual o Paraguai não teve outra participação além de uma aliança formal com o Brasil, gerou condições para romper o isolamento. Em 1853, a Confederação Argentina declarou livre a navegação dos rios do sistema

platino.⁵² Entre 1852 e 1860, pelos tratados que as potências americanas e européias assinaram com López, o sistema fluvial foi aberto aos barcos estrangeiros.

O novo comércio daí resultante não redundou em liberdade irrestrita para a economia paraguaia. No caso de alguns produtos, atraiu uma concorrência que prejudicou a produção local, até então protegida pelo isolamento, como foi o do algodão, que era largamente cultivado para consumo interno. No entanto, depois de 1852, as indústrias estrangeiras penetraram rio acima e a população deixou de pagar setenta e cinco centavos de dólar por jarda pelo tecido nacional, quando podia comprar o importado por dez. Até mesmo a madeira originária da América do Norte era vendida em Corrientes a preços melhores do que a madeira local.

Como o Congresso paraguaio havia concedido a López o direito de nomear um sucessor temporário, antes de morrer, em 1862, nomeou o próprio filho. Apesar de aparentar um caráter transitório e temporário, o poder de fato já estava nas mãos de Francisco Solano López. Sua educação fora semelhante a de um príncipe herdeiro. Dentro dos limites de seus talentos escassos e excêntricos, fora educado para o poder e toda sua formação fora destinada a transformá-lo no líder militar de um novo Paraguai. Admirava não apenas a tecnologia inglesa, mas também as idéias imperialistas de Napoleão III e retornou da excursão à Europa com grandes projetos para o futuro de seu pequeno país. Sonhava com um império sul-americano, governado a partir de Assunção e comandado por ele próprio. E, para atingi-lo, colaborou estritamente com seu pai na construção de uma máquina militar e de sua base industrial.

2.2. A Guerra da Tríplice Aliança

Quando sucedeu ao pai no governo, López estava decidido a projetar essa nova força para o exterior e converter o Paraguai no guardião do equilíbrio de poder no Rio da Prata. O exército criado pelo Dr. Francia havia consumido uma grande parcela do orçamento, mas não contava com mais de 1.500 soldados em Assunção

⁵² CERVO & BUENO, 1992, 106.

e talvez o mesmo número nas fronteiras. Francisco Solano López aumentou o efetivo do exército permanente para 28 mil homens e criou um protótipo ameaçador de um estado militar, seguindo o exemplo prussiano, que nesse mesmo momento, na Europa Central, concluía o processo de unificação alemã, calcado nos meios militares.

Solano deu continuidade à política de intervenção do Estado, de controle da economia e de monopólio da erva-mate e de sua exportação, em contraste com as políticas de liberalismo econômico que prevaleciam em Buenos Aires, onde era atacado e ridicularizado pela imprensa. López era um crítico feroz da política posta em prática pela Argentina, em parte por autodefesa, em parte por razões ideológicas. E era da opinião de que por meio de um despotismo benevolente, o Paraguai conquistaria a ordem, o progresso material e social e o poderio militar.

Já na Argentina, o novo regime que sucedeu ao tirano Rosas estava procurando remodelar a nação segundo um projeto liberal de cunho inglês. Mas os federalistas argentinos viam no Paraguai o último baluarte da autonomia e da tradição contra a revolução centralizadora e liberal. Assim, dois modelos rivais competiam pela supremacia no Rio da Prata: o constitucionalismo contra o absolutismo, o liberalismo contra a tradição, Mitre contra López. E cada lado temia ser infectado pelo outro.

López estava disposto a resistir ao avanço dos princípios liberais e ao domínio econômico da Argentina, mas teve de enfrentar também a disseminação da influência e do poderio brasileiros para o sul, na direção do rio da Prata. A política do Paraguai com relação ao Brasil foi um teste de habilidade política. É fato que as relações do Dr. Francia com o império vizinho geralmente tinham sido amistosas e os brasileiros haviam apoiado a posição de Carlos Antônio López contra Rosas, mas depois disso as relações entre os dois países se deterioraram.⁵³ A disputa de fronteiras convenceu López de que o Brasil ameaçava a segurança do país e de que a reivindicação de livre navegação e de territórios sob disputa na fronteira era parte de uma iniciativa mais ampla, qual seja, o projeto imperialista brasileiro sobre a bacia platina. Essa estratégia geopolítica consistia em impedir que os estados da região se

⁵³ CERVO & BUENO, 1992, 107.

unissem em prejuízo do Brasil. Daí resultando uma Argentina mais poderosa, que anexando os antigos territórios do Vice-reino do Prata, pudesse rivalizar com o Brasil em sua hegemonia na América do Sul. Mesmo assim, López recusou-se a negociar um acordo sobre as fronteiras ou sobre qualquer outra questão com o Brasil ou com a Argentina.

Ao mesmo tempo, relutou em tomar iniciativas de cunho militar, que eram as únicas alternativas que lhes restavam. É preciso enfatizar que Francisco Solano López tinha convicções mais fundamentais: desprezava os brasileiros intensamente por questões raciais, em função da origem africana de boa parte da população brasileira e acreditava que a reorganização nacional da Argentina iria fracassar, no que se equivocou.

Estava disposto a levar as premissas de seu pai à sua conclusão lógica: a guerra contra a Argentina e contra o Brasil era a única saída para o estabelecimento da segurança nacional paraguaia e da defesa da tradição e dos interesses mais profundos do Paraguai. A situação da política internacional regional era propícia. Ao mesmo tempo em que se via ameaçado por alianças entre brasileiros e argentinos, também tinha aliados potenciais: os caudilhos rurais da Argentina e os blancos tradicionalistas do Uruguai.

De outra parte, os adversários dos paraguaios também não estavam unidos. Uma guerra contra o Paraguai não era bem vista entre a população argentina. Muitos a consideravam como uma estratégia dos antiliberais, cujos resultados seriam uma ampliação do poder do Estado, o aumento do exército nacional e, embora possibilitasse a alguns lucrar com o fornecimento ao governo, sobrecarregaria a nação com mais impostos. Além disso, muitos argentinos não viam no Brasil um aliado confiável. Era amplamente conhecido em Buenos Aires, que a Argentina não conseguiu restabelecer o território do Vice-reino do Prata, porque os brasileiros deram sustentação para que Uruguai, Paraguai e Bolívia permanecessem independentes. Derramar sangue argentino em apoio às ambições imperialistas da monarquia escravocrata era algo de difícil aceitação para um grande número de argentinos.

Politicamente, do ponto de vista interno, a guerra com o Paraguai não era desejável, pois poderia propiciar aos caudilhos provinciais um retrocesso a uma Argentina mais primitiva, em oposição a Buenos Aires e em apoio a interesses regionalistas. López tinha superioridade militar, mas não teve a habilidade para explorar essas divisões internas da Argentina ou entre a Argentina e o Brasil e, imprudentemente, desperdiçou suas vantagens.

O Paraguai foi uma vítima da Argentina, do Brasil e de seu próprio governante, mas foi esse último que consentiu em desempenhar o papel de agressor. As exigências de López ao Brasil e à Argentina no sentido de uma declaração de intenções foram ignoradas. Então, enviou um ultimato ao Brasil, que foi rejeitado. Exigia que o Uruguai não fosse invadido. Mas o Uruguai foi invadido e, em novembro de 1864, López rompeu relações com o Brasil, apreendeu um navio brasileiro em Assunção e invadiu o Mato Grosso. Esse foi o primeiro de seus muitos equívocos estratégicos: talvez tivesse sido mais conveniente atacar o Brasil no Uruguai, mas não no coração de seu próprio território.

Em janeiro de 1865, López pediu permissão à Argentina para atravessar Misiones a fim de chegar até o Brasil. A permissão foi recusada e, em março, López declarou guerra à Argentina e invadiu Corrientes. Isso deu a Mitre, o presidente argentino, os motivos para fazer uma aliança com o Brasil sem provocar um desastre político nacional. Portanto, Mitre declarou guerra a López, aliando-se ao Brasil e ao governo de Flores, no Uruguai.

Mas a guerra foi apresentada como uma cruzada em nome da civilização e da liberdade. Essa foi a idéia divulgada para a opinião pública dos aliados. O tratado de aliança continha cláusulas secretas, que estipulavam a anexação pelo Brasil do território sob disputa ao norte do Paraguai e a cessão à Argentina de regiões no leste e oeste do Paraguai e a guerra não cessaria até a total destruição do governo guarani. Os aliados estavam determinados a remover o foco de atração que um Paraguai forte exercia sobre suas regiões periféricas.

Para o Paraguai, essa foi uma guerra pela sobrevivência. De todo modo, uma guerra contra os dois grandes vizinhos estava fadada a ser um teste debilitante e severo para uma economia de base tão estreita. Solano López precisava de uma

vitória rápida e, se não a conseguisse, provavelmente não venceria nunca. Se se tivesse mantido na defesa, o Paraguai teria sido praticamente invencível, pois em comparação com as forças armadas terrestres do Paraguai, as do Brasil e da Argentina estavam em total desordem.

Da forma como as coisas aconteceram, Solano López teve de atacar indiscriminadamente e dispersou suas forças. Já no início da guerra, em junho de 1865, sua frota foi praticamente pulverizada pelos brasileiros que, na época, tinham uma das melhores marinhas do mundo. Com isso, os brasileiros puderam penetrar no território paraguaio. As condições de vida se deterioraram brutalmente para o povo paraguaio. O abastecimento de bens e víveres foi cortado pelos aliados. O exército foi massacrado e muitos dos seus integrantes, inclusive os consultores estrangeiros foram mortos pelo próprio López insandecido, que acreditava estar cercado tanto de conspiradores quanto de inimigos. O horror chegou ao fim quando López foi morto na batalha de Cerro Corá, em março de 1870.

Os resultados foram cataclísmicos para a nação guarani. No entanto, a visão de que o país perdeu um milhão de habitantes é um completo exagero. A simples realidade dos fatos é suficientemente comovente. O Paraguai perdeu metade de sua população, que caiu de 406.646 habitantes em 1864, para 231.000 em 1872.⁵⁴

O país que se mantivera por tanto tempo isolado e intacto foi dilacerado e devastado. O modelo de desenvolvimento independente dos três primeiros ditadores paraguaios estava morto. A reconstrução do país seguiu o modelo dos argentinos e uruguaios, de crescimento orientado para a exportação, mas não conseguiu atingir o grau de sucesso e de modernização dos dois países.

No plano político, o Paraguai se desintegrou. A era dos grandes ditadores chegara ao seu fim e nada preenchia o vácuo deixado pela administração personalista, pois Solano López não deixara herdeiro político. A oposição que se exilara em Buenos Aires retornou e a vida política paraguaia passou a ser um

⁵⁴ BETHELL, 2002, 688.

arremedo de golpes sucessivos, trocando de caudilhos e de constituições inexecutáveis.⁵⁵

A versão paraguaia de desenvolvimento independente foi um grande desperdício de energia, de dinheiro e de vidas. Se algo foi provado era o fato de ser impossível criar uma Prússia na América do Sul e que Solano López não era um Frederico II.

2.3. Liberais no Poder

Com a derrota e a ocupação, a primeira preocupação dos diplomatas e militares brasileiros foi garantir com sua presença a independência paraguaia e assim frustrar os planos expansionistas da Argentina.⁵⁶ Ademais, os políticos paraguaios nada faziam sem antes consultar os brasileiros. Nessas condições, a soberania paraguaia era muito relativa e contra esse estado de coisas que muito prejudicava os seus interesses a Argentina resolveu reagir.

Por ironia, a existência do Paraguai como Estado independente é que garantia o equilíbrio entre as duas grandes potências sul-americanas. Como a Argentina não possibilitava o acordo entre o Paraguai e as potências vencedoras da guerra, o Brasil resolveu encontrar uma solução bilateral e assinar um tratado de paz em separado com os paraguaios, colocando-se depois no papel de potência protetora e garantindo a independência e a integridade territorial do Paraguai frente aos argentinos.

Recém saído de uma guerra devastadora, o Paraguai, em 1878, começou a sentir os prenúncios de um novo confronto que se avizinhava. O embate dessa vez seria ao norte, com a Bolívia, pela posse de um vasto território – o Chaco – supostamente rico em petróleo e gás natural.

⁵⁵ BETHELL, 2002, 687.

⁵⁶ CARDOZO, 1949, 267.

Segundo Cardozo,⁵⁷ muitos fatores tiveram influência para que finalmente eclodisse a guerra entre o Paraguai e a Bolívia pelo domínio do Chaco. De acordo com a doutrina do *Uti Possidetis*, a Bolívia alegou direitos sobre todo o território, com títulos da Audiência de Charcas e o Paraguai, direitos provenientes das ordenações territoriais da Coroa da Espanha, desde as capitulações do século XVI até as ordens dos intendentes de 1782 e 1810. A confusão era total, pois ambos os países nem sequer estavam de acordo sobre a matéria em litígio, que segundo a alegação boliviana, versava sobre todo o Chaco e segundo os paraguaios apenas sobre as linhas demarcatórias de fronteira da região.

Na verdade, o Paraguai, que dessa vez acabou vencendo a última guerra de grandes proporções na América do Sul,⁵⁸ já havia tido o reconhecimento e a confirmação de seus direitos sobre o Chaco por ocasião de um relatório de uma comissão arbitral presidida pelo presidente americano Rutherford Hayes, em 1877. Com esse documento, os paraguaios tiveram reconhecidos seus direitos sobre o território. A Bolívia se lançou no confronto em busca de uma saída para o Rio Paraguai e assim garantir uma rota de exportação de seus produtos e anexar territórios presumidamente petrolíferos.⁵⁹ Além disso, o interesse do Departamento de Estado norte-americano dava suporte aos bolivianos e estava trabalhando para assegurar o acesso ao Chaco para algumas empresas petrolíferas norte-americanas que tinham um *lobby* junto ao Partido Republicano, em Washington. Com a vitória dos democratas nas eleições americanas seguintes, o apoio governamental cessou.

É importante que se destaque aqui que o palco dos conflitos, o Chaco, foi o local escolhido pelo governo paraguaio para estabelecer as primeiras colônias menonitas a partir de 1927. O governo de Assunção estava ansioso para confirmar a presença paraguaia nessa região. Assim, a vinda dos menonitas foi bem recebida pelas autoridades do Paraguai, que imediatamente os deslocaram para o Chaco, quase desabitado.

⁵⁷ CARDOZO, 1996, 111.

⁵⁸ A guerra do Chaco durou de 1932 a 1936, sendo que as negociações finais ocorreram em 1938, pela comissão arbitral da Liga das Nações, em Genebra.

⁵⁹ CARDOZO, 1996, 113.

Essa estratégia de povoar territórios litigiosos com nacionais ou imigrantes leais não era nova. Brasil e Estados Unidos, em seus projetos de colonização interna, levaram em conta assentar imigrantes em terras contestadas. A tarefa dos colonos era ocupa-lás e desenvolvê-las, mas também garantir sua posse.

Os menonitas fizeram mais do que isso. Naquela região não pegaram em armas em função de sua objeção de consciência com relação ao uso da guerra e da força para resolução de conflitos, mas souberam atrair a simpatia da opinião pública paraguaia ao fornecer alimentos e montaria para o exército, abrir seus hospitais para os soldados feridos e tratá-los,⁶⁰ conforme veremos nos capítulos seguintes.

Finalizados os combates em 1936 e concluída a Guerra do Chaco, vemos também ser desmontada a democracia liberal no Paraguai. Com a deposição do presidente Rafael Franco e a ascensão de governos militares autoritários, alternados por momentos de desordem social, o Paraguai vai seguir o exemplo de boa parte da América Latina das décadas de 1930 e 1940.⁶¹

2.4. Paraguai: Um Jardim na América?

Cabe aqui ainda expor a visão que se tinha sobre o Paraguai no cenário internacional; como o mundo via o pequeno país isolado no interior da América do Sul? As fontes que foram localizadas fazendo referência a esse assunto são, em sua maioria, periódicos de origem americana (publicações mensais tipo *Reader's Digest*) que circulavam por toda a América Latina em traduções em português e espanhol.

Segundo John Gunther,⁶² um dos periodistas americanos que visitaram a América do Sul nesse período, o Paraguai era o mais afastado e pitoresco Estado das Américas. Dominado pelo imperialismo argentino e pela mais aterradora pobreza, era o único Estado americano no qual os índios dominaram o conquistador espanhol. A união entre espanhóis e índios resultou num povo mestiço homogêneo,

⁶⁰ KLASSEN, 1996, 99.

⁶¹ GOIRIS, 2000, 20.

⁶² GUNTHER, 1943, 289.

que apesar de muito pobre, não era miserável como os índios dos altiplanos do Peru e da Bolívia.

Não passou despercebida a forte influência que o fascismo exercia sobre os governos paraguaios. Todos os presidentes do Paraguai nas décadas de 1930 e 1940 eram admiradores principalmente de Mussolini, mas também da Falange espanhola e dos nacional-socialistas. Gunther percebeu as pronunciadas simpatias do presidente Morínigo⁶³ pelos totalitários, assim como as tentativas de se construir um Estado corporativo no Paraguai, nas bases de *Disciplina, Hierarquia e Ordem*.⁶⁴ Falava-se de uma *Revolução Paraguaia Nacionalista* e era clara a aversão pelo comunismo, pelo liberalismo e pela democracia liberal com seus partidos.

Morínigo governava apoiado por uma junta de jovens oficiais, conhecida como a *Sociedade Secreta do Poder*. Os partidos tradicionais do Paraguai continuaram a existir: o Colorado, conservador e defensor dos interesses dos latifundiários e grandes comerciantes de Assunção; o Azul era liberal e representava os interesses da classe média urbana, dos funcionários públicos e dos profissionais liberais. O Partido Colorado esteve fora do governo por mais de 30 anos e as administrações liberais que o substituíram eram corruptas, ineptas e decadentes.

Com o fim da Guerra do Chaco (1936), os jovens soldados retornaram a Assunção sedentos de mudanças. Era o início do predomínio militar na política paraguaia. O primeiro golpista, em 1936, foi o coronel Rafael Franco, que ficou no poder por apenas 18 meses. Seguiu-o o civil Félix Paiva, que conseguiu se manter no poder até 1939. Foi sucedido legalmente pelo jovem herói da Guerra do Chaco, general José Félix Estigarribia, que morreu logo após, em um acidente aéreo suspeito. Assume então Higínio Morínigo, o *Vargas paraguaio*, que permaneceu no poder até 1948.

Ainda segundo Gunther, o General Estigarribia era um partidário decidido da política externa dos Estados Unidos e em troca de ajuda financeira, estava disposto a ceder bases aéreas aos americanos. De modo semelhante, apesar das tendências totalitárias internas, o sucessor de Estigarribia, Para que se possa dar

⁶³ Higínio Morínigo, presidente, depois ditador do Paraguai entre 1940 e 1948.

⁶⁴ GUNTHER, 1943, 291.

continuidade ao tema proposto, é necessário que agora se explique as bases da imigração de europeus para o Paraguai, em especial de alemães e entre eles os menonitas, destacando seus fatores de organização, de integração política e social no Paraguai.

CAPÍTULO 3

3. A DESCOBERTA DO PARAGUAI PELOS MENONITAS

3.1. Antecedentes da Imigração Européia para o Paraguai

A iniciativa de suprir a demanda por mão-de-obra européia e povoar com ela espaços vazios era muito comum na cena política de vários países americanos, desde o início do século XIX. Desde a independência, Estados Unidos, Brasil, Canadá e Argentina procuraram atrair imigrantes europeus para prover trabalhadores aos vários setores da economia nacional e garantir a ocupação de territórios com população rarefeita.

Algo diferente ocorreu com o Paraguai. Somente após a Guerra da Tríplice Aliança foi que os paraguaios começaram a se preocupar mais freqüentemente com

o tema, no sentido de atrair imigrantes europeus para o país.⁶⁵ Antes disso, porém, o governo paraguaio deu mostras de estar consciente de que, para fomentar o desenvolvimento da manufatura e da indústria nacionais, tornava-se necessário abrir o país para a imigração estrangeira.

Segundo Schmitt,⁶⁶ o governo paraguaio, já em 1840, havia percebido que a única possibilidade para o progresso das nações menos desenvolvidas era fazer vir do exterior especialistas nos mais diversos campos do saber para torná-los mestres da população nativa, possibilitando assim algum avanço na economia e na sociedade locais.

Em 1844, o ditador Carlos Antônio Lopez preparou uma série de regimentos e decretos destinados a regulamentar a situação legal dos estrangeiros no país e possibilitar-lhes a concessão de naturalização e cidadania. O objetivo principal de Lopez com esta legislação consistia mais em uma forma de fixar os especialistas estrangeiros no país do que regularizar as condições para uma imigração em larga escala para o Paraguai. Somente após 1870 foi que se teve esse objetivo.⁶⁷

A partir de 1854, ocorreram tentativas de arregimentar colonos na França, Espanha, Alemanha, Bélgica e Suíça, de preferência católicos. Para tornar o país mais atrativo aos europeus, terras gratuitas e isenção do serviço militar foram oferecidos aos colonos. Dessa tentativa surgiu a colônia Nova Bordéus, com colonos franceses da Aquitânia e dos Pireneus, que resultou em um grande fracasso motivado principalmente pelo baixo número de agricultores entre os colonos.⁶⁸

A derrota paraguaia na Guerra da Tríplice Aliança foi determinante na elaboração da política migratória paraguaia após 1870. A guerra havia devastado de forma quase irreparável o Paraguai. A população foi reduzida a cerca de 250 mil, em sua maioria mulheres, crianças e homens velhos ou doentes. Para tentar recuperar o país da devastação, as portas do país foram abertas de tal maneira como nunca antes fora visto no continente americano. As exigências e pré-requisitos foram

⁶⁵ BERGMANN, 1994, 22.

⁶⁶ SCHMITT, 1963, 41.

⁶⁷ VELAZQUEZ, 1981, 147.

⁶⁸ SCHMITT, 1963, 104.

reduzidos ao mínimo e todos os que desejavam imigrar para o Paraguai eram virtualmente aceitos.⁶⁹

Após 1888, as melhores terras do Estado, situadas às margens dos rios e das ferrovias, foram colocadas à disposição dos imigrantes. Foi determinado o tamanho médio de uma colônia – 22.500 hectares – e o número mínimo de habitantes – 140 famílias/700 indivíduos – para obter o usufruto de privilégios concedidos por lei. Na prática, cada colônia estrangeira era considerada como um município e virtualmente funcionava como tal. O Estado garantia o sustento da colônia nos primeiros anos, além de fornecer gado, sementes, ferramentas, plantas e dinheiro para iniciar o empreendimento. Apesar de tantos benefícios e vantagens, os resultados auferidos continuavam insatisfatórios. O governo era criticado até mesmo por representantes estrangeiros que viam com temeridade os paraguaios abrindo os cofres públicos a desconhecidos que se apresentavam como agricultores e recebiam dinheiro sem precisar oferecer garantias de que ao menos se fixariam no Paraguai. Talvez a reputação que o país carrega nos dias atuais, de terra de fronteira sem lei, tenha sido possibilitada por essa política de liberalidade para com os estrangeiros.

A partir de 1903 iniciou-se a implantação de uma nova política imigratória com o objetivo de possibilitar uma melhor seleção, por parte dos cônsules paraguaios na Europa, dos interessados em imigrar para o Paraguai. Essa nova política previa também a instalação de colônias fechadas para grupos étnicos distintos, apesar de esse tipo de colonização não contar com a simpatia da opinião pública paraguaia, bastante nacionalista.⁷⁰ Assim, o governo paraguaio implantou como oficial uma tendência para o movimento imigratório seletivo que já se fazia sentir desde 1870. Dentro dessa perspectiva, o Paraguai começava a ampliar a divulgação do país como pólo de imigração, especialmente nos países de língua alemã.

Isto porque os alemães eram tidos, na época, como um dos melhores tipos de imigrantes, alegando-se serem eles industriais, disciplinados e laboriosos.

⁶⁹ KLASSEN, 2001, 19.

⁷⁰ FISCHER-TREUENFELD, 1906, 219.

Influenciou também tal iniciativa o fato de que, naquele momento, a Alemanha não era vista como uma potência imperialista, no padrão de Grã-Bretanha e França. Além do mais, era bem conhecido dos paraguaios o sucesso que teve a imigração alemã para os Estados Unidos, Argentina e Brasil.

Por outro lado, a partir do início do século XX, começou a surgir na Alemanha uma série de livros de viajantes que falavam do Paraguai como um país de imigração. Robert von Fischer-Treuenfeld, um entusiasta da imigração alemã para o Paraguai, falava que esse país era subestimado pelas companhias colonizadoras e que possuía um grande potencial econômico, sendo comparado em suas condições geográficas a um estado do meio-oeste americano, como Kansas ou Missouri,⁷¹ sendo capaz de abrigar centenas de milhares de imigrantes alemães. Fischer-Treuenfeld, em seu livro *Paraguay in Wort und Bild*, criticava a imigração alemã concentrada na América do Norte, onde empresas e negócios alemães sofriam grande concorrência de seus congêneres americanos. Melhor seria, segundo ele, aumentar o fluxo para a América do Sul, onde havia espaço para o domínio econômico alemão, contando com o concurso dos imigrantes. Em outras palavras, defendia que se utilizasse as colônias alemãs como portas de entrada para a expansão indireta do capitalismo alemão na América do Sul.⁷²

De forma semelhante, o embaixador alemão acreditado em Assunção escrevia em 1901 que o Paraguai era o país ideal para receber o investimento de pequenos capitalistas.⁷³ Exageros no que se refere à fertilidade e produtividade da terra paraguaia não deixavam de ser mencionados como estratégia de propaganda. Para Otto Bürger, o mel e o leite fluíam em verdadeiros rios no Paraguai.⁷⁴

⁷¹ Estes estados eram conhecidos na Alemanha por serem centros de imigração alemã na América do Norte.

⁷² Na perspectiva do imperialismo indireto, empresas comerciais e casas bancárias alemãs na América do Sul sempre buscaram o apoio dos imigrantes alemães localizados em países como o Brasil, Chile e Argentina. Os imigrantes seriam não apenas consumidores dos serviços e produtos que essas empresas ofereciam, mas seriam também “colpoltores” ou instrumentos de divulgação e propaganda dos produtos alemães entre a população nativa. Para tal, os imigrantes eram incentivados a se integrarem na vida cotidiana do país receptor e estabelecer relacionamentos com os habitantes naturais do local. Isso se deve ao fato de que a Alemanha havia chegado tarde à corrida pelas colônias e que esse imperialismo indireto foi uma forma encontrada pela burguesia alemã de contornar as dificuldades impostas pela concorrência de outras potências imperialistas.

⁷³ WANGENSTEIN, 1901.

⁷⁴ BUEGER, 1927, 40.

A verdade é que havia um grande desconhecimento acerca do que era o Paraguai, o que resultava em prevenção com relação ao país entre os interessados em imigrar. Para tentar superar essa situação, campanhas de divulgação eram feitas para tentar apagar a lembrança de experiências negativas do passado, como por exemplo, a da colônia Nova Germânia, de Bernhard Förster, que era casado com a irmã do filósofo Friedrich Nietzsche, em 1886, e que resultou em um grande fracasso e no suicídio do empreendedor. Tal fato parece haver sido amplamente divulgado na Europa. Apesar dos contratemplos, a imigração de alemães para o Paraguai assumiu uma certa regularidade.

3.2. Os Teuto-Brasileiros Descobrem o Paraguai

A historiografia paraguaia⁷⁵ destaca ainda a presença de grande número de remigrantes teuto-brasileiros, que alcançaram o Paraguai por via das províncias argentinas de Corrientes e Misiones. A presença de teuto-brasileiros é destacada desde 1900, atraídos por boas propostas do governo paraguaio. Pela iniciativa de empreendedores pioneiros, chegou-se à fundação da colônia Hohenau, nas terras altas junto às margens do Rio Paraná, perto de Encarnação. Essa colônia, considerada a Blumenau do Paraguai⁷⁶, caracterizou-se por conseguir manter uma grande unidade étnica e por alcançar algo raro entre as colônias alemãs no Paraguai, um grande sucesso econômico.⁷⁷ Em 1906, o explorador alemão Friedrich Mayntzhusen fundou uma colônia que levou o nome de Capitán Meza, com centenas de famílias teuto-brasileiras do Rio Grande do Sul.

A partir de 1911, iniciou-se um período de intensa fundação de colônias pelo vale do Rio Paraná, sempre com colonos do Brasil. Nesse mesmo ano, foi fundada a colônia Obligado; em seguida, Bella Vista, também com teuto-brasileiros.⁷⁸ Deve-se notar que essa grande presença de teuto-brasileiros na colonização do Paraguai reflete o fato de que as frentes de colonização no sul do

⁷⁵ KLASSEN, 2001, 32.

⁷⁶ Dada a alta concentração de população germânica.

⁷⁷ FRETZ, 1962, 75.

⁷⁸ KLIEWER, 1941, 57.

Brasil já estavam se esgotando, pois as regiões oeste do Paraná e de Santa Catarina já começavam a ser ocupadas por descendentes de imigrantes. Some-se a isso que as vantagens oferecidas pelas autoridades paraguaias eram muito interessantes. Além do que, no que se refere aos sentimentos xenófobos, que de certa forma eram sentidos no Brasil, não o eram no Paraguai, mesmo em se tratando do período da Primeira Guerra Mundial.⁷⁹

O primeiro assentamento de alemães após a guerra situava-se a cerca de 20 km de Villarrica, no centro-sul paraguaio. Os primeiros imigrantes acolhidos eram originários da Namíbia e da Tanzânia, antigas colônias alemãs que foram perdidas em decorrência do Tratado de Versalhes e posteriormente abocanhadas pela Grã-Bretanha, que expeliu os antigos colonizadores em 1920. O governo paraguaio, por meio do departamento de imigração, colocou à disposição cerca de 10.000 hectares de terras públicas para o assentamento dos colonos. Rapidamente a colônia progrediu, recebendo o nome de Independência e em 1924 recebeu uma nova leva de imigrantes, dessa vez, de Baden, Württemberg e Württemberg-Hohenzollern. Em seguida, somaram-se àqueles, teuto-brasileiros de Santa Catarina.⁸⁰ Em 1931, mais uma vez, o governo paraguaio colocou terras à disposição das companhias colonizadoras. Fundou-se então a colônia Carlos Pfannl para judeus de língua alemã, austríacos e alemães dos Sudetos.

Durante toda a década de 1920 e 1930 a imigração alemã para o Paraguai se consolidou. Com o fluxo imigratório, a colônia alemã no Paraguai contava cerca de 16.000 pessoas em 1933 e dezenas de colônias haviam sido fundadas na região oriental do Paraguai, situada entre os rios Paraná e Paraguai. Entretanto, num quadro comparativo, Brasil, Argentina e Chile, ainda eram muito mais atraentes para a imigração alemã do que o Paraguai, motivo pelo qual, os governantes paraguaios baixaram ao máximo as exigências de entrada, o que tornou o país muito mais atrativo do que os outros para um novo tipo de imigrantes. Refiro-me aqui aos que

⁷⁹ Durante esse período, no Brasil, houve uma fobia generalizada entre a população luso-brasileira, que se sentia ameaçada pelas populações teutas no sul do Brasil. A população local os via como os predecessores de uma grande invasão alemã que anexaria o sul do Brasil ao império colonial alemão. Alguns incidentes navais em portos sul-brasileiros deram sustentação a tais fantasias, conforme GERTZ, René. *O perigo alemão*. Porto Alegre: UFRS, 1991.

⁸⁰ FRETZ, 1962, 33.

fugiam de sua região de origem não por questões econômicas, como a maioria, mas por questões políticas e religiosas. E nessa categoria podemos enquadrar os alemães menonitas.

3.3. A Chegada dos Menonitas do Canadá no Paraguai

O Paraguai começou a figurar no horizonte dos menonitas em 1919. Após a Primeira Guerra Mundial, os menonitas residentes no Canadá começaram a procurar novos espaços vazios no continente americano para serem por eles colonizados.

Os menonitas canadenses eram descendentes dos imigrantes que haviam deixado a Rússia em 1874, em razão dos conflitos com o governo no que dizia respeito à independência dos menonitas na administração de suas colônias, no uso da língua alemã, no usufruto de privilégios especiais concedidos para atraí-los à Rússia em 1782 e 1803. O mais importante para aquele grupo era a liberação do serviço militar, que tocava diretamente na doutrina da não-resistência bíblica, assim como na essência da história e da teologia anabatista-menonita.⁸¹ Para preservar o núcleo da sua comunidade religiosa, uma parte dos menonitas da Rússia buscou refúgio no Canadá, que naquele momento achava conveniente receber os menonitas para povoar suas províncias de Manitoba e Saskatchewan, e assegurar sua posse delas frente ao grande vizinho do sul, os Estados Unidos. Assim, o Canadá não concedeu direitos especiais, como na Rússia, mas concedeu uma carta de liberdade, na qual era assegurada aos menonitas a liberdade de religião, a posse das terras e a administração independente de suas colônias e de seu sistema escolar. As colônias menonitas floresceram de forma espantosa nas pradarias canadenses e se tornaram ricas e influentes.

Contudo, após a Primeira Guerra Mundial, os governos provinciais de Manitoba e Saskatchewan decidiram regulamentar a situação das escolas particulares de ensino básico e secundário, das quais boa parte estava nas mãos de

⁸¹ MASKE, 1999, 51.

imigrantes alemães. O objetivo era diminuir a influência dos imigrantes alemães e de outras etnias e regulamentar o sistema escolar em todo o país, pois o Canadá, como antiga colônia britânica, havia lutado contra a Alemanha na Primeira Guerra Mundial. As províncias da federação canadense foram encarregadas de implantar um currículo oficial de âmbito nacional. Essa nova legislação previa a transformação das escolas particulares em escolas públicas provinciais. Além disso, as disciplinas deveriam ser ministradas em língua inglesa. Isso possivelmente se deu em função de que o Canadá já era um país de forte imigração, e que o governo estivesse tentando homogeneizar o sistema escolar e a administração pública. Outro fator, tal qual no Brasil, talvez fosse a questão do perigo alemão, visto que os alemães eram a terceira etnia mais populosa no Canadá. Somente a Província de Quebec utilizava uma outra língua, o francês. Isso significava que as escolas particulares mantidas pelas comunidades de estrangeiros seriam diretamente atingidas pela nova legislação escolar. Entre elas, estavam as escolas menonitas de língua alemã. Conforme sabemos,⁸² a escola tem um papel fundamental na construção da identidade religiosa e étnica dos menonitas, consolidada pelo ensino e pela tradição histórica⁸³ que conferem autoconsciência ao grupo menonita.

Por essas razões, os líderes menonitas estabeleceram negociações com o governo provincial de Manitoba, em Winnipeg, e com o governo federal em Ottawa. Após inúmeras tentativas, como não houvesse acordo, as lideranças conservadoras resolveram não se submeter à legislação provincial e começaram a buscar um novo país para o qual pudessem levar seu rebanho.⁸⁴

A busca por novas terras se direcionou principalmente para os países da América Latina, pois eram os únicos a se mostrar dispostos em ceder terras para a colonização fechada e oferecer direitos especiais, como a isenção do serviço militar e a administração independente das colônias e escolas.

O embate com o governo canadense e a busca por novas terras deixavam descoberta uma situação conflituosa entre os próprios menonitas que estavam

⁸² MASKE, 1999, 95-127.

⁸³ Graças a esta tradição histórica é que os menonitas, um pequeno grupo sectário, tem um rico acervo de fontes históricas, maior do que o de muitos países.

⁸⁴ KLASSEN, 2001, 43.

basicamente divididos entre conservadores e progressistas. Os primeiros desejavam a todo custo buscar um novo lar para poderem reproduzir seu tradicional modelo de vida, tal como na Rússia, sem interferência do Estado, livres e com uma forte influência dos pastores e presbíteros, regulamentando inclusive a vida privada do indivíduo.

Os progressistas eram indivíduos que aceitavam melhor a integração na sociedade canadense. Para eles, não havia realmente um problema em se aceitar a intervenção do Estado na escola, porque, pelo que as fontes indicam,⁸⁵ o conceito de Igreja e de Estado começava a sofrer uma transformação. Ao que parece, compreendiam que a Igreja Menonita poderia desempenhar seu papel, independentemente do idioma que iria utilizar, e a questão da não-resistência bíblica era um fator que começava a perder sua importância, uma vez que tal grupo estava interessado, sem dúvida, em permanecer ligado à tradição menonita, mas também decidido a se integrar em seu novo ambiente. Ademais, os progressistas estavam satisfeitos com as oportunidades que lhes eram oferecidas no Canadá, não estando dispostos a abrir mão delas.

Mesmo entre os conservadores não havia unanimidade sobre a remigração, afinal, o Canadá era o melhor país onde os menonitas já haviam estado desde a fundação da seita, e abrir mão dele não era uma tarefa fácil. Entretanto, organizaram-se diversas expedições para a América Latina, em especial para o México, Brasil, Belize, Suriname, Bolívia e Paraguai. A circulação de menonitas pelos países da América do Sul era tal que as expedições chegavam a se encontrar nos países visitados. Isso era reflexo da falta de comunicação e da concorrência entre os diversos grupos em disputa sobre sua maior ou menor fidelidade aos princípios religiosos, o que não deixou de ser percebido pelos governos dos países visitados.

Já no início de 1919, alguns homens de Saskatchewan e Manitoba, ao viajarem para a América do Sul, buscaram contatos com agentes governamentais de Brasil, Argentina e Uruguai, conseguindo sucesso em localizar boas terras para

⁸⁵ RATZLAFF, 2001, 55.

colonização e governos acolhedores, sendo, contudo, suas requisições por direitos especiais sumariamente excluídas da pauta de negociações.⁸⁶

Em agosto de 1919, o mais conservador dos grupos menonitas do Canadá enviou uma delegação para a América do Sul. Seu objetivo era encontrar terras na Argentina, pois conhecendo suas condições naturais semelhantes às do Canadá, julgaram ser aquele o país que melhores condições teria para acomodá-los. Antes de chegar a Buenos Aires, passaram pelo Brasil e pelo Uruguai. Em nenhum dos países visitados a delegação foi favorecida no que concerne aos direitos especiais.

Simultaneamente, os menonitas que permaneceram no Canadá ficaram cada vez mais ansiosos acerca de sua situação. Acabaram por entrar em contato com um comerciante de terras de Minnesota, Alvin Stolberg, que havia intermediado a compra de terras para um grupo de irmãos morávios⁸⁷, residentes nos Estados Unidos e que, durante a Primeira Guerra Mundial, começaram a ser perseguidos e por isso, quiseram ser assentados no Canadá. Esse empresário tinha contatos influentes em Washington, com o embaixador paraguaio Manuel Gondra, que teria grande interesse em fomentar a imigração de alemães para o Paraguai. Por esse contato, o Paraguai surgiu para os menonitas do Canadá como um destino possível.⁸⁸

Em outubro de 1920, uma nova delegação de menonitas conservadores partiu para a América do Sul, chegando ao Paraguai no verão. As altas temperaturas e as condições tropicais do país causaram uma impressão negativa na delegação menonita, que optou por desaconselhar aquela imigração. Na viagem de retorno ao Canadá, fizeram uma escala no México, outro país latino-americano que se dispôs a vender terras para os menonitas. Visitaram então, no norte do país, o Estado de Chihuahua, na perspectiva de conhecerem as terras disponíveis. De fato, uma

⁸⁶ QUIRING, 1938, 39. É interessante notar que, mesmo os menonitas do Brasil, cujo governo desde o início deixou claro que a concessão de direitos especiais estava fora de questão, continuaram a sondar a administração federal com esse objetivo. A partir de um determinado momento, suas cartas não eram sequer respondidas.

⁸⁷ Igreja pietista alemã.

⁸⁸ KLASSEN, 2001, 44.

facção dos menonitas mais conservadores acabou por se interessar efetivamente pelo México e se direcionaram para esse país.⁸⁹

Mesmo que, de imediato, o Paraguai fosse descartado pelos conservadores, permanecia como uma opção plausível para os mais moderados entre os conservadores. Além disso, o antigo embaixador paraguaio em Washington havia sido eleito presidente do país e continuou interessado em trazer os menonitas para o Paraguai, tanto que mandou realizar a mensuração das terras na região do Chaco, com o objetivo de deixar demarcadas as áreas a eles destinadas. Manteve contato com financistas e empreendedores do setor de colonização em Nova York, que também tinham interesse no projeto dos menonitas.

Simultaneamente, uma nova geração de líderes começou a assumir postos de influência nas colônias menonitas do Canadá. Um desses líderes, Johann Priess, estabeleceu contatos em Nova York, em especial com o advogado McRoberts, com o milionário norueguês Fred Engen e com o já citado Solberg. Gradativamente, direcionou os menonitas para o Paraguai. Após convencer o presbítero Aaron Zacharias, o grande líder dos conservadores moderados, a mandar uma quarta e definitiva delegação para o Paraguai, Priess iniciou os preparativos para a viagem. A delegação chegou ao Paraguai no início do outono de 1921 e logo foi levada ao Chaco, região que lhes causou uma ótima impressão. Em comparação com o México, o Paraguai apresentava uma série de vantagens, fundamentalmente a concessão de direitos especiais.⁹⁰

O julgamento da delegação foi favorável à escolha do Paraguai como futuro lar para menonitas na América do Sul. Restava conseguir do governo paraguaio a criação de uma lei que garantisse os direitos especiais dos menonitas, para assegurar o mesmo para as futuras gerações. Também os amigos dos menonitas em Nova York foram mobilizados para a venda de suas fazendas no Canadá.

A decisão da delegação menonita em favor do Paraguai encontrou uma grande repercussão em todo o mundo menonita, em especial na Rússia, pois em

⁸⁹ QUIRING, 1938, 38.

⁹⁰ QUIRING, 1938, 50.

função da revolução socialista, não apenas os menonitas, mas boa parte dos imigrantes estrangeiros começou a se sentir insegura e ameaçada, pois, em 1927, começam a acontecer os grandes confiscos de terras dos *kulaks*.⁹¹

De qualquer forma, as comunidades menonitas da América do Norte começaram a mostrar seu potencial capitalista e sua influência no mundo dos negócios, ao iniciar o levantamento de créditos e recursos para financiar a colonização menonita do Chaco paraguaio.⁹² Uma última sondagem foi feita com o governo canadense, mas em nada resultou. Com esta última recusa, o grupo tomou a decisão definitiva, não haveria mais volta, ainda mais que já se previa uma saída em massa de seus irmãos da Rússia.

A primeira leva de imigrantes somente se pôs a caminho em 1926, em função de dificuldades encontradas com a venda de suas terras no Canadá. Os preparativos para a chegada dos imigrantes foram realizados por enviados dos menonitas e por funcionários do governo paraguaio. Além disso, os detalhes para o exercício dos direitos especiais e a organização das terras precisavam ser discutidos. As discussões foram rápidas e os arranjos satisfatórios para as partes. Os menonitas seriam assentados longe de tudo e de todos, como era seu desejo, sem grandes compromissos com o governo, garantindo, todavia, a posse do Chaco, o que era o principal objetivo dos paraguaios. Os menonitas viam claramente a mão de Deus na rapidez e na congruência de interesses comuns. Mesmo sendo um território seco e pouco favorável ao assentamento humano, o Chaco se apresentava como a concretização do que fora almejado por eles: isolamento e direitos especiais.

Antes de sua saída do Canadá, os menonitas exigiram, por precaução, que seus direitos especiais fossem legalmente reconhecidos pelo governo paraguaio. Isso fora realizado por meio do decreto 514, de 16 de julho de 1921.⁹³ Esse decreto fora debatido no Senado e na Câmara de Deputados do Paraguai a partir de um pré-projeto enviado pelos menonitas. Acostumados com governos que muito prometiam mas que pouco cumpriam, aprenderam a não confiar apenas nas palavras dos governantes, exigindo uma declaração por escrito para garantir seus direitos.

⁹¹ KLASSEN, 2001, 48.

⁹² BERGMANN, 1994, 76.

O projeto apresentado pelos menonitas que fora quase que integralmente aprovado pelo Congresso em Assunção previa, entre outras garantias.⁹⁴

Artigo 1 – Parágrafo 1 – Liberdade de religião e liberação do serviço militar e de juramento de fidelidade ao Estado para todos os menonitas;

Parágrafo 2 – Direito de manter escolas em língua alemã.

Parágrafo 3 – Direito à administração dos bens de viúvas e órfãos.

Parágrafo 5 – Direito à deliberação interna e autônoma, através de legislação própria, de quaisquer conflitos entre menonitas no Paraguai.

Parágrafo 6 – Direito de estabelecimento, no território das colônias menonitas, de manufaturas e usinas de beneficiamento de matérias-primas produzidas nas colônias ou importadas pelas mesmas.

Parágrafo 7 - Direito à vigilância sanitária, construção de hospitais e sanatórios, e contratação de médicos, enfermeiros e parteiras sem concurso público.

Parágrafo 8 – Direito à administração comunal independente, em território fechado, inclusive o exercício da justiça em tarefas relativas à ordem civil.

Artigo 2 – Proibição de venda de bebidas alcoólicas, fermentadas e destiladas no território das colônias menonitas e numa área de 5 km ao seu redor.⁹⁵

Artigo 3 – Isenção do pagamento de taxas aduaneiras e do pagamento de impostos por um período de 10 anos, contados a partir da data oficial de fundação da primeira colônia.

Artigo 4 – Livre entrada de idosos, de doentes e de deficientes.

Artigo 6 – Direito ao estabelecimento de empresas para execução de tarefas da administração colonial, como construção de estradas, silos, depósitos, escolas, hospitais, fornecimento de água potável, irrigação e criação de animais.

Artigo 7 – Direito à imigração de quaisquer menonitas, não só em grupos como também indivíduos isolados.

Artigo 8 – O presente decreto terá força de lei irrevogável.

⁹³ KLASSEN, 2001, 70.

⁹⁴ KLASSEN, 2001, 71.

⁹⁵ É interessante notar que a venda e o consumo eram proibidos. Neste ponto, segundo Klassen, não se chegou a um consenso mesmo entre os menonitas, pois muitos consideravam que a proibição de bebidas alcoólicas não era bíblica. Além disso, desde o século XVIII, os menonitas eram considerados mestres na fabricação de cervejas.

Pode-se imaginar a reação da opinião pública paraguaia em relação ao virtual estabelecimento de um *verdadeiro Estado dentro do Estado*, no qual os menonitas, em seu território, assumiam as tarefas e a autoridade que eram competência do governo em Assunção. Assim sendo, houve de início uma forte oposição, principalmente dos colorados do Partido Nacional Republicano, que eram opositores do Partido Liberal Radical, ao qual pertencia o presidente Gondra.

Debates acalorados ocorreram no Congresso Nacional paraguaio e, com certa dificuldade, os azuis do Partido Liberal Radical conseguiram aprovar a Lei dos Menonitas. A argumentação da situação se baseava no fato de que o Paraguai, após a derrota na Guerra da Tríplice Aliança, fora devastado e que o país precisava de imigrantes, de camponeses, e os menonitas eram os melhores disponíveis. Argumentavam ainda serem eles pacíficos, trabalhadores e respeitares da lei.

Segundo Klassen, eram esperados no Paraguai cerca de 40.000 menonitas, para povoar, cultivar e civilizar o Chaco, sob supervisão do governo. O Paraguai iria receber uma comunidade forte, inteligente e dedicada, que saberia se manter afastada das máculas da sociedade e que soube sempre cultivar as virtudes cristãs.⁹⁶

É interessante observar a quantidade de benefícios que o Paraguai concedeu aos menonitas. Pela argumentação dos liberais, percebe-se que não só o governo paraguaio conhecia bem aos menonitas e sua história, como também que sua vinda fazia parte de um projeto maior de transformação da sociedade paraguaia, liderado pelos liberais. Quanto às críticas à liberação do serviço militar, o governo paraguaio respondeu:

Eles não participarão de nossas guerras, mas construirão estradas e ferrovias nas quais nossos exércitos serão transportados. Seus hospitais cuidarão de nossos feridos.⁹⁷

De qualquer forma, após os acirrados debates no Congresso e na imprensa paraguaia, o projeto dos menonitas foi aprovado. Ao que parece também, o governo paraguaio pretendeu dar uma compensação aos menonitas, que se propuseram a colonizar um território de difícil ocupação, como o Chaco.

⁹⁶ El Liberal, 20/07/1921 apud KLASSEN, 2001, 73.

A princípio, os menonitas entenderam que os direitos especiais estavam circunscritos apenas ao Chaco, mas em 1946, o governo paraguaio confirmou os direitos especiais dos menonitas para todo o território nacional, permanecendo assim até os dias atuais.⁹⁸

Com a transformação dos direitos especiais em lei, os menonitas no Canadá firmaram um contrato com a Intercontinental Company, que se tornou responsável pela venda das terras no Canadá e pela compra das terras no Paraguai, assim como pelo transporte e pela instalação dos imigrantes no Paraguai. As terras no Canadá perfaziam um total de 43.338 acres e foram vendidas por US\$ 902.900,00, enquanto que, no Paraguai, foram adquiridos 137.920 acres por US\$ 689.338,00.⁹⁹

Apesar das sugestões em contrário da diretoria da Intercontinental Company, que queria levar e assentar no Chaco os colonos gradativamente, assim que a compra foi efetivada, os menonitas se puseram em bloco na estrada, com o objetivo de chegar o mais rápido possível em suas novas terras na América do Sul.¹⁰⁰

A viagem de barco pelo oceano e depois pelo sistema fluvial Paraná-Paraguai até Puerto Casado não foi um problema. De lá seriam 70 km de trem, mais 145 km de carro de boi por uma região tropical.¹⁰¹ Devemos acrescentar que a viagem foi feita durante os meses de verão, quando as temperaturas no Chaco se situam entre os 35 e os 40 graus centígrados. Tais adversidades fizeram com que um grande número de imigrantes, principalmente crianças e idosos, morressem e fossem sepultados ao longo do trajeto até as glebas dos menonitas. Exemplo disso é o fato de que dos 1763 imigrantes que saíram do Canadá, 163 morreram antes de chegar ao destino.

A constituição da colônia foi rápida, pois, em meados de 1928, já existiam 18 aldeias e 255 fazendas que, reunidas, passaram a compor uma colônia à qual foi

⁹⁷ EL Liberal, 20/07/1921 apud KLASSEN, 2001, 73.

⁹⁸ KLASSEN, 2001, 79.

⁹⁹ KLASSEN, 2001, 90.

¹⁰⁰ RATZLAFF, 2001, 55.

¹⁰¹ KLASSEN, 2001, 92.

dado o nome de Menno, em homenagem ao líder anabatista holandês do século XVI. Assim, fundou-se a primeira colônia menonita do Paraguai, composta por indivíduos conservadores originários do Canadá, cujos ancestrais já haviam saído da Prússia e da Rússia motivados pela defesa de seus princípios religiosos.

Menno não seria a única colônia fundada por alemães menonitas no Paraguai. Obviamente a grande quantidade de terras compradas pelos menonitas em 1926 não se destinava apenas à instalação de uma única colônia. Havia a idéia, já no início dos anos 1920, de se buscar um refúgio para os menonitas perseguidos, especialmente, como já vimos, os que começavam a se sentir inseguros na Rússia soviética.

3.4. A Chegada dos Menonitas da Rússia no Paraguai

Apesar da insegurança, não se tinha certeza de que o governo soviético iria realmente tomar uma atitude radical como o confisco das terras dos pequenos e médios fazendeiros (*kulaks*), que representavam quase a totalidade dos menonitas. Além disso, os menonitas eram suspeitos de terem colaborado com a Alemanha durante a Primeira Guerra Mundial, em função de serem considerados etnicamente alemães e falarem o alemão, além de serem vistos como inimigos da Revolução Socialista.

Com a guerra civil entre os brancos e os vermelhos, suas propriedades foram ameaçadas. Em 1923, um grande número de menonitas iniciou um fluxo imigratório para o Canadá, auxiliados por seus irmãos lá estabelecidos desde 1874. Os que optaram em permanecer, iniciaram a difícil tarefa de reconstruir suas comunidades. Uma organização representativa foi estabelecida em Moscou, para servir de mediadora entre eles e o governo revolucionário russo, em defesa dos remanescentes.¹⁰²

O ano de 1928 marcou o início do colapso da Igreja Menonita na Rússia e a saída em massa de grande parte de seus membros para o Canadá, Paraguai e

¹⁰² DYCK, 1992, 172.

Brasil, devido ao Primeiro Plano Quinquenal de Stalin, pelo qual a maior riqueza dos menonitas, as terras, foram compulsoriamente confiscadas e coletivizadas. Concluídas complicadas negociações, o governo alemão, que havia tomado a frente nas negociações para defender os seus residentes na Rússia,¹⁰³ conseguiu um salvo-conduto para 5.677 dos 13.000 menonitas refugiados em Moscou. Os que não foram incluídos nessa lista foram deportados para o interior do país; os que conseguiram passar para a Alemanha aguardariam algum tempo ainda num campo de refugiados perto de Hamburgo.

Os alemães não queriam e não podiam assentar os menonitas em seu território. Ficaram apenas os que tinham familiares ou que conseguiram articular individualmente sua permanência no país. O governo alemão sondou diversos países para receber os menonitas, entre eles, o Canadá, o Brasil e o Paraguai. O Canadá, apesar dos problemas internos com os menonitas em Manitoba e Saskatchewan (os que já haviam seguido para o Paraguai), resolveu aceitá-los, mas antes faria uma seleção pela qual eliminaria as famílias com doentes e idosos. O Brasil, a princípio, receberia a todos, mas sem conceder direitos e com a condicionante de integração.¹⁰⁴ Restava o Paraguai, que não fazia exigências, como já vimos.

Devemos notar que, apesar das fontes menonitas afirmarem que havia uma grande unidade no grupo, apesar da forte liderança dos presbíteros e do respeito que a eles era reservado, muitos indivíduos, e mesmo grupos, agiam de acordo com seus próprios interesses. Isso explica a vontade generalizada dos recém-refugiados da Rússia em se dirigirem para o Canadá, de onde um grupo grande acabara de partir rumo ao Paraguai. Certamente os que optavam em seguir para o Canadá sabiam das condições que lá encontrariam, no que se referia às questões étnicas e lingüísticas. Mas, mesmo assim, preferiam o Canadá ao Brasil e ao Paraguai. Sabiam que o Canadá poderia oferecer condições de sobrevivência mais propícias do que os dois países sul-americanos, ainda que não nos padrões que a liderança conservadora considerava ideal. Entre uma sobrevivência mais

¹⁰³ Apesar da longa permanência na Rússia, os menonitas recusavam-se a se integrar. Poucos haviam requerido a cidadania russa até então, o que significa que eram apátridas.

¹⁰⁴ MASKE, 1999, 61.

confortável no Canadá e uma sobrevivência religiosamente correta segundo os presbíteros, optaram pela primeira. Na verdade, somente os que não foram selecionados para o Canadá é que optaram pelo Paraguai, que ainda assim era visto como um estágio intermediário para uma situação melhor, talvez, um retorno para a Alemanha. Enfim, os menonitas russos eram bem menos suscetíveis à influência dos pastores do que os canadenses que já estavam no Paraguai. Para eles, a prática correta da religião era mais importante que uma vida confortável. Por isso aceitaram imigrar para o Paraguai. Assim, dois grupos com uma visão bastante diversa da religiosidade, mesmo que ambos menonitas, se encontraram em Fernheim, a segunda colônia menonita do Paraguai.

Essa nova colônia não era homogênea. Recentemente havia sido fundada por um grupo canadense que não conseguiu terras em Menno. Pouco tempo depois, chegaram os russos que logo se tornaram maioria. Como vimos, o *background* dos menonitas russos era bem diferente do dos menonitas canadenses. Os russos eram refugiados vindos das mais diferentes regiões, muitos deles trabalhadores urbanos, semi-integrados na sociedade russa. Sob o ponto de vista religioso, muitos eram fortemente secularizados: viviam em dois mundos paralelos, o mundo profano e o mundo religioso, e para eles essas duas esferas raramente se encontravam. Comparando, os canadenses eram um grupo muito mais homogêneo, vindos todos das províncias de Manitoba e Saskatchewan. Tradicionais em termos religiosos, para eles o mundo profano era algo do qual eles deveriam fugir e, de certa forma, eram mais coerentes com sua doutrina.

Os menonitas russos se viram em um ambiente tropical e hostil. As situações de convivência e de trabalho foram duras. Funcionários burocratas, professores, comerciantes e médicos tinham agora que enfrentar o arado e tornar o Chaco produtivo.

Ao saírem da Rússia, tiveram suas expectativas de ascensão social frustradas, tornando-se, de certa forma arrivistas, para os quais a propaganda nacional-socialista teve uma boa acolhida. Norbert Elias e Hannah Arendt afirmam que justamente entre a população alemã frustrada pela derrota e pelas conseqüências da Primeira Guerra Mundial, é que Hitler viria a arregimentar seus

adeptos. Essa situação de *parvenu* é que vai propiciar o avanço dos nazistas na colônia de Fernheim, como poderá ser visto nos capítulos seguintes.

Agora eles estavam em Fernheim, que ficava a centenas de quilômetros de qualquer centro comercial, sem outro meio de transporte que não os carros de boi. Sem dinheiro e meios de subsistência, os colonos de Fernheim tiveram um começo muito duro. Para a colônia Menno o começo fora também difícil, mas eles haviam se planejado para isso com 10 anos de antecedência. Tinham dinheiro e eram todos lavradores, acostumados ao trabalho agrícola.

Fernheim teve de ser construída do nada. A mais grave questão a ser resolvida era a da água potável, pois poços existiam, porém forneciam água salobra. Muitas aldeias tinham de buscar água para o gado, para a lavoura e para o consumo doméstico a quilômetros de distância. O trigo, tão caro aos menonitas da Rússia, não medrava no Chaco. O algodão era devorado pelos gafanhotos.

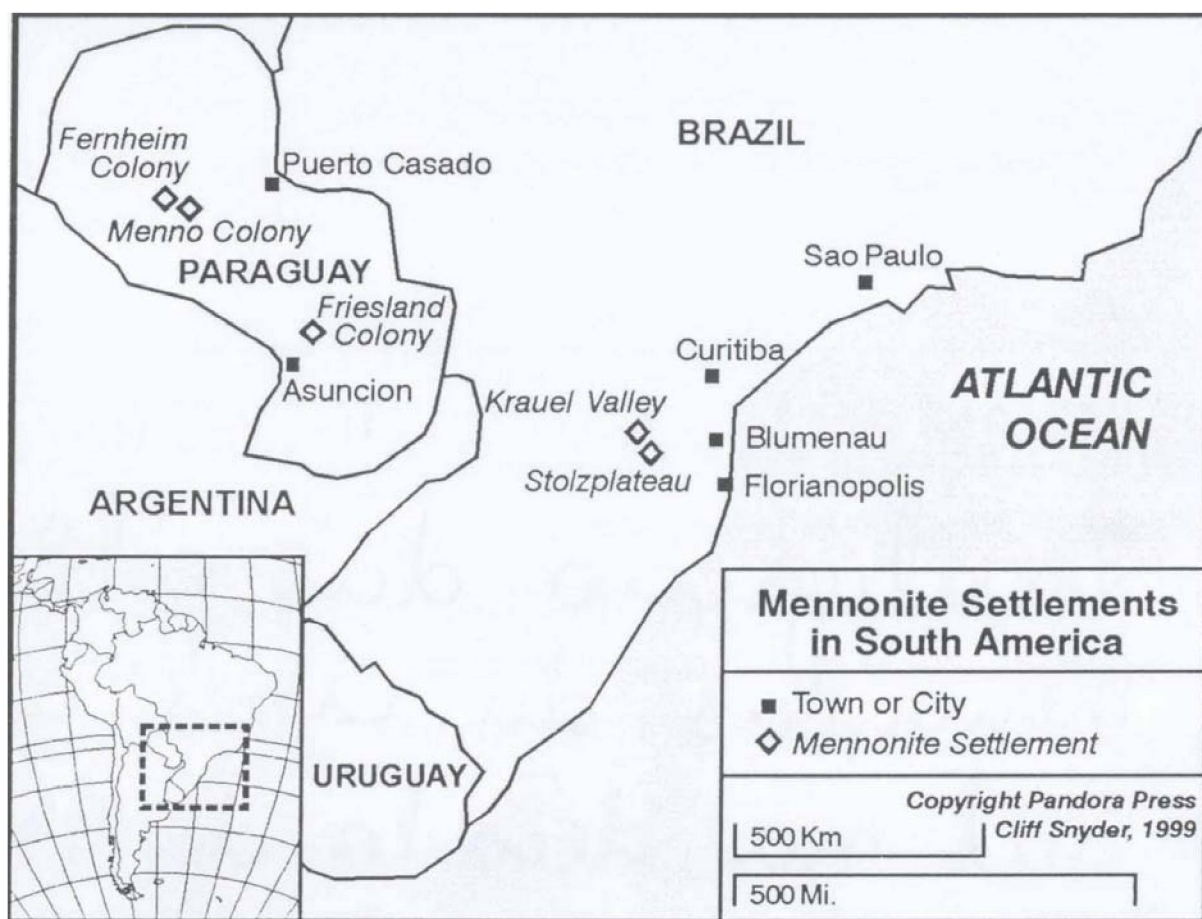
O acúmulo de dificuldades fez com que um grupo de menonitas de Fernheim buscasse melhores terras nas regiões mais úmidas e frescas do Paraguai. Cerca de um terço da população de Fernheim abandonou a colônia e se refugiou numa região do Paraguai Oriental fundando a colônia de Friesland, mais próxima de Assunção e do Rio Paraguai, onde as condições climáticas eram semelhantes às do sul do Brasil. Além disso, as terras eram mais férteis, anunciando um futuro mais próspero.¹⁰⁵

Diferentemente dos menonitas canadenses, os menonitas da Rússia, receberam um acompanhamento especial do governo alemão. Desde a libertação da Rússia e do transporte para a Alemanha e de lá para a América do Sul, o governo alemão se fez presente. Seu assentamento no Chaco também se fez com a supervisão da embaixada alemã em Assunção. Isso veio a despertar nos menonitas russos o sentimento de ainda pertencer à germanidade. Fato tal que terá sérias consequências nos anos posteriores para a colônia de Fernheim.

Nesse capítulo, vimos como se iniciou a imigração de alemães para o Paraguai, entre eles os menonitas, para quem aquele país tinha um significado

¹⁰⁵ PENNER, 1995, 197.

diferente do que os outros países de imigração. A eles eram propiciadas oportunidades que não eram apresentadas por outros países interessados em receber imigrantes. Em função de ser pouco atrativo, em comparação com Canadá, Argentina ou Estados Unidos, o governo paraguaio se dispôs a oferecer as regalias que outros países jamais se disporiam sequer a discutir. Em função disso, o Paraguai começou a se tornar um destino almejado por muitos menonitas, ciosos de seus princípios religiosos. Vimos nesse capítulo, também, que os menonitas não formavam um corpo coeso e único. Havia muitas diferenças entre eles; havia os que estavam dispostos a largar um lar confortável por um princípio religioso, assim como havia os que estavam dispostos a abandonar um princípio religioso por um lar confortável. Assim, apesar da aparente coesão, o grupo menonita vivia em constante tensão e entraria em ebulição quando um grupo de jovens insatisfeitos com seu destino se rebelar, como a seguir veremos.



Localização das colônias menonitas da América do Sul, na década de 1930.

Fonte: THIESEN, 1999, 72.

CAPÍTULO 4

4. NACIONAL-SOCIALISMO E MENONITISMO

No presente capítulo, pretende-se abordar o início do movimento *völkisch*/nacional-socialista entre os menonitas do Paraguai, analisando as estratégias de arregimentação de jovens pelos líderes do movimento, assim como as formas de resistência a elas, promovidas pelo clero menonita da colônia de Fernheim.

É importante destacar que o termo *völkisch* tem difícil tradução em português, e por isso optou-se em apresentá-lo em alemão. A princípio, pode-se traduzi-lo como *popular*, mas em alemão é mais do que isso: significa o mais genuinamente alemão e autenticamente popular (*Volk* = povo). Em função disso, optou-se por manter também a forma alemã dos opositores ao *völkisch*, os *wehrlos*, ou *desarmados*. Desarmados porque enfatizavam a defesa do princípio menonita do pacifismo e da não-resistência bíblica.

Völkisch e nazista não são sinônimos, ainda que os nazistas de Fernheim se autodenominassem *völkisch*. Isso se deve ao fato de que os nazistas se inspiraram no movimento nacionalista pangermanista que varreu a Europa Central no final do século XIX e início do XX. Aliás, a ideologia pangermanista foi adotada pelos nazistas, o que explica a fácil aceitação que o nazismo teve entre os setores mais conservadores da sociedade alemã, já que utilizava uma linguagem conhecida, familiar e cara aos elementos menos acostumados com a modernidade e com o liberalismo. Naturalmente, podemos contar os menonitas entre essa última categoria. Afastados do mundo nas suas colônias, assustavam-se com o avanço da modernidade e se sentiram melhor com a linguagem familiar e conservadora dos

völkisch. Foi por essa fresta que o nazismo entrou em Fernheim – não somente em Fernheim, mas na própria Alemanha.

4.1. Hitler no Poder: O Entusiasmo Menonita em Fernheim

A tomada do poder pelos nacional-socialistas na Alemanha foi em geral recebida de forma positiva pela comunidade menonita de Fernheim. O jornal da colônia, o *Menno-Blatt*, veiculou inúmeras notícias sobre o assunto, despertando fortemente a atenção da população. Eram comuns observações como a que segue, publicada em 1933:

Apesar de sempre recebermos as notícias sobre nossa pátria muito tardiamente, o coração dos colonizadores do Chaco bate mais rápido. Eles ouvem que as coisas na Alemanha estão novamente num curso promissor.¹⁰⁶

O mesmo autor anônimo observou ainda que:

O movimento de renovação pelo qual passa agora a totalidade da nação alemã, no território do Reich e no exterior, não acontece sem causar forte influência sobre os colonos menonitas, que se sentem os desbravadores alemães do Chaco paraguaio.¹⁰⁷

E de fato, em 18 de maio de 1933, em uma reunião dos representantes da colônia, um pregador da Igreja dos Irmãos Menonitas, Gerhard Isaak, fez uma palestra tratando da *revolução nacional* na Alemanha.¹⁰⁸ Após tais observações, a assembléia de líderes decidiu por mandar uma carta de congratulações para o novo governo, assim se expressando:

(...) com grande excitação, nós, alemães menonitas do Chaco paraguaio observamos em nossa amada pátria a revolução nacional do povo alemão, da qual tomamos parte em espírito. Estamos satisfeitos de que na Alemanha, após um longo período, chega ao poder um governo que professa abertamente a fé em Deus, nosso criador. Ouvimos com especial simpatia que o atual governo pretende realizar os princípios cristãos na vida social, econômica e cultural, especialmente na ênfase dada à proteção à família como fundamento da comunidade nacional e do Estado. De fato, nosso pequeno povo menonita teve uma experiência pessoal com o programa comunista, pelo qual os princípios cristãos e sua abençoada

¹⁰⁶ MENNO-BLATT, 06/1933.

¹⁰⁷ THIESEN, 1999, 73.

¹⁰⁸ KLASSEN, 1990, 26.

influência na vida nacional foram eliminados. Deste modo, nós não podemos entender como governos anteriores não impediram o trabalho ideológico comunista entre o povo alemão. Nós agradecemos ao Todo-Poderoso e Altíssimo por mandar homens, que podem aniquilar o comunismo com mão forte na nossa gloriosa terra-mãe.¹⁰⁹

A princípio, como pudemos notar, a chegada dos nazistas ao poder na Alemanha foi vista de forma extremamente positiva. Estranho perceber esse posicionamento justamente nos menonitas, que tradicionalmente não confiam em movimentos e partidos políticos, mantendo uma atitude de distanciamento e ceticismo frente a eles. De qualquer forma, podemos enumerar algumas razões que levaram os menonitas a encarar de forma positiva a ascensão dos nazistas ao poder:

- a. a grande valorização que os nazistas davam à família;
- b. uma certa coerência entre nazismo e cristianismo (posteriormente descartada), em função da linguagem utilizada;
- c. ajuda e apoio do governo e do povo alemães no resgate dos menonitas na Rússia;
- d. a visão de que o comunismo é o maior de todos os males e uma verdadeira ameaça à civilização cristã.

Talvez a grande valorização da família, cultivada pelos nazistas, fizesse com que os menonitas pudessem ler nas entrelinhas dos discursos partidários alguma influência cristã no movimento. Ao mesmo tempo não parece possível que os menonitas do Paraguai tivessem acesso aos grandes jornais liberais em circulação na Alemanha, antes de os nazistas os controlarem, para conhecerem opiniões divergentes. De forma semelhante, os contatos com menonitas estadunidenses, mais integrados na vida nacional de seu país e menos isolados, e que pudessem lhes transmitir um ponto de vista mais crítico, ainda não haviam ocorrido.

A carta publicada no *Menno-Blatt* lembra ainda a gentileza e cortesia do povo alemão para com eles em 1929 e expressa gratidão e lealdade ao *Deutschtum*. Os assinantes da carta eram David Löwen, *Oberschulze* de Fernheim e Nikolai

¹⁰⁹ MENNO-BLATT, junho de 1933.

Wiebe, presidente da KfK e líder da pequena Igreja da Aliança em Fernheim. Isso ilustra que, de início, toda a comunidade havia se entusiasmado com a ascensão dos nacional-socialistas ao poder. Mas isso também poderia ser um entusiasmo que não incluía a adesão incondicional à ideologia em ascensão, mas ao que ela representava para os menonitas russos: um combate às forças do comunismo. É possível que a maior parte dos que festejaram a chegada de Hitler ao poder nada soubessem acerca do fascismo alemão.

4.1.1. O caso da colônia Menno

No entanto, em contraste com Fernheim, a ascensão dos nazistas foi recebida com grande indiferença na colônia menonita vizinha, Menno. A população dessa colônia não tinha vivido as experiências dos menonitas russos e portanto, a luta contra o comunismo ou a favor de outra ideologia era vista, mais do que com desconfiança, com real desinteresse.

Como vimos, a criação da colônia Menno foi o resultado da imigração planejada de menonitas conservadores originários do Canadá. Esses menonitas canadenses fundaram sua colônia após um longo planejamento e com recursos financeiros que pudessem alavancar o desenvolvimento do empreendimento colonial. Dessa forma, eram muito independentes em relação a governos e mesmo em relação a organizações menonitas e bancos. Enfim, não dependiam de ninguém. Isso, aliado à sua natureza conservadora e reclusa, fez com que os menonitas de Menno tivessem uma percepção diversa do que acontecia no mundo exterior.

Já para os menonitas russos de Fernheim a situação era bem diferente. Chegaram ao Paraguai como refugiados, não tinham dinheiro, as passagens e a manutenção deles foram pagas pelo governo alemão. Algum tempo depois de instalados em Fernheim, as dívidas dos menonitas para com o governo alemão foram pagas pelo MCC¹¹⁰, que assumiu débitos desses com o citado governo. Tais dívidas eram referentes aos custos de transporte e manutenção do grupo, desde a

¹¹⁰ *Mennonite Central Comitee* – Comitê Central Menonita: agência de ajuda mútua das diversas denominações menonitas da América do Norte, mas com atuação em muitos países do mundo. Essa

Rússia até o Paraguai. Com o repasse da dívida, cada família de Fernheim, logo de início, devia US\$ 1.500,00 ao MCC. A partir disso, podemos imaginar que tipo de relacionamento se estabeleceu entre a devedora colônia de Fernheim e o credor MCC.

Dessa forma, considero que estar-se-ia estabelecendo uma relação de estabelecidos e *outsiders*, de acordo com o pensamento de Norbert Elias.¹¹¹ Um grupo privilegiado se estabelece num determinado local, constrói sua vida, está feliz consigo mesmo. Logo depois, chega um novo grupo, não por vontade própria, mas por não ter outra opção. Trata-se de um grupo heterogêneo, sem recursos e propenso a desentendimentos. A reação dos primeiros em relação aos segundos, em um primeiro momento é amistosa, afinal todos são menonitas. Mas rapidamente as diferenças emergem; os segundos são menonitas sim, mas de categoria inferior e contaminados pelo mundo. *Até aderiram ao nazismo, mais uma ideologia mundana*, pensam os menonitas conservadores de Fernheim. *É melhor mantê-los afastados*, talvez pensaram seus líderes. E, dessa forma, o evento da adesão dos menonitas ao nazismo se circunscreveu a Fernheim, não atingindo Menno.

4.1.2. A organização da administração e das denominações menonitas em Fernheim

Havia ainda um outro grupo, o dos menonitas poloneses, que podemos acrescentar ao de menonitas russos, e que teve grande influência, apesar de serem poucos indivíduos. Um pequeno número de menonitas residiu na Polônia central por várias gerações, em especial na cidade de Deutsch-Wymyschle, localizada a algumas dezenas de quilômetros a noroeste de Varsóvia.¹¹² Antes da Primeira Guerra Mundial, esta área havia pertencido ao Império Russo. Depois da guerra, foi integrada à Polônia. Durante os anos 1920, esses menonitas poloneses começaram a emigrar, em função das condições econômicas desfavoráveis e das dificuldades

organização tinha uma forte influência da Igreja Menonita, maior denominação menonita nos Estados Unidos e de caráter menos conservador e mais integracionista do que as demais.

¹¹¹ ELIAS, 2000.

¹¹² A origem desses menonitas de língua alemã está relacionada às colônias menonitas da Prússia. Maiores detalhes, ver MASKE, 1999, 39-50.

impostas pelo novo governo polonês à aquisição de terras pelos alemães lá residentes. Boa parte deles conseguiu emigrar para o Canadá, mas outros, temendo a assimilação cultural, preferiram a América do Sul, onde julgavam ser possível preservar melhor seu *Deutschtum*. Em 1928, alguns deles passaram por São Paulo e por Santa Catarina, onde visitaram algumas terras que estavam sendo oferecidas. Sabendo dos projetos menonitas no Paraguai, juntaram-se a Fernheim, onde 57 foram assentados na aldeia Rosenfeld, entre os quais estava a família de Leonhard Kliwer, cujo filho Friedrich logo se destacaria como professor e líder na comunidade.¹¹³

Os menonitas russos, associados aos menonitas poloneses, fundaram Fernheim e tentaram recriar as estruturas sociais por eles conhecidas em suas colônias na Rússia anterior à Primeira Guerra Mundial.¹¹⁴ Note-se que os menonitas sempre retornam a um momento no passado quando tudo era pretensamente perfeito. Por exemplo: *vamos construir uma boa escola como tínhamos na Rússia, ou a administração do distrito era feita com o auxílio do Schulze, como nos velhos e bons tempos na Rússia*. As fontes perpassam uma nostalgia, como se o passado houvesse sido perfeito, e também um grande medo em relação ao futuro, que só é apaziguado quando se pensa que o *Führer* vai colocar as coisas nos seus lugares.

Com esse pensamento, os colonos de Fernheim organizaram o governo local, o sistema escolar primário e secundário, comunidades religiosas e cooperativas que pudessem levar os produtos aos mercados consumidores e fornecer bens e serviços não produzidos nas colônias. Todas essas instituições foram criadas no primeiro ano do estabelecimento das colônias. Antes mesmo de deixar a Europa, o grupo de Fernheim já havia organizado seu governo. Até o nome das aldeias já havia sido escolhido e todo colono já sabia quem seria seu vizinho.

Dois anos após a fundação de Fernheim, chegou mais uma leva de menonitas russos. Eram refugiados que haviam escapado da União Soviética fugindo por Harbin, China. Esse grupo foi assentado na divisa oriental de Fernheim, numa localidade que levou o nome de Harbiner Ecke. Com eles, a população de

¹¹³ QUIRING, 1936, 68.

¹¹⁴ MASKE, 1999, 45-56.

Fernheim chegou a 2.008 pessoas, agrupadas em 17 aldeias. Cabe destacar ainda a filiação religiosa dessa população: cerca de 52% dela era membro da conservadora Igreja dos Irmãos Menonitas, poderosa denominação de inspiração fundamentalista que surgiu em 1860 na Rússia, quando ocorreu um cisma na Igreja Menonita local; perto de 42% pertenciam à Igreja Menonita, de inspiração mais liberal e mais tolerante; por volta de 6% pertenciam à Igreja Menonita da Aliança, que pretendia ser uma ponte entre os liberais e os conservadores; e 4% não pertenciam a nenhuma das três denominações menonitas, o que não significa que não fossem religiosos, mas apenas que muitos deles não se identificavam com nenhuma das denominações.¹¹⁵ Fernheim era assim um *melting pot* de todas as variedades possíveis de menonitas, com exceção dos *amisch*, que ainda não haviam criado nenhuma colônia no Paraguai. Com o avanço dos nazistas, a situação era um barril de pólvora pronto para explodir. Mas alguns fatores externos iriam adiar a eclosão do evento. O principal fator foi a disputa territorial entre Bolívia e Paraguai pelo Chaco, rico em gás natural e petróleo.

4.1.3. A intervenção boliviana

Notando os assentamentos menonitas no Chaco, a Bolívia percebeu as intenções do Paraguai de assegurar a posse do território. Logo após a chegada dos refugiados de Harbin, a Bolívia atacou um antigo posto militar paraguaio na região. Logo de início, Fernheim e Menno estavam no front do conflito e durante julho de 1932, os combates se realizaram perigosamente perto delas, inclusive com bombardeios sobre Filadélfia, a sede governamental de Fernheim.¹¹⁶

Apesar dos anúncios de evacuação feitos pelos paraguaios, os menonitas permaneceram no Chaco. Muitos começaram a questionar se o Chaco realmente era um lugar ideal para iniciar uma nova vida. Após enfrentar a guerra civil na Rússia, os menonitas mostravam saber que os embates entre paraguaios e bolivianos poderiam atingi-los, porque afinal, em última instância, eles eram agora também paraguaios aos olhos dos bolivianos. Os conflitos cessaram em 1935 e um

¹¹⁵ KLASSEN, 1994, 320.

¹¹⁶ KLASSEN, 1975, 33-39.

tratado de paz foi assinado pelos beligerantes, em 1938.¹¹⁷ Para os menonitas, a guerra trouxe maior presença paraguaia no Chaco, que se prolongaria por vários anos, o que aumentou enormemente o mercado para os produtos menonitas, contribuindo para melhorar a situação econômica das colônias e garantir sua sobrevivência.

4.1.4. Debates sobre política européia em Fernheim

Com a situação política local estabilizada e os últimos colonos assentados, a população de Fernheim começou a se preocupar com seus interesses mais próximos, entre os quais, pode-se citar o progresso econômico e fatos políticos importantes que ocorriam na Alemanha, como a ascensão de Hitler e do Partido Nacional-Socialista ao poder. Esses fatos tiveram uma enorme repercussão em Fernheim, cujos colonos se mostravam extremamente excitados com o evento. O tema foi muito discutido em grupos isolados e também nos círculos de poder na colônia. A tradicional e poderosa KfK, encaminhou uma carta, em 18 de maio de 1933, à sede do governo alemão, congratulando o Partido Nacional-Socialista pela sua chegada ao poder.

A KfK (*Kommission für Kirchliche Angelegenheiten* – Comissão para Assuntos Eclesiásticos) era um corpo governante que incluía membros das três denominações menonitas de Fernheim e era um fórum de negociações para assuntos religiosos e morais, mas que não raras vezes ultrapassava essas fronteiras, influenciando na administração da cooperativa, no currículo escolar, no desempenho de algum professor, nos conflitos entre vizinhos. Era por assim dizer, a instituição mais poderosa numa colônia menonita, não de direito, mas de fato.

A ata da KfK para 9 de maio de 1933 relata que os pastores da colônia requisitaram a indicação de um grupo de trabalho para elaborar uma declaração, na qual o pertencimento dos colonos de Fernheim ao *Deutschtum* (germanidade) seria ressaltado.¹¹⁸ A idéia era mandar a declaração para a legação alemã em Assunção e para Benjamin Unruh, o menonita residente em Karlsruhe na Alemanha e amigo

¹¹⁷ KLASSEN, 1975, 125.

dos colonos de Fernheim, que os ajudara na transferência da Rússia para o Paraguai e que mantinha bons contatos no governo alemão, em especial, nos círculos nacional-socialistas. A KfK notou também que Walter Quiring poderia mantê-los bem informados acerca dos acontecimentos que se processavam na Alemanha.¹¹⁹ O citado Quiring, antes de ir para o Paraguai, passara pela colônia menonita do Krauel, em Santa Catarina, onde fizera um trabalho de divulgação política favorável ao nacional-socialismo entre os colonos ali residentes.¹²⁰

Percebe-se, no entanto, que apesar da empolgação e da alegria dos membros da KfK com as mudanças que ocorriam na Alemanha, a carta de congratulações enviada para a Chancelaria em Berlim não cita diretamente nenhum órgão ou nome de indivíduo relacionado com o NSDAP. O que era bem destacado na carta era a chegada ao poder de uma nova forma de moralidade pública e a promessa de erradicação do Partido Comunista na Alemanha pelos nazistas. Possivelmente os menonitas já estavam informados do incêndio do Reichstag, ocorrido em fevereiro, e da subsequente caçada aos comunitas que haviam sido acusados de terem cometido o ato terrorista. Era de se esperar que realmente eles se regozijassem com a perseguição aos comunistas, os responsáveis pela sua saída forçada da Rússia cinco anos antes. Sob essa perspectiva, qualquer partido, nazista ou não, que se propusesse a *dar uma lição* nos comunistas seria aplaudido pelos menonitas. A experiência da expulsão e da perda de todos os seus haveres na Rússia não era algo fácil de ser esquecido. Se a alegria dos membros da KfK pelos acontecimentos na Alemanha fora expressada por um carta de congratulações bem comportada e, até certo ponto com reservas, com os jovens menonitas a situação foi diferente.

4.1.5. Transtornos na pacata colônia

Os jovens ficaram impressionados positivamente com os nazistas, principalmente porque ofereciam um resgate do amor-próprio ferido pela expulsão e

¹¹⁸ THIESEN, 1999, 79.

¹¹⁹ DIE BRÜCKE, maio de 1933.

¹²⁰ MASKE, 1999, 137.

pela condição de refugiados, dependendo da boa vontade de estranhos e também prometiam uma reposta aos comunistas à altura do que lhes fizeram. Talvez esses jovens tenham sido o grupo mais afetado pela expulsão e isso se refletia em seu comportamento crescentemente rebelde. Pelo que as fontes indicam, havia um mal estar com os pais e com as antigas lideranças menonitas na Rússia, por não terem esboçado nenhuma reação aos comunistas. Era uma promessa de distúrbios desde o primeiro dia em Fernheim.

No final de 1931, a Companhia Casado¹²¹ havia começado um experimento agrícola em Palo Santo, a leste das colônias menonitas. Para esse trabalho, foram contratados cerca de 20 rapazes de Fernheim, que foram trabalhar no projeto sem a devida supervisão e, segundo alguns relatos, realizaram pouco trabalho útil e começaram a participar em atividades ilícitas não especificadas.¹²² Isso se deduz pela ata da reunião da KfK de 14 de novembro de 1932, que descreveu o evento como sendo de uma algazarra ecoando de uma chácara, de jovens indivíduos que se comportavam muito mal, mostrando desprezo pela palavra de Deus.¹²³ No início de 1933, a Firma Casado demitiu todo o grupo de jovens, que retornou para a colônia e continuou com suas *atividades perniciosas*, não especificadas.¹²⁴ Na Páscoa de 1933, os jovens fizeram uma *Chacofest* regada a muita cerveja, na qual seu comportamento foi de tal forma afrontosa aos princípios menonitas que os adultos pediram punições ao diretor da colônia. O *Oberschulze* David Löwen convocou uma sindicância em Filadélfia. Por alguma razão não esclarecida pelas fontes, o caso foi encerrado com os líderes da colônia embaraçados perante a opinião pública.¹²⁵ Esses tumultos, muito pouco especificados no que se refere à sua natureza (de ordem moral, religiosa, política ou ideológica; não se pode saber) levaram a que os diretores da colônia decidissem por alguma atitude de cunho educativo, para tentar resgatar os jovens, sem puni-los. Havia a consciência de que

¹²¹ A Companhia Casado era a antiga proprietária das terras nas quais se instalaram as colônias menonitas do Chaco. Depois da venda, a Companhia permaneceu com grandes glebas na região, onde mantinha projetos agropecuários que eventualmente demandavam mão-de-obra, muitas vezes atendida pelos menonitas de Menno e de Fernheim, contratados temporariamente pela empresa.

¹²² KLIEWER, Friedrich. *Mennonite Young People's Work in the Paraguayan Chaco*. The Mennonite Quarterly Review 11 (04/1937), pp. 119-130, citado em THIESEN, 1999, 80.

¹²³ THIESEN, 1999, 80.

¹²⁴ QUIRING, 1937, 182.

¹²⁵ QUIRING, 1937, 182.

os tumultos eram resultado do processo traumático pelo qual toda a comunidade passou com a expulsão da Rússia, sendo os jovens e as crianças os que mais sofreram.

4.1.6. O surgimento da liderança *völkisch*

No auge da crise, dois professores conhecidos por sua adesão entusiasmada ao nacional-socialismo – Friedrich Kliewer e Julius Legiehn – foram encarregados pela direção da colônia de elaborar um plano de resgate e reeducação dos jovens rebeldes. Desde há muito, os dois eram figuras-chave na divulgação e nas atividades relacionadas ao nacional-socialismo em Fernheim. Friedrich Kliewer era membro do grupo polonês. Nascera em Deutsch-Wymyschle, no ano de 1905. De 1921 a 1926 estudou na academia pedagógica de Łódź. Terminado o curso, passou a trabalhar em Lwówek, ensinando numa escola secundária para a minoria alemã na Polônia. Em 1930, chegou ao Chaco com sua família e imediatamente assumiu o cargo de professor secundarista na escola comunal.¹²⁶

Julius Legiehn vinha da Ucrânia, onde nascera em 1899. Chegara ao Chaco com o grupo de refugiados de Moscou, acompanhado da esposa e de três filhos. De imediato, passou a lecionar na escola secundária de Fernheim.¹²⁷

Assim, em 20 de agosto de 1933, realizou-se uma reunião na aldeia de Friedensfeld, onde os dois professores apresentaram o projeto do programa de reeducação dos jovens rebeldes, que a mesma havia encomendado. O que fora apresentado previa que cada aldeia teria um *Ortsgruppe* (grupo local), que se reuniria semanalmente na noite de quarta-feira. Na primeira reunião do mês, um estudo bíblico e um culto de louvor seriam realizados, utilizando material do *Jugendbund für entschiedenes Christentum* (Aliança Juvenil para o Cristianismo Decidido).

O Movimento Cristianismo Decidido surgiu durante a década de 1920 na Alemanha e congregava elementos de diversas denominações protestantes, em

¹²⁶ BOSCHMANN, 1989, 59.

¹²⁷ BOSCHMANN, 1989, 60.

uma perspectiva pietista e mesmo fundamentalista, buscando uma integração principalmente dos indivíduos mais jovens. Mantinham programas para elementos marginalizados, órfãos, crianças e jovens trabalhadores. Em outra pesquisa¹²⁸, verifiquei que moças menonitas que trabalhavam como criadas em casas de famílias teuto-brasileiras em Curitiba recebiam um forte apoio do Movimento Cristianismo Decidido. As relações desse movimento com os Cristãos Alemães (nazista) de forma alguma são confirmadas pelas fontes, mas por meio de fotos da sede do movimento em Curitiba, pude vê-la decorada com símbolos nazistas para uma festividade; símbolos sabidamente proibidos pelo governo brasileiro. Suponho que houvesse uma forte simpatia pelo nazismo, já que esses símbolos eram altamente valorizados pelos nazistas.

Na segunda reunião mensal, estavam programadas palestras sobre a história dos menonitas e do anabatismo, usando como material didático livros de historiadores suíços, como Samuel Geiser e Daniel Lerch¹²⁹, editados pela mesmo editor de Karlsruhe, Heinrich Schneider, que editava os livros de Walter Quiring, o menonita que se tornara um nazista convicto. A terceira semana estava programada para a realização de palestras sobre a história e o desenvolvimento social da Alemanha.¹³⁰ Na quarta reunião, os jovens estudariam etiqueta e regras de convívio social, usando como livro didático um manual publicado pela Igreja Batista Alemã, e ao que indica as fontes, muito utilizado na época para a educação de jovens protestantes.¹³¹

Se houvesse mais uma quarta-feira no mês, seria utilizada para aulas de canto não religioso. Em seu programa, os autores justificavam que os corais existentes em Fernheim se dedicavam exclusivamente a canções sacras, enquanto que, no novo programa, o foco estaria centrado em canções folclóricas alemãs. Além disso, havia a necessidade, segundo eles, de divulgar o rico patrimônio cultural do cancionário popular alemão, o que contribuía para a formação do caráter do jovem

¹²⁸ MASKE, 1999.

¹²⁹ GEISER & LERCH, 1931.

¹³⁰ QUIRING, 1937, 183.

¹³¹ O manual utilizado era de autoria de Albert Höfs: *Was lieblich ist und wohl lautet: ein Buch über den guten Ton*. Kassel: J. G. Oncken Verlag.

alemão. Em vista disso, todo mês seria ensaiada uma canção tradicional *para que os jovens a conhecessem, a cultivassem e a amassem*.¹³²



Atividades físicas de inspiração militar com as crianças da escola fundamental, em Fernheim.
Fonte: THIESEN, 1999, 87.

4.2. Pangermanismo, Antimodernismo e Retorno da Era de Ouro

Pode-se perceber claramente a influência do pensamento pangermanista no projeto de Kliewer e Legiehn. De fato, eles próprios e seus seguidores chamarão o movimento que surgirá daí de *Völkische Bewegung* (Movimento *Völkisch*).¹³³ Na perspectiva *völkisch*, a música folclórica é bastante valorizada e remonta ao início do

¹³² QUIRING, 1937, 183.

¹³³ O termo *völkisch* tem difícil tradução em português. A princípio poderíamos traduzir como popular, mas em alemão é mais do que isso. Significaria o mais genuinamente alemão. Em função disso, optou-se por manter o termo para designar o movimento que ocorreu em Fernheim e os adeptos dele. *Völkisch* e nazista não são sinônimos, ainda que os nazistas de Fernheim se autodenominassem *völkisch*. Isto se deve ao fato de que os nazistas se inspiraram no movimento nacionalista pangermanista/*völkisch* do final do século XIX e início do XX.

século XIX, com o surgimento do romantismo alemão, assim como na chamada época do Biedermeier, quando foram resgatadas tradições musicais da Idade Média e da Reforma para uma camada pequeno burguesa em ascensão. Não podemos esquecer que a música, juntamente com a literatura, desempenhou um papel muito importante e valorizado na História cultural alemã, mesmo entre os setores menos educados da sociedade. E, por isso, foram exaustivamente explorados por diversos grupos, políticos ou não. Entre os nacional-socialistas, a ênfase na cultura alemã revestiu-se de um caráter racial e étnico, procurando evidenciar sua superioridade em relação a outras culturas.

Além disso, deve-se perceber que o projeto de Kliwer e Legiehn tinha claramente um caráter pedagógico, na proposta de resgatar os jovens rebeldes. Por meio da história, da música e das boas maneiras os jovens seriam re-educados, melhorariam seu comportamento, assumindo uma posição de submissão e de autodisciplinização.

Com a porta de entrada aberta pela própria direção da colônia, Legiehn, e especialmente Kliwer, puderam iniciar seu trabalho de divulgação do nacional-socialismo (designado de Movimento *Völkisch*), entre os jovens da colônia. Assim, com a justificativa de resgatar a juventude rebelde, surgiu o *Jugendbund* (União Juvenil), primeiro estágio na tentativa de conversão de Fernheim ao nacional-socialismo. Em 1936, em documento apresentado na Conferência Mundial Menonita, realizada em Amsterdã, Kliwer destacou as características de seu trabalho com os jovens:

A principal diferença entre o trabalho que está sendo realizado com os jovens de Fernheim e o trabalho que normalmente é desenvolvido mundo afora em outras comunidades menonitas é encontrada no fato de que promovemos e preservamos tanto nossa herança cultural menonita e alemã, quanto ao nosso bem estar espiritual. Além disso, desde a Grande Guerra de 1914, temos percebido um novo significado nos ordenamentos que recebemos de Deus, no que se refere aos cuidados que devemos ter na manutenção da família, do trabalho e do Estado e também da nação.

Acreditamos que na América do Sul nos encontramos numa situação especialmente perigosa no que se refere à manutenção de nosso *Deutschtum* (germanidade). Perigos esses maiores dos que existiam antes da Grande Guerra na Rússia, na Polônia e em outros países.

Assim, nós estamos tentando fortalecer e ampliar as forças nacionais em nosso meio, de forma que possamos sobrepujar as forças de degeneração que tentam nos atacar vindas de fora. Acima de tudo, nós, como menonitas germanófonos pertencemos ao grande grupo nacional e cultural alemão e queremos afirmar nossa participação no *Deutschtum*.

Os menonitas canadenses da colônia Menno, ao lado da nossa, deixaram o Canadá para proteger e deixar intocadas suas escolas alemãs. Eles sentem a mesma coisa que nós, que conscientemente queremos educar nossos filhos nos bons princípios do *Deutschtum*. Os menonitas canadenses há muito perderam o contato com a Alemanha. Mas na tradição da fé menonita eles mantêm seu caráter nacional e religioso. Por outro lado, a colônia de Fernheim se esforça em solidificar os laços com a Alemanha, os quais restabeleceu por ocasião de nossa fuga da Rússia em 1929 e 1930. E fazemos isto em diversas áreas, tentando promover e desenvolver principalmente a cultura, educação formal e a economia. Um dos modos pelos quais direcionamos este trabalho é através de nosso *Jugendbund*.¹³⁴

Note-se que, desde o início, os líderes do Movimento *Völkisch* tentaram deixar claro seu comprometimento com a *nova ideologia*. Percebe-se também a importância como se destaca o trabalho com os jovens e a necessidade premente de envolvê-los nos projetos de desenvolvimento da colônia. Segundo Kliwer, germanidade era algo inerente aos menonitas canadenses, nascida com eles, pois mesmo afastados do contato direto com a Alemanha, ainda sim permaneciam alemães, mesmo que inconscientemente. O sentimento de pertencer a esta ou àquela nação se tornou, aos olhos dos líderes *völkisch*, um fato genético e não cultural. Heroicamente, quando ameaçados por elementos degeneradores (perda da escola alemã), buscaram refúgio no Chaco para manter intacta sua herança cultural (e genética). Era um exemplo a ser seguido e a confirmação da superioridade germânica.

Ao mesmo tempo, Kliwer estabelecia uma ponte que tradicionalmente não existia, ou pelo menos não era tão ressaltada pelos menonitas: a ligação entre a tradição religiosa menonita e a cultura tradicional alemã, apresentando a primeira como uma consequência da segunda. Mesmo os menonitas canadenses, que fugiram da secularização das escolas no Canadá, não saíram desse país pela simples perseguição à germanidade, mas sim porque a xenofobia canadense poderia atingir a escola religiosa menonita, que era alemã. O essencial para os menonitas era preservar a tradição religiosa e não a língua alemã em si. Para os

menonitas, no decorrer dos séculos, a língua alemã assumiu um papel de língua quase sagrada em função de uma série de eventos que os motivou a isso.¹³⁵ Da mesma forma como o árabe se tornou uma língua sagrada para os muçulmanos, o alemão, em função do papel que assumiu no desenvolvimento da doutrina anabatista-menonita, tinha um valor especial, diferente do de outras línguas.

Apesar do estilo de vida tradicional, conservador e recluso inerente aos menonitas, acabaram sempre recebendo alguma influência de fora de sua comunidade, como foi o caso do pangermanismo do século XIX, em virtude da divulgação da doutrina pelos meios de comunicação. Assim, a linguagem adotada pelos líderes da *Jugendbund* lhes era familiar.

Já conheciam os princípios pangermanistas que o nacional-socialismo adotara. Em função disso, não houve um espanto inicial em relação à *nova ideologia*, que afinal de contas, não parecia tão nova. Foi essa familiaridade que abriu as portas para o nacional-socialismo.

Mas o pangermanismo, pelo menos entre os menonitas, não tentava fazer um cruzamento entre a tradição religiosa e a tradição cultural. Para que se possa compreender melhor as bases da aceitação do nacional-socialismo por parte da população de Fernheim, é necessário conhecermos as roupagens *völkisch* vestidas pelo nacional-socialismo e que eram não só conhecidas, mas também cultuadas pelos menonitas.

Logo após, iniciado o movimento romântico e influenciados por idéias dele decorrentes, os pangermanistas procuraram aglutinar o povo alemão mediante um profundo amor por sua língua, suas tradições e sua pátria. Esses pensadores concluíam que os alemães eram animados por um espírito mais elevado do que o de outros povos. Para tais pensadores, o Iluminismo e a democracia parlamentar eram idéias estranhas que corrompiam o puro espírito germânico. Com muita devoção, os *völkisch* abarcaram todas as idealizações alemãs: o passado medieval, a paisagem

¹³⁴ QUIRING, 1937, 183.

¹³⁵ MASKE, 1999, 19-45.

alemã, o camponês simples e a aldeia. Rejeitaram a modernidade liberal humanista do Ocidente, considerando-a como alheia à alma germânica.¹³⁶

O pangermanismo atraiu os alemães assustados com todas as complexidades da era moderna: industrialização, urbanização, materialismo, luta de classes, socialismo e ateísmo. Deve-se observar o horror com que os camponeses menonitas viam esses avanços da modernidade que atingiam o mundo exterior à colônia, comumente chamado entre eles de *Welt* (mundo secular), cheio de perigos e armadilhas, em contraposição à sua *Gemeinde* (comunidade) rural, segura, serena e o primeiro sinal do Reino de Deus, sem perigos e ameaças.

A linguagem do pangermanismo era, portanto, fácil de ser compreendida pelos menonitas. Assim como os pensadores pangermanistas, ao ver sua amada Alemanha transformada pelas forças da modernidade, ansiaram por restabelecer o sentido de comunidade que era atribuído à era pré-industrial; também os menonitas ansiavam em preservar a sua comunidade. Apenas pela identificação com seu solo sagrado e com as tradições sagradas poderiam os alemães contemporâneos escapar dos males da sociedade industrial.

O movimento pangermanista teve pouco apoio da classe trabalhadora, que estava principalmente preocupada com a melhoria de seu padrão de vida. Teve um apelo maior entre os agricultores e aldeões, que encaravam a cidade industrial como uma ameaça aos valores nativos e um veículo para disseminar idéias estranhas. Também teve boa aceitação entre os pequenos artesãos e lojistas ameaçados pelas grandes empresas. O pangermanismo também foi bem recebido entre eruditos, escritores, professores e estudantes, que viram no nacionalismo germânico uma causa merecedora de seu idealismo. As escolas foram agentes destacados para a difusão das idéias pangermanistas.

Não é por acaso, portanto, que o nacional-socialismo adentra em Fernheim por meio da escola e que os dois principais líderes nazistas sejam dois professores, que apesar da força anti-modernizante do pangermanismo, viam-se como arautos da *Nova Alemanha* e da *nova ideologia*. De fato, a escola foi uma instituição usada logo

¹³⁶ PERRY, 1999, 459.

de início pelos pangermanistas na difusão de suas idéias, como também em vários outros movimentos nacionalistas.

O nacional-socialismo, seguindo essa tendência, também o fez. Mas de forma diferente dos pangermanistas, os nazistas valorizaram mais o desenvolvimento do caráter e a educação física do que o desenvolvimento do intelecto. Um corpo saudável e forte era considerado mais importante do que uma mente brilhante.¹³⁷ Pode-se observar essa mesma mentalidade na organização da escola promovida posteriormente por Kliwer e Legiehn em Fernheim. Dava-se uma grande importância para as disciplinas do currículo normal, como línguas, geografia e matemática, mas a idéia de que o verdadeiro propósito da educação era incutir um senso de disciplina, dever, obediência e serviço para o bem da germanidade, estava presente no ideal da escola implantada em Fernheim.

Segundo as fontes consultadas¹³⁸, os uniformes de educação física adotados na escola secundária causaram uma impressão negativa aos menonitas conservadores, principalmente porque, pelo novo método, também as moças deveriam se exercitar todas manhãs, por uma hora, com as novas roupas curtas, *para engendrar um corpo forte e saudável, no qual o conhecimento seria introjetado mais consistentemente*. Após a ginástica, os jovens deveriam tomar uma ducha, vestir-se apropriadamente e tomar um rico desjejum, regado a leite, frutas e cereais. Só aí estariam prontos para as aulas formais.

Aí também vemos a influência dos conceitos de higiene e eugenia dos nazistas. Atividade física coletiva, banho diário, e boa alimentação tinham a função de ajudar a fortalecer a alma e o espírito e neutralizar os efeitos supostamente desmoralizantes do individualismo, do racionalismo e do intelectualismo liberal.¹³⁹

A boa aceitação do pangermanismo entre os agricultores e aldeões alemães, devido à sua mentalidade antimoderna, pode explicar a boa acolhida dada por parte dos menonitas ao nacional-socialismo. Também eles encaravam o mundo industrial como uma ameaça aos valores ancestrais e junto com as idéias estranhas,

¹³⁷ STACKELBERG, 2002, 187.

¹³⁸ KLASSEN, 1990, 58.

¹³⁹ STACKELBERG, 2002, 188.

provavelmente podia estar o poder do *Maligno*. Não é de estranhar que justamente nas regiões rurais da Baviera e do norte da Alemanha (a região ancestral dos menonitas), o Partido Nazista obtivesse os melhores índices de votação; lá os camponeses sofriam ora com os avanços da vida moderna e do liberalismo econômico, ora com as ameaças do comunismo vindas do leste. Torna-se compreensível a adesão de muitos menonitas de Fernheim, quando os identificamos com os camponeses conservadores, pois seu modo de pensar era muito semelhante. A adesão ao nazismo representava ainda a manutenção do velho mundo, sereno e estático. O liberalismo era o sinal da decadência econômica, da crise, da fome, da miséria e da perda da terra, que levaria o camponês a se tornar operário e prisioneiro dos capitães de indústria.

Já o comunismo representava o caos completo e o domínio da violência. E além disso, era também ateu, o que, na visão de camponeses pouco instruídos, era um primeiro passo para a degradação moral e a ascensão de poderes diabólicos.

4.2.1. O *Jugendbund*

O *Jugendbund* se organizara como uma típica instituição nazista. Tinha inclusive uma canção-tema: *Aufruf zum Kampf* (Chamado para a batalha). A canção continha algo de beligerante, mas não totalmente nacionalista. Como muitas canções e hinos cristãos, conclamava os jovens para uma batalha, mas uma batalha espiritual, para lutar contra Satanás e pelo Evangelho. Mas o que mais chama a atenção é que a idéia de luta, batalha, guerra está onipresente no trabalho do *Jugendbund*. Para integrar os jovens na vida da comunidade, informar aos pais do que faziam e possibilitar a publicação de notícias e artigos de interesse da causa nacional-socialista, criou-se um pequeno jornal, o *Kämpfende Jugend* (Juventude Lutadora), que circularia como suplemento do *Menno-Blatt*. Para muitos menonitas o título parecia pouco apropriado, levando em conta a importância do pacifismo para a doutrina menonita, mas muitos leitores argumentaram que não era uma batalha com armas mortíferas, mas uma luta espiritual e intelectual.¹⁴⁰ Por outro lado, as idéias nazistas eram amalgamadas pelo *Jugendbund* ao discurso religioso. Por isso,

sempre que necessário, era conveniente a argumentação de que os termos guerreiros e belicosos eram em sentido espiritual, numa batalha entre Deus e o diabo.

É importante que se note que a presença constante de palavras como batalha, confronto, embate, bem, mal, etc demonstra a forte influência que o ideário nazista tinha no programa do *Jugendbund* de Fernheim. Mesmo que a argumentação para essa constante presença fosse sempre uma citação bíblica conveniente, o *Jugendbund* foi o principal veículo de divulgação das idéias nazistas em Fernheim no início da década de 1930.

Em 1933 e 1934 o *Jugendbund* foi particularmente ativo. Um ano após sua fundação, já contava com 350 membros divididos em 13 regionais denominadas de *Ortsgruppen* (grupos locais) e as idéias do movimento *völkisch* eram quase sempre onipresentes. Vários exemplos podem ser citados: em 2 de outubro de 1933 o *Ortsgruppe* de Schönwiese comemorou o aniversário de Paul von Hindenburg, presidente e herói nacional alemão, com canções patrióticas e militares. Legiehn fez uma breve palestra sobre a biografia de Hindenburg e a festividade foi encerrada com a execução do hino nacional alemão e um lanche.¹⁴¹

Um patriotismo tão ardente por parte dos membros do *Jugendbund* não indica uma adesão automática ao nazismo. Mas o fato é que, lentamente, durante a década de 1930, as idéias *völkisch* foram abrindo caminho para as idéias nazistas entre os menonitas do Paraguai. Além disso, após séculos fora da Alemanha, é surpreendente o renascer jubiloso do patriotismo entre eles.

Em junho de 1934, numa reunião do *Jugendbund*, resolveu-se fazer uma *Noite Alemã*, que seria realizada na aldeia de Rosenort, em um mês. A organização do evento ficaria a cargo dos professores da escola comunal local. Aparentemente algumas pessoas começaram a mostrar seu descontentamento com o exagero na valorização da germanidade, para o que houve uma resposta por escrito de um dos jovens integrantes do *Jugendbund*:

¹⁴⁰ THIESEN, 1999, 82.

¹⁴¹ MENO-BLATT, novembro de 1933.

Se alguém critica nosso ponto de vista alemão, nós respondemos que germanidade e cristianismo são totalmente compatíveis. Muitas das virtudes cristãs são praticadas pelos alemães desde tempos imemoriais. Entre elas podemos citar: honestidade, lealdade, e hospitalidade. Em função disso, nós professamos livremente e abertamente nosso compromisso com a nação alemã. A etnia é um dom divino. Graças a Deus, também a Alemanha experimenta agora o renascer de sua glória étnica. E nós aqui, no longínquo Chaco estamos felizes por podermos estar entre os 100 milhões de alemães que habitam a Terra.¹⁴²

Note-se que a argumentação não é dos líderes, mas de um jovem membro do *Jugendbund*, o que comprova que os resultados do trabalho de Kliwer e Legiehn começam a ser sentidos. O jovem tem a iniciativa de tomar a palavra e a defender seus pontos de vista (talvez com o incentivo dos líderes) dentro da argumentação tipicamente nazista, buscando no passado remoto virtudes cristãs *tipicamente alemãs*. Com relação à mobilização de jovens pelo movimento nazista, Norbert Elias¹⁴³ bem notou que a estratégia se baseava em buscar os jovens desiludidos com a derrota alemã e agrupá-los em *Freikorps*, pois esses já não estavam mais dispostos a obedecer a uma liderança derrotada. Podemos fazer uma analogia com o caso de Fernheim. As velhas lideranças na colônia eram as mesmas que os dirigiam na Rússia. Contudo, lá foram, de certa forma, derrotadas e continuavam derrotadas. Os jovens menonitas estavam ansiosos por uma liderança que lhes desse esperanças e certezas imediatas. Essa liderança era Fritz Kliwer e o *Jugendbund* era o *Freikorps*.

Já os menonitas adultos e anciãos começaram a se inquietar com a apaixonada adesão dos jovens ao *Jugendbund*. Sem citar nomes, Fritz Kliwer afirma que seu trabalho não estava sendo compreendido pelos membros mais velhos da comunidade. Mesmo que houvesse uma presença constante de temas cristãos mesclados com assuntos nacionalistas, sociais e educacionais, os veteranos começavam a despertar sua atenção para os acontecimentos em torno do *Jugendbund* e mostravam ceticismo em relação à conveniência de um movimento daqueles entre os jovens de uma comunidade religiosa sectária conservadora como a dos menonitas. Os jovens, por sua vez, pareciam genuinamente interessados nas atividades do *Jugendbund*, que para eles não era somente uma organização com

¹⁴² MENNO-BLATT, julho de 1934.

¹⁴³ ELIAS, 1997, 172.

objetivos político-ideológicos, mas dava também uma perspectiva positiva quanto ao futuro, como já vimos.

As atividades que em geral atraíam mais público e que recebiam maior atenção no suplemento *Kämpfende Jugend* eram justamente as que promoviam a germanidade. Aparentemente, o estudo de temas bíblicos e da história dos menonitas atraía pouca atenção e por isso era pouco noticiado. Em determinados momentos, os artigos sobre o movimento *völkisch* eram claramente defensivos, não respondendo diretamente a nenhuma acusação. Percebe-se, todavia, que haveria algo por trás do artigo. Tudo o que se percebe surge por intermédio dos próprios líderes do movimento *völkisch*. Ao que parece, os opositores não quiseram deixar suas insatisfações no papel, transformando o tema em uma guerra aberta. Tentavam talvez, por meio de admoestações, trazer não somente os jovens, mas também os talentosos professores Kliwer e Legiehn, devolta ao seio da comunidade menonita tradicional. Mas Kliwer, em várias ocasiões, deixou clara a sua insatisfação, declarando que *as organizações da Igreja ocasionalmente causaram dificuldades no trabalho do Jugendbund, porque muitos irmãos idosos não entendem a natureza e os propósitos da nova organização, atribuindo-lhe injustamente inúmeros objetivos secretos*.¹⁴⁴

Sem dúvida, as objeções dos líderes religiosos eram inúmeras. Certamente algumas atividades eram questionáveis aos mais conservadores: em particular, a música não religiosa parecia despertar a animosidade especialmente por ser mundana e representar a entrada de idéias externas na comunidade menonita. De forma semelhante, a adesão a uma agremiação política parecia uma porta a mais para a entrada de influências não cristãs do mundo secular. E, acima de tudo, muitos menonitas ligados ao movimento *völkisch* mostravam-se dispostos a assumir cargos políticos, contrariando a doutrina de renúncia a juramentos públicos, o que deixava a liderança religiosa cautelosa e prevenida.

Sob outro ponto de vista, o *Jugendbund* se tornara rapidamente um centro de poder paralelo ao das Igrejas menonitas, concorrendo também com a administração da colônia e com a direção da cooperativa. Enfim, em apenas dois

¹⁴⁴ DERKSEN, 1988, 83.

anos de existência, o *Jugendbund* conseguiu semear opositores nas três esferas de poder: a religiosa (Igrejas menonitas/KfK), a política (administração da colônia) e a econômica (direção da cooperativa). Com relação à primeira, o *Jugendbund* nem sequer tinha a intenção de questionar seu poder, mas com relação à segunda e à terceira, de fato era uma ameaça, pois questionava seus métodos, colocando os jovens em confronto com os adultos. Esse tipo de competição por influência pública entre instituições sociais menonitas não religiosas não era novidade na história menonita. Já na Prússia e na Rússia, eventos semelhantes ocorreram. O fato é que o *Jugendbund* era no mínimo um fator desestabilizante na balança de poder em Fernheim. Além disso, a educação dos jovens começava a sair fora da influência do clero menonita, o que irritava profundamente os pastores ciosos de seu poder, pois a escola era tradicionalmente uma área de sua atuação.



Reunião do *Jugendbund*, em 1934.

Fonte: KLASSEN, 1990, 32.

4.2.2. Os líderes nazificados

Em agosto de 1934, um dos fundadores do *Jugendbund*, Fritz Kliwer, deixou a colônia. Kliwer, um dos poucos professores de Fernheim com formação

acadêmica, partiu para a Alemanha com o objetivo de cursar o doutorado em história na Universidade de Marburg. Esse projeto foi financiado pela VDA.¹⁴⁵ Sua saída deixou uma lacuna na liderança do *Jugendbund* difícil de ser preenchida, pois Kliwer conseguia, em função de seu caráter diplomático e de seu carisma pessoal, convencer a liderança conservadora e obter concessões desse grupo que possibilitavam a sobrevivência do movimento *völkisch*. Enfim, era respeitado e considerado um líder valioso pela ala conservadora, apesar de seu *patriotismo extremado*.¹⁴⁶

Para preencher essa lacuna, a VDA enviou uma outra pessoa para substituir Kliwer: Peter Hildebrand, que nasceu na Rússia, em 1906, e obteve sua formação pedagógica em uma faculdade de ciências humanas, entre 1924 e 1927, fez parte do grupo de menonitas que conseguiu escapar da Rússia em 1930, via Harbin, China, onde atuou em uma escola fundamental para refugiados de língua alemã e tentou em vão obter visto para entrar no Canadá, nos Estados Unidos ou no México, países onde tinha parentes ou conhecidos; em 1933, conseguiu ir para a Alemanha, onde estabeleceu contato com organismos que davam apoio aos alemães no exterior, um dos quais lhe ofereceu um emprego burocrático. Além disso, acabou estabelecendo contatos com grupos nazistas e terminou se associando às AS (*Sturm Abteilung*), de Ernst Röhm.¹⁴⁷ As AS, incorporadas em 1934 ao Exército Alemão, após o assassinato de Röhm, congregavam jovens desempregados e eram virtualmente a milícia do NSDAP.

O amigo dos menonitas na Alemanha, Benjamin Unruh, foi quem colocou Hildebrand em contato com a VDA que o recrutou para substituir Kliwer no Paraguai, junto à escola secundária e no *Jugendbund*. Depois de passar por um treinamento na VDA, em várias localidades na Alemanha, acompanhou os menonitas do grupo de Harbin ao Brasil para verificar as condições de instalação

¹⁴⁵ VDA: *Verein für das Deutschtum im Ausland* – Associação para a Germanidade no Exterior. Era uma organização semigovernamental cujo objetivo era financiar projetos educacionais e culturais que beneficiassem os alemães no exterior. Durante o período nazista, suas relações com a América do Sul foram bastante intensas. Davam também apoio logístico aos pangermanistas.

¹⁴⁶ THIESEN, 1999, 85.

¹⁴⁷ HILDEBRAND, 1984, 141.

dos mesmos em Santa Catarina.¹⁴⁸ Partiu depois para o Paraguai, chegando em Fernheim em junho de 1934.

A integração de Hildebrand em Fernheim foi rápida, pois entre os colonos havia parentes e amigos. Posteriormente, foi relatado que a cada oportunidade ele era questionado sobre os fatos da *Nova Alemanha*.¹⁴⁹ Semanas depois de sua chegada, realizara uma palestra durante uma reunião da colônia sobre o tema *A Alemanha nacional-socialista e seu interesse nos alemães do exterior*. Em sua conferência, analisou o estado das novas condições sociais alemãs, falou detalhadamente sobre a pessoa do *Führer* e debateu aspectos da recuperação econômica da Alemanha, seu sistema escolar, as Igrejas e sua relação com os nazistas e a questão judaica.¹⁵⁰ Em suas memórias e em outras fontes,¹⁵¹ é apresentado como um *alemão convicto*, em função da conferência que lhe rendeu tal reputação.

Entretanto, seu discurso não convenceu a todos, pelo menos não no sentido esperado. Entre os ouvintes estavam pessoas que se correspondiam com amigos na Alemanha, que tinham uma impressão negativa acerca da interferência dos nazistas nas igrejas luterana e católica. Alguns descontentes chegaram a interromper Hildebrand para deixar clara sua insatisfação com a presença de um professor tão ardentemente *völkisch* nas escolas da colônia, onde poderia exercer uma influência direta sobre os estudantes. Essa foi a primeira manifestação documentada contra o movimento *völkisch* em Fernheim.¹⁵²

Hildebrand mudou-se então para a aldeia de Schönwiese, onde ficava a escola secundária. Lá, os estudantes mostravam sua adesão ao movimento *völkisch* de forma bastante entusiasmada e barulhenta, com saudações *Heil Hitler* e falando freqüentemente de assuntos referentes à germanidade. Isso mostra quanto o trabalho dos líderes nazistas rapidamente produziu frutos entre a população jovem de Fernheim. Hildebrand trouxe consigo uma doação de 800 *Reichsmark* e recebia regularmente, via correio, material didático da VDA. Ao mesmo tempo em que

¹⁴⁸ MASKE, 1999, 76.

¹⁴⁹ HILDEBRAND, 1984, 295.

¹⁵⁰ HILDEBRAND, 1984, 182.

¹⁵¹ THIESEN, 1999, 86 & KLASSEN, 1990, 46.

Fernheim adotava esse material, Hildebrand tentou entrar também na colônia vizinha, a dos canadenses de Menno, os quais, polidamente, recusaram adotar o currículo escolar da *Nova Alemanha*. Fernheim chegou a adotar oficialmente o *Lehrplan der reichsdeutschen Grundschule* (Currículo das escolas fundamentais alemãs), o que mostra como a administração escolar estava seguindo a orientação do NSDAP.

Por seu lado, Benjamin Unruh, com bons contatos nos círculos governamentais alemães, buscava mais recursos e subsídios para as escolas de Fernheim, mas também para as escolas da colônia menonita no Brasil.¹⁵³ Seu principal objetivo era poder custear totalmente o salário dos professores e torná-los assim mais independentes financeiramente dos cidadãos da colônia, possibilitando a eles a liberdade de aderir ao movimento *völkisch*, mesmo que isso representasse estar contra a opinião pública da colônia.¹⁵⁴ Nesse ponto, com o cenário se configurando dessa forma, percebemos que a liderança nazista da colônia já tinha certeza de que os mais velhos e os pastores não seriam convencidos a apoiar o movimento e que se fazia urgente organizar estratégias para neutralizar a ação dos religiosos, como a de não precisar contar com a colaboração financeira deles para a sobrevivência das escolas e dos professores. O cenário que configurava era a de uma guerra de pastores e de professores. Hildebrand e Legiehn eram líderes locais e Unruh e Kliewer davam seu apoio logístico na Alemanha. Para manter sua posição, os professores partiram para o ataque, solidificando os contatos postais e telegráficos com a Alemanha. Segundo um colono,¹⁵⁵ desde quando Hitler chegara ao poder, o correio passou a ter muito serviço, pois Fernheim começou a ser inundada com jornais, revistas e livros, a maior parte deles de caráter anticomunista.

Nesse período,¹⁵⁶ Fernheim tinha sessenta e quatro assinaturas do jornal *Mennonitische Rundschau*, quinze do *Der Bote*, semanários menonitas do Canadá. Também recebia quinze do hebdomadário menonita alemão *Dein Reich komme*. Fora do circuito menonita, existiam 48 assinaturas do *La Plata Post*, de Buenos Aires

¹⁵² THIESEN, 1999, 86.

¹⁵³ MASKE, 1999, 117.

¹⁵⁴ KOSSOK, 1960, 974.

¹⁵⁵ DERKSEN, 1988, 82.

¹⁵⁶ QUIRING, 1936.

e que pertencia ao *Deutsche La Plata Zeitung*, considerado o principal jornal de língua alemã na América do Sul e que tinha uma postura política favorável aos nacional-socialistas.



Atividade física matinal em curso preparatório para professores, 1940.

Fonte: KLASSEN, 1990, 66.

4.2.3. O confronto entre a KfK e o *Jugendbund*

Em 10 de dezembro de 1935 a KfK começou a expressar sua preocupação em relação à literatura vinda da Alemanha. Eram citadas algumas publicações como o *Der Stürmer*, um tablóide anti-semita publicado por Julius Streicher, escritos de Erich Ludendorff, que divulgavam o paganismo nórdico e outros escritos racistas. Estava na hora, segundo eles, dos pais e líderes espirituais começarem a proteger os jovens do contato com esse tipo de literatura. Além disso, a KfK soube do posicionamento favorável de Benjamin Unruh em relação ao movimento dos Cristãos Alemães; Unruh era filiado ao Partido Nazista e com grande influência na Igreja Menonita alemã.¹⁵⁷ Esse movimento pretendia remover elementos judeus da teologia e da estrutura eclesial cristã. Para tal, justificavam que Jesus de Nazaré não

¹⁵⁷ GAILUS, 2001, 152.

era judeu, que a tradicional moral cristã era apenas subserviência judaica e que deveria ser abandonada, assim como o Velho Testamento deveria ser excluído da Bíblia.

Além disso, os menonitas eram constantemente consultados por outros grupos evangélicos sectários da Alemanha sobre a possibilidade de serem recebidos em Fernheim.¹⁵⁸ Klassen registrou o pedido de uma comunidade *quaker* inteira que tencionava emigrar da Alemanha para Fernheim, em função das ameaças dos nazistas em retirar o tradicional direito a não prestar serviço militar. Da mesma forma, as testemunhas de Jeová (*Bibelstudenten*) foram proscritas, perseguidas e confinadas aos milhares em campos de concentração por se negarem a abjurar de sua fé e prestarem a saudação ao *Führer*.¹⁵⁹ Esses fatos não passaram despercebidos aos anciãos e pastores.

Pelo que se pode notar, Fernheim, apesar de geograficamente isolada no Chaco, estava ligada por meio do correio e do telégrafo com todo o mundo. E esse intenso contato externo incentivava os colonos a acompanharem os grandes temas e eventos no cenário das relações internacionais mais de perto, tornando-os mais bem informados e qualificados para se posicionar politicamente.

No entanto, o *Jugendbund* continuou com suas atividades, mesmo com Kliewer na Alemanha. Um dos grandes meios de continuar o trabalho foi manter a publicação do *Kämpfende Jugend*, o suplemento juvenil do *Menno-Blatt*. Walter Quiring continuou a colaborar com diversos artigos, nos quais tratava de temas comuns à questão da germanidade e afirmava constantemente que não havia contradição entre germanismo e cristianismo e cristianismo e nacional-socialismo.

Na verdade, é patente a confusão existente entre esses líderes no que se refere a associar germanismo e nacional-socialismo. De fato, o que eles chamam de germanidade era o próprio nacional-socialismo, o que não ficou imune à atenção da liderança religiosa, ainda que demorasse muito tempo para expressar publicamente seu descontentamento por escrito, imaginando talvez que tal empolgação fosse algo

¹⁵⁸ KLASSEN, 1990, 35.

¹⁵⁹ SOCIEDADE TORRE DE VIGIA E TRATADOS, 1993, 448.

passageiro e logo seria esquecido. Mas as constantes declarações provocativas de Walter Quiring na imprensa demandavam uma resposta de uma oposição.

E essa oposição realmente existia. É possível que alguns pastores, que gradualmente emergiram como os principais oponentes, falassem mais do que registrassem por escrito suas opiniões acerca de Walter Quiring e do grupo de professores de Fritz Kliewer. Em maio de 1935, a KFK expressou suas dúvidas acerca do *Jugendbund*, que de início recebera seu apoio, mas que parecia agora totalmente prejudicial aos jovens e à harmonia da comunidade. Uma tomada de atitude era sempre protelada, ao que parece, por algum tipo de pudor por parte dos religiosos em provocar um conflito aberto ou talvez porque tivessem algum tipo de sentimento de inferioridade em relação aos professores, bem educados, carismáticos e certamente bem mais cosmopolitas do que eles, ou simplesmente por medo.

Mais uma vez, vemos a dinâmica *outsiders/estabelecidos* de Norbert Elias. Agora entre o grupo de pastores *vocacionados*, sem um preparo teológico acadêmico e os professores que tinham consciência de que para desempenharem bem sua profissão deveriam ao menos freqüentar uma academia pedagógica. Alguns professores, como Peter Hildebrand, criticavam severamente não apenas os pastores, mas também alguns professores, pois os consideravam desqualificados para os cargos que ocupavam. De fato, na tradição menonita, um pastor com formação acadêmica não é comum. Além do que, os professores com formação universitária haviam estudado em centros nos quais os pastores eram profissionais, com formação teológica adequada. Esse não era o caso dos menonitas. É de se esperar que houvesse um aumento das exigências em relação aos pastores e professores com pouco estudo, do que se ressentiam. É uma lástima não termos acesso à formação escolar dos líderes dos dois grupos para que possamos confirmar essa hipótese.

Deve-se levar em conta também que, assim como chegavam notícias negativas sobre o relacionamento entre os cristãos e o NSDAP, também chegavam notícias que lhes eram favoráveis, principalmente segundo fontes menonitas. Isso porque o NSDAP começava a reduzir o poder das igrejas estatais (luterana e

católica), o que diminuía a pressão sobre as pequenas igrejas livres, entre as quais contava-se a menonita.¹⁶⁰ Naturalmente, com a diminuição do poder das duas grandes igrejas, os pouco numerosos menonitas estavam mais livres. Como eram poucos em número e com uma influência restrita, não eram uma ameaça para os nazistas e, portanto, não eram perseguidos, daí a opinião favorável e ingênua da realidade de parte dos menonitas na Alemanha. Isso, na verdade, é também uma característica de grupo sectário presente nos menonitas. Isolados e concentrados em si mesmos, somente se rebelavam contra uma determinada situação quando eles próprios eram atingidos. Ao que parece, pouco lhes importava se luteranos e católicos eram perseguidos, desde que sua comunidade utópica fosse preservada. Vemos aí também uma atitude de revanchismo frente às duas grandes igrejas.

A oportunidade de ataque para a KfK surgiu quando Walter Quiring publicou um artigo no qual afirmava que:

(...) uma educação falsa tem impedido nosso sentimento de pertencimento ao *Deutschum*, pois existem alemães de diversas confissões religiosas e isto impede que nós nos aproximemos deles. Alguns de nós acreditam estarem mais próximos de um russo batista do que de um alemão católico. Isto é um absurdo. Esta idéia é produto de uma confusão espiritual. Os alemães de todo o mundo devem permanecer unidos, por meio dos laços de sangue, pois tem um destino comum e isto faz parte dos desígnios de Deus.¹⁶¹

Pelo que se percebe, Quiring estava claramente colocando os compromissos com a origem nacional à frente dos compromissos com a fé religiosa e com a salvação. Afirmava ainda que, agindo assim, estar-se-ia fazendo a vontade de Deus. Fazia parte da vontade divina que os alemães permanecessem unidos. Para os nazistas, os alemães eram o povo escolhido, não para a redenção humana, mas para ser o único a ser salvo. Na verdade, os nazistas criam que os alemães estavam predestinados para a salvação pelo simples fato de serem alemães. Isso, no mínimo, foi uma bofetada para os menonitas mais piedosos. Mas, a resposta não tardou, pela mão do próprio editor do *Menno-Blatt*, Nikolai Siemens:

¹⁶⁰ Havia um controle muito rígido por parte do governo alemão sobre a área religiosa. Somente eram reconhecidas como oficiais a católica e a luterana. Ressentidas desse privilégio, as pequenas igrejas, as chamadas igrejas livres, ansiavam por menos opressão por parte das grandes igrejas.

¹⁶¹ MENNO-BLATT, dezembro de 1935.

Germanidade unida ao cristianismo ou mesmo o cristianismo à frente da germanidade não nos torna prepotentes. Se pudermos falar qualquer coisa a favor do cristianismo, qualquer barreira lingüística deve cair. Nossos ancestrais na Rússia realmente tinham muito contato com os batistas russos, mas também com cristãos evangélicos de outras nacionalidades. Muitos menonitas alemães se converteram e mudaram sua vida com a ajuda de um batista russo. Esta mudança no rumo de nossa vida todos nós temos de tomar, sendo alemães, russos, chineses, ou de qualquer outra origem. Será que podemos fazer algo de melhor para um compatriota nosso do que mostrar a ele a Luz? Nos termos *völkisch*, sou feliz em ser alemão, desde que Deus que habite entre esta nação. Fico satisfeito em saber de que grandes boas mudanças estão a ocorrer na Alemanha. Eu respeito o Führer da Alemanha e coloco a ele e a seu trabalho defronte o altar de Deus. Como poderia eu agir diferente, como alemão? Mas do ponto de vista cristão, eu tenho irmãos entre todas as nações, e não somente na Alemanha. Esse encontro é uma experiência religiosa que pode ser encontrada também no Novo Testamento: não há questão aqui de gregos e judeus, circuncidados e incircuncisos, bárbaros, citas, escravos e libertos, mas Cristo é tudo e está em tudo.¹⁶²

De toda a documentação arrolada, esse artigo foi o primeiro documento que criticou abertamente o movimento *völkisch* e colocou a questão étnica num nível inferior ao da religião. Siemens mostrou que para os menonitas piedosos a questão étnica é uma questão secundária. Depois desse primeiro artigo, surgiu uma corrente de outras defesas do cristianismo contra o nacional-socialismo.

Em maio de 1936, a argumentação partiu da vizinha colônia Menno. Era raro alguém de Menno entrar em debate por meio da imprensa. E por vir de uma colônia mais conservadora do que Fernheim, a crítica foi mais radical. Peter Funk, da aldeia de Neuanlage pertencente a Menno, era leitor de *Kämpfende Jugend*. Seu questionamento foi direto: A quem os membros do *Jugendbund* pertencem, ou do lado do que estão? Do cristianismo ou do *Deutschtum*?¹⁶³ A resposta do *Jugendbund* foi que pertenciam aos dois e estrategicamente direcionaram o debate para fora da cena religiosa, tentando argumentar que os menonitas deveriam separar os temas da religião dos da etnicidade. Mas já era tarde para tentar refrear os conflitos internos.

Outro evento ligado ao confronto entre cristianismo e germanidade foi a demissão de Peter Hildebrand, após dois anos como professor da escola secundária. As fontes não são claras quanto ao que aconteceu, pois os detalhes acerca do tema são fragmentados, mas ao que parece, a escola estava em um

¹⁶² KAMPFENDE JUGEND, janeiro de 1936.

estado de completa desordem. Os pais estavam exigindo a expulsão de um estudante secundarista por ter esfaqueado um colega e por ter tentado fazer o mesmo com outros. Houve uma reunião na qual todos os envolvidos estavam presentes, e aproveitou-se para tentar impor a ordem e a disciplina por meio da moral cristã. Os pastores também se envolveram pedindo que fosse revisto o material didático adotado na escola. As fontes citam a discussão de se aceitar ou não o pedido de demissão de Peter Hildebrand, que havia sido denunciado pela KfK. Entre as acusações constavam:

- a) Hildebrand não era membro da Igreja dos Irmãos Menonitas;
- b) tinha uma postura crítica e arrogante em relação aos outros professores;
- c) ridicularizava os princípios menonitas;
- d) procurava por conta própria um novo local para assentar a colônia de Fernheim;¹⁶⁴
- e) negociava com comerciantes particulares para enfraquecer a cooperativa;
- f) denunciara o representante de Fernheim em Assunção como anti-alemão na embaixada alemã;
- g) falava aos escoteiros que as leis menonitas de proibição do fumo e do álcool eram tolas e que Hitler bebia e fumava escondido (!), mas para parecer puritano dizia não gostar dos dois vícios;
- h) não freqüentava os cultos dominicais porque gostava de dormir até tarde.¹⁶⁵

Pelas reclamações dos pastores, parece que Hildebrand entrou em choque direto com a KfK não por seus posicionamentos *völkisch*, mas por sua irreverência e conduta pessoal em relação aos princípios menonitas. Por outro lado seu desrespeito geral pela comunidade pode ter sido fruto de sua convicção nacional-socialista.

¹⁶³ KÄMPFENDE JUGEND, maio de 1936.

¹⁶⁴ Em 1937, um grupo de menonitas descontentes com as condições econômicas do Chaco se desligou de Fernheim e foi para o Paraguai oriental, onde fundou Friesland. Parece que Hildebrand somente estava tomando a direção em um movimento que já estava encubado.

¹⁶⁵ THIESEN, 1999, 99.

De qualquer forma, parece que havia algo a mais por trás do acontecimento que as fontes não revelaram. A possibilidade de uma conspiração de pastores contra os professores *völkisch* é bem razoável. Não haveria um confronto direto e imediato, mas de acordo com as oportunidades, cada líder seria neutralizado a seu tempo. E não seria a vez de Hildebrand, o mais intempestivo dos líderes do movimento *völkisch* ser neutralizado? Benjamin Unruh, na Alemanha, fora detalhadamente informado a respeito e ficou enfurecido. Indicou *certos círculos canadenses* que estariam perseguindo Hildebrand, Legiehn e indiretamente Kliwer. Unruh indicou como responsáveis o professor Peter Klassen e um certo professor Vogt, ligados à escola secundária e também pastores da Igreja dos Irmãos Menonitas.¹⁶⁶

Benjamin Unruh e Fritz Kliwer, ambos na Alemanha, trocaram cartas sobre a assembléia dos pais de novembro de 1935. Kliwer forneceu a ata da reunião e Unruh ficou ainda mais *transtornado e vociferava* contra Peter Klassen, um antigo membro do movimento *völkisch*, chamando-o de instável e acusando-o de liderar uma *máfia por trás das cenas*. Por meses, Unruh continuou a criticar abertamente o diretor da colônia e os opositores de Hildebrand.¹⁶⁷ A reação de Unruh parece se justificar, pois apesar de ser menonita, Hildebrand estava em Fernheim, como um representante da VDA e este confronto poderia ter uma repercussão negativa nos meios nos quais ele próprio circulava na Alemanha.

Apesar das acusações e pressões que Unruh fizera contra seus opositores, Hildebrand mesmo mostrava-se desencorajado a permanecer em Fernheim e dava uma série de razões, que na maior parte das vezes coincidiam com as justificativas dos próprios pastores. Sua versão residia principalmente no fato de ser ele *um professor altamente qualificado, preparado nas melhores academias pedagógicas alemãs*, o que era visto como arrogância e como impaciência pelos *medíocres professores* que normalmente trabalhavam nas escolas menonitas. Considerava-se também muito sarcástico e crítico. Acreditava que seu bom relacionamento com os índios do Chaco era mal visto. Sabia que era mal visto também porque não participava do trabalho duro no campo e nos mutirões e que tinha um emprego

¹⁶⁶ THIESEN, *ibid.*

assalariado na escola. Além disso, ele e sua esposa tinham criadas para fazer o trabalho da casa, que era bem mais confortável que a dos demais colonos que não podiam pagar pelo estilo de vida burguês dos Hildebrand. Para ele,

Fernheim não estava preparada para ter um professor seguro, mas querem um velhaco humilde e submisso, que peça e aceite os conselhos dos pastores sobre tudo, como se tudo conhecessem. Este tipo eu não sou e percebi isto no primeiro dia em que botei os pés em Fernheim.¹⁶⁸

Percebemos aí que os problemas não se localizavam apenas na questão ideológica entre nacional-socialismo e cristianismo. Os pastores queriam manter a comunidade sob seu controle e isto incluía também os professores. Era natural que os líderes do movimento *völkisch*, professores com alto grau de instrução, não concordassem em se submeter ao poder dos presbíteros e pastores, que tradicionalmente controlavam tudo, não apenas a vida religiosa da comunidade menonita. Esses professores, bastante secularizados, viviam num mundo no qual a vida religiosa e a vida mundana eram compartimentalizadas, situação não aceita pela liderança religiosa, que objetivava manter as duas esferas unidas. Nada mais natural que os dois grupos se chocassem, pois ambos estavam concorrendo pelo domínio do poder em Fernheim.

Hildebrand e esposa se retiraram de Fernheim, estabelecendo-se em algum outro lugar do Paraguai, depois no Brasil. Durante a Segunda Guerra Mundial já estava lutando contra os russos na frente oriental. O substituto de Hildebrand, Abraham Harder, outro russo, soube ser mais diplomático, mas não conseguiu escapar das perseguições dos pastores da Igreja dos Irmãos, pois era ecumênico demais, relacionando-se bem com a Igreja Menonita e com a Igreja da Aliança, mais liberais do que a primeira.

Após a saída de Hildebrand, a *Jugendbund* ainda continuou a funcionar, mas não como outrora. O grupo reduzido se reunia eventualmente para pequenas comemorações, como uma vez para o aniversário de Hitler (20 de abril). Apesar do esfriamento das atividades em Fernheim, os contatos com a Alemanha permaneceram como antes. Kliewer, depois da saída de Hildebrand, assumiu mais

¹⁶⁷ THIESEN, 1999, 100.

¹⁶⁸ HILDEBRAND, 1984, 195.

diretamente os contatos com os rapazes e moças, via cartas, enviando jornais, livros recém-editados ou postais contando as novidades da Alemanha.

Nesse período, Kliewer conseguiu se transferir para a Universidade de Berlim, com o objetivo de ficar mais próximo do centro de poder, já que Marburg ficava localizada no distante interior provincial. Em Berlim, junto com os estudos, iniciou atividades com grupos juvenis e de adultos. Contribuiu num círculo de correspondência, do qual participavam universitários menonitas. Nesse círculo era possível expressar as opiniões livremente, sem o controle de instituições religiosas.

Além disso, continuava a publicar artigos do gênero germanidade e cristianismo, sempre considerando a primeira uma ordenança de Deus.¹⁶⁹ Em função dos artigos de Kliewer e da pressão do clero menonita, o suplemento *Kämpfende Jugend* passou a ser uma simples coluna para depois desaparecer por completo do *Menno-Blatt*. Caminho semelhante trilhou o próprio *Jugendbund* que, sem líderes entusiastas (ao que parece Julius Legiehn não era muito carismático), submeteu-se docilmente à KfK, mas não desapareceu por completo, pois ainda iria renascer. Nesse meio tempo, o próprio Kliewer quase que desapareceu da cena em Fernheim, mandando notícias esparsas, pois concluía seu doutorado em Berlim.

Nesse capítulo, viu-se como o nacional-socialismo chegou a Fernheim. Por meio da própria KfK, possibilitou-se a divulgação dos ideais *völkisch* com o objetivo de resolver o problema da rebeldia juvenil. Com isso, apareceram líderes de inspiração nazista que iniciaram as atividades propagandísticas ideológicas. Nessa primeira fase (1930-1936), os religiosos conseguiram colocar o movimento no ostracismo, não somente em função de suas habilidades e estratégias, mas também porque o principal líder não estava presente na colônia. No capítulo seguinte, tratar-se-á da crise econômica e administrativa que possibilitará o renascer do movimento *völkisch* em 1939, motivado pelo retorno de Fritz Kliewer a Fernheim.

CAPÍTULO 5

¹⁶⁹ LICHDI, 1977, 214.

5. VIRTUOSOS OU OPORTUNISTAS?

5.1. Visitantes no Chaco

Com a fundação das colônias menonitas no Chaco, a região se tornou um foco de interesse para cientistas, políticos, diplomatas e celebridades alemãs. Segundo os dados disponíveis,¹⁷⁰ pelo menos uma vez por mês, Fernheim e Menno recebiam alguma visita, mesmo considerando-se que, somente em 1961, seria inaugurada a *Ruta Trans-Chaco*, o que significa que a viagem entre Assunção e Fernheim levava cerca de 4 dias, com os mais diversos meios de transporte, tornando impressionante a frequência de visitantes.

Em janeiro de 1937, Fernheim recebeu a visita de Herbert Wilhelmy, professor na Universidade de Kiel, que fazia uma viagem de estudos pela América do Sul; viagem financiada pela Fundação Albrecht Penck e pelo Conselho Científico Alemão. O pesquisador foi acompanhado pelo pastor luterano Karl Richert, de Assunção. Ambos proferiram palestras sobre questões geográficas, apresentando *slides* sobre colônias alemãs no Paraguai Oriental¹⁷¹.

No início de fevereiro de 1936, chegou o Duque Adolf Friedrich de Mecklenburg: um explorador da África que objetivava avaliar as possibilidades de investimentos de capital alemão na América do Sul. Com ele vinham também o Barão de Bodenhause, Richard W. Seifert, cônsul alemão em Assunção e um representante da filial paraguaia do NSDAP¹⁷². Seifert elogiou a aparência *industriosa* de Fernheim e Menno, mas não deixou de notar o fraco desenvolvimento da agricultura nas duas colônias. Percebeu ainda que *é difícil para qualquer colônia na América do Sul criar tanto em tão pouco tempo*. E recomendou que *sendo o futuro da colônia pouco seguro, seria interessante levar em consideração a*

¹⁷⁰ THIESEN, 1999, 105.

¹⁷¹ MENNO-BLATT, fevereiro de 1936.

¹⁷² THIESEN, 1999, 105.

transferência da mesma para o Paraguai Oriental. E, quanto ao material humano, os colonos eram *completamente superiores*¹⁷³.

Em outubro de 1936, um escritor de nome Josef Ponten e sua esposa passam por Fernheim. Ponten, além de novelista, era autor de guias de viagem. Possivelmente a VDA o encarregou de visitar variados grupos de alemães na América do Sul. Segundo as fontes, Ponten era autor de uma série de romances de viagem intitulados *Volk auf dem Wege* (Um povo a caminho); um desses romances tratava dos alemães na Rússia. Deduz-se disso que talvez ele tivesse uma conexão anterior com os menonitas. Ponten, possivelmente, publicou um artigo no *Menno-Blatt*, sob o pseudônimo de *Visitante*, e notou um cartaz no salão comunitário de Fernheim com os dizeres *Gemeinnutz vor Eigennutz* (Bem Comum antes de Bem Individual), junto de um retrato de Hitler.¹⁷⁴ Notou, também, que em Fernheim, via-se mais *Eigennutz* do que *Gemeinnutz*,¹⁷⁵ referindo-se ao descontentamento geral.

Em dezembro de 1936, Orie Miller, secretário executivo do MCC¹⁷⁶, chegara dos Estados Unidos para iniciar as negociações de compra de terras que haviam sido deixadas de lado nas conversações de 1926. Miller, da mesma forma que Ponten, também notou sinais de descontentamento em um grande grupo de colonos que se mostravam ansiosos por vender as terras a qualquer preço e buscar refúgio no Paraguai Oriental.¹⁷⁷

5.2. O Relatório Wilhelmy

Logo após, chegava Herbert Wilhelmy que encaminhou o relatório ao ministro das relações exteriores, promovendo uma visão bem clara da situação econômica e social de Fernheim, em meados da década de 1930.

¹⁷³ THIESEN, 1999, 106.

¹⁷⁴ Ver fotografia na página 182.

¹⁷⁵ THIESEN, *ibid.*

¹⁷⁶ MCC – Mennonite Central Committee – Comitê Central Menonita, organização intermenonita de ajuda mutual. Ver Lista de termos e abreviações.

¹⁷⁷ THIESEN, 1999, 106.

Assim como os outros visitantes, percebeu que as condições econômicas de Fernheim eram muito pobres e que um número elevado de colonos estava disposto a deixar o Chaco.¹⁷⁸ Wilhelmy notou um clima político desfavorável, concluindo que eles eram extremamente isolacionistas e oportunistas, buscando incessantemente *privilégios extraordinários*. Wilhelmy ficou particularmente perturbado com a ausência de anti-semitismo entre os colonos, que conheciam detalhadamente a história dos judeus e usavam nomes judaicos; criticou os menonitas por seu pacifismo e humildade – atitudes que contrastavam com o furioso ímpeto para a ação dos nazistas –; além disso, considerava-os como autênticos hipócritas.

A única observação positiva com relação aos menonitas, feita por Wilhelmy, era que os jovens eram bem mais receptivos ao nazismo do que os mais velhos. Sua visão foi bastante favorável ao sistema de leitores apadrinhados (*Lesepatenschaften*), segundo o qual os pequenos leitores de Fernheim recebiam material de leitura de seus padrinhos da Alemanha. Segundo Wilhelmy, *toda semana, recebiam toneladas de jornais e revistas*, o que gradualmente tiraria os jovens de seu isolamento menonita.

Wilhelmy não era apenas um geógrafo em pesquisa; era também um propagandista do nazismo. Havia trazido consigo grande quantidade de material de leitura que fora distribuído. Possivelmente, sentiu de imediato a oposição dos mais velhos e isso pode ter despertado sua antipatia pelos menonitas e por seu velho modo de vida.

Na Alemanha, Fritz Kliever soube do relatório de Wilhelmy e saiu em defesa de Fernheim, acusando-o para um oficial da VDA de não conhecer nada da história menonita e de suas tradições, bem como das convicções baseadas no Novo Testamento. Kliever admitiu que existiam problemas econômicos e tensões internas em Fernheim, mas se concentrou nas acusações políticas. Segundo Kliever, para os menonitas, ser alemão era ser cristão. Tentou, também, argumentar, sem sucesso, que os menonitas eram anti-semitas, pois não era por simpatia para com os atuais

¹⁷⁸ WILHELMY, 1938, 51-79.

judeus que liam o Velho Testamento. Quanto ao uso de nomes hebraicos, usavam-nos por serem bíblicos e não por serem judeus.

5.3. A Autodefesa dos Menonitas e a Fundação do BDMP¹⁷⁹

Ainda com relação ao relatório de Wilhelmy, Benjamin Unruh não somente saiu em defesa de Fernheim, como também escreveu para o chefe da filial paraguaia do NSDAP, Major Franz Reitzenstein, relatando o que estava acontecendo na colônia; indicando, inclusive, os nomes de seus oponentes. Além disso, escreveu ao *Oberschulze* da colônia para que falasse com os professores, em especial com Peter Klassen – que também era pastor – para que deixasse de fazer críticas ao nacional-socialismo em seus sermões.¹⁸⁰ E ainda, expressou que os menonitas relacionavam judeus com comunistas, em função de suas experiências na União Soviética.¹⁸¹

Unruh também mencionou um professor chamado Wilhelm Klassen (possivelmente irmão de Peter Klassen) que seria outro oponente seu em Fernheim.¹⁸² Os Klassen eram membros da Igreja da Aliança: pequena comunidade que, pelo que indicam as fontes, estava na vanguarda no que se refere à oposição aos nazistas. Segundo o historiador Klassen,¹⁸³ os membros da Igreja da Aliança, liderados por Nikolai Wiebe e concentrados em Schönwiese, eram severos e tacanhos, ou seja, pouco instruídos e teimosos.¹⁸⁴ Tentando a não absorção pelas duas denominações menonitas maiores – Igreja dos Irmãos Menonitas e a Igreja Menonita –, a Igreja da Aliança, buscou, na luta contra o nacional-socialismo, o seu diferencial. Como exemplo disso, podemos citar que, em 1935, a Igreja da Aliança

¹⁷⁹ BDMP – Bund Deutscher Mennoniten in Paraguay – Liga dos alemães menonitas do Paraguai, de inspiração fascista.

¹⁸⁰ THIESEN, 1999, 108.

¹⁸¹ THIESEN, *ibid.*

¹⁸² KLASSEN, 2001, 269-270.

¹⁸³ O citado historiador Peter P. Klassen nada tem a ver com o citado Peter Klassen, seu homônimo. Entre os menonitas, em função da forte endogamia, existe um grande número de pessoas com o mesmo nome de família e que muitas vezes nem sequer são parentes. Além disso, existe o costume de se dar nomes de bíblicos para as crianças. Os nomes mais comuns são Peter, David, Jakob, Johann e Hans.

¹⁸⁴ KLASSEN, 2001, 269.

proibiu seus membros de se agregarem à Liga dos Alemães do Paraguai – organização nacional-socialista que pretendia ser a representante dos 16.000 alemães e descendentes residentes no Paraguai. Em 1936, instruiu seus membros para que não pedissem a cidadania alemã, pois, se assim o fizessem, estariam abrindo mão do pacifismo, tão caro aos menonitas. Kliewer relatou que a grande concentração de elementos *anti-völkisch* estava centrada nas aldeias de Friedensruh, Schönwiese e Schönbrunn, justamente onde moravam os membros da Igreja da Aliança.¹⁸⁵

Contradizendo as acusações de Wilhelmy, os menonitas de Fernheim mostraram que o movimento *völkisch* de fato tinha forte influência sobre eles. Em 20 de fevereiro de 1937, uma nova organização foi fundada: a *Bund Deutscher Mennoniten in Paraguay* (BDMP – Liga dos Alemães Menonitas do Paraguai), que havia sido fundada numa reunião em Filadélfia, por 38 pessoas. O grupo elegeu Julius Legiehn para ser secretário geral e Nikolai Siemens, editor do *Menno-Blatt*, para secretário-executivo. A decisão mais importante da reunião foi a adesão à Liga dos Alemães do Paraguai, a DVP.¹⁸⁶

Aparentemente, a filiação à DVP foi um assunto de muita discussão, mas a liga acabou recebendo a BDMP como membro, em 31 de março de 1937, mas apenas depois de algumas mudanças em seus estatutos. Porém, as razões para isso não são esclarecidas. A DVP originalmente não era uma organização nazista. Patriotas alemães a fundaram em 1916 para fazer uma divulgação favorável em relação à Alemanha durante a Primeira Guerra Mundial, e também promover a cultura e a língua alemã, além de outras atividades étnicas entre descendentes de alemães do Paraguai.¹⁸⁷ Depois da guerra, suas atividades diminuíram dramaticamente.

Com a ascensão dos nazistas, em 1933, na Alemanha, teuto-paraguaios, de orientação nazista, ganharam o controle sobre a DVP e incentivaram que outros paraguaios de origem alemã, mesmo os que não eram cidadãos alemães, se

¹⁸⁵ THIESEN, 1999, 109.

¹⁸⁶ MENNO-BLATT, março de 1937.

¹⁸⁷ Por atividades étnicas eles entendem o cultivo da cultura alemã, bem como o fomento a esportes e outras atividades de convívio intr-étnico.

filiassem à organização. A DVP continuou com suas antigas atividades, incluindo trabalho com escolas e grupos juvenis, mas agora com o entusiasmo e a ênfase nacional-socialista. Em 1937, metade da população teuto-paraguaia masculina estava filiada à DVP.¹⁸⁸ A idéia de se criar a BDMP aparentemente já existia em 1933, mas, somente em 1936 o grupo de Fernheim entrou em contato com a DVP para a filiação. Isso não impedia que indivíduos isolados já não estivessem filiados à DVP em Fernheim, pois em 1935, a Igreja da Aliança já havia proibido seus membros de se filiarem à liga.¹⁸⁹ Quando a BDMP foi fundada, sua, missão era a *unificação de todos os menonitas do Paraguai em uma base völkisch e menonita*. Seu estatuto dizia que os menonitas estavam não somente ligados pela religião, mas também por pertencerem ao mesmo povo.¹⁹⁰

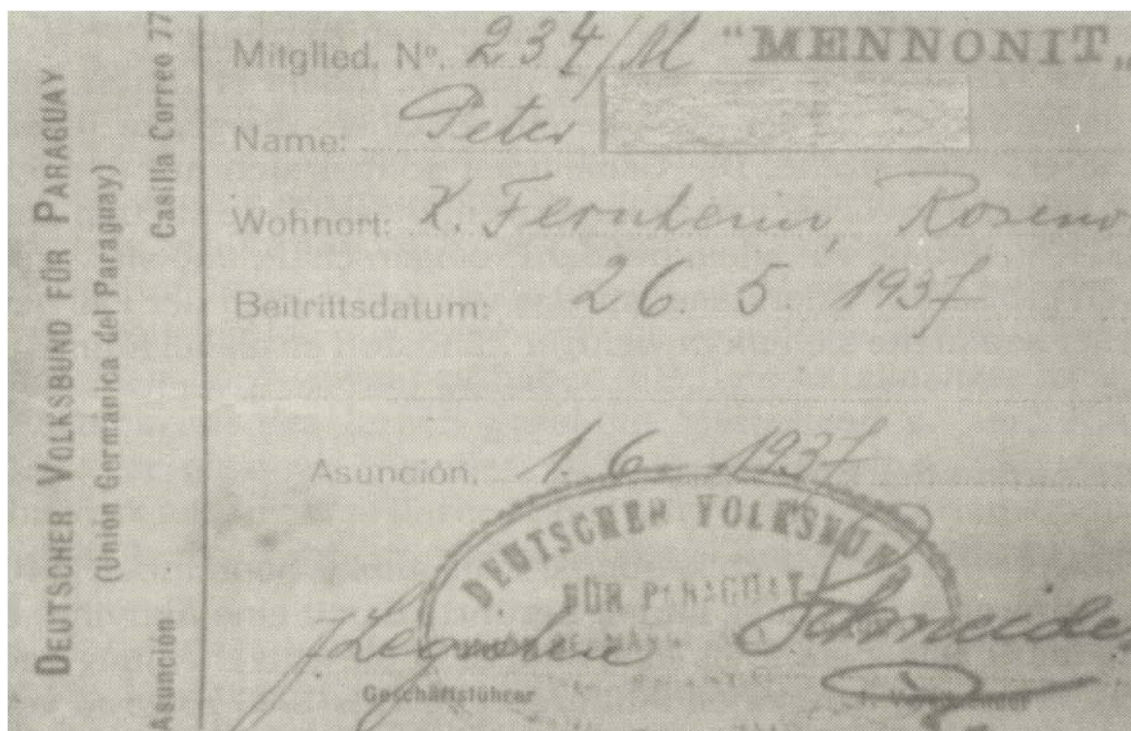
Durante os primeiros anos de existência, as atividades do BDMP foram quase inexpressivas. Uma dessas atividades foi a doação de uma determinada quantia para se construir um novo dirigível para substituir o Hindenburg, que sofrera um trágico acidente nos Estados Unidos. Nessa mesma época, fez-se uma doação semelhante para o novo hospital alemão em Assunção.¹⁹¹

¹⁸⁸ KLASSEN, 1990, 41.

¹⁸⁹ KLASSEN, 2001, 270.

¹⁹⁰ MENNO-BLATT, março de 1937.

¹⁹¹ MENNO-BLATT, maio e junho de 1937.



Cartão de identificação de um membro da DVP.

Fonte: KLASSEN, 1990, 66.

5.4. A Cisão de Friesland

Enquanto questões políticas ainda chamavam a atenção de alguns colonos em Fernheim, a maior parte da população da colônia se preocupava com questões econômicas e climáticas. De fato, o ano de 1937 foi um desastre em termos econômicos em função do prolongado período de seca. Desde o início, alguns colonos eram favoráveis à mudança da colônia para uma região de clima mais adequado, e com melhores possibilidades para comercializar a produção agrícola com centros maiores, tais como Assunção, Villarica e Concepción. Todo ano, algum número de famílias acabava deixando Fernheim e procurando melhores condições de sobrevivência em outras regiões do Paraguai, principalmente em Assunção. As colheitas de 1935 e 1936 foram um desastre, pois ocorrera uma invasão de gafanhotos que devoraram as plantações. A cooperativa dos produtores necessitou importar comida para alimentar os colonos. Depois disso, ocorreu uma seca que não somente matou toda e qualquer planta, como diminuiu o nível do Rio Paraguai a

ponto de impedir a navegação e o transporte de alimentos, colocando os colonos próximos à fome.¹⁹²

Esses acontecimentos aumentaram as dúvidas em relação à possibilidade de sobrevivência da colônia e ao futuro da agricultura no Chaco. Ao mesmo tempo, a opinião pública não estava satisfeita com o desempenho da cooperativa na administração dos assuntos econômicos, e havia um crescente temor de se ficar dependente da cooperativa para a própria sobrevivência.

Simultaneamente, as negociações com o MCC possibilitaram o êxodo, dando apoio legal e financeiro a quem quisesse sair de Fernheim. Segundo as fontes, houve um espaço de tempo, durante o qual os colonos insatisfeitos com a terra poderiam sair sem se comprometer com o MCC.¹⁹³ Além disso, muitos estavam insatisfeitos com a proibição de comércio particular na colônia, e também diversos desentendimentos surgiram entre os colonos e o diretor da colônia.

Um obstáculo para a mudança estava na idéia de que se manteriam os privilégios concedidos aos menonitas somente se eles permanecessem no Chaco. Assim, o desejo de abandonar a região implicava em colocar as questões econômicas acima dos princípios menonitas.¹⁹⁴ De fato, as leis de 1921 e 1927, que estabeleceram os privilégios, não mencionaram nominalmente o Chaco, e um decreto presidencial de 1932 também não especificou a situação, determinando apenas que os privilégios concedidos a Menno também deveriam se aplicar a Fernheim. Na verdade, as dúvidas dos menonitas não eram sem fundamento, pois nos anos 1920 e 1930, havia uma séria preocupação do governo paraguaio em fomentar o povoamento definitivo do Chaco, o que levava os menonitas a crerem que os privilégios se estendiam apenas àquela região. A situação somente ficou clara com um decreto presidencial de janeiro de 1937 que determinava que os menonitas poderiam gozar de seus privilégios em todo o território nacional paraguaio.¹⁹⁵

¹⁹² RATZLAFF, 1987, 102.

¹⁹³ THIESEN, 1999, 111.

¹⁹⁴ KLASSEN, 1980, 176.

¹⁹⁵ KLASSEN, 2001, 130.

Assim, em julho de 1937, 140 famílias, totalizando 706 pessoas, deixam Fernheim para fundar uma nova colônia no Paraguai Oriental. O grupo comprou 7000 hectares da família Strauch, ricos alemães proprietários de terras, residentes em Montevideu. A nova colônia foi batizada de *Friesland*, por influência da *moda frísia* que invadia as colônias menonitas da América do Sul.¹⁹⁶

A explicação para a saída de 1/3 da população de Fernheim é bastante convincente. No entanto, percebe-se que outros motivos permearam a saída de tanta gente da colônia original. Wilhelmy, em seu relatório, destaca que as famílias mais ricas faziam parte do grupo que migrou para Friesland, mas apenas dois professores e dois pastores partiram com o grupo. Da mesma forma, poucos líderes saíram de Fernheim, e entre eles ninguém era membro da Igreja da Aliança. Além disso, a *moda frísia* foi um movimento que teve grande ressonância entre os simpatizantes do nacional-socialismo. Como já mencionado, o próprio nome da nova colônia (Friesland) era uma evidência disso. A Frísia é o lar ancestral da maioria dos menonitas de língua alemã. Na época, a Frísia era um Éden para os nazistas, pois se caracterizava por ser profundamente germânica, situada na costa do Mar do Norte, dividida entre a Alemanha e os Países Baixos – um lugar da moda, genuinamente alemão, e que, mais do que outras regiões da Alemanha, permaneceu intacta ao avanço *demolidor da modernidade*.¹⁹⁷ Ao que parece, esses foram os motivos para que os retirantes de Fernheim escolhessem esse nome para a nova colônia.

Assim, houve algo de *völkisch* na saída dos insatisfeitos de Fernheim. Outro dado que vem corroborar com essa versão é o fato de que, na época da saída, a BDMP havia alcançado o seu maior número de membros: um total de 274. Pelo menos a metade das famílias de Fernheim era partícipe da BDMP. Com a saída para Friesland, o número de membros caiu para 165. Enquanto Fernheim

¹⁹⁶ RATZLAFF, 1987, 126.

¹⁹⁷ Alguns aspectos da história da Frísia ressaltavam ainda mais o interesse dos nazistas por essa região. Durante a Idade Média, existiu durante algum tempo, uma República Camponesa da Frísia, na qual pequenos proprietários se autogovernavam e se defendiam dos ataques dos nobres da região, mantendo sua independência. Além disso, o distrito eleitoral da Frísia Oriental deu vitória de maioria absoluta ao NSDAP nas eleições parlamentares de 06/11/1932. Isto demonstra claramente que havia uma simpatia mútua entre frísios e nazistas, ambos os grupos como forças antimodernizadoras. (Müller, 2002, 255).

perdia 30% de sua população, a BDMP via 40% de seus membros mudarem-se para Friesland.¹⁹⁸ Isso é mais do que evidente para explicar que aqueles que saíram de Fernheim eram os mais ricos, os menos religiosos, os mais preocupados com questões econômicas e os mais interessados pelas questões *völkisch*. Por meio das fontes, percebemos que não aconteceram muitas discussões acerca de sair ou não: o tema se restringia ao *quando* e ao *como* sair.¹⁹⁹

Talvez o número de retirantes de Fernheim tivesse sido maior, não fosse a boa colheita realizada em fins de 1937. Nesse ano, os menonitas foram responsáveis por mais de 30% de todo o algodão produzido no Paraguai.²⁰⁰ Por outro lado, a saída dos descontentes possibilitou a Fernheim a oportunidade de se reorganizar. As fazendas foram aumentadas e a população redistribuída. Algumas aldeias desapareceram, como a dos poloneses de Rosenfeld, na qual residia a família de Friedrich Kliever.

Durante o processo de separação, em julho de 1937, outro visitante estava presente. Era Peter C. Hiebert, do Kansas, filiado à Igreja dos Irmãos Menonitas e coordenador do MCC. Depois de retornar para a América do Norte, o professor relatou o que se passara em Fernheim, afirmando que:

Desde o início, espíritos incansáveis não pararam de fomentar a idéia de se emigrar para uma região de clima mais favorável. Recentemente esses agitadores aproveitaram para aprofundar a confusão ao se recusarem a assinar a compra da terra. Assim que puderam, venderam todos os seus bens que não pudessem transportar. Isso fez com que os que assinaram a compra se sentissem responsáveis pelos assuntos da colônia e os que não a assinaram se sentissem descomprometidos.

Esses se declararam independentes e livres do controle da diretoria da colônia, não mais comercializando com a cooperativa. Mas, quando perceberam que a colheita seria tão favorável naquele ano, começaram a se fazer de mártires e acusaram os outros de tentar expulsá-los. Quando eu cheguei, a delegação deles estava terminando de concluir os negócios de compra de uma grande gleba de terras perto de Rosário, onde pretendiam assentar cerca de 195 famílias. Na semana seguinte à minha chegada, o primeiro grupo planejava sair. Com essa divisão, o grupo colocava em perigo não só seus privilégios, mas os da colônia inteira.

¹⁹⁸ MENNO-BLATT, outubro de 1938.

¹⁹⁹ KLASSEN, 2001, 127 & WILHELMY, 1938, 123.

²⁰⁰ MENNO-BLATT, setembro de 1937.

Tentei exercer alguma influência com o objetivo de manter o grupo unido, mas só consegui que alguns desistissem.²⁰¹

Na maior parte de seu relatório, Hiebert tratou de questões financeiras acerca da terra e do futuro econômico de Fernheim. Como chefe do MCC, interviu decisivamente em favor da colônia.

Sabia que as contas de Fernheim não iam bem e, quando partiu, encorajou aqueles que se decidiram a permanecer em Fernheim a agir com energia e determinação.²⁰²

5.5. A Questão *Völkisch*

Apesar da confusão causada pelo cisma da colônia e da perda de um 1/3 de sua população, as consequências da visita de Herbert Wilhelmy continuaram a reverberar em Fernheim. Decidiu-se fazer uma grande reunião para responder às acusações e repreensões de Benjamin Unruh, consideradas injustificadas pela maioria dos colonos remanescentes. A carta resultante da reunião – datada de 29 de setembro de 1937 e assinada pelo *Oberschulze* Jakob Siemens, pelo secretário da colônia Heinrich Pauls, e pelo escrivão da colônia Abram Loewen – era bem mais formal e fria do que normalmente eram as cartas enviadas para Benjamin Unruh, antes considerado um grande amigo dos menonitas de Fernheim. Com relação às questões políticas, os líderes da colônia desejavam explicar sua posição quanto à *Nova Alemanha*:

Na reunião de ontem, dedicamos uma hora e meia para a discussão do problema. Lemos o relatório do Dr. Wilhelmy acerca de nossa vida e atividades aqui em Fernheim; sobre nossa *excentricidade religiosa* e nossas *atitudes antigermánicas*. Após a leitura, começamos irritados com a discussão. Fizemos um auto-exame e encontramos vários lapsos e erros. Mas, de qualquer forma, podemos assegurar que o relatório é muito exagerado e que o honrado acadêmico dedicou pouco de seu tempo para conosco. Visitou-nos numa época muito difícil para nós, de forma que não pôde nos observar com mais tempo. Também chegou a Fernheim com pré-julgamentos e estava sob a influência de um pastor luterano de Assunção (Richard) que não nutre simpatia alguma em relação aos menonitas e à nossa colônia. O Dr. Wilhelmy fez ainda inúmeras considerações

²⁰¹ THIESEN, 1999, 113.

²⁰² THIESEN, 1999, 114.

desagradáveis acerca do Dr. Quiring e seu trabalho *Deutsche erschliessen den Chaco*, do periódico canadense *Mennonitische Volkswarte*, e outras instituições menonitas. Ele é claramente um inimigo dos menonitas.

Aconteceram muitas discussões sobre nossa posição acerca da *Nova Alemanha* e do nacional-socialismo. Questionamo-nos honestamente sobre a compatibilidade dos princípios menonitas e de nossa consciência, para, por exemplo, cantar o *Deutschlandlied* e o *Horst-Wessel-Lied* e deixar que nossos filhos participem de atividades de caráter *völkisch* na escola. Nesses temas, não conseguimos chegar a um consenso...

Prezado Sr. Unruh: o senhor sabe melhor do que ninguém o quanto somos alemães, pois conhece a história menonita e a história dos menonitas da Rússia. O senhor também conhece o progresso que o nosso trabalho trouxe ao sul da Rússia, recentemente arrancado de nossas mãos. Sabe também que nosso espírito é genuinamente alemão. Não temos excentricidades e não somos contra o germanismo e temos profundas ligações, por intermédio da religião e da cultura, com nossa pátria.

Se o senhor ou qualquer outro não acredita no que falamos, que somos membros da germanidade, basta que observe com que perseverança lutamos a batalha pela vida, para compreender que o sangue que corre em nossas veias é o genuíno sangue alemão.

E o que pensamos do nacional-socialismo? Nós apreciamos muito essa ideologia. Nós reconhecemos e damos graças a Deus que criou o nacional-socialismo para proteger a Europa Ocidental dos perigos do bolchevismo. O Deus Todo-Poderoso fez o *Führer* Adolf Hitler uma bênção para muitas nações e esperamos que Ele o preserve por muitos anos, em benefício de nossa amada Alemanha. Nós amamos o *Führer* e o nacional-socialismo, mas não queremos nos tornar zelotes nesse tema. Queremos permanecer neutros e passivos em termos políticos, pois o senhor sabe que qualquer participação em partidos políticos e envolvimento com ideologias políticas são incompatíveis com nossos princípios menonitas.

Essa opinião acerca do nacional-socialismo não é certamente universal em nossa colônia, e isso é fácil de se compreender. A geração mais jovem é bem mais zelosa nesse aspecto, enquanto que os nossos veneráveis anciãos têm sérias dúvidas sobre a validade de se trazer uma ideologia tão radical para a nossa pequena irmandade.

O senhor saberá nos compreender, pois ninguém nos conhece tão bem como o senhor.²⁰³

Com essa declaração, os menonitas de Fernheim deixaram mais do que claro, seus pensamentos e temores com relação ao nazismo, e confirmaram as acusações de Wilhelmy, pois de forma alguma o nazismo despertava o tipo de adesão apaixonada nos menonitas, ou mesmo o fanatismo que se esperava deles.

²⁰³ THIESEN, 1999, 116.

Todavia, ser moderadamente inclinado para o nacional-socialismo não era o suficiente para Wilhelmy, Unruh ou Kliewer. Na verdade, é surpreendente que Unruh e Kliewer esperassem isso dos menonitas, que conheciam muito bem. Em nenhum momento na história menonita, há notícia de uma adesão a uma ideologia e partido político. É de estranhar que justamente pessoas que conheciam bem a história dos menonitas, e eram os líderes entre eles, esperassem que houvesse uma transformação dessa magnitude na mentalidade tradicional dos mais velhos.

No entanto, muito provavelmente, para os endividados e desiludidos, o nacional-socialismo não era visto como um partido ou como um tema secular, mas como uma missão redentora, com o objetivo de unificar a *pátria sagrada alemã*.

A dificuldade em tentar honrar o nacional-socialismo enquanto repudiava o fanatismo apareceu novamente em uma mensagem de páscoa no *Menno-Blatt* de março/abril de 1938. Nessa mensagem, Abraham Harder, substituto de Peter Hildebrand e que anteriormente havia se mostrado simpático ao movimento *völkisch*, questionou o estado das igrejas na Alemanha:

Em nossos tempos, a luta contra a Cruz tem recrudescido e se tornado um escândalo para os crentes, ao que muitos fazem referência, que o Evangelho é racialmente estrangeiro e uma idéia proto-asiática-judaica. Mas nós cristãos vivemos pela fé na Ressurreição; nós somos animados pela alegria da Páscoa que anunciamos ao mundo: Cristo ressuscitou!... Na luz desse grande Ato de Deus, não é desolador mas é chocante como nos últimos tempos as idéias de um Judas têm invadido a Igreja dos Crentes. Como diz Mateus, 24:12: “E, por se multiplicar a iniquidade, o amor se esfriará de quase todos”. A Igreja, a qual se supõe que permeie o mundo com a mensagem da Cruz, tem sido permeada pelo espírito desse mundo.²⁰⁴

Percebemos que, lentamente, indivíduos ou grupos, antes simpáticos ao movimento *völkisch*, começaram a se posicionar claramente contrários à influência nacional-socialista dentro das igrejas cristãs. Possivelmente, a rede de informações que Fernheim integrava trazia fatos que se referiam ao estado das relações entre os nazistas e os grupos religiosos. Mas não se pode minimizar a capacidade de crítica dos próprios menonitas. Grandes conhecedores da Bíblia e da história do cristianismo, não puderam deixar de perceber as contradições numa relação entre cristianismo e nazismo. Mesmo para os elementos mais simpáticos ao pensamento

²⁰⁴ MENNO-BLATT, março e abril de 1938.

nazista, às incongruências insuperáveis dessa relação não poderiam passar impunes, principalmente no tocante à universalidade da pregação evangélica versus o exclusivismo germânico, que colocava os alemães como raça eleita e que era a pedra angular do que poderíamos até chamar de doutrina nacional-socialista.

Algo que vem corroborar com essa interpretação é a própria reação furiosa de Benjamin Unruh frente à crescente *sabotagem* do projeto *völkisch*, detectada desde a demissão de Peter Hildebrand. Normalmente cordial e tolerante, Unruh se mostrava uma criatura irascível quando confrontado pela oposição ao *anti-völkisch*. Junto com a abundante literatura recebida e com as constantes visitas de celebridades, no início de 1938, surgiu um novo e poderoso aliado do movimento *völkisch* em Fernheim: o rádio. Invento relativamente recente, tornou-se um instrumento de grande valia para os nazistas e amplamente utilizado na propaganda política. No início de seu governo, Hitler incentivou a produção de receptores da fábrica Telefunken, objetivando que cada família tivesse um rádio em casa. Para os alemães do exterior, a VDA recebeu um vasto fornecimento de aparelhos para venda a preços de custo ou mesmo doação às comunidades de alemães espalhadas pelo mundo. Dessa forma, o rádio chegou às colônias alemãs na América do Sul, e entre elas Fernheim.

Em abril de 1938, o rádio já podia ser ouvido no salão comunal de Fernheim. O fato se tornou uma sensação e uma moda entre os colonos. Inclusive, o jornal *Menno-Blatt* criou uma coluna na qual as últimas notícias eram comentadas. No exemplar de setembro de 1938, houve um comentário favorável ao discurso do novo *Gauleiter* da Áustria, Josef Bürckel, que falou sobre o plebiscito recém-realizado, no qual o povo da Áustria aprovou a incorporação do país ao *Reich*.

Ainda em relação às visitas de celebridades que aconteciam em Fernheim, pode-se citar o caso do embaixador alemão, Dr. Hans Carl Büsing, que visitou as três colônias em junho de 1938, após o que, elaborou um relatório resumindo a história e a economia das três colônias e ainda analisando suas atitudes em relação à *Nova Alemanha*:

Os menonitas da colônia Menno não são empolgados com questões da germanidade, tampouco o são em relação ao Terceiro Reich. Sua relação conosco é fria e indiferente, com raras exceções. Mas isso não significa

que sejam necessariamente contrários ao atual governo. Suas atitudes atuais em relação à Alemanha são as mesmas de 150 anos atrás. Mas, mesmo considerando a recepção glacial, pude estabelecer uma conexão com eles, pois afinal de contas, corre sangue alemão em suas veias. Por fim, pediram que fossem regularmente informados do que acontece na Alemanha por meio de jornais. Pedi, também, que seu representante em Assunção passe regularmente em nossa legação para manter os laços de contato, pois penso que, gradualmente, aproximar-se-ão mais de nós.

Os menonitas de Fernheim são em sua maioria apátridas. Recentemente, alguns poucos adquiriram a cidadania alemã. Estão muito mais próximos do *Deutschtum* do que os de Menno. Fernheim mantém uma postura de grande gratidão em relação à Alemanha, pois aquele foi o país que os acolheu quando optaram em deixar a Rússia. Mas, mesmo assim, estão muito distantes de nós. São tipicamente “alemães do exterior”. Esperam que o *Führer* conquiste a Ucrânia, e assim desejam voltar a cultivar aquele solo e fornecer grandes quantidades de trigo para a Alemanha.

Os menonitas de Friesland estão indubitavelmente mais próximos de nós do que os habitantes das outras duas colônias citadas. Eles deixaram Fernheim porque discordavam dos métodos administrativos lá implantados e não se sentiam em posição de conseguir mudar a situação. Sua saída também foi motivada pelo solo e clima desfavoráveis encontrados no Chaco, pois lá seria impossível produzir frutas e verduras. Uma terceira razão seria o desejo de manter contato com o mundo e com as colônias alemãs não menonitas no Paraguai. Mas eles são também alemães do exterior; são alemães porque não podem ser nada mais e porque sabem que sua herança – o poder e a alegria do trabalho, a inclinação para a ordem e para a disciplina – está em seu sangue, o que garante seu sucesso econômico.

Os menonitas, ao saírem da Alemanha, separaram-se consciente e intencionalmente da vida alemã. Conseguiram manter uma vida auto-sustentada e tinham orgulho disso. Não tomaram parte em qualquer das provações que o povo alemão sofreu desde as guerras napoleônicas. Como a base da “Nova Alemanha” é o espírito de camaradagem de trincheira, algo que eles desconhecem, fica difícil estabelecer uma relação mais próxima. Porém, com boa vontade entre as partes, essas relações podem ser restabelecidas, superando o isolamento criado pela história menonita.

Os menonitas são do mais valioso sangue alemão. Seu sangue nórdico é que lhes concede grande força de vontade e tenacidade, e lhes concede, também, grande persistência.

Suas idéias do nacional-socialismo e do Terceiro *Reich* estão bem distantes. Consciente e intencionalmente, saíram da Alemanha 150 anos atrás. Durante todo esse tempo, somente pensaram em manter sua pequena comunidade, sua religião, práticas e costumes.

Em todas as colônias, com a exceção de Menno, o amor pelo *Deutschtum* e entusiasmo pelo Terceiro *Reich* não se apresenta como falso, mas, de alguma forma, é exagerado, pois se sabe que o que realmente querem é trabalhar e lutar por sua pequena comunidade. Uma vida individual e privada, sem grandes compromissos com ninguém, é seu ideal. Hoje eles

são bem recebidos em quase todos os países e, normalmente, têm condições de vida confortáveis e economias prósperas; acho difícil acreditar que queriam mesmo retornar à Alemanha. Penso que querem mesmo é voltar para a Rússia, onde sempre tiveram uma existência feliz e próspera. Deve-se tomar precaução em relação à sua adesão ao Terceiro *Reich*, pois isso não é gratuito. Nesse momento, têm apoio apenas da Alemanha e não são tolos de abrirem mão de algo assim. Mas, ao que parece, os jovens são bem mais abertos ao nosso trabalho, com exceção dos da colônia Menno. Mas percebi que logrei levar alguns a reconsiderar a idéia de integrar plenamente a grande comunidade alemã. Com relação à colônia Friesland, volto a citar que, nesse pormenor, ela já está bem mais adiantada que as outras duas colônias, nas quais a geração mais velha deverá ser pesadamente reeducada em nosso ponto de vista.²⁰⁵

O texto de Büsing retrata claramente a posição ambígua dos menonitas. Sabem eles que o nazismo é prejudicial à doutrina cristã, mas pode ser transformado parcialmente, possibilitando o retorno para a Rússia. Para tanto é necessário manter um bom relacionamento com a Alemanha e o NSDAP, pois lhes poderão ser úteis em um momento oportuno. Nesse ponto, percebemos a aplicação prática, por parte dos menonitas, de sua estratégia de utilizar certas armas – mesmo que não tão puras como seria o desejado – para alcançar seu objetivo de preservar sua pequena comunidade. Rejeitam a ideologia, mas mantêm uma porta aberta para que, se necessário, seja utilizada em uma fuga, como sempre se fez durante a história menonita.

²⁰⁵ THIESEN, 1999, 120.



Jovens do Jungendbund praticando atividades físicas, em 1934.

Fonte: KLASSEN, 1990, 32.

5.6. A Interferência do MCC

Em meados de 1938, Harold S. Bender, um professor universitário menonita, viajou para Fernheim com um representante do MCC.²⁰⁶ A tarefa de Bender era visitar todas as colônias menonitas, no Brasil e no Paraguai, e realizar uma inspeção num projeto financiado pela Igreja Menonita da América do Norte – uma igreja mais liberal. A finalidade da visita era basicamente econômica, pois objetivava tratar das formas de pagamento dos débitos que o MCC havia contraído ao saldar a dívida dos colonos com o governo alemão quando da saída dos menonitas da Rússia. Também era seu objetivo verificar as condições de desenvolvimento das colônias, observando se o MCC poderia se desvincular da responsabilidade de as auxiliar.

²⁰⁶ KLASSEN, 2001, 137.

Como se pode imaginar, a situação do relacionamento do MCC com as colônias menonitas era propensa a fortes tensões, em função da natureza financeira que a originou. O MCC passou a ser o credor das colônias das quais pagou a dívida para com o governo alemão. Após oito anos da criação das colônias no Paraguai, a entidade se dispôs a se eximir da responsabilidade de mantê-las, e decidiu acertar as condições para cobrar as dívidas. A questão se tornava ainda mais delicada, observando-se que o MCC era um dos únicos contatos oficiais que os menonitas do Paraguai mantinham no exterior.

Além disso, o MCC era muito cioso em recomendar que as colônias mantivessem e cultivassem sua identidade menonita. O contrato que fora assinado entre o MCC e a colônia Fernheim continha, inclusive, uma cláusula de *proteção ao menonitismo*, na qual as duas partes se comprometiam em manter Fernheim como uma colônia menonita com princípios menonitas.²⁰⁷ É interessante notarmos que o MCC – uma instituição menonita que congregava basicamente todas as denominações anabatistas/menonitas da América do Norte – era basicamente controlado pela Igreja Menonita dos Estados Unidos, que era a maior denominação menonita desse país. Essa Igreja já era uma congregação bastante americanizada e que teve origem histórica na miscigenação de suíços, bávaros, austríacos e holandeses, e também com uma pequena influência de índios norte-americanos. Em função disso, a caracterização dessa igreja perdia gradualmente o viés étnico, abraçando exclusivamente a doutrina religiosa. Quando os menonitas fundaram Fernheim, o MCC já financiava missões entre negros e hispânicos e lutava contra o perfil de *Igreja de Alemães*. Qual não seria a surpresa para os menonitas de Fernheim ao se depararem com menonitas americanos convictos, que falavam um excelente inglês, mas um péssimo alemão e que honravam a origem dos ancestrais, mas estavam completamente integrados à sociedade americana?

Para compreender esta tensão, é importante apreciarmos a figura de Bender, que era, nessa época, líder de um movimento de revisão da identidade menonita, tentando desvincular o menonitismo da germanidade. Assim, as ações do

²⁰⁷ THIESEN, 199, 121.

MCC em Fernheim se encaminharam para promover o que consideravam um genuíno menonitismo.

Por outro lado, o papel de credor do MCC em Fernheim minava qualquer tentativa de exercer tal influência religiosa. Além disso, o MCC agia como um credor que buscava o retorno imediato de seu gasto e isso não passou imune à percepção da população de Fernheim.

Os anos de 1936-1938 foram um período de ambigüidade e inquietação políticas para as colônias menonitas de Fernheim e de Friesland. Esses anos testemunharam o início de contatos regulares com o exterior, por meio de visitantes e do rádio. Cada visitante e cada propaganda de rádio tentava aprofundar os contatos dos menonitas com a Alemanha nazista ou com uma genuína identidade menonita/anabatista. Visitantes alemães criticavam o apego dos menonitas à sua identidade anabatista, e visitantes menonitas acabavam por encorajar indiretamente a adesão dos colonos ao movimento *völkisch*. De qualquer forma, foi um período de relativa calma que, como veremos a seguir, antecederia à tempestade, não somente em Fernheim, mas também no mundo.

CAPÍTULO 6

6. OS *VÖLKISCH* TOMAM O PODER

6.1. Os *Völkisch* Tomam o Poder em Fernheim

Em agosto de 1938, a colônia de Fernheim elegeu Julius Legiehn, um dos líderes do movimento *völkisch*, como seu *Oberschulze*. Legiehn recebeu 70% dos votos em uma eleição bastante disputada, segundo as fontes consultadas.²⁰⁸ Jakob Siemens, o *Oberschulze* predecessor, havia inicialmente tentado disputar a eleição, mas a cisão de Friesland o fez desistir do pleito.²⁰⁹ Pelo que as fontes indicam, os momentos que antecederam à eleição foram bastante conturbados e, apesar do alto percentual de votos que Legiehn recebeu, havia pouca confiança em relação ao seu desempenho futuro como *Oberschulze*. Como era de se esperar, da Alemanha, Benjamin Unruh concedeu total apoio à candidatura de Legiehn afirmando que ele seria o único que poderia *unir harmoniosamente o pensamento völkisch e a tradição religiosa* em Fernheim. Ao que parece, Unruh estava convencido de que era isso o que Hitler estava fazendo na Alemanha.

Mas, lentamente, Liegiehn começou a conquistar a confiança da população da colônia, inclusive dos membros da Igreja da Aliança. Ao mesmo tempo, houve um aprofundamento da influência *völkisch* sobre as diversas denominações menonitas na colônia. Isso não deixou de ser percebido por um pastor da liberal Conferência Geral Menonita, Henry Fast, do Kansas, que visitou Fernheim em agosto de 1939, relatando que os contatos de Fernheim com a literatura e filosofia da Alemanha atual estavam diluindo sua fé menonita.²¹⁰ Fast ressaltou, ainda, que se deveria retomar os contatos com o menonitismo *saudável* dos Estados Unidos, o que implicaria estar

²⁰⁸ THIESEN, 1999, 125.

²⁰⁹ THIESEN, *ibid.*

totalmente desvinculado da cena política e poderia servir como um bom exemplo a ser seguido, não somente pelos menonitas do Paraguai, mas também por todos os menonitas da América do Sul. No entanto, quanto à sua avaliação sobre o estado geral de Fernheim, concluiu que era bom, pois as escolas eram boas, os professores eram capazes, eram boas as igrejas e os pastores eram habilidosos, além de haver um programa juvenil considerado ideal. Com relação a isso, devemos observar dois aspectos importantes. Primeiramente, Fast sugeriu que as colônias do Paraguai passassem a adotar um modelo mais *saudável*, ou seja, o norte americano.

Segundo Dyck,²¹¹ os menonitas estão presentes nos Estados Unidos desde os tempos coloniais. Em 1683, chegaram os primeiros menonitas da Alsácia, que fugiam das leis antiprotestantes de Luís XIV, fundando colônias e integrando-se plenamente na vida americana. Prova disso é o abandono do alemão e a adoção do inglês como língua de uso geral. Mais integrados, faziam parte da Igreja Menonita, cujo corpo governante era a Conferência Geral Menonita, que não por acaso era a principal mantenedora do MCC.

Com a ampliação dos contatos com os americanos, percebe-se que uma segunda força ideológica começava a atuar em Fernheim – a dos liberais estadunidenses. Portanto, o conflito mundial influiu em escala crescente, apesar de os visitantes o negarem peremptoriamente, e as fontes dos menonitas americanos também tentarem mostrar que não havia nenhuma influência e interesse estratégico do governo norte americano sendo infiltrado por meio dos agentes do MCC.²¹²

Não foi por acaso que alguns líderes *völkisch* viriam a perceber a estreita ligação dos agentes do MCC com a embaixada norte-americana. A partir de 1939, um campo de pouso foi estabelecido na colônia, e um avião da embaixada americana passou a trazer pessoas, mantimentos e material para Fernheim. No panorama de conflito mundial, o Paraguai não era uma região de grande preocupação para os Estados Unidos às vésperas da Segunda Guerra Mundial, mas, com certeza, o Departamento de Estado não veria com bons olhos um grupo nazista trabalhando livremente na América do Sul.

²¹⁰ THIESEN, *ibid.*

²¹¹ DYCK, 1990, 176.

Um segundo aspecto importante da avaliação de Fast foi que o trabalho do *Jugendbund* foi considerado positivo. Seria improvável que, em 1939, as pessoas tivessem uma noção do nacional-socialismo, tal qual se teve nos anos anteriores. Além disso, para os menonitas, naquele momento, o comunismo era um mal bem maior que o fascismo; e Fast teceu grandes elogios ao corpo docente de Fernheim, considerado competente e bem formado. De fato, Fritz Kliewer já havia retornado da Alemanha quando Fast passou por Fernheim. Naturalmente, sua erudição e carisma pessoal causaram boa impressão aos americanos.²¹³

Observação semelhante faz Norbert Elias, ao analisar a timidez com a qual os líderes políticos das democracias ocidentais reagiram à chegada de Hitler ao poder em 1933. Segundo Elias *o êxito subsequente de Hitler e, em especial, a inação dos Aliados a respeito do rearmamento da Alemanha, só podem ser entendidos como consequência da Revolução Russa; foi uma expressão da aversão universal de vastos setores da classe média, e até de consideráveis parcelas da classe trabalhadora, ao espectro do bolchevismo e à expansão da Revolução Russa como modelo para outros países*²¹⁴. Não é nada difícil que se relacione a versão menonita pelos comunistas, frente aos quais, o nazismo era um mal menor. Até mesmo os americanos, presentes naquele momento em Fernheim, poderiam ter estranhado a incomum adesão menonita ao nacional-socialismo. Mas apreciavam a ordem e a impressão de progresso que a administração völkisch dava a Fernheim. Possivelmente a existência de um soviete de trabalhadores teria causado uma estranheza muito maior, e tampouco isso seria tolerado.

6.1.1. O retorno de Fritz Kliewer

Em junho de 1939, Fritz Kliewer retornou da Alemanha com um prestigioso título de doutor pela Universidade de Berlim. Em 1937, havia se casado com uma moça de Berlim – Margarete Dyck –, também menonita, que o acompanhou e imediatamente passou a ter uma atuação bastante dinâmica. A esposa atuava como

²¹² THIESEN, 1999, 215.

²¹³ THIESEN, 1999, 136.

²¹⁴ ELIAS, 1997, 175.

professora do jardim de infância, como líder juvenil e professora secundarista; e, jovem, alta, loira, bela e afável, como o marido, ela passou a ser o centro das atenções em Fernheim.²¹⁵ A recepção da jovem família Kliewer foi entusiástica, tanto em Fernheim como em Friesland.²¹⁶

Com o retorno de Kliewer, acompanhado de uma audaz aliada, houve o reinício de uma forte e intensa campanha de politização nazista junto às escolas e aos professores, junto ao *Jugendbund* e ao BDMP; uma ação com ênfase *völkisch* aberta e decidida. Criou-se um programa de treinamento para os professores da escola secundária, com o objetivo de melhorar o desempenho no magistério. Kliewer se tornou, também, o líder da associação de professores e começou a implementar novas atividades educacionais, tais como seminários, acampamentos; atividades realizadas no final de janeiro de 1940, nas quais os professores ficaram acampados durante uma semana. Nesse evento, ouviram palestras sobre história da imigração alemã para a América do Sul, sobre psicologia infantil e sobre a educação nacional-socialista na Alemanha.²¹⁷ Simultaneamente, Margarete Kliewer passou a escrever regularmente para o *Menno-Blatt*, numa coluna intitulada *Frauenecke* – O cantinho das senhoras. Nesse mesmo período, o marido se tornou presidente da BDMP.²¹⁸

Com o retorno do casal e início de atividades impetuosas da Sra. Kliewer surgiu uma certa instabilidade na colônia. Em janeiro de 1940, pastores de Fernheim e de Friesland se reuniram na aldeia de Schönwiese para uma conferência de pregadores. O casal Kliewer foi convidado e ambos fizeram palestras. O surpreendente nesse encontro foi que Margarete Kliewer falou antes dos homens; normalmente as mulheres menonitas não participavam de reuniões de pastores, quando isso ocorria, falavam apenas após todos os homens já haverem se pronunciado.

Segundo o periódico *Menno-Blatt*,²¹⁹ as palestras foram criticamente direcionadas ao pacifismo tradicional dos menonitas. A conferência debateu o tema e indicou uma comissão acerca de seu posicionamento antipacifista. Apesar disso,

²¹⁵ KLASSEN, 1990, 54.

²¹⁶ MENNO-BLATT, junho de 1939.

²¹⁷ MENNO-BLATT, março de 1940.

²¹⁸ MENNO-BLATT, dezembro de 1939.

Kliewer causava uma excelente impressão aos pastores, pois era membro da Igreja dos Irmãos, sendo assíduo participante dos cultos dominicais; único *desvio*, segundo os pastores, era não reconhecer a importância da doutrina do pacifismo.²²⁰

Na verdade, Kliewer não somente não reconhecia a importância daquela doutrina como procurava encorajar o engajamento dos menonitas nos projetos nacional-socialistas. Quando assumiu a presidência do BDMP, deixou isso claro em seu discurso, ao citar as funções da organização, segundo seu posicionamento seriam:

- a) o fim da neutralidade, isso é, tomada de posição em relação aos acontecimentos na Alemanha;
- b) mobilização das forças *völkisch* na colônia;
- c) proteção da administração colonial e suporte às instituições culturais;
- d) manutenção do bom relacionamento com as organizações alemãs e com suas filiais no Paraguai.²²¹

Depois disso, em completo entendimento com o presidente da DVP, Gerd von Schütz, realizou uma viagem pelas colônias menonitas do Paraguai, visitando todas as aldeias a fim de divulgar o programa de ambas as organizações. Além disso, Kliewer deixou claro seus objetivos de despertar os sentimentos *völkisch* na população menonita e reconduzir os menonitas da Rússia à germanidade.²²²

Percebe-se, pelo pensamento de Kliewer, que o sentimento de pertencer a essa ou aquela etnia não era visto como fenômeno cultural, mas estava presente geneticamente nos membros da comunidade nacional. Não havia como se adquirir esse sentimento se o indivíduo não fosse alemão. Mesmo que os alemães esquecessem que pertenciam à comunidade étnica, seu sangue despertaria neles, mais cedo ou mais tarde, o sentimento *völkisch*. E era justamente a esse trabalho de despertar o vírus do *Deutschtum* nos menonitas que Kliewer estava se propondo.

²¹⁹ MENNO-BLATT, fevereiro de 1940.

²²⁰ THIESEN, 1999, 127.

²²¹ KLASSEN, 1990, 64.

²²² KLASSEN, 1990, 64.



Professores e alunos da Escola Secundária, em 1939.

Fileira de professores, sentados (da esquerda a direita):

Peter G. Klassen, Margarete Kliwer, Fritz Kliwer, Jakob Kaethler, David Boschmann e Heinrich Ratzlaff.

Fonte: KLASSEN, 1990, 59.

6.1.2. Recrudescimento da oposição *wehrlos*

A intensificação das atividades de Kliwer e do grupo *völkisch* começou a levantar novamente as suspeitas dos mais rigorosos em termos religiosos. Até mesmo o editor do *Menno-Blatt*, Nikolai Siemens, antes moderado simpatizante do movimento *völkisch*, passou gradualmente para o lado oposto, o que foi uma perda considerável, pois o *Menno-Blatt* havia sido, até então, um importante veículo para a divulgação das idéias do movimento. Lentamente, os artigos de inspiração *völkisch* desapareceram e foram substituídos por outros de inspiração devocional e pacifismo menonita. Segundo as fontes,²²³ Nikolai Siemens chegou a pedir subsídios ao MCC para manter seu jornal, já que sofria um boicote sistemático do movimento. Quanto a isso, Kliwer o acusou de oportunismo, pois as máquinas da gráfica de Siemens haviam sido doadas pela VDA. Como se posicionara contra o nacional-socialismo e

virara a casaca, depois de consegui-las, deveria deixar de se beneficiar da ajuda da VDA e devolver o equipamento.²²⁴

A partir de então, o MCC começou a se tornar forte ponto de apoio para os opositores do movimento *völkisch*. Muitos reclamavam que Kliwer fazia um *jogo pesado* para que mais pessoas aderissem ao movimento. A Igreja da Aliança se posicionou oficialmente contra o movimento. A primeira frente de ataque do grupo da Aliança foi a escola. Nikolai Wiebe, pastor do grupo, recomendou que os pais retirassem os filhos da Escola Secundária em sinal de protesto contra o movimento *völkisch*. De fato, apenas 17 dos 26 alunos esperados se matricularam na escola, e 7 dos 10 alunos esperados se matricularam no curso de formação de professores.²²⁵ Ao mesmo tempo, o MCC passou a receber cartas de líderes religiosos de Fernheim que se queixavam enfaticamente do avanço dos *völkisch*, o que se tornava um sério perigo para a doutrina de não resistência menonita. Esse fato fez com que a direção do MCC passasse a considerar o evento *völkisch* com muita atenção e encaminhasse uma declaração à administração de Fernheim e para a KFK local sobre seu posicionamento oficial sobre o assunto. Em abril de 1940, a Igreja dos Irmãos promoveu uma conferência para discutir a controvérsia *völkisch*, na qual Nikolai Siemens leu um artigo (depois publicado no *Menno-Blatt* de maio de 1940), no qual as questões eram claramente colocadas. Afirmou que a questão era realmente se escolher entre o *Volkstum* (germanidade) ou o cristianismo. Não se poderia escolher a germanidade, simplesmente porque os demais estavam fazendo a mesma coisa.

A doença de Fernheim era a política,

(...) e se a preocupação com temas concernentes à política obscurece nossa visão da palavra de Deus, então é hora de repensarmos nossas preocupações. Em Fernheim, chegou-se a tal ponto que, se alguém se opuser às idéias dos nazistas, será chamado meio-alemão, como se o sentimento de germanidade tivesse algo a ver com essa excessiva fixação ideológica dos nazistas. Nós éramos bons menonitas e bons patriotas alemães antes dos nazistas, e continuaremos ser, quando eles se forem.²²⁶

²²³ THIESEN, 1999, 129.

²²⁴ KLASSEN, 1990, 61.

²²⁵ THIESEN, 1999, 129.

²²⁶ THIESEN, 1999, 130.

O posicionamento de Siemens deixava óbvio que a campanha dos *völkisch* sobre a população de Fernheim era poderosa e com os quais não havia realmente espaço de discussão. Os que se atreviam a discordar do nacional-socialismo eram vistos como não alemães, como se nazismo fosse sinônimo de germanismo. Ao mesmo tempo, merece destaque o posicionamento de parte dos menonitas em se recusar a aderir ao nazismo, num tempo em que a maioria dos alemães no mundo aderiu ao movimento ou permaneceu calada frente ao avanço da ideologia.

Siemens afirmava, que muitos membros passaram a sentir vergonha do nome menonita e desejavam, inclusive, mudar o nome do BDMP (Associação dos Alemães Menonitas do Paraguai), para DVP (Associação dos Alemães no Paraguai). A razão para isso residia em que os princípios menonitas não eram fáceis de ser harmonizados com os princípios nazistas. Assim, as pessoas que se recusavam a abrir mão dos princípios menonitas eram vistas como opositoristas, apesar de não o serem, pois muitos dos programas nazistas eram até elogiados pelos menonitas mais piedosos. No entanto, esses programas eram justamente os que não contradiziam o menonitismo. Conclui-se que os menonitas não eram contra o nazismo em si, mas eram apenas a favor do menonitismo, ou seja, se o nazismo não fosse contra os princípios menonitas, talvez até o aceitassem.

O principal problema dos menonitas mais devotos em relação ao nazismo era sua ênfase no militarismo e no uso da força e da violência. É justamente nesse item que os *völkisch* não souberam apresentar suas proposições ao grupo pacifista. A forma como colocavam as questões, atacando fortemente o tradicional pacifismo menonita, foi o que despertou a oposição dos conservadores. Além disso, a forma violenta como a oposição ao pacifismo era apresentada chocava os pacifistas convictos.²²⁷ Mas uma questão pode ser levantada neste momento: porque uma parcela dos menonitas se sentiu atraída e convencida pela retórica *völkisch* de Fritz Kliewer? Norbert Elias nos dá a resposta.²²⁸ Em seu livro *Os Alemães*, Elias afirma que com a derrota da Alemanha na Primeira Guerra Mundial e com a queda da monarquia o grupo de jovens militares em ascensão social teve seu caminho abruptamente interrompido. Eram os *parvenus*, ou arrivistas que tiveram sua

²²⁷ THIESEN, 1999, 132.

ascensão bloqueada pela guerra e que depois dela, passaram a se considerar herdeiros da Alemanha guilhermina contra a massa de trabalhadores em ascensão depois da guerra. Segundo Elias, intitulavam-se a si próprios *nacionais* (*völkisch*) uma vez que se consideravam fundamentalmente os verdadeiros representantes da nação; e todos os *marginais*, sobretudo os trabalhadores com suas organizações e os grupos minoritários, como os judeus alemães, eram vistos como não pertencentes nem à sua própria sociedade nem à nação alemã.²²⁹ Assim como os citados arrivistas, os alemães da Europa oriental, entre eles os menonitas, foram os grandes perdedores da Primeira Guerra Mundial. Suas prósperas fazendas foram destruídas. Depois, com Stálin, veio o confisco das terras e em seguida a expulsão de todos os alemães étnicos. Não poucos se sentiram traídos pelo destino. Sua derrota era a vitória da modernidade, e por isso, eram tão intransigentemente contrários aos valores burgueses, à democracia parlamentar, ao comunismo, pois esses eram os símbolos dos vitoriosos e, eles, os derrotados.

Muitos jovens e soldados desesperançados acabaram se filiando às *Freikorps* que se formaram após a dissolução do exército imperial e passaram a agir como milícias terroristas, auxiliares de oficiais renegados. Essa é que passou a ser a massa de manobra do NSDAP. O NSDAP significou, para muitos dos antigos membros das *Freikorps* constantemente ameaçados pelo perigo de degradação social, a oportunidade de se elevarem de novo às posições anteriores e de tornarem realidade suas esperanças políticas. É sabido que sem a contribuição das *Freikorps*, a ascensão de Adolf Hitler ao poder dificilmente teria sido possível. Com relação ao caso específico dos menonitas, não é de estranhar que justamente a entrada das idéias nazistas se deu por meio de uma tentativa de controlar e reeducar jovens e jovens adultos inconformados com seu destino e que o porta-voz do nazismo foi justamente um arrivista (Fritz Kliewer), que teve, junto com sua família, as ambições frustradas com a queda da monarquia e com a criação da Polônia, onde os antigos habitantes alemães foram perseguidos e expulsos.

²²⁸ ELIAS, 1997, 170 e 171.

²²⁹ ELIAS, 1997, 171.



Escola Bíblica dos Werlose, em 1942.

Fonte: THIESEN, 1999, 140.

6.2. As Atividades de Missionários Norte-Americanos

Três semanas após a reunião da Igreja dos Irmãos, na qual Nikolai Siemens lera sua carta, chegava a Fernheim mais uma notícia de oposição ao nazismo e ao movimento *völkisch*. Na Argentina, havia um trabalho missionário de grande sucesso, patrocinado pela Igreja Menonita dos EUA. Os membros dessa igreja, chamada de *Velha Igreja Menonita*, eram predominantemente descendentes de imigrantes suíços; uma linhagem diferente da dos menonitas do Paraguai, que eram holandeses/alemães da Rússia. Como já citado, a Igreja Menonita era a principal denominação menonita dos Estados Unidos, e era também o grupo ao qual Orie Miller e Harold Bender pertenciam. Em abril de 1940, três missionários do projeto argentino – Nelson Litwiller, Josephus Shank e Elvin Snyder – viajaram ao Paraguai para visitar as missões protestantes em Assunção. Havendo os três concluído suas visitas na capital paraguaia, resolveram visitar as colônias menonitas no Chaco. Coincidentemente, chegaram em Fernheim a tempo para ver a

comemoração do aniversário de Hitler. Segundo Litwiller, os missionários visitantes ficaram simplesmente estarelecidos com o ardor nacionalista, quase beirando o *fanatismo* demonstrado pelos participantes da comemoração.²³⁰ Abraham Harder, professor e presbítero da Igreja Menonita, conduziu o culto de ação de graças pelo aniversário do *Führer*. Alunos da Escola Secundária fizeram várias declamações alusivas ao tema. A senhora Kliwer fez uma palestra sobre a biografia do aniversariante, ressaltando as *pias virtudes do estadista*. A cerimônia terminou com um efusivo *Heil Hitler*. Os missionários visitaram aldeias, nas quais fizeram pregações. Nessas visitas, foram inúmeras vezes questionados a respeito dos acontecimentos, mas resolveram assumir uma atitude evasiva para não ferir suscetibilidades e ganharem tempo para pensar numa saída que não ferisse as convicções pessoais de alguns, mas que pudesse abrir os olhos de outros.

A oportunidade surgiu quando foram convidados para um culto de despedida, realizado no salão de assembléias da colônia, em Filadélfia, quando decidiram que Snyder iria pregar sobre o pacifismo e os outros pregariam sobre temas gerais. O primeiro a falar foi Shank, pregando sobre as *virtudes tradicionais menonitas*; depois Snyder, sobre *o mundo atual e a doutrina de não-resistência*, destacando que o nazismo eleva o abuso de poder à categoria de bem supremo; o nazismo é absolutismo totalitário; o nazismo destrói a personalidade; e o nazismo está determinado a destruir o cristianismo.²³¹ Além disso, citou várias passagens do *Mein Kampf* e de textos nazistas de outros autores e os comparou com declarações de alemães antinazistas, como Karl Barth e Martin Niemöller.²³²

Segundo Julius Legiehn, um dos líderes, Snyder teria dito que o nazismo era pior do que o comunismo e que seria uma espécie de *sífilis do espírito*.²³³ No final da pregação de Snyder, Fritz Kliwer retirou-se do recinto, seguido por jovens adeptos do movimento *völkisch*. Kliwer teria esbravejado em frente à porta que a

²³⁰ THIESEN, 1999, 132.

²³¹ THIESEN, 1999, 133.

²³² Karl Barth e Martin Niemöller foram importantes teólogos protestantes alemães que se opuseram ao nacional-socialismo. Foram líderes da *Bekennende Kirche* (Igreja Confessante), que se opôs abertamente ao regime ditatorial de Hitler. Barth se refugiou na Suíça e Niemöller ficou quase oito anos preso em um campo de concentração. É de estranhar que os menonitas não soubessem dos eventos relacionados à Igreja Confessante, pois os pastores a ela ligados agiam em conexão com o grupo pietista de Barmen, com o qual os menonitas também teriam contato.

pátria fora tremendamente insultada e que isso seria respondido no tempo oportuno e teria sido aplaudido pelos estudantes secundaristas.²³⁴

Logo após o culto, todos os pastores das três denominações menonitas em Fernheim se reuniram em assembléia para debater a questão *völkisch* e decidir que atitudes tomar para eliminar o movimento que causava cisões e era incompatível com os princípios menonitas. Numa decisão unânime, o que era raríssimo entre os pastores menonitas, requereram ao *Oberschulze* de Fernheim que tomasse as medidas necessárias para eliminar o movimento *völkisch*. No entanto, para o restante da congregação que ouviu a pregação de Snyder, a mensagem não foi tão bem recebida, por ter falado em inglês, já que não falava alemão e isso, naquele momento, foi um fator de fragilização de seu discurso, e o povo de Fernheim alegava saber muito bem o que o comunismo soviético podia fazer, pois já o haviam experimentado pessoalmente. Da mesma forma, a experiência pessoal dos habitantes de Fernheim com o nazismo e o governo alemão era muito positiva. Recebiam dinheiro, material escolar, a VDA pagava os professores e os reparos das instalações escolares, ouviam notícias do mundo pelo rádio que a Alemanha dera de presente para a colônia.

Além disso, a presença e a atitude dos norte-americanos não foram bem recebidas, em função de que, naquele momento, quase todos os colonos de Fernheim estavam em dívida com o MCC. Assim, além de credores, os americanos ainda queriam se envolver na vida dos menonitas. Veremos que, mesmo ao fim da Segunda Guerra Mundial, os menonitas de Fernheim continuaram a manter uma atitude hostil em relação aos norte-americanos e agradecida e amistosa em relação à Alemanha. Mas, para os pastores, a questão foi diferente: tomaram novo ânimo depois da visita dos três missionários. Segundo Nikolai Wiebe, a visita *foi uma bênção e o evangelho foi pregado de forma transparente e correta*.²³⁵ Depois desse evento, a KfK passou da defensiva ao ataque, com o objetivo claro de eliminar completamente a influência *völkisch* de Fernheim. Após sua saída, os três pastores

²³³ THIESEN, *ibid.*

²³⁴ THIESEN, 1999, 133.

²³⁵ THIESEN, 1999, 134.

continuaram a manter contato com a liderança religiosa de Fernheim, não deixando de passar impressões sobre o que estava acontecendo na colônia paraguaia.

Após a visita dos missionários, Kliewer, em toda oportunidade, queixava-se de estar sendo perseguido, assumindo o papel de vítima. Mas tal visita também foi um incentivo para o aumento das atividades *völkisch*, privilegiando o atendimento aos jovens, além do que, com Julius Legiehn no papel de *Oberschulze* de Fernheim, a situação estava de certa forma garantida, pois quem vinha aparecendo como o grupo perturbador não era o dos *völkisch*, mas justamente os pastores *wehrlos*. Legiehn e Kliewer, candidamente assumiram o papel de cordeiros, dizendo que os objetivo deles era a paz e o progresso de Fernheim.²³⁶

Mas, a situação confusa, que gradualmente recrudescia, não era tão somente em função da visita dos missionários. No primeiro semestre de 1940, os habitantes de Fernheim tinham a expectativa de estarem logo aptos a requerer a cidadania alemã e então poderem, se quisessem, retornar para a Alemanha. Mas, como o governo alemão não reconhecia a objeção de consciência, os jovens menonitas seriam obrigados a prestar serviço militar. Ressalte-se que havia uma lei especial de 1913 que garantia a cidadania alemã para todos os descendentes de alemães espalhados pelo mundo. Com ela, garantia-se aos menonitas a cidadania aos que a requeressem.²³⁷ Nesse mesmo tempo, alguns menonitas do Brasil começaram a agir individualmente, pedindo a concessão da cidadania e muitos já se encontravam na Alemanha.²³⁸

6.2.1. A paranóia do retorno coletivo para a Alemanha

De forma semelhante, em Fernheim, a idéia de um retorno para a Europa emergiu em 1935, quando as autoridades da colônia tiveram que intervir para manter os colonos no Paraguai.²³⁹ Mas esse era um tema polêmico e diversas vezes, entre 1935 e 1940, o assunto voltou a ser aventado, até mesmo nas reuniões da KfK, nas quais o tema se tornava central. A recomendação dos religiosos era para que o

²³⁶ FRIESEN, 1999, 135 & KLASSEN, 1990, 65.

²³⁷ MENNO-BLATT, outubro de 1935.

²³⁸ MASKE, 1999, 139.

assunto fosse tratado numa assembléia geral da colônia, mas que se tivesse o cuidado em preservar o princípio menonita da não-resistência. Por parte precisamente do governo alemão, havia um recrudescimento em não permitir que os menonitas tomassem a iniciativa de requerer a cidadania e retornar em bloco. O aconselhamento dado pela legação alemã em Assunção era de que permanecessem no Paraguai e construíssem um futuro próspero no país sul-americano.²⁴⁰

Portanto, o governo alemão realmente já conhecia bem os menonitas e suas especificidades. Sabia, por meio de diversas fontes – Wilhelmy e teuto-paraguaios – que os menonitas dariam mais trabalho do que auxílio na guerra que se desenvolvia na Europa. Naturalmente que nenhum governo em tempo de guerra concederia isenção do serviço militar para um grupo tão específico como os menonitas, que chegaram a pensar – ensimesmados como todos os membros de seitas religiosas – que haveria interesse do governo alemão em recebê-los. Mas, havia entre eles alguns mais esclarecidos que, junto com o MCC e autoridades paraguaias, tentavam demovê-los da idéia de retornar à Alemanha durante a Segunda Guerra Mundial.

Além disso, tendo em vista a perspectiva do capitalismo alemão, era mais interessante manter as colônias no ultramar do que trazê-las para a Alemanha, já que, principalmente na América do Sul, elas serviam como porta de entrada para os produtos alemães, podendo-se, por meio delas, conquistar uma boa fatia do mercado do cone sul.

Ainda assim, mesmo com a contenção da repatriação em massa, vários indivíduos e suas famílias voltaram para a Alemanha. Também rapazes e moças acabaram partindo para trabalhar em fazendas alemãs, num programa de intercâmbio, sendo que muitos deles foram depois convocados para lutar na guerra. Diversas outras tentativas de repatriação foram tentadas,²⁴¹ por meio das quais se percebe que cerca de 90% da população de Fernheim e de Friesland estava disposta a ser repatriada. Inclusive a colônia de Friesland protocolou um pedido de

²³⁹ MENNO-BLATT, outubro de 1935.

²⁴⁰ KLASSEN, 1990, 64

repatriação coletiva que foi aceito pela embaixada alemã, mas a saída programada para somente ser realizada ao final da Segunda Guerra Mundial.²⁴²

Essa ansiedade pela repatriação começou a despertar na KfK, a princípio, e depois no MCC, uma preocupação com os que ficariam. Ademais, a idéia da partida começava a prejudicar o trabalho e o desenvolvimento das colônias, pois, se todos que tinham a intenção de partir realmente o fizessem, a viabilidade das colônias estaria seriamente comprometida, sem se mencionar que o governo do Paraguai havia concedido inúmeros privilégios aos menonitas e certamente estava esperando um maior comprometimento dos colonos com o projeto.

6.2.2. Nova intervenção do MCC

Dos Estados Unidos, o MCC decidiu começar a atuar mais decisivamente sobre as colônias, já que, para efeitos legais, ainda era o proprietário das terras, pois a maioria dos colonos, até aquele momento, não havia quitado suas dívidas para com a organização norte-americana. Além disso, o MCC passou a ser regularmente informado a respeito das agitações de repatriação para a Alemanha, do repúdio aos débitos e também do abandono do pacifismo. A escola de Fernheim era que mais preocupava o MCC: os professores da escola secundária eram apenas empregados da colônia e não deveriam assumir o papel de líderes.²⁴³

Segundo Thiesen, o MCC afirmava, em sua carta de 15 de junho de 1940, que:

(...) é completamente inaceitável que qualquer professor se arvore em tomar posição contra o pacifismo ou outros princípios menonitas. Nada temos contra o *Deutschtum*. Todos os habitantes de Fernheim sabem disso pelos irmãos Hiebert, Miller, Bender e Fast, que os visitaram nos últimos anos. O professor Unruh sabe disso, assim como as autoridades em Berlim. A questão aqui é que os menonitas do Paraguai, para permanecerem alemães, devem abrir mão de princípios religiosos, como o pacifismo, e devem integrar um movimento político não paraguaio. Esperamos que os líderes civis e espirituais, assim como a colônia como um todo, façam todo o possível para conter os perigos que ameacem os princípios cristãos-menonitas e a posição dos colonos em sua nova pátria,

²⁴¹ KLASSEN, 2001, 192 & RATZLAF, 1987, 176.

²⁴² THIESEN, 1999, 137.

²⁴³ THIESEN, 1999, 138.

que fora por eles próprios escolhida. Será uma irresponsabilidade se isso não for feito.²⁴⁴

Ao que parece, pelo conteúdo da carta, o MCC decidiu fazer uma severa repreensão com o objetivo de abrir os olhos da comunidade de Fernheim. De fato, a condição e acolhida dos menonitas no Paraguai foram únicas. E, realmente, já havia chegado aos ouvidos do comando do MCC que as autoridades paraguaias tencionavam rever os privilégios antes concedidos aos menonitas. Se houve alguma resposta aos norte-americanos, nada aparece nos arquivos. Talvez a resposta tenha sido dada verbalmente a Sanford Yoder, outro representante do MCC que visitou a colônia em agosto de 1940. Yoder era um homem austero que podia ser firme conciliador e que conseguiu entrar em acordo com os dois lados do conflito de Fernheim. Com relação à carta do MCC, julgou que havia trazido um pouco mais de paz e serenidade à colônia.²⁴⁵

No relatório sobre sua visita a Fernheim, Yoder criticou a postura dos três missionários americanos, que teriam se expressado de forma imprópria em relação a um assunto extremamente delicado. Kliewer, aparentemente, diminuiu a ênfase *völkisch* em suas aulas, mas se defendeu perante Yoder afirmando que sua posição quanto ao pacifismo era comum entre os menonitas na Europa.²⁴⁶

6.2.3. O embate pela Escola Secundária

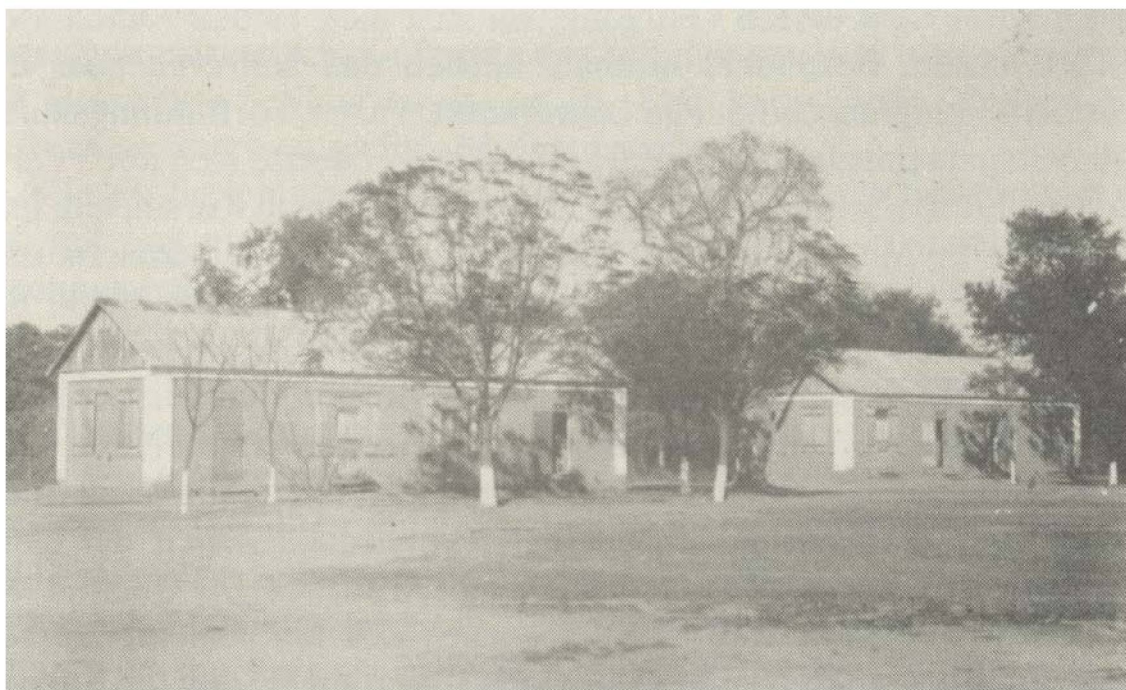
Uma das grandes preocupações do MCC era o estado da Escola Secundária. Os menonitas dos Estados Unidos haviam coletado fundos destinados a essa escola. Mas, até então, não haviam sido enviados em função das suspeitas de que a escola estava sendo utilizada para fins políticos contrários aos princípios menonitas. Yoder deveria verificar a situação da instituição escolar e então decidir se entregaria o dinheiro à direção da Escola Secundária. Nesse mesmo momento, o MCC estava financiando uma escola bíblica, ligada à Igreja da Aliança, de Nikolai Siemens. Em contraste com a Escola Secundária, com seu currículo mais geral e mais laico, a Escola Bíblica foi criada em 1939 com o objetivo de preparar futuros

²⁴⁴ KLASSEN, 1990, 75.

²⁴⁵ THIESEN, 1999, 139.

²⁴⁶ THIESEN, *ibid.*

membros interessados em temas religiosos específicos. Não havia, segundo as fontes,²⁴⁷ uma tentativa inicial de estabelecer uma escola concorrente à de Kliwer, mas, gradualmente, foi o que ela se tornou. Depois da visita de Yoder, a Escola Bíblica passou a ser vista como a “única” escola secundária em Fernheim que receberia apoio do MCC. Ela nunca se tornaria uma escola secundária oficialmente, mas funcionava informalmente como tal, recebendo os filhos dos menonitas mais religiosos. Assim, a questão da escola era e permaneceu sendo um dos principais focos de atrito entre os dois grupos concorrentes em Fernheim.



Prédios da Escola Secundária, em 1939.

Fonte: KLASSEN, 1990, 59.

6.3. A Última Tentativa de Apaziguamento

Para tentar dirimir os conflitos entre os dois grupos, o *Oberschulze* de Fernheim, Julius Legiehn, propôs uma fórmula para restabelecer a paz entre os *wehrlos* – não-resistentes – e os *völkisch*. Segundo Legiehn,²⁴⁸ os dois grupos acreditavam na Carta de Privilégios concedida pelo governo paraguaio e também na

²⁴⁷ THIESEN, 1999, 141 & KLASSEN, 1990, 62.

²⁴⁸ THIESEN, 1999, 141.

doutrina do pacifismo. A diferença é que os *wehrlos* enfatizavam religiosamente os dois pontos, enquanto os *völkisch* os enfatizavam etnicamente. Para tentar trazer a paz a Fernheim, a fórmula de Legiehn sugeria o seguinte:

Os *völkisch* deveriam admitir que haviam criticado os pastores e Kliewer deveria pedir desculpas publicamente numa reunião do BDMP; os *wehrlos* deveriam admitir que colocavam em dúvida a fé dos *völkisch*; os *wehrlos* não deveriam chamar as atividades dos *völkisch* de pecaminosas, os quais, por sua vez, não deveriam chamar as atividades dos *wehrlos* de anti-alemãs; nenhum membro de qualquer grupo seria proibido de participar das atividades de outro; como a Escola Secundária tinha sido afetada pela controvérsia, em função de relatórios unilaterais, por causa dos quais o MCC tem retido recursos e alguns pais retiraram seus filhos da escola, o trabalho *völkisch* seria separado do currículo normal.²⁴⁹

Em outubro de 1940, uma conferência de pastores aceitou a fórmula de Legiehn, mas, aparentemente, os *völkisch*, a princípio, não a levaram a sério. Depois da concordância dos pastores, pelo que as fontes indicam, houve uma acomodação. Em uma reunião realizada em 05 de dezembro de 1940, Kliewer fez um discurso abordando a questão da fórmula de Legiehn, no qual afirmava que qualquer declaração de sua parte em relação ao clero se referia única e exclusivamente àquelas que interferiram inadvertidamente na questão *völkisch*. Os pastores, segundo Kliewer, não deveriam usar o púlpito para propósitos políticos, assim seriam bem vindos como cidadãos e camaradas de etnia para participarem da BDMP. Kliewer sustentava que o nazismo tinha uma intenção positiva em relação às igrejas, da mesma forma que o movimento *völkisch* em Fernheim. O povo alemão e a colônia de Fernheim não poderiam sobreviver sem a igreja e seus servidores. As idéias *völkisch* não são substitutas para o Evangelho e o nacional-socialismo não é contrário às igrejas cristãs e seus servidores. Mas, de qualquer forma, não deve haver um mau uso do púlpito. Kliewer concluiu demonstrando pesar e arrependimento por suas declarações mal entendidas e prometia se expressar de forma mais clara no futuro.

Obviamente, Kliewer acreditava que a igreja nada tinha a dizer sobre ética numa esfera de moralidade pessoal. Justamente isso é que gerava conflito com a esfera religiosa, pois a opção pelo pacifismo, segundo a doutrina menonita, é uma opção pessoal. De qualquer forma, Kliewer, como presidente da BDMP, recomendou

²⁴⁹ THIESEN, 1999, 142.

aos líderes da associação que seguissem as sugestões de Legiehn e que incentivassem os outros membros a fazerem o mesmo. Depois disso, Legiehn escreveu para o MCC nos Estados Unidos para relatar o aparente sucesso de sua fórmula, mas seu relatório foi recebido com reserva, pois não viram mudanças essenciais no posicionamento dos *völkisch* e não perceberam nenhum comprometimento das partes para o estabelecimento da paz em Fernheim. Além disso, Legiehn não havia encaminhado nenhuma cópia de uma declaração da KfK na qual a liderança religiosa se comprometia formalmente em buscar o entendimento com os *völkisch*. De forma semelhante, Kliewer também não fizera nenhuma declaração por escrito com o objetivo de chegar à paz.²⁵⁰

Pelo que as fontes indicam, a fórmula de Legiehn havia despertado mais a suspeita acerca dos *völkisch* do que apaziguado a presidência do MCC em relação aos acontecimentos que estavam em curso no Paraguai. Hiebert, o presidente do MCC, mandara uma carta a Legiehn questionando a BDMP, a Escola Secundária e a pessoa de Kliewer quanto às suas ligações e obrigações para com elementos estrangeiros. Hiebert também queria saber as obrigações que os *völkisch* tinham para com a DVP, em Assunção, e para com autoridades alemãs na América do Sul e na Europa. O MCC já sabia que logo a guerra entre Estados Unidos e a Alemanha iria irromper e pretendia continuar com a ajuda e assistência a Fernheim, mas, para tal, precisaria ter certeza de que Fernheim estava livre de contatos com as autoridades do *Reich* e com o professor Unruh.²⁵¹ O MCC, como organização norte-americana, estava preocupado em continuar financiando e mantendo projetos com Fernheim, que era também mantida por órgãos de um país inimigo. De fato, Fernheim continuou a receber dinheiro da embaixada alemã em Assunção e da DVP, até quase o fim da guerra.²⁵²

Aparentemente, Legiehn não respondeu à carta de Hiebert, mas um grupo de pastores, de orientação *völkisch*, mandou uma carta tentando apaziguar os ânimos no MCC. Afirmavam que a maior parte dos membros do movimento não havia abandonado o pacifismo e a doutrina de não-resistência. Essa era uma prova

²⁵⁰ KLASSEN, 1990, 78.

²⁵¹ THIESEN, 1999, 143 & KLASSEN, 1990, 75.

²⁵² THIESEN, 1999, 143.

de que havia indivíduos dentro do movimento que estavam tentando realmente conciliar os princípios menonitas com o pensamento *völkisch*.

Nesse mesmo período, Fernheim recebeu a visita do cônsul americano em Assunção, que não deixou claro o propósito de sua visita, o que despertou a suspeita no grupo de que, como de certa forma o MCC havia alertado, o governo dos Estados Unidos começava a se interessar pelo que estava acontecendo em Fernheim.

6.3.1. O testemunho dos huteritas contra o nacional-socialismo

No final de 1941, exatamente quando os EUA e a Alemanha entraram em guerra, Fernheim recebeu um grupo de pelo menos 80 pessoas que poderia promover uma significativa mudança ideológica no movimento, pois trazia o testemunho de suas experiências com as contradições entre cristianismo e nazismo. Eram membros de um grupo sectário comunitário, vindo da Inglaterra que se chamavam de huteritas.²⁵³

Esse novo grupo em Fernheim, na verdade, não era menonita. Na década de 1920, o pastor Eberhard Arnold, decepcionado com a degradação moral de seu tempo na Alemanha, começou a pesquisar nos livros de história um modelo de comunidade cristã ideal. Depois de muito estudar, descobriu os *Bruderhöfe*²⁵⁴ dos huteritas do século XVI. Convencido de que essa seria a forma ideal de comunidade cristã, decidiu, junto com amigos e seguidores ricos e bem instruídos, reavivar a estrutura daquela comunidade em seu contexto religioso. Foram então estabelecidas três dessas fazendas comunais: uma na Alemanha, outra no Principado de Liechtenstein e uma outra no Reino Unido. As comunidades eram multinacionais, sendo que a maior parte dos membros era suíça, alemã, inglesa e sueca.

²⁵³ Huteritas são um grupo de menonitas que datam suas origens no século XVI. Consideram-se herdeiros do movimento anabatista. Com modo de vida semelhante ao dos *amish*, diferem deles por não reconhecerem a propriedade privada da terra. Assim, vivem em fazendas comunitárias nas quais dividem as tarefas. Não há notícia de comunidades huteritas na Europa, mas apenas no Canadá e nos Estados Unidos. Os huteritas de Arnold não são menonitas e durante anos desconheciam a existência do grupo da América do Norte.

²⁵⁴ Nome dado às fazendas comunais dos huteritas.

Quando Hitler chegou ao poder em 1933, o grupo de huteritas de Arnold continuou a afirmar seus princípios: pacifismo, comunitarismo, internacionalismo e um certo liberalismo nos costumes. Essas características despertaram a animosidade dos nazistas que passaram a perseguir o grupo. A Gestapo fechou o *Bruderhof* da Alemanha, aproveitando o episódio da falência do empreendimento. Em resposta, todo o grupo de Liechtenstein e o da própria Alemanha procurou refúgio no *Bruderhof* do Reino Unido. Quando esse país entrou em guerra contra a Alemanha, em 1939, o grupo passou a ser hostilizado pela opinião pública inglesa, em função de a maior parte de seus membros ser alemã e por seu pacifismo, que os fazia opor-se à guerra. Com a ajuda de quakers e menonitas dos Estados Unidos, começaram então a procurar um novo local para criar seu *Bruderhof*. O MCC se prontificou a conseguir terras para eles no Paraguai, em especial no Chaco.²⁵⁵

Mesmo que alguns menonitas holandeses tivessem ajudado o grupo de Arnold a sair da Alemanha e que o próprio grupo huterita estivesse ligado aos menonitas, a Igreja Menonita na Alemanha negava publicamente essa ligação. É possível que no Paraguai se tenha lido sobre o assunto, pois quando os huteritas chegaram em Fernheim, a recepção não foi muito calorosa.

As notícias acerca da movimentação dos huteritas no Paraguai parecem ter chegado a Fernheim apenas em outubro de 1940. Um mês depois, 200 pessoas deviam chegar a Fernheim e o MCC esperava que a colônia alimentasse e cuidasse deles até que adquirissem sua própria terra. Os colonos de Fernheim não tiveram mais notícia dos huteritas, até que um grupo bem menor do que o esperado apareceu em Puerto Casado, em 30 de dezembro de 1940. Em janeiro de 1941, o *Menno-Blatt* publicou uma pequena auto-apresentação dos hutteritas, na qual falaram de sua história recente e disseram que tiveram de abandonar suas terras e lares por causa de sua fé. Os hutteritas permaneceram durante cerca de cinco semanas hospedados em Fernheim e durante esse tempo investigaram as possibilidades de aquisição de terras. Optaram por uma gleba ao sul de Friesland, a qual deram o nome de Primavera. Em um culto de despedida, realizado pelos huteritas, o líder da comunidade, Eberhard C. H. Arnold, filho do fundador, traçou um

²⁵⁵ MENNO-BLATT, janeiro de 1941.

paralelo entre a experiência dos colonos de Fernheim na Rússia e de sua própria comunidade com Hitler. Conforme as fontes, ninguém dos *völkisch* se atreveu a contestar sua palavra, mas os pastores aproveitaram a situação para, mais uma vez, confirmar sua idéia de que havia algo de muito “suspeito” com o nacional-socialismo e o movimento *völkisch*. O empreendimento dos huteritas na colônia Primavera não teve sucesso em função de rivalidades internas: uma parte dos membros permaneceu no Paraguai, ligando-se a comunidades germânicas em Assunção e em colônias teuto-brasileiras pelo interior do país; o restante buscou refúgio no *Bruderhof* de Woodcrest, no Estado de Nova York.²⁵⁶ As conseqüências da presença do huteritas em Fernheim, apesar de seu claro testemunho, foram nulas para o movimento *völkisch*, pois seus membros ignoraram solenemente esse alerta.

6.3.2. A ampliação das atividades dos missionários do MCC em Fernheim

Durante o período das visitas, a fórmula de Legiehn alcançara algum resultado. O ano escolar de 1941 transcorreu com relativa tranqüilidade. A Alemanha invadiu a Rússia, mas a reação ao evento, pelo que as fontes indicam, foi mais indiferente do que se esperava. Em artigo anônimo, possivelmente redigido pelo editor do jornal *Menno-Blatt* de janeiro de 1941, o autor expressou surpresa pelo evento bélico, mostrou tristeza pelo banho de sangue e preocupação pelos amigos e parentes que ficaram na Rússia.

Uma das poucas fontes menonitas sobre a invasão é uma carta de Abraham Harder, líder da Igreja Menonita, o qual, durante esses dias, estava atendendo membros de sua igreja em Assunção. Após ouvir o noticiário pelo rádio, escreveu:

Eu me recusei a acreditar. Ultimamente temos ouvido muitas notícias falsas. Fomos calorosamente recebidos pela família de Franz Heinrichs em Assunção. Às 7:30 ouvimos o discurso do Führer em alemão e ficamos atônitos. Como pode uma coisa dessas acontecer? Será a resposta para as nossas preces? Será a libertação de nossos bem amados ou será a vez deles compartilharem o destino dos alemães da Polônia, mortos aos milhares pelos poloneses depois de agosto de 1939? Que ardentes preces

²⁵⁶ KLASSEN, 2001, 147.

subam aos Céus, para que Deus tome em sua proteção toda poderosa nossos queridos irmãos e conceda a vitória à nossa pátria.²⁵⁷

Harder fora para Assunção para encorajar os membros de sua igreja em suas dificuldades diárias. Mas agora, expressava esperanças quanto a um futuro mais promissor.

O Chaco

(...) não pode ser um lar permanente. É apenas um local para refúgio. O clima tropical e o trabalho pesado nos arruinam ainda jovens e destróem nosso equilíbrio mental. Devemos sempre falar a nossos filhos sobre como Deus nos ajudou em momentos de dificuldade, como nos resgatou da Rússia, nos auxiliou através do governo alemão e de nossos irmãos na América do Norte. Mas nós também podemos alargar seus horizontes ao falarmos das colinas e vales de nosso antigo lugar na Rússia e no lar de nossos ancestrais, nas terras alemãs, que agora são palco de duras batalhas. E se Deus quiser, ainda nos encontraremos com nossos bem amados nas florestas e vastidões geladas da Rússia, quando deixaremos o inóspito Chaco.²⁵⁸

De início, a invasão alemã parecia ser um sucesso, o que mais incentivava as expectativas de repatriação e da aniquilação do comunismo na Rússia. Cada vez mais os membros do movimento *völkisch* ficavam ansiosos, esperando, talvez, uma convocação geral de repatriação vinda de Berlim, para que todos os alemães do mundo viessem para ocupar a Rússia e transformá-la em “um belo jardim florido”.

Por outro lado, o pretense sucesso alemão na Rússia mobilizou os círculos de interesses também em Washington. Nos fins de 1940, os Estados Unidos introduziram o serviço militar obrigatório para seus cidadãos. Como resultado de uma campanha das igrejas pacifistas históricas, incluiu-se um serviço público civil para objetores de consciência. Para os menonitas, a organização escolhida para administrar o serviço civil pelo governo americano foi o MCC, que, com isso, teve a disponibilidade de mandar vários profissionais menonitas para seus projetos mundo afora, a fim de cumprirem seu período de serviço social, chegando a Fernheim inúmeros médicos, dentistas e profissionais que ajudaram no desenvolvimento das colônias. Além disso, desempenhariam papel importante na luta contra o movimento *völkisch*.²⁵⁹

²⁵⁷ THIESEN, 1999, 147.

²⁵⁸ THIESEN, *ibid.*

²⁵⁹ KLASSEN, 1990, 107.

O primeiro a chegar foi o médico John R. Schmidt, membro da Igreja Menonita no Kansas. Era fluente em baixo-alemão, o que facilitara seu trabalho no hospital de Fernheim, de junho de 1941 até janeiro de 1943. Em outubro de seu primeiro ano de serviço, outro objetor de consciência chegara ao Paraguai. Vernon H. Schmidt, também médico, fora mandado para o hospital da colônia Primavera, que atendia também aos colonos de Friesland. Como não sabia falar alemão, vivera isolado. Já John Schmidt, estando em Fernheim e sabendo falar alemão, rapidamente foi introduzido no convívio social e, conseqüentemente, no conflito político que ocorria na colônia.

Aparentemente ele comparecia às reuniões da BDMP e não estava preparado para o que testemunhara. Em uma carta para seu mentor, Orie Miller, ele comentou que:

(...) naturalmente, não estamos satisfeitos com as atuais condições de Fernheim e de Friesland, em particular com as condições resultantes da propaganda nazista (...) Como representantes do MCC e como colaboradores da Igreja Menonita, queremos levar um claro testemunho ao Paraguai. Não deverá haver dúvida na mente de nossos irmãos de que a Igreja Menonita na América se fundamenta no princípio da não resistência, de que as políticas do MCC são de uma organização de assistência e de que não tem outro interesse no Paraguai, a não ser ajudar e mostrar seu amor fraternal.²⁶⁰

Pelo que John Schmidt relata, a presença do MCC e de seu pessoal era vista no mínimo com suspeita. Ao que parece, depois de ter se tornado credor das dívidas de instalação dos colonos no Paraguai, o papel de auxiliar desinteressado não mais coube a ele. Pode-se imaginar que os *völkisch* tenham utilizado o fato para colocar a opinião pública de Fernheim contra o MCC e seus colaboradores na colônia. Mesmo que o MCC afirmasse com veemência que não tinha interesse algum, a não ser ajudar os colonos no Paraguai, não era essa a idéia que os colonos alimentavam. Os *völkisch* deixavam clara sua suspeita de que o MCC servia aos interesses geopolíticos dos Estados Unidos. De fato, seus colabores no Paraguai trabalhavam em estreita ligação e colaboração com a embaixada americana e o governo paraguaio em Assunção e isso não ajudava a manter sua imagem de imparcialidade.

²⁶⁰ THIESEN, 1999, 149.

Além disso, os dirigentes do MCC, sempre que possível, lembravam que a organização já havia despendido mais de 250 mil dólares com Fernheim e que os colonos deveriam se mostrar mais gratos.²⁶¹ Deve-se observar que, mesmo depois da eliminação do movimento *völkisch*, os americanos nunca contaram com uma alta popularidade entre os menonitas de Fernheim; apenas o clero os recebia bem e a população comum da colônia sempre os via como credores indesejados.

Durante a maior parte de 1942, a calma reinou em Fernheim, denotando que a fórmula de Legiehn produzia seus frutos desde outubro de 1940. Aparentemente, as escolas voltaram a uma posição neutra, sem excessos dos *völkisch* ou dos *wehrlos*. Peter Klassen, líder dos religiosos que ensinava religião na Escola Secundária, afirmou que as crianças poderiam participar das aulas, sem reservas.²⁶² A Escola Bíblica, dirigida por Nikolai Wiebe e Bernhard Wall, continuou suas atividades na aldeia de Schönwiese. Mas, no final de 1942, a Igreja da Aliança, insatisfeita com o fato de que Julius Legiehn havia sido reeleito para o cargo de *Oberschulze*, começou uma movimentação para que suas contribuições para a manutenção da Escola Secundária fossem devolvidas. Na época da reeleição, Nikolai Wiebe e Bernhard Wall, como líderes da Igreja da Aliança, fizeram um memorando no qual criticavam a atuação de Legiehn, ao tentar impor o ponto de vista religioso dos *völkisch* por meio das escolas. Não tinham nenhuma objeção à atuação de Julius Legiehn quanto à área econômica e administrativa, nas quais estava se saindo muito bem, mas declararam que as escolas deveriam ser neutras em termos religiosos, e isso significava serem baseadas em princípios menonitas tradicionais. Como isso não estava acontecendo, mostraram seu repúdio ao não participar da eleição.²⁶³

O americano John R. Schmidt apoiava abertamente o grupo *wehrlos*, em especial, incentivava o trabalho da Escola Bíblica. Em junho de 1942, Nikolai Siemens assegurou em carta a Orie Miller, nos Estados Unidos, que o grupo *wehrlos* via John R. Schmidt como um bom e leal amigo, em especial na questão do

²⁶¹ KLASSEN, 1990, 75.

²⁶² THIESEN, 1999, 149.

²⁶³ THIESEN, 1999, 150.

pacifismo, o principal fator de desunião em Fernheim.²⁶⁴ Schmidt mantinha, também, boas relações com Julius Legiehn e com Fritz Kliewer, mesmo estando em campos opostos quanto ao pacifismo.

6.4. Reinício dos Confrontos Diretos entre os *Wehrlos* e os *Völkisch*

Quando John R. Schmidt concluiu seu período de serviço civil, em outubro de 1942, e retornou para os Estados Unidos, a situação de conflito entre os *völkisch* e os *wehrlos* estava na iminência a se deteriorar novamente, principalmente motivado por eventos externos. Alguns colonos temiam que logo Fernheim e as outras colônias menonitas teriam problemas com o governo paraguaio, que em 26 de janeiro de 1942, cortou relações diplomáticas com a Alemanha, com a Itália e com o Japão. Sendo assim, ficava claro que não desejava a participação de elementos dessas nacionalidades com atividades políticas dentro de seu território.²⁶⁵

John Schmidt relatou que a presença militar paraguaia passou a ser mais freqüente em Fernheim. Em contatos com autoridades paraguaias em Assunção, e com gente do comércio, Schmidt percebeu que muitos sabiam em detalhes o que estava acontecendo e que o governo local estava decidido a tirar os privilégios dos menonitas se os conflitos continuassem.²⁶⁶

Segundo Seiferheld,²⁶⁷ havia uma preocupação por parte das autoridades paraguaias com a atividade política que influenciava Fernheim. Mas, o que realmente incomodava eram as conseqüências práticas de uma repatriação em bloco dos menonitas. Após a eleição de Legiehn, a capacidade produtiva de Fernheim aumentou muito e os primeiros anos de dificuldade pareciam chegar ao fim. Menno, a primeira colônia menonita, já tinha alcançado uma grande estabilidade na produção de diversos artigos destinados ao mercado interno paraguaio e também para a exportação. Ademais, as colônias menonitas eram importantes símbolos

²⁶⁴ KLASSEN, 1990, 107.

²⁶⁵ MENNO-BLATT, fevereiro de 1942.

²⁶⁶ THIESEN, 1999, 151.

políticos, pois assim o Paraguai mostrava que poderia fazer um uso produtivo das terras que conquistara da Bolívia, na Guerra do Chaco. Se a maior parte dos menonitas retornasse para a Europa, o país perderia todas as vantagens que eles trouxeram. Além disso, o governo paraguaio era favorável à presença de instituições como o MCC, que poderiam canalizar recursos para as colônias e garantir o sucesso delas e, indiretamente, melhorar o nível de desenvolvimento do Paraguai como um todo.

Existe também a questão do relacionamento do Paraguai com os Estados Unidos. Ao mesmo tempo em que queria manter a harmonia com os americanos, não desejava a interferência de uma nação estrangeira em suas questões internas e, portanto, pretendia solucioná-las ou, pelo menos, encobri-las, de forma a não ser alvo das atenções do *grande irmão do Norte*.²⁶⁸ Por isso, os *völkisch* permaneceram relativamente livres para agir no Paraguai, enquanto que no Brasil, os simpatizantes do nazismo começaram a ser sistematicamente perseguidos pela ditadura de Vargas.²⁶⁹

Os primeiros anos da Segunda Guerra Mundial (1939-1942) foram o ponto alto das atividades do movimento *völkisch*. Isso se deve ao retorno de Fritz Kliewer que, com suas habilidades de administração e liderança, conseguiu colocar o grupo sob seu comando em um alto nível de coesão interna, atingindo principalmente a população jovem da colônia. Isso foi favorecido pela boa atuação de Julius Legiehn na direção da colônia, o que possibilitou o desenvolvimento econômico de Fernheim e, indiretamente, abriu o campo de atuação do *völkisch*; mas também diminuiu o poder de argumentação do grupo contrário, os *wehrlos* que, auxiliados pela força moral dada pelos colaboradores do MCC, conseguiram estabelecer as bases de sua fundamentação teórica de que o movimento *völkisch* destruiria um dos pilares da teologia menonita, ou seja, a doutrina da não-resistência pacifista.

A seguir, veremos como o grupo dos *wehrlos* conseguirá extinguir o movimento *völkisch*, num último e grande confronto entre os menonitas do Paraguai, envolvendo correntes nazistas e cristãs.

²⁶⁷ SEIFERHELD, 1985, 102.

²⁶⁸ SEIFERHELD, 1986, 157.

CAPÍTULO 7

²⁶⁹ MAGALHÃES, 1998, 107.

7. O COLAPSO DO NAZISMO EM FERNHEIM

No capítulo anterior, viu-se que Julius Legiehn, como *Oberschulze* de Fernheim, tentou estabelecer a paz entre o movimento *völkisch* e o clero *wehrlos* da colônia. De certa forma, atingiu seu intento, pois a retomada dos conflitos entre os *völkisch* e os *wehrlos* foi motivada por diferenças internas do próprio movimento *völkisch* e não como uma volta espontânea das animosidades entre ambas as facções.

Diferentemente da política alemã, Kliewer não soube eliminar a dissidência interna do movimento *völkisch* em Fernheim. Diferenças pessoais não permitiram que todo o grupo *völkisch* se submetesse à liderança de Fritz Kliewer. Também é importante ressaltar que a experiência menonita fora não somente uma experiência religiosa protestante, mas também uma experiência política democrática comunitária que favoreceu a participação dos elementos leigos nas esferas de decisão. Desde o seu surgimento, no século XVI, os menonitas foram acostumados a assumir tarefas na administração e na governança de suas comunidades. Isso resultou numa das primeiras tentativas, com sucesso, de participação popular em formas de governo. Todos os crentes eram também cidadãos da comunidade, com direitos e deveres, comprometidos com o destino comum. Os jovens e as crianças menonitas eram treinados para assumir responsabilidades perante a comunidade, o que os preparou a ver com desconfiança os autoproclamados líderes que intentaram impor sua vontade. Parece-me que esse é o caso da resistência de certos elementos do grupo *völkisch* de se oporem à liderança de Kliewer.

A resistência contra Kliewer no grupo *völkisch* girou em torno de Hans Neufeld, de 28 anos, líder juvenil da VRD em Filadélfia. Neufeld explicou que

(...) os desentendimentos entre nós e Kliewer surgiram de bobagens. O primeiro evento aconteceu numa noite de confraternização realizada ao ar livre. Nessa ocasião, vários jogos e folguedos típicos alemães foram realizados. Acontece que, nós, jovens adultos, não nos sentíamos à vontade para “pular a fogueira”, o que não agradou a Fritz Kliewer.²⁷⁰

²⁷⁰ NEUFELD, 1988, 9-10.

Kliewer, ao que parece, ficara muito irritado com a recusa e declarou que não aceitaria que ninguém se excluísse e todos estavam obrigados a participar de todos os eventos. Neufeld teria respondido a Kliewer que ele e seus colegas não tinham mais idade para esse tipo de brincadeira. Kliewer perdeu o controle e, colérico, gritou que todos deveriam obedecer a ele. Frente a isso, o grupo de Neufeld se retirou, afirmando que eles não eram seus alunos nem seus subordinados e que obedeceriam apenas à polícia da colônia e às autoridades coloniais legitimamente escolhidas pelos cidadãos e não a um *hitlerzinho* como Kliewer. O autor Thiesen lembra ainda que a confrontação do grupo de Neufeld refletia ainda uma situação que desagradava a muitos elementos no grupo *völkisch*, mesmo os que não eram amigos de Neufeld. O desagrado estava relacionado com o pagamento obrigatório de contribuições que eram mandadas para a Alemanha, enquanto a colônia carecia de inúmeros benefícios, tais como abastecimento de água potável e compra de equipamentos agrícolas. Havia uma grande insatisfação com o tratamento diferenciado dado a alguns, o que despertava a animosidade e a competitividade entre os membros.²⁷¹

7.1. Confrontos com Jovens em Busca de Entretenimento

Ao que tudo indica, as tensões internas entre Kliewer e membros do movimento *völkisch* começaram no final de 1942. Tudo leva a crer que o problema principal de Kliewer residia na demanda por independência e autonomia que os jovens adultos representavam. Interessados em ampliar suas possibilidades de integração social e entretenimento, os jovens promoviam bailes e encontros freqüentes, nos quais consumiam cerveja, fumavam, namoravam e dançavam ao som de Glenn Miller e Bing Crosby, a música jovem americana da época. Durante a guerra, Hitler havia proibido bailes e danças e Kliewer não queria permiti-los em Fernheim, legitimando-se em razões religiosas bastante puritanas, com as quais concordavam os pastores, mas não os jovens. A situação foi piorando até o momento em que Kliewer foi ameaçado fisicamente por um grupo de 15 jovens

²⁷¹ Thiesen, 1999, 156.

descontentes no pátio da escola, tendo oferecido aos revoltosos um momento para discussão, na presença do diretor da colônia e das autoridades religiosas, numa próxima oportunidade. Essa oportunidade surgiu na reunião anual da VRD, mas Neufeld recusou, aproveitando o ensejo para repassar uma lista de demandas que, por sua vez, foram rechaçadas por Kliewer. Esses contatos, ao que parece, apenas pioraram a relação entre as partes.

Logo depois desse episódio, o grupo de Neufeld espalhou cartazes pela colônia nos quais questionavam a validade do título de doutor que Kliewer dizia ter recebido na Alemanha. Ao que parece, Kliewer não havia conseguido entregar a correção de sua tese a tempo, antes de voltar para o Paraguai e de mandá-la depois pelo correio. Enfim, tratava-se de uma situação que gerava dúvidas sobre a validade ou não de seus estudos que haviam sido financiados em parte pela cooperativa de Fernheim. Mas isso não impediu Kliewer de usar ostensivamente o título de doutor. Em resposta aos cartazes, Kliewer escreveu uma carta furiosa para o seu amigo Legiehn, diretor da colônia, na qual expressava sua total descrença em relação a qualquer trabalho com o grupo de Neufeld e exigia uma ação enérgica de sua parte. Caso nada fosse feito, abandonaria não somente o projeto *völkisch* entre os menonitas, mas também Fernheim e iria para Assunção, onde encontraria trabalho nas instituições de ensino da cidade, pois tinha bons contatos locais.

7.1.1. O assalto ao escritório da diretoria colonial

Legiehn temia que o problema interno do grupo de Kliewer pudesse reascender um problema maior: o confronto entre os *völkisch* e os *wehrlos*. Em função disso, ele resolveu dar um fim ao problema. Para tal, foi convocada uma assembléia geral para levar o assunto à discussão a fim de chegar-se a uma conclusão. Legiehn propôs uma resolução à assembléia pela qual os dois conflitantes estavam obrigados a respeitar a ordem e a paz na colônia. A resolução foi aprovada por maioria absoluta da assembléia de cidadãos. De acordo com a versão de Neufeld, Legiehn teria prometido uma cópia das atas comprovando a

resolução do problema quando, se fosse o caso, retornassem para a Alemanha,²⁷² mas os documentos e atas apresentavam um conteúdo desabonador para Legiehn e Kliewer, em caso de repatriação. Neufeld teria uma prova contra eles frente aos nazistas, em função do que os documentos foram rapidamente guardados sem que fosse entregue qualquer cópia a Neufeld.

Sorrateiramente, Neufeld e seus amigos invadiram o escritório de Legiehn para roubar uma cópia da documentação. Não encontraram nada do que procuravam, mas viram uma carta de Kliewer endereçada a Gerd von Schütz, chefe de negócios da DVP, na qual Kliewer falava desairosamente do individualismo e dos escrúpulos confessionais dos *wehrlos*.²⁷³ Kliewer também reclamava que os missionários americanos estavam muito ativos em Fernheim e que apoiavam a escola bíblica, concorrente da escola secundária dos *völkisch*. Além disso, os americanos passavam filmes educativos contrários aos ensinamentos nacional-socialistas, segundo Kliewer. O propósito da carta era pedir que Schütz procurasse uma colocação para ambos em qualquer escola em Assunção ou em alguma colônia alemã não-menonita, pois estavam fartos dos problemas com os menonitas e já não acreditavam que seria possível converter os menonitas ao nacional-socialismo.

Neufeld entregou a carta para um pastor da Igreja dos Irmãos (*wehrlos*) que ficara de lê-la durante uma reunião dos pastores de sua congregação. Percebe-se que Neufeld de fato procurava despertar o confronto entre os *völkisch* e os *wehrlos*. Em função disso, alguns elementos *völkisch* começaram a acusar os *wehrlos* de compactuarem com ladrões e arrombadores para desestabilizar o movimento *völkisch* e desacreditar sua liderança.

No dia seguinte ao arrobamento, Julius Legiehn chamou Neufeld para uma conversa, e ao que parece, já informado de tudo o que ocorrera, expulsou-o de Fernheim. Num primeiro momento, Neufeld concordou em ir embora, pois tinha amigos e contatos na colônia Friesland que poderiam auxiliá-lo na procura de um

²⁷² Note-se que naquele momento em Fernheim, uma das questões mais discutidas era a possibilidade de um repatriamento em massa para a Alemanha. Kliewer era um dos mais entusiastas com a idéia e estava convencido de que as colônias menonitas no Paraguai não teriam futuro. Por mais absurdo que possa parecer, Kliewer e seu grupo estava disposto a retornar para a Alemanha, mesmo durante a guerra, apesar da tentativa dos representantes consulares alemães em convencê-los do contrário.

emprego, mas mudou de idéia e passou a desafiar a ordem de expulsão dada por Legiehn. Ele e seus amigos fizeram cópias da carta e as espalharam por toda a colônia. O conteúdo da carta foi recebido como um insulto de Kliewer e Legiehn aos colonos, pois os acusava de antigermânicos. Hoje, com o conhecimento que temos do que realmente foi o Terceiro *Reich* e do custo que essa experiência política negativa trouxe para a própria Alemanha, os colonos teriam se sentido honrados por estarem sendo acusados de refutarem o nacional-socialismo. Mas, nas perspectivas daquele momento, não foi essa a reação.

Em 10 de dezembro de 1942, os pastores da Igreja dos Irmãos convidaram Kliewer para um debate acerca da controvérsia levantada por Neufeld. Na reunião, Kliewer caracterizou Neufeld e seu grupo de serem agnósticos, rebeldes e incapazes de constituir uma família e de assumir responsabilidades frente a ela. Acusou-os, também, de serem incapazes de se submeterem a qualquer tipo de autoridade, secular ou religiosa. Kliewer lembrou que Neufeld pertencia ao grupo que dez anos antes havia sido convidado a trabalhar para a firma Casado e que de lá fora expulso por péssimo comportamento e que havia continuado suas atividades *perniciosas* em Fernheim. Kliewer conclamou os pastores a que não fizessem causa comum com esse *grupo indigno de confiança* e que não se deixassem usar, numa atitude de contestação à autoridade legítima da colônia.²⁷⁴

Kliewer negou ainda todas as acusações a ele em relação aos pastores e às instituições eclesiásticas de Fernheim. Afirmou que nunca havia se expressado contra os pregadores, mas contra as ações de determinados pregadores que haviam usado o púlpito para debater e criticar temas políticos *völkisch*. Em especial, citou a atuação dos missionários norte-americanos, que sendo elementos externos a Fernheim, tentavam influenciar a população local a se opor ao nacional-socialismo e a usava para defender os interesses de uma nação declaradamente inimiga da Alemanha. Além disso, afirmou que o caso da carta havia sido usado não somente pelo grupo de *delinqüentes* de Neufeld, mas também por *pessoas falsas*, tidas como

²⁷³ THIESEN, 1999, 158.

²⁷⁴ THIESEN, *idem*.

honradas, e que tentavam com isso denegrir sua imagem, com o único objetivo de *acertar contas do passado*.²⁷⁵

A partir de então, Kliewer e Legiehn iniciaram uma campanha para recuperar seu prestígio junto à comunidade de Fernheim. Passaram a aproveitar todas as oportunidades que surgiam – reuniões, encontros, cultos – para conversar com elementos influentes na comunidade e dirimir a má impressão que a carta de Kliewer causara. Reconheciam que a carta tratava a população de um modo áspero, mas argumentavam que ela havia sido escrita em um momento de *grande tristeza e angústia* para Kliewer e que jamais fora mandada ao destinatário Gerd von Schütz. Ademais, a forma como o grupo de Neufeld tomou posse do documento causou uma impressão tão negativa quanto ao seu conteúdo. Kliewer e Legiehn souberam despertar a sensibilidade menonita em relação à questão de honra e honestidade, normalmente bastante aguçadas. Com isso, a situação começou a converter-se em favor dos dois líderes, que assumiram o papel de magnânimos, pois diziam que perdoavam Neufeld e seu grupo e todos os envolvidos e os conclamavam a colaborar no restabelecimento da paz em Fernheim. Thiesen cita que Kliewer saíra da reunião agradecendo pelo apoio recebido e prometendo permanecer em seu posto como responsável pelo trabalho *völkisch* em Fernheim.²⁷⁶

7.1.2. A ilusão do repatriamento coletivo

Neufeld, então, retirou-se de Fernheim, encontrando trabalho como escrivão na recém-fundada colônia de Friesland. De Friesland, situada bem mais perto de Assunção que Fernheim, passou a assediá-la constantemente a presidência da DVP para que fosse aceita sua proposta de se tornar membro da mesma. A DVP não era apenas uma liga de alemães e seus descendentes no Paraguai; tinha um poder real, pois era reconhecida pela embaixada alemã em Assunção como a legítima representante dos alemães que não tinham formalizado legalmente sua cidadania alemã. Assim, a DVP tinha o poder de indicar seus membros para receberem passaportes alemães. E era justamente nisso que Neufeld e seu grupo

²⁷⁵ KLASSEN, 1990, 101.

²⁷⁶ THIESEN, 1999, 159.

estavam interessados, pois amigos deles já haviam conseguido o passaporte alemão antes da guerra e já haviam partido, entre eles, a própria noiva de Neufeld, que nessa altura estava ocupada como trabalhadora rural em uma fazenda no norte da Alemanha. Ao que parece, esses jovens menonitas já estavam completamente secularizados e os princípios tradicionais menonitas pouco ou nada significavam para eles. As perspectivas que os pais e a liderança menonita do Paraguai lhes ofereciam não atendiam a suas expectativas. Quando o grupo de Fernheim saíra da Rússia, ainda eram muito jovens para tomar uma atitude por si e tiveram que se submeter à vontade dos mais velhos. Mas nesse momento, com idades variando entre os 20 e os 30, já se sentiam seguros para romper com a tradição e buscar um futuro melhor, talvez na Alemanha, que se afigurava como uma possibilidade viável, mas somente se pudessem se tornar membros da DVP.²⁷⁷

A DVP era dividida em circunscrições regionais e cada uma delas tinha um responsável. No caso da circunscrição dos menonitas, o responsável era Fritz Kliewer, e todos os menonitas que quisessem requerer o passaporte e a cidadania alemães teriam que passar por ele. Talvez aí resida um dos fatores de maior atrito e tensão, pois mesmo os que tinham uma boa relação com Kliewer se tornavam reféns dele. Uma palavra sua poderia impedir que um desafeto seu recebesse o passaporte, o que parece ter sido o caso de Neufeld. As fontes não indicam isso especificamente, mas dão a entender que muitos *wehrlos* procuravam Kliewer secretamente para que ele incluísse seus nomes e de seus parentes nas listas dos elementos que deveriam receber a documentação alemã da embaixada em Assunção, por intermédio da DVP. Pode-se até cogitar que Kliewer tenha usado esse fato para chantagear de alguma forma os elementos contrários ao trabalho *völkisch*, levando-os a tolerá-lo. Também não seria de se surpreender que os constantes boatos de repatriamento ainda durante a guerra tenham sido plantados pelo próprio Kliewer com o intuito de melindrar a população menonita e torná-la facilmente manobrável, com a ameaça de não receber os direitos à cidadania. A própria embaixada alemã se antecipou e informou que qualquer movimento de repatriamento somente aconteceria depois da guerra. A situação ficou melhor para

²⁷⁷ KLASSEN, 1990, 67.

Kliewer depois que a legação alemã foi fechada em Assunção e a embaixada espanhola passou a responsabilizar-se pelos interesses de cidadãos alemães no Paraguai. Com isso, Kliewer teve maior liberdade para controlar os menonitas.

Ao que parece, Neufeld foi um dos que percebeu mais claramente as manobras de Kliewer e assim tornou-se um elemento perigoso que precisava ser neutralizado por meio de sua saída de Fernheim. Mas em Assunção, Neufeld continuou a tentar se inscrever como membro do DVP, diretamente com a presidência do órgão, o que lhe fora peremptoriamente negado, pois quem deveria lhe indicar era Kliewer. Neufeld ficou desesperado e sem outra opção, voltou para Friesland.²⁷⁸

Assim, o fator chave para se entender o caso Neufeld, que se aplica a diversos membros do movimento *völkisch*, foi o desejo de voltar para a Alemanha. Como já foi dito, muitos na colônia estavam convencidos de que para conseguir os passaportes seria necessário que permanecessem em bons termos com Kliewer e, por conseguinte, com a DVP. Em março de 1943, a DVP emitiu uma circular na qual informava que a embaixada espanhola estava registrando os cidadãos alemães que quisessem retornar para a Alemanha. A repatriação seria efetivada apenas depois da guerra e os registrados seriam trocados por cidadãos das potências aliadas internados no interior da Alemanha. Aparentemente, a DVP estava coordenando a operação. Em abril de 1943, Kliewer entregou os formulários preenchidos de 10 famílias de Fernheim que já possuíam passaportes alemães, entre elas a sua e a de Legiehn. Além disso, ele entregou mais 14 formulários de famílias menonitas oriundas da Polônia, pois essa minoria já havia recebido automaticamente a cidadania alemã, pois, segundo Kliewer, *a Polônia agora era alemã*. Kliewer também informou que os menonitas teuto-russos estavam passando por um período de grande ansiedade, pois eram todos praticamente apátridas e dificilmente teriam direito à cidadania alemã. Muitos vinham conversar com ele para que incluísse o nome de suas famílias nas listas da DVP. Ao final a lista entregue à DVP incluía o nome de 1000 pessoas.

²⁷⁸ THIESEN, 1999, 164.

O retorno da questão do repatriamento forçou Neufeld e seu grupo a renovarem suas ações no sentido de conseguirem se registrar em separado na DVP, sem a intermediação de Kliewer. Mas, em função da intervenção da BDMP, que desaconselhou a DVP a dar atenção ao grupo de Neufeld e não registrá-los em separado, Neufeld tentou envolver as autoridades paraguaias na questão do repatriamento, pois os menonitas estariam tentando romper com o acordo acertado com o governo paraguaio que lhes concedia terras e privilégios especiais em troca de permanecerem e trabalharem no Paraguai.

Durante o episódio da repatriação e das escaramuças com o grupo de Neufeld, os *wehrlos* convictos e os missionários americanos permaneceram atentos, mas apenas como espectadores. Vernon Schmidt afirmou em um de seus relatórios que apenas sete famílias de Friesland não haviam se registrado para voltar à Alemanha e que metade dos habitantes de Fernheim estavam inscritos para serem repatriados. Schmidt explicou ainda que muitos dos elementos tinham esperança de que pudessem negociar com os nazistas direitos especiais relacionados ao pacifismo e aos interesses menonitas. Outros tinham interesse em voltar para a Ucrânia, passando pela Alemanha. O missionário afirmou ainda que era notória a ignorância por parte dos interessados em serem repatriados em relação aos acontecimentos, não somente relacionados com o desenrolar da guerra (a Alemanha já estava perdendo para a Rússia), mas também em relação à natureza da ideologia nazista, pois o NSDAP jamais concederia qualquer tipo de privilégio aos menonitas, ainda mais em relação ao pacifismo durante a guerra. Schmidt se dizia consternado com a ingenuidade e tacanhez de grande parte do grupo, mas resolveu não intervir.²⁷⁹

De forma semelhante, os *wehrlos* permaneceram afastados dos acontecimentos, contudo, observando atentamente o que acontecia. Na verdade estavam num dilema: não ficaram descontentes com a confusão que reinava entre os *völkisch*, mas também não queriam apoiar o grupo rebelde e *anti-establishment* de Neufeld. Em função disso, a melhor estratégia seria permanecer em silêncio para não reforçar involuntariamente nenhum dos dois grupos opostos. Durante boa

²⁷⁹ THIESEN, 1999, 165.

parte de 1943, os *wehrlos* permaneceram lacônicos, excetuando-se a publicação do artigo *Nossos Deveres no Paraguai*, do editor do *Menno-Blatt*, Nikolai Siemens, que invocou as palavras do profeta Jeremias, nas quais admoestava os israelitas exilados na Babilônia a cuidarem do bem-estar das cidades para as quais Deus os havia mandado. A maior parte do artigo falava acerca dos efeitos *perniciosos* da política sobre a vida da comunidade cristã e Siemens previa que, se as contendas entre grupos políticos continuassem em Fernheim, a destruição da colônia seria certa. Segundo Siemens, Deus havia mandado os menonitas para o Paraguai para viverem sua fé em paz e em ordem e as tentativas de repatriamento eram uma forma de desobediência à ordem divina. Era também um insulto ao governo e ao povo paraguaio que caridosamente os havia acolhido quando o mundo inteiro fechava as portas a eles. Tinham o dever de trabalhar para tornar o Paraguai mais próspero em retribuição a essa generosa acolhida. Mesmo assim, alguns elementos isolados do grupo de Neufeld continuaram a tentar o registro como cidadãos alemães, mas foram aconselhados a tentar antes uma reconciliação com Kliwer. Depois disso, as fontes nada mais mencionam acerca de Neufeld e de seu grupo, até março de 1944.

7.1.3. Reforço na atuação do MCC

A partir do início de 1943, as atividades do MCC no Paraguai aumentaram consideravelmente. Até essa data, o único colaborador do MCC no país era Vernon Schmidt, mas em abril, dois outros missionários americanos – A. E. Janzen, um professor universitário de Hillsboro, Kansas, ligado à Igreja dos Irmãos Menonitas e Robert Geigley, um advogado menonita da Pensilvânia – chegaram em Fernheim. A missão de Geigley era ser o representante legal do MCC em Assunção. Já a função de Janzen era negociar a redução dos débitos e realizar reuniões religiosas.²⁸⁰ Em uma carta de P. C. Hiebert, publicada no *Menno-Blatt* ²⁸¹, é claramente citado que uma das tarefas de Janzen era evitar que questões não religiosas e étnicas superassem em importância os temas espirituais ou os prejudicassem. Fica claro

²⁸⁰ THIESEN, 1999, 167.

²⁸¹ MENNO-BLATT, abril de 1943.

que nos círculos menonitas dos Estados Unidos a dicotomia *wehrlos/völkisch* era largamente conhecida, tanto que encaminharam uma pessoa para resolver especificamente essa questão.

Os dois americanos chegaram no Paraguai em abril, mas em função de uma série de fatores, Janzen somente se estabeleceu em Fernheim em julho, sendo imediatamente sugado pelo conflito ideológico. Partindo para o ataque, Janzen fez uma série de prédicas nas quais a tradição evangélica e menonita da não-resistência e do pacifismo eram o tema central. Destacou que a desistência em relação a estes princípios poderia significar o fim do menonitismo em si e citou que outros grupos pacifistas protestantes, como os *quakers*, os estudantes da Bíblia (testemunhas de Jeová) estavam sofrendo perseguição na Alemanha hitleriana, em função de seu repúdio ao uso de armas e de sua aversão à violência. Janzen verificou que grande parte dos menonitas de Fernheim já não tinha convicções muito firmes em relação às tradicionais doutrinas não-resistentes. Mas mesmo assim acabou expondo um quadro favorável de Fernheim para pessoas de fora da colônia. Janzen viajava bastante por todo o Paraguai, em especial para Assunção, onde mantinha contatos estreitos com os funcionários da embaixada dos Estados Unidos. Segundo fontes oficiais,²⁸²

os menonitas teriam entrado em contato com propagandistas nazistas da embaixada alemã em Assunção e por um determinado tempo os colonos teriam sido expostos à doutrinação. Mas não existiria uma grande simpatia pelo nazismo em Fernheim, a não ser por um ou outro elemento isolado.

Janzen trabalhava para encorajar a resistência aos nazistas em Fernheim, principalmente tentando reforçar a Escola Bíblica. Tentava também não expor Fernheim a uma retaliação externa por parte de outros menonitas, do governo paraguaio ou da pressão do governo americano, permitindo que a colônia pudesse resolver suas questões internas. De qualquer forma, apesar das boas intenções, Janzen causou mais controvérsia e confusão, tanto em Fernheim quanto no MCC. Trouxera um documento doutrinal elaborado no Tabor College, instituição na qual era professor, esperando que a Escola Bíblica de Fernheim fosse adotá-lo; encontrava-se freqüentemente com Nikolai Siemens e Wilhelm Klassen, líderes do

²⁸² THIESEN, 1999, 167.

grupo *wehrlos*, o que promovia grande incentivo ao trabalho deles. Mas Geigley não parecia estar muito contente com a atuação de Janzen, pois temia que estivesse tornando as coisas mais confusas do que já estavam e indispondo mais ainda *völkisch* e *wehrlos*. Da mesma opinião era o presidente do MCC, Orie Miller, que achava os relatórios e estratégias de Janzen extremamente confusos. Vernon Schmidt tinha a mesma impressão.

Diversas pessoas, incluindo Geigley, viam a Escola Bíblica como uma alternativa real para a Escola Secundária nazificada. Geigley discordava de Miller que apoiara a estratégia de Janzen e que queria fazer com que a Escola Bíblica parecesse ser apenas uma escola bíblica, quando de fato era uma escola secundária concorrente à de Kliewer. Acreditava que um dos erros mais graves cometidos em relação aos *völkisch* era o fato de que ninguém houvesse se oposto declaradamente a eles, assumido que o ideal nacional-socialista era inaceitável para os menonitas. Desde o início, os *wehrlos* deveriam ter colocado em prática uma política clara e honesta contrária aos *völkisch*, com a certeza de que a verdade bíblica estava ao seu lado. O temor de intimidar os *völkisch* fez com que a situação se tornasse praticamente incontrolável. Melhor seria ter enfrentado o *völkisch* desde o início.

Se os próprios colaboradores do MCC viam a Escola Bíblica como uma escola concorrente à Escola Secundária, com certeza o grupo *völkisch* assim também o via. Mas várias pessoas ligadas ao grupo *wehrlos* tentaram minimizar o clima de competitividade. Até mesmo Wilhelm Klassen, o professor *wehrlos* que fora um dos primeiros adversários de Kliewer, publicou artigo no *Menno-Blatt* referindo-se que de forma alguma a Escola Bíblica tencionava ser uma instituição concorrente à Escola Secundária de Kliewer.²⁸³ Abram Loewen, o guarda-livros da colônia, declarou que uma segunda Escola Secundária seria um monumento que nunca deixaria Fernheim em paz e sempre lembraria os menonitas de quão pouco inclinados ao pacifismo eles eram.²⁸⁴ Também Nikolai Siemens, o editor do *Menno-*

²⁸³ MENNO-BLATT, agosto de 1943.

²⁸⁴ THIESEN, 1999, 168.

Blatt e um dos líderes do movimento *wehrlos*, afirmou que Kliewer tinha inclusive se oferecido para ajudar a organizar a Escola Bíblica.²⁸⁵

Na verdade, um dos fatores que impediu a tomada de decisões por parte de alguns dos *wehrlos* foi o fato de que muitos deles tinham um bom relacionamento com Kliewer, que em geral era um bom amigo, atencioso e agradável e que sempre dera provas de seu genuíno interesse pelo bem estar de todos em Fernheim. Mas nem todos estavam seduzidos pelo encanto pessoal de Kliewer, em especial, os membros da Igreja da Aliança, que formavam o grupo oponente mais decidido em relação aos *völkisch*. Eram, também, os mais inclinados a dar suporte à Escola Bíblica como uma genuína intuição concorrente à Escola Secundária. Esse apoio foi tão radical que alguns de seus membros, incomodados com a situação, desligaram-se da Igreja, pois não queriam tirar seus filhos da escola de Kliewer, tido como um excelente professor. Vê-se que a situação estava realmente muito complexa e a influência do MCC, ao contrário de amenizar, acirrava a contenda. Por fim, a posição que acabou prevalecendo, inclusive entre os missionários do MCC foi a de que a Escola Bíblica deveria permanecer principalmente com função espiritual e que se a Escola Secundária de Kliewer era de qualidade, não se poderia abrir mão dela em Fernheim. Mais tarde, a presidência do MCC confirmou a opinião dos missionários, oferecendo apoio à Escola Secundária, desde que ela se mantivesse fiel aos princípios menonitas. Mas, mesmo assim, a Escola Bíblica continuou a ser um motivo de controvérsia durante todo o ano de 1944.²⁸⁶

Nesse ínterim, provavelmente em setembro de 1943, Janzen recebeu uma declaração manuscrita e não assinada – provavelmente escrita por Fritz Kliewer – proveniente do *Grupo Alemão de Fernheim*. De qualquer forma, o conteúdo da declaração se referia à manutenção da *germanidade divinamente inspirada*. Referia-se a essa manutenção como impossível no Paraguai e por isso o principal objetivo do grupo era retornar assim que fosse possível à Alemanha. Além disso, era dito no documento que sua opção pela germanidade e pela pátria alemã não tinha conexão

²⁸⁵ Idem.

²⁸⁶ THIESEN, 1999, 169.

com os deveres em relação ao menonitismo, e ainda declarava que a opção pela repatriação trazia consigo a renúncia à doutrina da não-resistência.²⁸⁷

É o único documento no qual os *völkisch* renunciavam abertamente à doutrina menonita e isso é bem significativo, pois antes houvera sempre uma certa tentativa de conciliar as duas tendências. Ao mesmo tempo em que os *wehrlos* se convenciam de que não haveria mais espaço para uma discussão democrática a respeito dos eventos, os *völkisch* chegavam à conclusão do que era mais importante para eles. A organização de Fernheim como uma colônia inspirada pelos ideais nacional-socialistas deixou de ser o objetivo e sim o retorno em massa dos *völkisch* para a Alemanha. Isso revela também que os líderes do movimento – Kliewer e Legiehn – tinham consciência de que haviam perdido definitivamente a batalha pelo nazismo em Fernheim. Sabiam que não teriam condições de convencer o crescente grupo *wehrlos* dos ideais nacional-socialistas, principalmente por ter se juntado aos missionários americanos que tinham a salvaguarda e o apoio do MCC, mas também do governo paraguaio e da embaixada americana.

Vernon Schmidt, durante a maior parte do período entre 1942 e 1944, foi o representante principal do MCC no Chaco. Nesta região, além de suas atividades religiosas, tinha a tarefa de facilitar a construção de uma estrada ligando as colônias menonitas no Chaco com a ferrovia da Companhia Casado para possibilitar a produção agrícola das ditas colônias. Como a maioria dos colaboradores do MCC, Vernon Schmidt tinha um bom relacionamento com os americanos da embaixada americana em Assunção, os quais eram freqüentemente visitados por ele. Schmidt conhecia pouco o idioma alemão e desconhecia completamente o dialeto dos menonitas, o que tornava difícil a comunicação e o isolava muito. Para fugir do isolamento, viajava freqüentemente para visitar seus amigos americanos em Assunção. Numa dessas viagens, levou outros colaboradores do MCC, como Geigley e Janzen, a entrar em contato com a embaixada americana. As viagens se tornaram ainda mais comuns depois que a embaixada colocou o avião bimotor do serviço diplomático à disposição dos missionários.²⁸⁸

²⁸⁷ THIESEN, idem.

²⁸⁸ KLASSEN, 1990, 106.

Com o estreitamento de laços entre os missionários Vernon Schmidt e Elmer Martin e o pessoal diplomático, a situação política interna nas colônias menonitas passou a ser um importante assunto de discussão nas visitas. Rapidamente o embaixador americano no Paraguai, Wesley Frost, relatou ao secretário de Estado em Washington que tinha informações de primeira mão sobre atividades nazistas, fornecidas por dois missionários americanos residentes nas colônias menonitas do Chaco. Segundo Frost, muitos residentes de Fernheim eram partidários da Alemanha, mas a resistência aos nazistas estava aumentando. Schmidt inclusive fornecera uma cópia da carta não postada de Kliewer de 08 de outubro de 1942 para o presidente von Schütz da DVP. Segundo o embaixador, os missionários passaram as informações espontaneamente e não foram forçados a se tornar informantes. Enfim, fizeram tudo voluntariamente.²⁸⁹ A pressão não ocorrera talvez pelo patriotismo dos americanos que se dispuseram antecipadamente a colaborar com os esforços de guerra de seu país. Além disso, não devemos esquecer que a presença dos americanos no Paraguai se devia a um programa de prestação de serviço militar especial para objetores de consciência. Por essa razão, delatar para a embaixada americana o que acontecia no Chaco relacionava-se mais com fidelidade à pátria americana do que com um genuíno interesse em defender a fé e a tradição pacifista menonita. Inclusive os missionários seriam os primeiros a empunhar armas contra os *völkisch*. Isto comprova que realmente a denúncia de Kliewer de que os missionários americanos estavam a serviço também dos interesses políticos não fora sem fundamento.

É fartamente documentado que os Estados Unidos estavam muito bem informados sobre as atividades de simpatizantes do nazismo nas colônias alemãs na América do Sul. Nada mais natural que incentivar os missionários americanos a permanecerem em Fernheim para ao menos monitorar as atividades dos nazistas. Em compensação, a embaixada ofereceu a Schmidt uma informação que poderia afetar os interesses menonitas no Paraguai. Segundo o embaixador, o encarregado de negócios de Fernheim em Assunção, Franz Heinrichs, estava muito próximo de ser colocado na “lista negra” e com isso a cooperativa de Fernheim seria

²⁸⁹ THIESEN, 1999, 170.

prontamente considerada como empresa com a qual o governo americano desaconselharia negociar. Schmidt contactou imediatamente Orie Miller, presidente do MCC, para repassar a informação.

Vernon Schmidt também atuou para facilitar a propaganda dos Estados Unidos em Fernheim. Como a exibição de filmes nazistas era uma coisa muito comum em Fernheim, o embaixador Frost resolveu encaminhar um projetor novo e uma série de filmes políticos e de entretenimento. Quem conseguira a permissão para exhibir os filmes em Fernheim fora Vernon Schmidt, depois de conversar com Julius Legiehn e alguns pastores. Interessante notar que Legiehn, quando abordado individualmente, era bem mais acessível às demandas dos *wehrlos* do que quando junto a Kliewer. Isso parece indicar que realmente o cérebro do movimento *völkisch* em Fernheim era Fritz Kliewer. Assim, Legiehn permitiu a exibição de filmes americanos em Fernheim. Schmidt avaliou que mais de 1.500 pessoas assistiram aos filmes americanos, incluindo pessoas da colônia Menno, de tendência conservadora e que se manteve totalmente alheia ao que acontecia na colônia vizinha. Schmidt relatou que a reação da audiência foi em geral favorável e que ele próprio os considerou muito educativos, porém a grande valorização que era dada à guerra, causara-lhe má impressão.²⁹⁰

Em setembro de 1943, mais dois missionários americanos chegaram em Fernheim: John Schmidt, um médico recém-casado que já estivera a serviço do MCC em Fernheim e George Klassen, um dentista do Kansas, membro da Igreja dos Irmãos, que fora recrutado pelo MCC para trabalhar durante um ano em Fernheim. Klassen tinha cerca de 45 anos e era bem mais velho do que a maior parte dos outros missionários, todos com idade variando entre os 25 e os 30 anos. Fora convocado para lutar na Primeira Guerra Mundial, mas alegou objeção de consciência, sendo encaminhado para trabalhos agrícolas visando abastecer o exército americano na França. Permaneceu na França para trabalhar na reconstrução do país, a serviço de uma organização caritativa americana não-oficial. Nesse período, tornou-se um menonita conservador, mas passou a questionar a

²⁹⁰ THIESEN, 1999, 171.

doutrina da não-resistência.²⁹¹ Além disso, George Klassen era considerado um americano muito nacionalista e envolvido nas questões sociais e políticas de seu tempo, muito mais do que o desejável para um membro da Igreja dos Irmãos, que valorizava um *saudável* distanciamento das *coisas do mundo*; era casado com uma não-menonita; era muito envolvido com a vida social de sua cidade, Hillsboro, onde fora presidente da Câmara de Comércio e do Clube de Desportistas. Sua postura auto-suficiente e segura não causou boa impressão, principalmente entre os *völkisch*.

Um dos deveres de Klassen era treinar aprendizes nos trabalhos básicos de odontologia para que pudessem substituí-lo no atendimento aos habitantes de Fernheim depois que ele voltasse para os Estados Unidos. Na seleção dos candidatos não aceitou as indicações de Kliewer e Legiehn, o que imediatamente lhe rendeu a antipatia dos dois líderes *völkisch*, escolhendo Jasch Neufeld e Peter Penner: o primeiro tinha 28 anos, era casado e amigo de Hans Neufeld; o segundo era mais novo e sem envolvimento em política. Obviamente Kliewer e Legiehn acharam péssima a escolha de Klassen, pois almejavam colocar dois jovens professores *völkisch* como aprendizes.



Avião utilizado pela Embaixada Americana no Paraguai para o transporte de missionários menonitas, em 1940.

Fonte: THIESEN, 1999, 167.

²⁹¹ THIESEN, 1999, 171.

7.1.4. O caso da legalização da cooperativa de Fernheim

A eclosão do conflito final entre *völkisch* e *wehrlos* se deu por um motivo secundário, causado por um cidadão alheio às diferenças surgidas entre as duas facções ideológicas de Fernheim. No final de 1943, começou-se a organizar a administração de forma a obter reconhecimento legal da direção da cooperativa e da própria colônia perante o governo paraguaio, talvez, chegando-se a obter o status de município para Fernheim. Mas o fato era que se pretendia enquadrar a cooperativa no regime jurídico paraguaio. As leis paraguaias de 1921 davam total domínio aos menonitas sobre todos os assuntos ligados à escola e à economia, mas eram omissas quanto à questão da administração civil. Legiehn expulsara Neufeld da colônia em função de uma tradição menonita que preconizava esse direito ao diretor de uma comunidade qualquer. Mas isso não estava regulamentado no Paraguai. Na assembléia anual de 11 de outubro de 1943, Legiehn apresentou o assunto aos cidadãos presentes e sugeriu criar um escritório de registro civil junto à administração colonial, na forma prevista pelo poder judiciário paraguaio, para fazer inicialmente o registro de casamentos e depois, lentamente, legalizar o estatuto especial de Fernheim e das outras colônias menonitas dentro da lei paraguaia e, por fim, redigir uma constituição legalmente reconhecida.²⁹² A assembléia aprovou o anteprojeto de Legiehn e cópias foram distribuídas por toda a colônia.

As razões para Legiehn tentar regularizar a administração colonial são diversas. Talvez tivesse a intenção de fortalecer seu poder em Fernheim para poder enfrentar agitadores como o grupo de Neufeld, que de fato ainda não havia sido punido pela invasão ao escritório da administração, pelo roubo de documentos oficiais e pela desordem que causara na colônia. As fontes indicam também uma certa insatisfação com a administração da cooperativa, similar à ocorrida em 1937 e que resultou no cisma do grupo original, levando uma parte a abandonar Fernheim e fundar Friesland, no Paraguai Oriental. As fontes sugerem claramente que Legiehn já tinha certeza de que não haveria repatriamento geral nem em 1943, nem depois da guerra, e que o destino dos menonitas estava definitivamente ligado ao Paraguai, pois muitos já mostravam sinais de estarem se adaptando ao contexto do país, o

que consistiu na razão mais importante para a tentativa de se regularizar a administração colonial.

Além disso, o noticiário internacional era claro ao afirmar que a Alemanha estava perdendo a guerra, pois Mussolini havia sido deposto e os alemães estavam sendo expulsos da Rússia e do Norte da África. A aprovação geral do anteprojeto de Legiehn é sinal de que a opinião pública de Fernheim já pressentia que o Paraguai seria sua pátria definitivamente.

No entanto, o advogado de Fernheim, logo de início, extinguiu as esperanças de que a administração colonial de Fernheim pudesse adquirir o status de município, mas possivelmente a cooperativa pudesse adquirir por essas demandas mais força em seu estatuto e assim possibilitar uma ampliação de poder para a administração colonial. Essa revisão dos estatutos é que deu espaço para um incidente de menor importância, mas que logo fugiu do controle, resultando no embate final e definitivo entre os *völkisch* e os *wehrlos*.

No início de 1943, a cooperativa de Fernheim abriu um mercado para venda de seus produtos agrícolas na cidade de Mariscal Estigarribia, com cerca de 2000 habitantes, distante 95 km de Filadélfia. De acordo com Legiehn, a guarnição do Exército Paraguaio lá localizada por diversas vezes solicitou esse posto de venda para atender em especial aos militares lá residentes. Mas já havia um comerciante menonita em Marical Estigarribia, Abram Martens, que atendia à demanda local com uma pequena venda. Com a abertura do mercado da cooperativa, o pequeno negócio faliu e Martens voltou furioso para Fernheim, prometendo *desmascarar* Legiehn.²⁹³

A isso veio somar-se um grande empréstimo que a Companhia Casado – antiga proprietária das terras da colônia – fizera a Fernheim para comprar um gerador de eletricidade e outros equipamentos caros e indispensáveis para o desenvolvimento das atividades econômicas locais. Uma das condições para o empréstimo era que a compra fosse efetivada num fornecedor na Argentina. Legiehn resolveu viajar com dois ajudantes para aquele país com o intuito de realizar a

²⁹² THIESEN, 1999, 172. & KLASSEN, 1990, 108.

²⁹³ KLASSEN, 1990, 105.

compra, permanecendo ausente por dois meses. Quando voltou, a colônia estava em um completo alvoroço. Martens, o comerciante prejudicado, havia espalhado um panfleto dizendo que Legiehn havia feito uma fraude imensa na contabilidade da cooperativa de Fernheim e com o dinheiro do empréstimo havia fugido para a Argentina. Dizia ainda que Kliwer era seu parceiro, e que ambos estavam tentando estabelecer uma ditadura e que a carta roubada por Neufeld era uma prova disso.²⁹⁴

Martens era uma figura marginal na história de Fernheim. Vivera até então fora da colônia, em Assunção e em Mariscal Estigarribia. Mas tinha uma má reputação de vendedor de *brasilianischen Schnaps*²⁹⁵, tanto entre os *völkisch* como entre os *wehrlos*. Nem era apreciado entre o grupo de Neufeld, que o considerava um *canalha*. Seu panfleto, mesmo com sua péssima reputação e com a intervenção dos missionários e de líderes em geral em favor de Legiehn, causou literalmente um “pandemônio”.²⁹⁶

Mas isso não foi tudo. Aproveitando o embaraço causado por Martens, Kornelius Voth, o líder da Igreja dos Irmãos em Friesland, denunciou Kliwer como sendo um *Demas* – um personagem do Novo Testamento que abandonou a fé cristã para servir ao mundo presente –, pois abandonara a fé dos ancestrais para servir ao nacional-socialismo. Foi acusado também de considerar questões religiosas como de menor importância em relação a questões étnicas e de nacionalidade. Talvez o fator determinante para essa acusação tenha sido a requisição que membros da Igreja dos Irmãos fizeram à DVP para estreitar os laços com seus irmãos da mesma igreja na América do Norte. Voth ficara ultrajado com esse pedido, pois considerou que a Igreja estava se subordinando a um poder temporal. Temas antigos voltaram à tona, como o caso no qual Kliwer havia acusado os pastores de serem inimigos da civilização e da cultura, e também de que eles seriam um obstáculo no caso de uma repatriação em massa. Voth argumentou que os menonitas seriam bem recebidos na Alemanha, pois *sua boa reputação era conhecida inclusive pelos nazistas* e que os *menonitas residentes na Alemanha iriam saber negociar os privilégios com o*

²⁹⁴ KLASSEN, 1990, 108.

²⁹⁵ Cachaça brasileira.

²⁹⁶ THIESEN, 1999, 174.

governo alemão atual.²⁹⁷ Mas apesar da ingenuidade, Voth reconhecia que na verdade o tempo não era bom para uma repatriação, afinal a vontade de Deus era de que os menonitas deveriam permanecer no Paraguai, e que entre os nazistas, havia elementos declaradamente anti-cristãos como Alfred Rosenberg que em seus escritos louvava a religião germânica primitiva.

Parece que tudo conspirava contra Kliewer, Legiehn e o movimento *völkisch*. Como se não fosse o bastante, em janeiro de 1944, o embaixador americano Wesley Frost entregou uma lista ao ministro das relações exteriores do Paraguai na qual constavam nomes de cidadãos alemães que deveriam ser “expelidos ou deportados” do Paraguai.²⁹⁸ Fritz Kliewer estava na lista e era descrito como um simpatizante do nazismo. As informações da embaixada eram originadas de censura postal. Em resposta, o governo paraguaio, que já havia dissolvido a DVP em outubro de 1943, colocou os arquivos da liga à disposição do governo dos Estados Unidos para consulta.²⁹⁹ Nesse tempo, quando a derrota do Eixo já era evidente, o Paraguai assumiu uma posição claramente pró Estados Unidos, apesar de que fosse maior a simpatia pelos fascistas dentro do governo paraguaio do que pelos americanos.

A proposta do novo estatuto da cooperativa foi apresentada em 3 de março de 1944. Depois de longas discussões acerca dos poderes do diretor e do nível de confidencialidade nos assuntos delicados da cooperativa, criou-se uma comissão auditora cuja tarefa seria rever todos os assuntos. Dessa comissão fizeram parte três membros: David Hein, Gerhard Rempel e Bernhard Wall; além de dois substitutos, David Thielmann e Peter Rahn. Wall, presidia a comissão e era oponente do movimento *völkisch* e Rahn um adepto. Os outros não deixaram suas opiniões políticas claras.³⁰⁰

Em 6 de março, a comissão auditora reuniu-se com os administradores da colônia e propôs que se estabelecesse um período de três dias para que os colonos

²⁹⁷ THIESEN, 1999, 174.

²⁹⁸ THIESEN, 1999, 174. & KLASSEN, 1990, 125.

²⁹⁹ Em minha pesquisa nos arquivos de Assunção a documentação recolhida pelas autoridades paraguaias em outubro de 1943 não foi localizada. Os dados referentes a elas foram retirados de KLASSEN, THIESEN e SEIFERHELD.

³⁰⁰ THIESEN, 1999, 175 & KLASSEN, 1990, 112.

pudessem se decidir a favor ou contra a administração da colônia, mas deveriam fazer isso por escrito, por meio de declarações, dando suporte ou reclamando. Nesse ínterim, o grupo *völkisch* aproveitou para realizar uma reunião geral secreta para decidir que postura tomar contra os “agitadores”.

Durante o dia 10, a comissão auditora se reuniu novamente com a administração colonial para ler as 90 declarações que foram encaminhadas pelos colonos. Algumas eram completamente insignificantes, outras atacavam diretamente a administração colonial; outras refutavam a própria comissão. Como o trabalho não fora concluído, o presidente da comissão resolveu convocar outra reunião para o dia 13 de março, para concluir o trabalho de leitura. Ao cair da noite do dia 10, realizou-se a reunião do grupo *völkisch*. Thiesen afirma que o conteúdo da reunião dos *völkisch* é desconhecido³⁰¹, mas Klassen afirma que nem Kliewer, nem Legiehn teriam participado da reunião, que fora conduzida por Peter Rahn, representante dos *völkisch* na comissão auditora.³⁰²

Klassen também afirma que cerca de 60 pessoas tomaram parte na reunião e que nela decidiu-se dar uma lição definitiva a todos os opositores do movimento *völkisch* e que permaneceriam firmes em seu apoio a Legiehn na diretoria da colônia, *para o que fosse necessário ser feito*. Mas o fato é que no dia seguinte, Legiehn e seus dois acessores decidiram demitir-se de seus cargos. Eles justificaram suas atitudes em função da *situação tensa em Fernheim e pelo fato de que eles já não tinham a confiança da maioria dos cidadãos da colônia*.³⁰³ Legiehn afirmou, no entanto, que ele ficaria como responsável pela colônia até a próxima assembléia geral, que estava por ele sendo convocada para o dia 14 de março.

³⁰¹ THIESEN, 1999, 176.

³⁰² KLASSE, 1990, 113.

³⁰³ THIESEN, 1999, 176.



Interior do salão comunitário em Filadélfia. Note-se o retrato de Adolf Hitler e os dizeres *Gemeinnutz vor Eigennutz* – Bem Comum antes de Bem Individual.

Fonte: THIESEN, 1999, 107.

7.2. Violência e Radicalização

A renúncia de Legiehn e de seus assessores imediatamente promoveu a ação dos “justiceiros” *völkisch* contra os “agitadores” que se opunham a Legiehn. Na noite de 11 de março, um grupo de homens – incluindo *jovens professores, instrutores de escola dominical, homens de todas as idades, pertencentes ou não às igrejas menonitas, membros excomungados, pessoas das mais diferentes procedências, mas todos, seguidores e amigos de Kliwer* – reuniu-se para dar uma lição aos “agitadores”.³⁰⁴ Os *völkisch* chamaram homens de todas as aldeias afirmando que a cooperativa havia sido atacada por ladrões, a diretoria deposta e a comissão auditora dissolvida e que todos deveriam se dirigir para Filadélfia para acudir. A partir daí o grupo foi se deslocando a pé pela colônia atrás dos “inimigos”. A primeira parada foi na casa de Hans Neufeld, que não se encontrava. O grupo foi

recebido por Heinrich, irmão do procurado, que acabou sendo violentamente espancado pela turba, conforme relatou depois o próprio Neufeld.³⁰⁵ As fontes dos *wehrlos* são bastante escassas acerca dos acontecimentos da noite de 11 de março. Já os relatos dos *völkisch* são mais detalhados. Franz Kliewer, irmão de Fritz Kliewer, deixou um testemunho dos acontecimentos:

No dia 11 de março, saí de minha estância em direção às aldeias de Harbinger Ecke, Lichtfelde e Filadélfia. Encontrei muitos fazendeiros e cidadãos consternados por toda parte e prontos para atacar Abram Martens. A carta circular de Abram Martens foi que causou toda essa consternação. Em sua carta Martens atacou o diretor Legiehn profundamente, chamando-o de mentiroso e de traidor. Martens também incetivou os cidadãos da colônia a desobedecê-lo e até a depô-lo. Foi isto o que levou ao levante.

Em Lichtfelde encontrei a mesma situação. Lá me deparei com um cidadão de Filadélfia que tinha se encontrado com Legiehn. Ele me contou que Legiehn tinha confirmado sua renúncia e que seria diretor até o dia 14, quando se realizaria a próxima assembléia geral. Legiehn tentou fazer o melhor que pode para Fernheim. Quando ele viu que estava sendo exposto a tantas injúrias pela KfK, pela comissão auditora e outros corpos públicos, achou que não valeria a pena continuar sendo o líder de nossa colônia. Ele assegurou, no entanto, que manteria a paz e a ordem em Fernheim até o dia 14, quando entregaria o poder à assembléia geral.

Segui então para Filadélfia onde um grupo de pessoas estava ouvindo rádio no quintal de Jakob Günther. Eles estavam ouvindo o noticiário sobre os acontecimentos do *front* na Europa. Depois das notícias o tema das conversas foi a política interna de Fernheim. Conteí o que vi e ouvi.

Aqui um grupo de uns 15 homens decidiu ir até a casa de Abram Martens no início da noite. O líder do grupo era Jakob Epp, um jovem professor. Nós chamamos Martens para fora de casa e Epp o ameaçou em um tom bastante rude para que cessasse a agitação contra a administração da colônia e da cooperativa. Na pressão do momento, Martens prometeu que permaneceria em silêncio até a próxima assembléia geral da colônia. Então voltamos todos para a casa de Jakob Günther.

Depois de um tempo, um grupo de talvez oito ou dez homens vinha caminhando pela estrada e diminuiu o passo ao passar pelo nosso grupo. Era uma noite clara de luar. Os homens pertenciam todos ao grupo de Neufeld. Um deles parou e carregou sua pistola em nossa frente. Para nós esse foi o sinal de que Martens tinha soado o alarme e que realmente Neufeld e ele estavam de maquinações contra Kliewer, Legiehn e o grupo *völkisch*.

Mandamos mensageiros para as aldeias mais próximas e logo carros com fazendeiros amigos nossos começaram a chegar. Seu número totalizou cerca de 50 a 60 homens. O grupo estava muito agitado, porque

³⁰⁴ KLASSEN, 1990, 113.

³⁰⁵ THIESEN, 1999, 177.

pensávamos que o diretor Legiehn estava sendo ameaçado e considerávamos Martens o responsável pelo pandemônio corrente. Martens não manteve sua promessa.

A massa de homens agora sairia no encalço de Martens. Foi difícil encontrá-lo. Alguns foram armados com bastões e chicotes de montaria. Na frente da casa de Martens havia um grupo de guarda. Mas ele não estava entre eles. Com medo, ele deve ter se escondido na casa de seu amigo Boldt.

Mas continuamos a procurá-lo e a gritar palavrões contra os amigos de Neufeld. Acusamo-los de subversão e de estarem dando apoio a um caluniador como Martens. Nesse momento, alguém disse que Jasch Neufeld era um comparsa de Martens e que horas antes ele havia agitado contra o diretor numa festa de casamento na aldeia de Schönbrunn. Fomos então para a casa desse elemento e o chamamos para que desse explicações quanto a seus atos. Como ele negasse, alguém o chamou de mentiroso e espancou-se e surrou-o com um chicote.

Agora as pessoas que haviam vindo apressadas de suas aldeias começaram a ficar preocupadas com o avançado da hora e com o fato de que os que eram considerados inimigos do diretor foram chamados para fora de suas casas e espancados. Depois, o grupo passou a deliberar acerca do que fazer. "Porque estamos vagando sem destino?" Perguntou-se o grupo. Fomos então para a casa de Heinrich Warkentin, que depois da saída de Hans Neufeld tornara-se o líder do grupo dos rapazes desajustados. Nós queríamos saber se estávamos lidando com o grupo de apoio de Abram Martens ou apenas com uns desajustados isolados. No caminho, encontramos Heinrich Neufeld. Eu estava um pouco afastado e não pude entender direito a discussão. Mas era acerca da administração. "Que administração?" gritou Heinrich Neufeld. Nós não temos mais diretor! "Isso é verdade, e você é um dos culpados", gritou alguém que logo depois começou a espancá-lo.³⁰⁶

Nesse ponto cessa a narrativa de Franz Kliewer. Outras fontes falam que pelo menos mais quatro partidários de Hans Neufeld foram barbaramente espancados, inclusive Jasch Neufeld. Abram Martens permaneceu o tempo todo escondido e por isso acabou por escapar das pancadas. Mas todas as fontes afirmam que eles estavam de fato armados com pistolas e armamento pesado, provavelmente recolhido nos campos de batalha da Guerra do Chaco, que havia chegado a termo recentemente.

Jasch Neufeld foi levado desacordado para o médico americano Dr. John Schmidt para que tivesse seus ferimentos examinados e tratados. O médico, por sua vez, chamou o dentista George Klassen e assim os americanos entraram no conflito. Segundo John Schmidt,

³⁰⁶ THIESEN, 1999, 179. & KLASSEN, 1990, 114.

George Klassen colocou seu chapéu panamá (mesmo passando da meia noite) e pegou sua arma. Eu disse a ele que ficasse com o chapéu mas que deixasse a arma. Ele disse que era apenas para mostrar e eu disse que com armas ele não iria. Sua mulher concordou comigo e tirou a arma da mão do marido. No caminho da casa de Kliewer, Klassen disse que não via a hora de botar “aquele almofadinha” em seu devido lugar. No caminho vimos três vigias. Eles ficaram muito surpresos em me ver. Eu disse a eles que somente queríamos falar com Kliewer para que ele nos colocasse a par do que estava acontecendo. Falamos com Kliewer e ele nos disse que não tinha ordenado o espancamento de ninguém e não sabia por que o tínhamos procurado. Tive que controlar Klassen e lembrá-lo de nosso papel ali.³⁰⁷

No dia seguinte, domingo, a colônia acordou alvoroçada fazendo especulações sobre quem iriam espancar em seguida ou se os que apanharam na noite anterior revidariam. Os boatos sobre armas não estavam longe da verdade. Muitas pessoas na colônia tinham rifles que foram abandonados durante a Guerra do Chaco e certamente existiam pessoas na colônia que poderiam fazer os reparos necessários para que funcionassem. Considerando que nem os *völkisch* nem o grupo de Neufeld tinha qualquer compromisso com o pacifismo, era de se esperar que a violência física realmente irrompesse. Isso parecia tão evidente que George Klassen sugeriu que o destacamento do exército paraguaio localizado em Isla Poá fosse informado. John Schmidt, que era o representante oficial do MCC em Fernheim, proibira-lhe terminantemente de fazer qualquer coisa nesse sentido. Mais tarde, Schmidt descobriu que Klassen tinha lhe desobedecido e comunicara-se com o comandante do destacamento.³⁰⁸ Agora, os militares paraguaios já estavam de prontidão para intervir em Fernheim, se fosse necessário. Apesar disso, John Schmidt ainda acreditava em uma solução pacífica que poupasse a comunidade menonita dessa experiência traumática, principalmente pelo envolvimento direto do MCC.

No entanto, alguns grupos já estavam convencidos de que as demandas somente teriam solução com uma intervenção externa, da parte de um poder inquestionável. Na opinião de Nikolai Wiebe, líder da Igreja da Aliança, o único poder inquestionável naquele momento era o governo paraguaio, que deveria atuar firmemente, pois os dois grupos estavam armados e, caso não acontecesse uma intervenção, haveria cadáveres de ambos os lados.

³⁰⁷ THIESEN, 1999, 180. & KLASSEN, 1990, 115.

Klassen, apesar de proibido de pedir ajuda aos militares paraguaios, mandou um mensageiro para o quartel de Isla Poá. Segundo uma testemunha, quatro homens haviam pedido a Klassen que fizesse isso, o que é estranho, pois qualquer um poderia ir comunicar-se com o quartel, não precisando da intermediação de Klassen para fazer isso. Ao que parece, Klassen fez um jogo duplo, apoiando secretamente o grupo de Neufeld.

Depois do almoço, a liderança de Fernheim, Legiehn e seus auxiliares, os missionários americanos e outras pessoas se reuniram no centro de Filadélfia para dispersar os *völkisch* e mandá-los para suas aldeias. Isto trouxe um pouco de alívio para Fernheim. Nesse meio tempo, um caminhão do exército paraguaio, com um oficial e quatro soldados chegou em Filadélfia. Legiehn foi falar com o destacamento que respondeu que estavam a caminho de Mariscal Estigarribia, mas vieram sondar o que estava acontecendo a pedido de George Klassen. Não tinham ordens para intervir, mas apenas para observar os acontecimentos em Fernheim. Logo depois de se informar sobre o que havia ocorrido, partiram em direção ao norte, avisando que teriam que mandar um relatório para Assunção. Certamente a chegada da força militar não foi em geral bem vista em Fernheim. Mas Klassen se justificou dizendo que todas as negociações possíveis já haviam sido feitas e que não trouxeram o resultado esperado. O tempo de tomar atitudes havia chegado e ele assumiria a responsabilidade pela vinda dos militares frente à comunidade de Fernheim e ao MCC. Muitos concordaram depois que a atitude de Klassen teve um efeito positivo, pois a chegada de militares assustou os elementos dispostos a promover mais violência e evitou novos confrontos. Depois disso, não houve mais violência em Fernheim e a tomada de decisões voltou para a arena das discussões democráticas.³⁰⁹

No dia seguinte, 13 de março, a KfK se reuniu para deliberar sobre os eventos e chegar a uma posição conjunta. Depois de uma longa discussão, o grupo de pastores redigiu um documento que condenava todos os distúrbios e a violência dos contendores. Conclamava a todos a restabelecerem a paz e a ordem em Fernheim.

³⁰⁸ Idem.

7.3. A Vitória dos *Wehrlos*

Em 14 de março chegava enfim o dia da grande assembléia geral para resolver definitivamente a questão do movimento *völkisch*. Tomaram parte na assembléia 275 cidadãos. A reunião foi iniciada com um ato devocional do pastor Johann Schellenberg, da Igreja dos Irmãos Menonitas, baseado em um sugestivo trecho bíblico, Êxodo 14: 14: *O senhor pelejará por vós, e vós vos calareis*.³⁰⁹ Bernhard Wall foi escolhido pela maioria para presidir a reunião e os trabalhos foram iniciados com um relato das atividades da comissão auditora. Como houve a renúncia do diretor Legiehn em 11 de março, as atividades da comissão automaticamente cessaram, pois se considerou que não havia mais razão para ela existir. Em seguida, elaborou-se a pauta temática, o que levou um longo tempo. Depois do debate, o primeiro tema a ser discutido seria a conduta de Abram Martens.

Finalmente, a diretoria demitida tinha a oportunidade de confrontar seu acusador abertamente. Martens foi acusado por suas próprias testemunhas de ter falsificado as provas contra a diretoria. A decisão unânime da assembléia foi pela cassação da cidadania de Martens e pela sua expulsão definitiva de Fernheim.³¹¹

O assunto seguinte foi a reunião dos *völkisch* em Lichtfelde, realizada em 10 de março. A assembléia criticou muito a realização de uma reunião “secreta”, em especial em um momento de grande tensão como o que estava passando a colônia. No entanto, a assembléia não chegou a um veredito final acerca do assunto, tornando a discussão inconclusiva.³¹²

Mas o ponto central da assembléia foram as *schlägereien* (pancadarias) do dia 11 de março. A discussão foi extremamente agitada e longa. Os dois missionários americanos, John Schmidt e George Klassen tomaram parte decisiva nas discussões, reportando suas opiniões posteriormente para Orie Miller, o presidente do MCC. As minutas da assembléia não são muito claras, pois falam *Es*

³⁰⁹ KLASSEN, 1990, 116.

³¹⁰ A Bíblia Sagrada – tradução em português de João Ferreira de Almeida.

³¹¹ KLASSEN, 1990, 121.

³¹² KLASSEN, 1990, 121.

wird lange hin und hergesprochen (falou-se durante muito tempo de lá para cá).³¹³ De qualquer forma, as duas fontes principais sobre o evento, Peter Klassen e John Thiesen, são unânimes em afirmar que claramente os americanos forçaram uma situação que não tivesse outro desenlace que não fosse a expulsão de Fritz Kliewer e Julius Legiehn, pois seriam eles os únicos responsáveis pelos distúrbios do dia 11 de março.

Principalmente George Klassen foi enfático em imputar a responsabilidade a esses dois elementos, pois não teriam agido preventivamente para evitar as arruaças. Se qualquer um dos dois tivesse movido um dedo, a turba teria sido controlada e todos teriam voltado para suas casas em paz. No entanto, teriam simplesmente se esquivado de controlar a força que eles mesmos haviam despertado por meio dos ensinamentos que durante anos repassaram principalmente à população jovem da colônia.³¹⁴ Klassen prometeu que não faria nenhum atendimento em seu consultório dentário até que alguma medida “definitiva” fosse tomada para restaurar a ordem. Se nenhuma ação enérgica acontecesse, ele se transferiria para a colônia de Friesland. Restaurar a ordem para Klassen significava que Kliewer teria de ser expulso de Fernheim e que a renúncia de Legiehn fosse aceita. Klassen também ameaçou os membros do grupo de Neufeld, caso tentassem se vingar dos espancamentos sofridos no dia 11, em especial seus aprendizes – Jasch Neufeld era aprendiz de Klassen no consultório dentário e foi um dos espancados –, caso participassem de qualquer retaliação. As atas são claras em afirmar que George Klassen exigiu também a saída de Legiehn e que fazia isso em nome de si próprio, do MCC e de seu governo. Estranho é notar que Klassen falasse em nome do governo americano numa situação em que a soberania não era americana, mas paraguaia. Pelo que se percebe, não somente o MCC, mas também o governo paraguaio já sofria uma forte pressão por parte do governo dos Estados Unidos. O historiador menonita Peter Klassen informa que, nesse período, o governo paraguaio era pressionado pelo embaixador americano Wesley Frost para que prendesse as lideranças nazistas residentes no Paraguai para que fossem deportadas para os Estados Unidos. A resposta final de Assunção foi que esses

³¹³ KLASSEN, 1990, 122. & THIESEN, 1999, 182.

³¹⁴ THIESEN, 1999, 182.

homens há muito viviam com suas famílias no país, e que de fato não feriram a soberania paraguaia, portanto não havia razões que justificassem as deportações.³¹⁵

O médico John Schmidt, normalmente mais moderado e cordato que seu colega dentista, foi igualmente enfático em atribuir toda a responsabilidade pelos distúrbios a Fritz Kliewer. Reconheceu que Kliewer poderia não ter planejado especificamente os acontecimentos de 11 de março, mas seu movimento *völkisch* e seus ensinamentos criaram a atmosfera que promoveu e encorajou o uso da força. Schmidt exigiu a saída de Kliewer, do contrário, ele próprio sairia, interrompendo o atendimento médico; afirmou ainda que, se Kliewer tentasse permanecer em Fernheim, seria retirado à força pelo governo paraguaio e que estaria sendo monitorado já havia dois anos.³¹⁶

Klassen acreditava que Legiehn e Kliewer tinham planejado os distúrbios de 11 de março para intimidar seus oponentes. Schmidt, por sua vez, não acreditava no envolvimento de Legiehn, mesmo que fosse a renúncia dele que tivesse provocado o conflito. Ao que parece, Schmidt não acreditava que os distúrbios fossem promovidos apenas por um punhado de homens fora de controle. Para ele, por trás de tudo, havia uma mão mais poderosa que controlava os jovens das aldeias e os encaminhou para Filadélfia. Para Schmidt, a mão por trás dos eventos era a de Kliewer. Por outro lado, Legiehn renunciou voluntariamente, evitando ser deposto, porque não suportava mais as pressões que vinha sofrendo no cargo máximo da colônia. Inclusive, quando Martens divulgou seu panfleto difamatório, a maior parte da população de Fernheim não levou a sério o assunto. Pessoas dos grupos mais diversos saíram em defesa de Legiehn. Ao que tudo indica, Legiehn estava saturado e desejava *lavar suas mãos*. Mas os frutos de anos de doutrinação nazista tiveram seus efeitos na eclosão da violência generalizada, quando o governo *völkisch* entrou em colapso. Os seguidores de Kliewer e Legiehn não tiveram outra solução a não ser tentar restaurar o governo pela força ou pelo menos punir os que consideravam como os responsáveis pelo colapso do governo *völkisch* de Fernheim, ou seja, Abram Martens e o grupo de Neufeld.

³¹⁵ KLASSEN, 1990, 126.

³¹⁶ THIESEN, 1999, 183.

Mas os cidadãos de Fernheim, mesmo os ligados ao movimento *wehrlos*, não estavam decididos a expulsar Kliewer e Legiehn de Fernheim. Os textos das atas mostram claramente que os dois líderes gozavam ainda de grande popularidade e que a população estava de acordo com que os dois deixassem seus postos de liderança, mas que permanecessem como professores da Escola Secundária, pois eram considerados profissionais competentes e abnegados e a saída deles seria uma grande perda para o sistema educacional de Fernheim. Mas os missionários americanos já estavam no controle da situação, em especial George Klassen que insistia que ambos teriam que partir e afirmara que já *havia tomado alguns passos na direção das autoridades apropriadas*³¹⁷ (paraguaias ou americanas?). Legiehn e Kliewer então concordaram em *não se opor às forças vindas de fora* e disseram que logo sairiam da colônia.

No dia seguinte, Kliewer se encontrou com pastores da Igreja dos Irmãos Menonitas com os quais conversou longamente. Afirmou saber a algum tempo que estava incluído em uma lista de 32 cidadãos alemães sob suspeita de trabalharem para a pátria no Paraguai. Em função disso, previa ser eventualmente expulso. A pressão de George Klassen apenas apressou uma situação que já estava prevista. Mas Kliewer ressaltou que seu trabalho já estava concluído e que traria os frutos em seu devido tempo.

Em 16 de março, George Klassen mandou uma carta ao primeiro secretário da embaixada americana em Assunção, informando-o do ocorrido e dizendo que os dois nazistas estavam se preparando para deixar a colônia. *Tudo estava em ordem agora*, segundo Klassen. Pediu, ainda, que tudo o que estava informando à embaixada permanecesse confidencial, pois temia a ação dos menonitas mais conservadores nos Estados Unidos, que com certeza não aceitariam a forma como fora utilizada a ajuda externa para resolver um problema interno dos menonitas. Somente então Klassen se comunicou com seu chefe, Orie Miller, presidente do MCC, relatando os incidentes, sob seu ponto de vista.³¹⁸

³¹⁷ THIESEN, 1999, 183.

³¹⁸ THIESEN, 1999, 183.

Depois da assembléia de 14 de março, a colônia Fernheim ficou sem nenhum governo, pois a renúncia de Legiehn foi aceita e nenhum novo diretor foi escolhido. A comissão auditora dirigida por Bernhard Wall acabou assumindo o governo interino e uma de suas prioridades era zelar para que a nova diretoria fosse eleita o mais breve possível. Além disso, deveria garantir a administração da colônia como um todo e da cooperativa em particular. A primeira tentativa para se realizar a eleição da nova diretoria foi feita em 24 de março, Franz Dück, um antigo e repetido membro da direção da cooperativa, foi eleito novo diretor. Mas Dück resolveu não assumir o cargo.³¹⁹ Em uma nova eleição, realizada em 31 de março, elegeu-se um colegiado ou comitê colonial composto por cinco membros, um dos quais seria o presidente. Nesse caso, o cargo de presidente recairia sobre Bernhard Wall, antigo presidente da comissão auditora. A idéia de se estabelecer um colegiado para administrar a colônia de Fernheim tinha o objetivo de descentralizar as decisões e aumentar o grau de democratização e do comprometimento da comunidade com a administração da colônia. O presidente não gozaria de poderes ilimitados, mas compartilhava a administração com os outros membros do comitê. Na mesma reunião, os estatutos da cooperativa que Julius Legiehn havia preparado anteriormente foram considerados excelentes e, aprovados, foram encaminhados para serem registrados legalmente em Assunção. O antigo nome *Oberschulze* (diretor) foi extinto e em seu lugar usar-se-ia o termo comitê colonial para designar a autoridade máxima de Fernheim.

A comissão que fora designada na assembléia do dia 14 de março para avaliar os tumultos do dia 11 de março também havia concluído seus trabalhos. Decidiram que 10 homens maiores de 18 anos que haviam participado comprovadamente dos distúrbios perderiam seus direitos políticos por um período de um ano, não podendo assumir cargo público na colônia. Além disso, seis menores de idade foram condenados a um mês de trabalhos forçados. Com a saída de Fritz Kliwer da direção da Escola Secundária, a forma jurídica da mesma também mudaria: deixaria de estar ligada à cooperativa e assumiria o caráter de escola particular, dentro do regime jurídico previsto para esse tipo de escola na legislação

³¹⁹ KLASSEN, 1990, 122.

paraguaia. Apesar dos distúrbios, as matrículas de novos alunos aumentaram consideravelmente. Nesse novo panorama, a escola passava a ser completamente independente da administração da colônia e da cooperativa.

7.3.1. A expulsão de Fritz Kliewer e de Julius Legiehn

Logo se percebeu que George Klassen realmente *havia tomado alguns passos na direção das autoridades apropriadas*, como havia declarado na assembléia de 14 de março.³²⁰ No dia 21 de maio de 1944, um destacamento militar vindo de Mariscal Estigarribia estacionou no centro de Filadélfia. O destacamento era acompanhado por representantes da embaixada americana em Assunção, que foram recepcionados pelos dois missionários americanos. A delegação trazia a ordem de expulsão de Fritz Kliewer e de Julius Legiehn que até então ainda não haviam saído de Fernheim. Os dois homens deixaram então o Chaco procurando refúgio em Barranquerita, um pequeno porto às margens do Rio Paraguai. As famílias dos dois os seguiram pouco depois. Foi uma situação muito difícil, principalmente para Kliewer, que tinha se tornado viúvo pouco antes dos distúrbios e tinha de cuidar de seus filhos pequenos sozinho.

O que causava assombro em todos em Fernheim era o poder secreto que George Klassen tinha, pois ele havia preparado a ordem de expulsão do diretor geral da colônia e do diretor da escola secundária. Todos se perguntavam como um simples dentista tinha o poder para expulsar os mais importantes membros da colônia, algo que somente uma assembléia geral poderia fazer em caráter de unanimidade, segundo o direito colonial menonita. Todos agora tinham certeza de que George Klassen era um agente dos Estados Unidos plantado em Fernheim com a tarefa de liquidar os dois líderes nazistas.³²¹

O historiador Gerhard Ratzlaff³²² afirma que todos os colaboradores e missionários do MCC tinham obrigatoriamente que passar pela embaixada americana antes de se dirigirem ao Chaco. Assim, muitos deles, involuntariamente,

³²⁰ KLASSEN, 1990, 123.

³²¹ KLASSEN, 1990, 124.

³²² RATZLAFF, 1974, 226.

acabavam sendo arrolados pela máquina da política externa americana e prestando serviços, muitas vezes valiosos, aos interesses americanos no Paraguai. Mas, no caso de George Klassen, existem fortes evidências de que ele foi incumbido pela embaixada de expulsar Kliewer do Chaco. O próprio MCC nos Estados Unidos estava estupefato com as expulsões ocorridas em Fernheim e com a possibilidade de que Klassen tivesse algum envolvimento com política, pois estaria *seriamente encrencado*, já que esse envolvimento chocava-se completamente com a doutrina menonita. Legiehn, depois da expulsão, relatou que sabia de fonte segura que sua expulsão não fora decidida pelo governo paraguaio, como muita gente no MCC e em Fernheim gostaria que fosse verdade. Sua expulsão e a de Kliewer foram “maquinadas” e decididas na embaixada americana. Desde que chegou em Fernheim, George Klassen tentou, de todas as formas, obstruir o trabalho *völkisch*. Os acontecimentos de 11 de março foram a oportunidade que ele esperava para atacar. Legiehn afirma que os outros americanos, John Schmidt e Vernon Schmidt, nada tinham a ver com a ordem de expulsão e deram a entender que não sabiam o que George Klassen fazia nas horas vagas.³²³

Kliewer também afirmou em carta endereçada a Orie Miller, presidente do MCC, que o comportamento dos médicos feriu a reputação do MCC, que sempre se pautou por ser uma organização apolítica. Esse princípio teria sido jogado por terra em Fernheim, pois os colaboradores do MCC se ofereceram como instrumento político em defesa dos interesses norte-americanos no Paraguai.³²⁴ Vale destacar que a embaixada americana colocou toda a estrutura disponível a serviço dos colaboradores do MCC, como a utilização do avião de serviço postal, os recursos materiais para divulgação propangandística e os contatos junto ao governo paraguaio.

³²³ KLASSEN, 1990, 124.

³²⁴ KLASSEN, 1990, 125.

7.4. A Pressão Norte-Americana sobre o Paraguai

Nos anos finais da Segunda Guerra Mundial, o Paraguai, que se mantinha neutro diante do conflito, passou a sofrer uma forte pressão do governo dos Estados Unidos. A expulsão de Kliewer e Legiehn pode ser creditada como uma consequência dessa pressão.

Segundo Seiferheld³²⁵, enquanto os comunistas estavam sofrendo pesadas perseguições no Paraguai durante os anos 1940, os nazi-fascistas contavam com a simpatia de grande parte do oficialato paraguaio. Quando o presidente Estigarribia veio a desaparecer em um acidente aéreo, Morínigo, seu sucessor, conduziu sua política exterior de forma semelhante. Assim, o filme *O Grande Ditador*, de Charlie Chaplin, teve sua exibição proibida nos cinemas de Assunção, pois

(...) a película fere os sentimentos nacionais do povo alemão e do povo italiano, com cujos governos nosso país mantém cordiais relações de amizade. Além do que a neutralidade declarada por nosso governo em relação à atual guerra européia, não permite a realização de atos ou espetáculos que sejam ofensivos a nenhuma das partes beligerantes.³²⁶

Mesmo depois da Conferência do Rio de Janeiro, realizada em janeiro de 1942, na qual se decidiu pelo rompimento de relações diplomáticas entre os países americanos e as potências do Eixo, o governo paraguaio cuidou para que os interesses dos alemães e seus descendentes no Paraguai não fossem ameaçados.³²⁷ O Paraguai rompeu relações diplomáticas com o Eixo, mas permitiu que as organizações alemãs e italianas continuassem a funcionar, pedindo que adotassem uma designação “mais neutra”. Assim, hospitais, escolas, associações mutuais, igrejas, continuaram a funcionar normalmente.³²⁸ Mesmo depois de o Paraguai ter declarado guerra à Alemanha, em fevereiro de 1945, o presidente Morínigo se recusou a tomar medidas contra os alemães residentes no país, pois

(...) eram pessoas que nada faziam contra a soberania e a estabilidade política paraguaia, muito ao contrário. Quem mais causava problemas ao Paraguai era o embaixador americano Frost que, possuído por um insano revanchismo, via mais agentes nazistas em toda esquina do que os

³²⁵ SEIFERHELD, 1986, 51.

³²⁶ Declaração do presidente Morínigo, citada em SEIFERHELD, 1986, 119.

³²⁷ SEIFERHELD, 1986, 182.

³²⁸ SEIFERHELD, 1986, 224.

ordeiros e trabalhadores descendentes de alemães e italianos, que viviam em nosso país desde muito antes de Hitler nascer.³²⁹

Que a embaixada americana sabia muito bem o que se passava em Fernheim é comprovado pelo farto material acerca do assunto depositado no Arquivo Nacional em Washington. Pessoalmente, pude verificar que cópias de cartas, jornais, livros eram interceptados, recolhidos e enviados para Washington. Muitos desses materiais jamais chegaram aos seus destinatários no Paraguai, pois eram interceptados (talvez pelos missionários menonitas do MCC?) e encaminhados para a embaixada americana. O próprio Orie Miller foi interrogado por um agente do FBI acerca de sua viagem para o Paraguai, questionando inclusive sobre sua simpatia por “coisas alemãs”.³³⁰

Por fim, os eventos de 11 de março foram o fator que resolveu a questão da divisão da comunidade de Fernheim e sepultou a tentativa de se estabelecer uma comunidade inspirada nos valores ideológicos do nacional-socialismo. Depois da expulsão de Kliewer e Legiehn, aconteceu a fusão dos *wehrlos* com os *völkisch*, com a submissão desses últimos aos primeiros. Mas isso não significa que simultaneamente as perspectivas e as visões de mundo dos dois grupos se transformaram num só. Uma rede de fortes situações de conflito articuladas entre si continuou a existir, tendo sido, no entanto, contornadas pelas instâncias religiosas e seculares da colônia. O 11 de março significou a derrota de um projeto de poder inspirado em um modelo extremista, em favor de uma gestão de poder mais democrática e mais de acordo com a tradição menonita. A eleição de Bernhard Wall para presidente do Comitê Colonial representou a ascensão definitiva do grupo *wehrlos*, que o sustentava no poder. Formou-se uma nova aliança entre os *wehrlos* e os representantes do MCC que estaria continuamente presente no Paraguai, fundando dezenas de novas colônias menonitas por todo o país e trazendo imigrantes menonitas de todas as partes do mundo. Porque afinal, o Paraguai acabou por se constituir no *Estado Menonita* por excelência, em função dos privilégios e do reconhecimento especial que o governo paraguaio concedeu aos menonitas. A oposição dos *völkisch*, com a expulsão dos dois líderes e

³²⁹ Declaração do presidente Morínigo, citada em SEIFERHELD, 1986, 272.

³³⁰ KLASSEN, 1990, 126.

principalmente com a derrota da Alemanha na Segunda Grande Guerra, foi gradualmente silenciada e o objetivo dos *wehrlos* de permanecerem no Chaco foi resignadamente aceita. Mas permanecerá uma oposição silenciosa, mas pulsante, que em parte se retirará, quando surgir a oportunidade de fundar uma nova colônia menonita – Witmarsum - no Brasil. Outros irão para a Alemanha ou para o Canadá.

Quanto a Kliewer e Legiehn, depois de um curto período isolados na pequena colônia alemã de Barranquerita, foram levados para Assunção, onde chegaram a ser indiciados e colocados na colônia Nueva Itália, sem liberdade de movimento. Em 1946, foram liberados sem maiores complicações, seguindo Kliewer primeiro para Assunção e alguns poucos anos depois, definitivamente, para a nova colônia menonita de Witmarsum, no Paraná. Legiehn chegou a retornar para Fernheim, onde voltou a trabalhar na cooperativa, mas depois decidiu também imigrar para Witmarsum.³³¹

Era o fim do movimento *völkisch* que deixara marcas indeléveis entre os menonitas.

8. CONCLUSÃO

O encontro dos menonitas com o nazismo foi um fato único na história dessa singular e antiga comunidade religiosa protestante. Desde seu início, em 1525, os anabatistas/menonitas jamais experimentaram uma cisão dessas proporções, motivada por questões políticas. As cisões e os cismas por motivos religiosos não eram novidade entre os menonitas, pois afinal, são também protestantes e o protestantismo é pródigo em práticas sectárias. Não há igreja protestante que não tenha se dividido. Basta observar a quantidade de denominações que se dizem evangélicas ou protestantes para se confirmar essa asserção.

De fato, os menonitas sofreram sua primeira grande cisão em 1866, na Rússia, quando, motivada por um forte movimento de reavivamento religioso, a Igreja Menonita tradicional se dividiu, originando a Igreja dos Irmãos Menonitas, reavivada. Essa cisão promoveu um grande movimento emigratório em 1874, que levou milhares de menonitas da Rússia para o Canadá e para os Estados Unidos, onde se juntaram com as antigas comunidades menonitas fundadas a partir de 1683. Era uma busca por novas terras para construir colônias isoladas.

Essa busca por isolamento sempre caracterizou os menonitas. Eles buscavam se isolar para se proteger de tudo o que representasse o “mundo”, ou seja, o Estado, a cidade e o contato com pessoas de outras denominações religiosas ou secularizadas. Por outro lado, a base teológica dos menonitas se assentava profundamente ao ideal pregado pelo Sermão da Montanha³³², que propiciava, de uma forma simples, um código de conduta que levava à doutrina da não-resistência pacífica. Entender a importância do pacifismo menonita é

³³¹ KLASSEN, 1990, 134.

³³² Mateus 5

compreender as razões que levaram os menonitas a se tornarem um povo sempre a caminho de um novo lugar.

A história das migrações menonitas reflete-se no seu dialeto, o *Plattdeutsch* dos menonitas, que leva as influências das línguas de todos os lugares por onde passaram. Sobre uma base alemã-holandesa, observamos influências do polonês, do lituano, do russo e hoje, do inglês, do português e do espanhol.

Também sua identificação étnica tem uma história similar ao de sua língua. O anabatismo/menonitismo nasceu na Suíça, mas germinou e floresceu nos Países Baixos. Essa é a razão porque durante muito tempo os menonitas se identificaram como holandeses. Mesmo na atualidade, algumas famílias menonitas conseguem traçar sua árvore genealógica com suas raízes na Holanda ou na Frísia, províncias neerlandesas. Mas a construção da comunidade e a maturação do seu modo de vida se deram nas terras do norte da Alemanha. Em função disso, os menonitas foram lentamente se germanizando e adotaram o idioma da Bíblia, na tradução de Martinho Lutero, como sua língua culta. O *Plattdeutsch* permaneceu como uma língua da esfera privada.

Com a grande imigração dos menonitas alemães para a Rússia em fins do século XVIII e princípios do XIX, o sistema de organização colonial foi reforçado e tomou sua forma definitiva. Durante o período de permanência na Rússia, a questão étnica ou nacional foi importante, mas não determinante entre os menonitas. As questões concernentes à tradição religiosa e os temas bíblicos foram incomparavelmente mais importantes, principalmente depois da influência do reavivamento pietista do pastor Eduard Wüst, que deu origem ao grande cisma, do qual emergirá a *Brüdergemeinde*, a Igreja dos Irmãos Menonitas, que foi a grande condutora do movimento anabatista/menonita daquele momento em diante.

Essa nova igreja valorizava uma vida mais comprometida com a fé cristã e menos “burocrática”, numa crítica à Igreja Menonita tradicional. Pode-se perceber que, a comunidade menonita era um lugar onde as questões religiosas tinham precedência sobre as étnico-raciais, mesmo considerando-se que, em meados do século XIX, o nacionalismo era uma das ideologias políticas mais sedutoras.

No entanto, o isolamento dos menonitas, aliado à noção bíblica de povo eleito, conduziu-os a se qualificar como uma categoria híbrida que engloba raça e religião. Não é surpreendente que tenha havido forte identificação dos menonitas com os judeus do Velho Testamento, fato que não passou despercebido pelos nazistas no Paraguai. Mas essa categoria não era atraente para todos os menonitas, pois muitos permaneceram ligados emocionalmente à Alemanha. Esse sentimento era fruto de um movimento pangermanista muito forte que varreu a Europa Central e Oriental durante o século XIX e parte do XX e arrebatou o coração de grande parte das populações que falavam o alemão, ensinando-lhes que pertenciam todos ao mesmo povo, independentemente de viverem no solo da pátria. Sua linguagem, desde o início bastante simples, estava destinada a atrair camadas sociais mais vastas e diferentes e, assim, tornar-se um instrumento poderoso de política externa dos estados alemães, apesar de não ter sido engendrado por eles, mas pelo romantismo, como demonstra o pensamento de Arendt, do qual partilhamos. Foi essa emoção nacional, fortemente tribal, que atrairia grande parte dos menonitas, muitos profundamente devotos, para as hostes dos pangermanistas convictos. De fato, durante a Primeira Guerra Mundial, na qual a Rússia e a Alemanha se enfrentaram, os menonitas se posicionaram ao lado da causa alemã, mesmo morando há gerações na Rússia. Assim, foram vistos como representantes do inimigo, pois eram considerados e se consideravam como parte da comunidade étnica alemã.

Observamos que, durante esse período, inicia-se um fluxo de imigração de menonitas da Rússia para a Alemanha e de lá para os países americanos. Esse movimento intensificou-se após a Revolução Russa e principalmente a partir de 1927 com o processo de coletivização forçada das terras, resultando em uma fuga em massa de menonitas da Rússia para a América, via Alemanha. Nesse período, os menonitas entraram em contato com uma sociedade alemã em desagregação que, apesar de não poder acolhê-los, viu-os como pertencentes à nação alemã. O governo de Weimar se responsabiliza por encontrar um novo país, no qual os menonitas pudessem criar suas comunidades especiais. Poucos países se dispuseram a recebê-los, entre eles o Brasil e o Paraguai. Para esse último país, justamente, é que a maioria é direcionada, pois já haviam ocorrido contatos

anteriores entre o governo paraguaio e os menonitas. Em 1927, menonitas canadenses que fugiam de leis repressoras contra suas escolas menonitas, criaram uma colônia. Para não abrir mão de suas escolas, algumas comunidades resolveram buscar novas terras para colonizar e, assim, compraram milhares de hectares de terras no Chaco paraguaio, onde fundaram a colônia Menno.

Esses primeiros menonitas lograram obter concessões por parte do governo paraguaio que se relacionava principalmente com a doutrina da não-resistência pacífica. Com isso, os jovens menonitas estavam isentos da prestação do serviço militar. Além desse privilégio, as colônias menonitas gozavam de uma liberdade sem precedentes. Podiam administrar sua economia e sua política interna de acordo com seus princípios religiosos.

Aproveitando a boa vontade do governo paraguaio para com os menonitas, o grupo fugitivo da Rússia foi alocado na mesma região do Chaco, fundando a colônia Fernheim. Esse grupo, no entanto, não estava imbuído da mesma coesão interna e dos mesmos princípios que os menonitas da colônia Menno. Eram elementos oriundos dos mais diversos quadrantes da Rússia, com interesses e perspectivas de vida diferentes. Para muitos deles, já bastante secularizados, a questão religiosa já não era mais tão central em suas vidas. Sentiam-se logrados pelo destino, que lhes impusera o exílio e o duro trabalho de colonização no Chaco tropical.

Eram, como nos inspira Hannah Arendt, arrivistas, pois insatisfeitos com sua posição social, tinham ainda a memória de um momento de suas vidas em que o futuro se apresentava brilhante e auspicioso para os de sua classe social pequeno burguesa. Com a expulsão da Rússia, eles perderam totalmente a possibilidade de atingir esse objetivo. Assim, sentiam-se traídos pelo seu próprio destino. Os menonitas desiludidos de Fernheim se enquadram também na categoria dos aderentes às *Freikorps* de depois da Primeira Guerra Mundial, que atuaram à serviço dos movimentos de extrema direita na República de Weimar, estudados por Norbert Elias que sugere que foram esses menonitas que possibilitaram a ascensão da extrema-direita na Alemanha. Também eles, assim como os menonitas *völkisch* de Fernheim, se sentiam vilipendiados pelo destino. Seus sonhos de ascensão

social foram frustrados pela derrota alemã na Primeira Guerra Mundial e foram seduzidos pelo canto da sereia nacional-socialista. Assim, também os *völkisch* de Fernheim foram capazes de abrir mão da tradição religiosa de seus ancestrais para abraçar a causa dos nazistas.

Essa foi, talvez, a experiência mais traumática que os menonitas tiveram em sua história. Acostumados com debates e liberdade para defender suas opiniões e dispostos a abrir mão de tudo pela sua liberdade religiosa, a experiência totalitária foi chocante para eles. O nazismo abriu as portas da comunidade menonita para a radicalização, para as lutas intestinas, para a violência verbal e física, para o ódio ao diferente, para a intolerância e para a perspectiva de que o opositor e o discordante são necessariamente um inimigo que deverá ser submetido, mesmo que pela força, mesmo à custa do que é mais caro.

A adesão interna ao fascismo gerou uma séria resistência por parte dos elementos convictos em relação à religião menonita. Esses elementos não estavam dispostos a abrir mão dos princípios mais fundamentais do cristianismo, pois viam o nazismo como uma ideologia política flagrantemente contrária ao que há de mais essencial no cristianismo: o fato de que todos os homens são iguais perante Deus, independente da nação a que pertençam. Com a ajuda de menonitas americanos, os *wehrlos* puderam enfrentar o movimento *völkisch* e restabelecer a tradicional comunidade menonita, que podendo optar pela suástica de Hitler, escolheu a cruz de Jesus Cristo.

9. FONTES

9.1. Livros

BOSCHMANN, David. *Pionier Lehrer der Kolonie Fernheim 1930-1932*. Asunción: Athor, 1989.

DERKSEN, Heinrich. *Vom Paradies in die Grüne Hölle Paraguays*. Asunción: s.e., 1988.

DYCK, Cornelius. *Uma introdução à história menonita*. Campinas: Editora Cristã Unida, 1992.

FRETZ, Josef. *Immigrant Group Settlement in Paraguay*. North Newton, Kansas: Bethel College Press, 1962.

GEISER, Samuel & LERCH, Daniel. *Die Täufergesinnten Gemeinden: Eine kurzgefasste Darstellung der wichtigsten Ereignisse des Täufertums*. Karlsruhe: Heinrich Schneider, 1931.

GUNTHER, John. *O drama da América Latina*. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti Editores, 1943.

HILDEBRAND, Peter. *Odysee wider Willen: Das Schicksal eines Auslandsdeutschen*. Oldenburg: Heinz Holzberg Verlag, 1984.

KAUENHOVEN, Kurt. *Familienkundliche Fragen der Mennonitenforschung*. Mennonitische Zeitschrift für Familiengeschichte, 1950.

HOEFS, Albert. *Was lieblich ist und gut lautet: ein Buch über den guten Ton*. Kassel: J.G. Oncken Verlag, s.d.

KLASSEN, Peter. *Deutsch-Völkische Zeit in der Kolonie Fernheim, Chaco, Paraguay 1933-1945*. Bolanden-Weierhof: Mennonitischer Geschichtsverein, 1990.

-----, *Die russlanddeutschen Mennoniten in Brasilien*. Band 1. Weierhof: Mennonitischer Geschichtsverein, 1995.

-----, *Kaputi Mennonita: arados y fusiles em la guerra del Chaco*. Asunción: Imprenta Modelo, 1996.

-----, *Und ob ich schon wanderte...* Weierhof: Mennonitischer Geschichtsverein, 1997.

-----, *Die Mennoniten in Paraguay: Reich Gottes und Reich dieser Welt*. Bolanden-Weierhof: Mennonitischer Geschichtsverein, 2001.

KLIEWER, Friedrich. *Die deutschen Volksgruppen in Paraguay*. Hamburg: o/V, 1941.

-----, *Die Mennoniten in Brasilien*. São Paulo: SJ, 1956.

KOLONIE FERNHEIM – 50 JAHRE, 1980.

LICHDI, Diether Götz. *Mennoniten im Dritten Reich: Dokumentation und Deutung*. Weierhof: Mennonitisches Geschichtsverein, 1977.

LOHRENZ, Gerhard. *Damit es nicht vergessen werde: ein Bildband zur Geschichte der Mennoniten Preussens und Russlands*. Winnipeg: Mennonite Bible College of Canada, 1977.

LIECHTY, Daniel. *Early Anabaptist Spirituality*. New York: Paulist Press, 1994.

NEUFELD, Hans. *Affaire Dr. Fritz Kliever in Fernheim 1940-1944*. Asunción: Hans Neufeld, 1988.

PAULS, Peter, Jr. *Mennoniten in Brasilien*. Palmeira: Selbstverlag, 1980a.

-----, *Urwaldspioniere*. Palmeira: Selbstverlag, 1980b.

PENNER, Horst. *Die ost – und westpreussischen Mennoniten in ihrem religiösen und sozialen Leben und in ihrem kulturellen und wirtschaftlichen Leistungen*. Karlsruhe: Selbstverlag, 1978.

-----, *Weltweite Bruderschaft: ein mennonitisches Geschichtsbuch*. Weierhof: Gerlach, 1995.

QUIRING, Walter. *Russlanddeutsche suchen eine Heimat*. Karlsruhe: Heinrich Schneider, 1936.

-----, *Deutsche erschliessen den Chaco*. Karlsruhe: Heinrich Schneider, 1937.

RATZLAFF, Gerhard. *An historical-political study of the Mennonites in Paraguay*. Fresno: University of California, 1974.

-----, *Ein Leib, viele Glieder: die mennonitischen Gemeinden in Paraguay*. Asunción: Gemeindegemeinschaft (Asociación Evangélica Mennonita del Paraguay), 2001.

THIESEN, John D. *Mennonite and Nazi? Attitudes Among Mennonite Colonists in Latin America, 1933-1945*. Kitchener, Ontario: Pandora Press, 1999.

WILHELMY, Herbert. *Deutsche Ackerbausiedlungen im südamerikanischen Grasland, Pampa und Gran Chaco*. Wissenschaftliche Veröffentlichungen nr. 6. Leipzig: Deutsches Museum für Länderkunde, 1938.

9.2. Periódicos

Die Brücke, edições de 1932 a 1938.

Historische Zeitschrift, n. 246, 1988.

Mennonitische Zeitschrift für Familiengeschichte, 1950.

Menno-Blatt, edições de 1930 a 1945.

Staden Jahrbuch, São Paulo, 1956.

10. BIBLIOGRAFIA

- A BÍBLIA SAGRADA. Traduzida em português por João Ferreira de Almeida. Revista e Atualizada no Brasil. 2ª Edição. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993.
- AMBROSE, Stephen E. *Rise to globalism: american foreign policy since 1938*. Harmondsworth, England: Penguin Books, 1993.
- ANDERSON, B. *Nação e Consciência Nacional*. São Paulo: Ática, 1989.
- ARENDT, Hannah. *As origens do totalitarismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- BERGMANN, Günther J. *Auslandsdeutsche in Paraguay, Brasilien und Argentinien*. Berlin: Westkreuz, 1994.
- BETHELL, Leslie. *História da América Latina*. São Paulo: Imprensa Oficial & Edusp, 2001.
- BLOCH, Marc. *Introdução à História*. Lisboa: Publicações Europa-América, 1979.
- BREPOHL, F. W. *Die Wolgadeutschen im brasilianischen Staate Paraná – Festschrift zum Fünfzig-Jahr-Jubiläum ihrer Einwanderung*. Stuttgart, 1927.
- BUENO, Clodoaldo & CERVO, Amado Luis. *História da Política Exterior do Brasil*. São Paulo: Ática, 1992.
- BUERGER, Otto. *Paraguay, der Garten Südamerikas*. Leipzig: Henschel, 1927.
- BURKE, Peter. *A escrita da História*. São Paulo: UNESP, 1992.
- BURNS, E. Bradford. *Latin America: a concise interpretative history*. Upper Daddle River, New Jersey: Prentice Hall, 2002.
- CARDOZO, Efraím. *Paraguay Independiente*. Salvat: Madrid, 1949.
- , *Breve historia del Paraguay*. Asunción: Editorial El Lector, 1996.
- CHAVES, Julio Cesar. *Compendio de historia paraguaya*. Asunción: Carlos Schaumann Editor, 1988.
- CHAUNU, Pierre. *O Tempo das Reformas (1250-1550) – A Reforma Protestante*. Lisboa: Edições 70, 1993.
- CHEVALIER, François. *América Latina: de la Independencia a nuestros días*. México, DF: Fondo de Cultura Económica, 1999.
- CONKIN, Paul K. *American Originals: Home Made Forms of Christianity*. Chapel Hill: University of North Carolina Press, 1997.
- DÖNHOF, Marion Gräfin. *Namen die keiner mehr nennt: Ostpreussen, Menschen und Geschichte*. München: Eugen Diederichs Verlag, 1991.
- ELIAS, Norbert. *O processo civilizador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1993.2 v.

-----, *Os alemães: a luta pelo poder e a evolução do habitus nos séculos XIX e XX*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.

-----, *Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.

-----, *A sociedade de corte*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

ESTEVES, Gomes Freire. *Historia contemporânea del Paraguay*. Asunción: Editorial El Lector, 1996.

FERNÁNDEZ-ARMESTO, Felipe. *Reforma: o Cristianismo e o Mundo 1500-2000*. Rio de Janeiro: Record, 1997.

FISCHER-TREUENFELD, Robert von. *Paraguay in Wort und Bild*. Berlin: 1906.

FRÖSCHLE, Hartmut. *Die Deutschen in Lateinamerika – Schicksal und Leistungen*. Tübingen, 1979.

GAILUS, Manfred. *Protestantismus und Nationalsozialismus*. Berlin: Böhlau Verlag, 2001.

GERTZ, René. *O Facismo no Sul do Brasil*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987.

-----, *O Perigo Alemão*. Porto Alegre: Editora da UFRS, 1991.

GLENISSON, Jean. *Iniciação aos Estudos Históricos*. São Paulo: DIFEL, 1979.

GOIRIS, Fabio Anibal Jara. *Autoritarismo e democracia no Paraguai contemporâneo*. Curitiba: Editora da UFPR, 2000.

GRENVILLE, J. *A History of the World in the Twentieth Century*. The Belknap Press of Harvard University Press, Cambridge, Massachusetts, 1997.

GROTHER, Hugo. *Im Kamp und Urwald Brasiliens: ein Skizzenbuch zur Siedlungs – und Deutschumskunde*, Berlin, 1936.

HOPE, Nicholas. *German and Scandinavian Protestantism 1700-1918*. The Oxford History of Christian Church Clection, V. VII, University of Oxford Press, Oxford, 1995.

KLUG, João. *Imigração e Luteranismo em Santa Catarina: a comunidade alemã de desterro*. Florianópolis: Papa-livro, 1994.

KOSSOK, Manfred. *Die Mennoniten-Siedlungen Paraguays in den Jahren 1935-1939: Zur politischen Rolle der Auslandsdeutschen in Südamerika*. Zeitschrift für Geschichtswissenschaft 8, 1960.

MACKENSEN, Lutz. *Deutsche Heimat ohne Deutsche: ein ostdeutsches Heimatbuch*. Braunschweig: Westermann, 1951.

MAGALHÃES, Marionilde Brepohl de. *Pangermanismo e nazismo: a trajetória alemã rumo ao Brasil*. Campinas: Editora da UNICAMP/FAPESP, 1998.

-----, *A banalização da violência: a atualidade do pensamento político de Hannah Arendt*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2004.

MASKE, Wilson. *Bíblia e Arado: os menonitas e a construção do seu reino*. Curitiba: dissertação de mestrado, UFPR, 1999.

MINNICH, Herbert. *A Sociological Study of the Mennonite Immigrant Communities in the State of Paraná, Brazil*. (Dissertation), University of Florida, 1966.

MÜLLER, Helmut M. *Deutsche Geschichte in Schlaglichtern*. Leipzig: Brockhaus, 2002.

NIPPERDEY, Thomas. *Nachdenken über die Deutsche Geschichte*. München: Beck, 1986.

-----, *Religion und Gesellschaft*. München: HZ, n. 246, 1988.

OBERACKER, Carlos Henrique, Jr. *A contribuição teuta à formação da nação brasileira*. Rio de Janeiro: Presença, 1985.

PERRY, Marvin. *Civilização Ocidental: uma história concisa*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

PINSKY, Jaime. *Origens do nacionalismo judaico*. São Paulo: Hucitec, 1978.

POUTGNAT, Philippe. *Teorias da Etnicidade. Seguido de Grupos Étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth*. São Paulo: UNESP, 1998.

PRADO, Maria Lígia. *A formação das nações latino-americanas*. São Paulo: Editora Atual, 1987.

RAUNEGGER, Hans. *Volk und Staat – Ein beitrage zur Klarstellung deutschbrasilianischer Probleme*. Ijuí: sled., 1937.

RICHTER, Klaus. *A Sociedade Colonizadora Hanseática de 1897 e a colonização do interior de Joinville e Blumenau*. Blumenau: FURB/UFSC, 1986.

SAAKE, Guilherme. *Eine Reise durch die deutschen Kolonien in Rio Grande do Sul*. São Paulo: SJ, 1956.

SCHAFF, Adam. *História e Verdade*. São Paulo: Martins Fontes, 1971.

SCHAMA, Simon. *O desconforto da riqueza: a cultura holandesa no Século de Ouro*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

SCHMITT, Peter. *Paraguay und Europa*. Berlin: BTV, 1963.

SCHORSKE, Carl. *Viena Fin-de-Siècle: política e cultura*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

SEIFERHELD, Alfredo. *Nazismo y Fascismo en el Paraguay*. Asunción: Editorial Histórica, 1985.

SEYFFERTH, Giralda. *Nacionalismo e Identidade Étnica*. Florianópolis: Fundação Catarinense de Cultura, 1982.

SHIRER, William. *The rise and fall of the Third Reich*. New York: Simon and Schuster, 1963.

SOCIEDADE TORRE DE VIGIA E TRATADOS. *Testemunhas de Jeová – Proclamadores do Reino de Deus*. Cesário Lange, 1993

STACKELBERG, Roderick. *A Alemanha de Hitler: origens, interpretações e legados*. Rio de Janeiro: Imago, 2002.

TUCHMAN, Bárbara. *A Prática da História*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1991.

VELAZQUEZ, R. E. *História de la Cultura del Paraguay*. Asunción: s/e, 1981.

WAIBEL, Leo. *Die europäische Kolonisation in Südbrasilien*. Bonn: s/ed., 1955.

WANGENSTEIN, Ch. v. *Handelsbericht über das In- und Ausland*. Berlin: Reichsamt des Innern, 1901.

WILLEMS, Emílio. *A Aculturação dos Alemães no Brasil*. São Paulo: Nacional, 1980.

11. CRONOLOGIA

1921 – O Congresso paraguaio aprova a Lei dos menonitas, que dá garantia de privilégios.

1927 – Confisco das terras dos kulaks menonitas por Stalin na Ucrânia, no Volga e na Sibéria Ocidental.

- Fundação da colônia Menno no Chaco, por menonitas canadenses.

1930 – alemães menonitas expulsos da Rússia chegam no Brasil e no Paraguai.

- MCC assume responsabilidade sobre os menonitas e paga o transporte e as terras no Paraguai e no Brasil.

- Fundação da colônia Fernheim.

- Fundação da Igreja dos Irmãos Menonitas em Fernheim.

- Fundação da Igreja Menonita de Fernheim.

- Primeiro número do jornal Menno-Blatt.

- Chegada do grupo polonês, com Fritz Kliwer.

1931 – Eleição do primeiro diretor de Fernheim, Franz Heinrichs.

- Fundação da cooperativa.

- Primeiros confrontos com o grupo de Neufeld (garotos rebeldes).

- Inauguração da Escola Secundária em Schönwiese.

- Criação do centro administrativo da colônia Fernheim, Hindenburg, que no ano seguinte é renomeado para Filadélfia.

- Criação do setor industrial.

1932 – Chegada do grupo de menonitas de Harbin.

- Eclode a Guerra do Chaco. Os menonitas apóiam o governo paraguaio.

1933 – Hitler assume o poder na Alemanha.

- População de Fernheim aplaude a ascensão do ditador nazista.

- Fundação da BDMP.

- Kliwer e Legiehn propõe o projeto de reeducação (em bases nazistas) dos “garotos rebeldes” de Neufeld à KFK, que o aprova.

- Fundação do *Jugendbund*.

- Abertura do escritório de Fernheim em Assunção.

1934 – Kliwer inicia doutorado na Alemanha.

Peter Hildebrand é mandado para substituí-lo, confrontos com os *wehrlos*.

1935 – Fim da Guerra do Chaco.

1936 – Construção do primeiro moinho de cereais.

- Visita de Orie Miller, presidente do MCC, para cobrar dívidas.
- A Escola Secundária é transferida para Filadélfia.

1937 – Grave crise econômica.

- Visita de Herbert Wilhemy (nazista) que critica duramente os menonitas.
- Um terço dos habitantes de Fernheim abandona a colônia e funda Friesland.

1938 – Julius Legiehn é eleito diretor de Fernheim, primeiro governo *völkisch*.

- Harold Bender é mandado para Fernheim pelo MCC para negociar dívidas dos colonos.

1940 – Fritz Kliewer é escolhido diretor da Escola Secundária.

- Histeria do repatriamento.
- Confronto com pastores.
- MCC alerta contra presença de nazistas entre menonitas.
- Missionários menonitas americanos fazem uma prédica contra a influência nazista em Fernheim.
- Chegada do Hutterer em Fernheim.

1941 – Chegada de John Schmidt, a mando do MCC, para abrir uma clínica médica em Fernheim.

1942 – Abertura de uma filial da cooperativa em Mariscal Estigarribia para atender aos militares lá estacionados.

- Caso da carta roubada. Kliewer e Legiehn começam a ser desmascarados.
- Fundação da Escola Bíblica dos wehrlos, para concorrer com a Escola Secundária dos *völkisch*.

1943 – Trégua entre os wehrlos e os *völkisch*.

- Chegada de George Klassen.

1944 – Renúncia de Julius Legiehn (10/03).

- Espancamentos de 11 de março.
- Assembléia de 14 de março expulsa Kliewer e Legiehn de Fernheim.
- Intervenção militar paraguaia em Fernheim sob os auspícios da embaixada americana.
- Eleição de Bernhard Wall para diretor da colônia, vitória dos *wehrlos*.
- Abertura de representação do MCC em Assunção.

12. LISTA DE TERMOS E ABREVIações USUAIS

BDMP- *Bund Deutscher Mennoniten in Paraguay* – organização de inspiração nazista dos menonitas da colônia Fernheim, que tinha a função de promover a herança cultural germânica e representá-los junto ao **DVP** e ao governo paraguaio em Assunção.

DAI – *Deutsches Ausland Institut*, Stuttgart – Instituto Alemão para o Exterior – órgão de pesquisa e de apoio aos alemães fora da Alemanha.

Deutschtum – germanidade, germanismo, herança cultural alemã.

DVP – *Deutsche Volksbund für Paraguay* – Liga Popular dos Alemães do Paraguai – organização promotora da língua alemã e da herança cultural alemã entre os descendentes de alemães no Paraguai. Chegou a ser reconhecida como a instituição legal que representava seus interesses.

Freikorps – tipo de milícia autônoma que surgiu na Alemanha após a dissolução do Exército Imperial. Muitos soldados passaram a seguir as ordens de generais que vendiam seus serviços principalmente a grupos de extrema-direita nacionalistas. Em torno das *freikorps* os partidos de extrema direita como o NSDAP começaram a nascer e a arregimentar adeptos.

GC – *General Conference Mennonite Church* – Igreja Menonita da Conferência Geral – Denominação menonita majoritária nos Estados Unidos, fundada no século XVIII, pelos primeiros imigrantes menonitas de origem suíça, alsaciana e bávara na América do Norte. Na década já tinha perdido sua caracterização de *igreja alemã*, se considerava uma denominação *universal e cosmopolita* e já adotara o inglês como língua usual, em lugar do alemão. Tinha forte participação no MCC.

Jugendbund – liga juvenil de inspiração nazista, formada para congregar jovens menonitas de Fernheim. Funcionava basicamente como um grupo de escoteiros.

KFK - *Komitee für Kirchliche Angelegenheiten* – Comitê de Assuntos Eclesiásticos – Comum nas comunidades menonitas de origem teuto-russa, era uma associação de líderes ordenados de todas as denominações de uma determinada área

geográfica. Era responsável por instituições comuns a todas as igrejas, como hospitais, escolas, ancionatos, orfanatos, lazaretos, etc. Muito utilizado nas comunidades menonitas da América do Sul e do Canadá.

MB – *Mennoniten Brüdergemeide* – Igreja dos Irmãos Menonitas – denominação que surgiu na Rússia na década de 1860, decorrente de um grande movimento de reavivamento pietista. Era muito conservadora, fundamentalista e com grande influência entre os menonitas da América do Sul e do Canadá, onde em geral é majoritária.

MG – *Mennoniten Gemeinde* – Igreja Evangélica Menonita – denominação mãe de todas as comunidades menonitas. Descendente direta das comunidades fundadas por Menno Simons no Norte dos Países Baixos e da Alemanha. É mais liberal e tolerante, com bons contatos, principalmente com batistas e luteranos.

MCC – *Mennonite Central Committee* – Comitê Central Menonita. Organização intermenonita de ajuda mutual, financeiramente e suporte logístico. Com sede em Akron, Ohio, tinha uma grande influência sobre as colônias menonitas da América do Sul, onde financiava vários projetos e era credora de financiamentos. Em função disso, sua popularidade não era das melhores. Há suspeitas de que tenha sido um instrumento nas mãos do governo dos EUA durante a Segunda Guerra Mundial na América do Sul. Mais ligada aos menonitas da Igreja da Conferência Geral e à MG.

Menno-Blatt – jornal mensal das colônias menonitas do Paraguai, editado em Fernheim desde 1930.

NSDAP – Partido nacional socialista dos trabalhadores alemães.

Volkstum – identidade étnica de um povo, muitas vezes usado como sinônimo de Deuschtum.

Völkisch – referente a Volkstum, ou o mais genuinamente alemão.

Wehrlos – desarmado, pacífico, adepto da não-resistência.